



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

LINHA DE ESTUDO – DIREÇÃO

A Direção da **SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco**, representada pela **ADAAP – Associação dos Artistas Amigos da Praça**, no uso de suas prerrogativas e atribuições legais, **CONVOCA** todas/todos as/os candidatas/candidatos selecionadas/selecionados nas Avaliações do Primeiro Momento do Processo Seletivo Online – Primeiro Semestre de 2021 e relacionadas/relacionados neste Edital, para realização das **AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO – LINHA DE ESTUDO: DIREÇÃO**.

A/O candidata/candidato deverá observar as normas e os procedimentos específicos, bem como as datas e horários de realização das atividades propostas, relacionados no **Anexo I** deste **Edital de Convocação para Realização das Avaliações Específicas – Linha de Estudo Direção**, a ser divulgado nos sites www.spescoladeteatro.org.br e www.institutomais.org.br, na data prevista de **21 de dezembro de 2020**.

As Avaliações do Segundo Momento serão realizadas de forma *online*, sendo que a/o candidata/candidato deverá ter acesso a computador com câmera de vídeo ou aparelho celular com câmera de vídeo para gravação de vídeos e/ou outras atividades a serem propostas.

Atenção: A/O candidata/candidato deverá manter atualizado o seu número de telefone celular com aplicativo *WhatsApp* para recebimento de vídeos chamadas para realização das Entrevistas do Segundo Momento, bem como o seu endereço eletrônico (*e-mail*).

Havendo o envio de mais de um e-mail contendo os endereços dos links de gravação dos vídeos no Youtube ou dos documentos a serem enviados pelas/pelos candidatas/candidatos, considerar-se-á para fins de avaliação o último e-mail enviado pela/pelo candidata/candidato.

O **Instituto Mais** e a **SP Escola de Teatro** não se responsabilizam pelo não recebimento do vídeo e/ou vídeos chamadas não recebidas e/ou e-mails não recebidos por motivos de ordem técnica dos celulares ou computadores, falhas de comunicação, congestionamento das linhas de comunicação, falta de energia elétrica, bem como outros fatores de ordem técnica que possam impossibilitar a transferência de dados.

AVALIAÇÕES DO SEGUNDO MOMENTO

O Segundo Momento consistirá em procedimentos específicos de aptidão e outras habilidades próprias de cada Linha de Estudo, envolvendo aulas, processos de criação e possíveis novas entrevistas, constante do **Anexo I**, deste Edital.



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

LINHA DE ESTUDO – DIREÇÃO

As avaliações específicas do Segundo Momento serão eliminatórias e classificatórias, definindo o grupo de candidatas/candidatos aprovadas/aprovados no Processo Seletivo Online para o Primeiro Semestre de 2021.

CANDIDATAS/CANDIDATOS APROVADAS/APROVADOS NO SEGUNDO MOMENTO

A relação das/dos candidatas/candidatos aprovadas/aprovados no Processo Seletivo Online do Primeiro Semestre de 2021, será divulgada nas recepções da **SP Escola de Teatro**, bem como nos sites www.spescoladeteatro.org.br e www.institutomais.org.br, na data prevista de **29 de janeiro de 2021, a partir das 17h00**.

DIVISÃO DAS/DOS CANDIDATAS/CANDIDATOS PARA AS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS DO SEGUNDO MOMENTO

A seguir, neste Edital, a/o candidata/candidato encontrará as atividades a serem realizadas e as datas de entrega de cada atividade, bem como a relação das/dos candidatas/candidatos convocadas/convocados para as Entrevistas do Segundo Momento – Linha de Estudo Direção, contendo datas e horários.

A ausência nas avaliações do Segundo Momento eliminará a/o candidata/candidato do Processo Seletivo Online para o Primeiro Semestre de 2021.

A/O candidata/candidato deverá observar também as normas e os procedimentos para realização do Segundo Momento, contidos no Edital do Processo Seletivo Online – Primeiro Semestre de 2021.

E, para que ninguém possa alegar desconhecimento, é expedido o presente **Edital de Convocação para as Avaliações Específicas do Segundo Momento – Linha de Estudo Direção**.

São Paulo/SP, 21 de dezembro de 2020.

SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco

P A R C E R I A C O M :





Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

LINHA DE ESTUDO – DIREÇÃO

ANEXO I

ATENÇÃO:

A SEGUIR, CONSTA A RELAÇÃO DAS/DOS CANDIDATAS/CANDIDATOS CONVOCADAS/CONVOCADOS PARA AS **AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS DO SEGUNDO MOMENTO**, LINHA DE ESTUDO – **DIREÇÃO**, COM AS ATIVIDADES PROPOSTAS E DATAS E HORÁRIOS DE ENVIO E/OU REALIZAÇÃO.

LINHA DE ESTUDO DE DIREÇÃO SEGUNDO MOMENTO

Prezada/o candidata/o o Segundo Momento será constituído das seguintes etapas:

- 1ª Etapa** – Vídeo/Exercícios;
- 2ª Etapa** – Vídeo/Criação de Cenas;
- 3ª Etapa** – Organização do material para a avaliação;
- 4ª Etapa** – Entrevistas por *WhatsApp*;e
- 5ª Etapa** – Envio de foto.

É **IMPORTANTE** que a/o candidata/a leia todas as instruções abaixo, realize as propostas referentes ao Segundo Momento e não se esqueça de cumprir o cronograma.

1ª ETAPA

VÍDEO/EXERCÍCIOS

1. Ler o poema XVI de “**Poemas aos homens do nosso tempo**” de Hilda Hilst.
 - **Acessar o poema em anexo, em PDF.**
2. Após ler o poema, use-o como provocação para realizar uma cena própria.
3. Realizar a proposta de cena e gravar o resultado. A proposta deve incluir, no mínimo, 4 versos do poema.
4. O vídeo deverá ser gravado no YouTube

Obs.: (ler tutorial de gravação anexo a este documento)

5. Poderá ser filmado por alguém da sua escolha, ou deixando a câmera fixa. A cena pode ser realizada pelo próprio candidato ou por algum artista de sua escolha pessoal.
6. O vídeo não poderá ter edição.



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

LINHA DE ESTUDO – DIREÇÃO

7. O vídeo deverá ter no máximo 2 (dois) minutos.
8. Redigir um texto de no máximo 10 linhas sobre seu entendimento dos pontos principais do vídeo criado e como foi pensada a articulação do poema de Hilda Hilst com a proposta de cena que foi gravada.

IMPORTANTE: este trabalho deverá ser entregue até o dia 08 de janeiro de 2021.

2ª ETAPA

VÍDEO/CRIAÇÃO DE CENA

1. Escolha um dos textos dramáticos relacionados abaixo:
 - **Romeu e Julieta – William Shakespeare**
 - **Buraquinhos – Johnny Salaberg**
 - **Inocência – Dea Loher**
- **Acessar os textos em anexo, em PDF.**
2. Leia o texto dramático escolhido na íntegra.
3. Escolha uma cena.
4. Você poderá adaptar a cena à sua proposta de direção.
5. **Será um solo a ser executado pelo candidato ou pessoa de sua escolha.**
6. Escolha na sua casa (ou na casa de outra pessoa) o local onde realizará a cena. Você poderá utilizar figurinos e elementos de cena que estão disponíveis.
7. **Grave um vídeo no YouTube com a cena que você produziu, com no máximo 2 minutos.**
Obs.: (ler tutorial de gravação anexo a este documento)
8. Cuide para que a imagem e o som estejam ideais para apreciação da sua cena pela banca de avaliação.
9. **O vídeo não poderá ter edição.**
10. Pode ser filmado por alguém da sua escolha, ou deixando a câmera fixa.
11. Redigir um texto de no máximo 10 linhas sobre seu entendimento dos pontos principais do texto escolhido e como foi pensada a articulação do texto com a proposta de cena que foi gravada.

IMPORTANTE: este trabalho deverá ser entregue até o dia 08 de janeiro de 2021.



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

LINHA DE ESTUDO – DIREÇÃO

3ª ETAPA

ORIENTAÇÕES

ENTREGA DOS TRABALHOS PARA A BANCA DE AVALIAÇÃO ATÉ O DIA 08 DE JANEIRO DE 2021

1. Após realização de todas as etapas, você deverá organizar o material e enviar para a banca de avaliação os endereços dos vídeos produzidos por você e os dois textos solicitados.
2. Enviar os trabalhos até o dia **08/01/2021** para o seguinte e-mail: direcao@imais.org.br
3. Para o envio do e-mail deverá ser considerando o seguinte:

Assunto: **PROCESSO SELETIVO DE DIREÇÃO – JUNTAMENTE COM O NOME DA/O CANDIDATA/O**

Por exemplo: **PROCESSO SELETIVO DE DIREÇÃO - LUISA ANTONIA PINHEIROS**

2.2 - No corpo do e-mail escrever por exemplo:

À Banca de Avaliação do Processo Seletivo de Direção,

Seguem as propostas solicitadas para o Segundo Momento – Processo Seletivo – 1º Semestre de 2021.

**LUISA ANTONIA PINHEIROS
NÚMERO DE INSCRIÇÃO - 033579
RG – 45.567.890-3**

4ª ETAPA

ENTREVISTAS POR WHATSAPP

NOS DIAS 20 DE JANEIRO E 21 DE JANEIRO DE 2021

1. Todas/os candidatas/os que realizaram as etapas anteriores e entregaram os vídeos de acordo com as orientações dadas, serão novamente entrevistadas/os de acordo com a organização abaixo:



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

LINHA DE ESTUDO – DIREÇÃO

GRUPO 1

Data: 20/01/2021

Horário: entre 10h00 e 13h00

Nº INSCRIÇÃO	NOME DA/DO CANDIDATA/CANDIDATO	DOCUMENTO
0388000704	ALEXANDRE DILL MATTOS	2081190718
0388000705	ALINE MARIA DE LIMA BARACHO DA SILVA	5024892703
0388000706	ANA BEATRIZ PESTANA GOMES	209122316
0388000707	ANA LUIZA FERNANDES NOVAES	6542522
0388000709	ANDERSON LUIZ FERREIRA ROSA	MG 11971878
0388000711	ANDRÉ FELIPE SINGH HERRERA MARIN	230610912
0388000713	ARTHUR HEINRICH SCHERDIEN	3.061.644
0388000714	BARBARA FRANCESCA BERNARDES COELHO	437496120
0388000717	CARLOS ADRIANO DE LIMA SANTANA	28461956
0388000718	CAROLINA STEINERT DE FREITAS	47686591-8
0388000719	CLEBER CLEY NUNES BRAZ SILVA	1566404495

GRUPO 2

Data: 21/01/2021

Horário: entre 10h00 e 13h00

Nº INSCRIÇÃO	NOME DA/DO CANDIDATA/CANDIDATO	DOCUMENTO
0388000722	DAYANA WILLAIN DA SILVA	3972869
0388000723	DÉBORA BOVETO DE CAMPOS OLIVEIRA	49.650.709-6
0388000728	EDGARD LUIZ DA SILVA ASSUMPTÃO JÚNIOR	109067989
0388000731	EMMA JOVANOVIC	52800347-1
0388000732	EVANDRO DE FRANÇA CASARIN	459285841
0388000735	GABRIELE CLEMENTE DOS ANJOS	468567185
0388000743	LETÍCIA DE ARAÚJO DINIZ	231006520020
0388000745	LETÍCIA OLIVEIRA MARTINS	37978306X
0388000747	LUAN ANDRADE FREITAS DA SILVA	1460939840
0388000758	WILMER DANIEL MUÑOZ BARBOSA	G389354-J

SEDE BRÁS

AV. RANGEL PESTANA, 2401,
BRÁS, 03001-000, SÃO PAULO - SP
11 3121.3200

SEDE ROOSEVELT

PRAÇA ROOSEVELT, 210,
CENTRO, 01303-020, SÃO PAULO - SP
11 3775.8600

/SPESCOLADETEATRO @ESCOLADETEATRO

WWW.SPESCOLADETEATRO.ORG.BR



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

LINHA DE ESTUDO – DIREÇÃO

5ª ETAPA

ENVIO DE UMA FOTO

DIA 08 DE JANEIRO DE 2021

para o e-mail – direcao@imais.org.br

FOTO DE PERFIL DAS (OS) CANDIDATAS (OS)

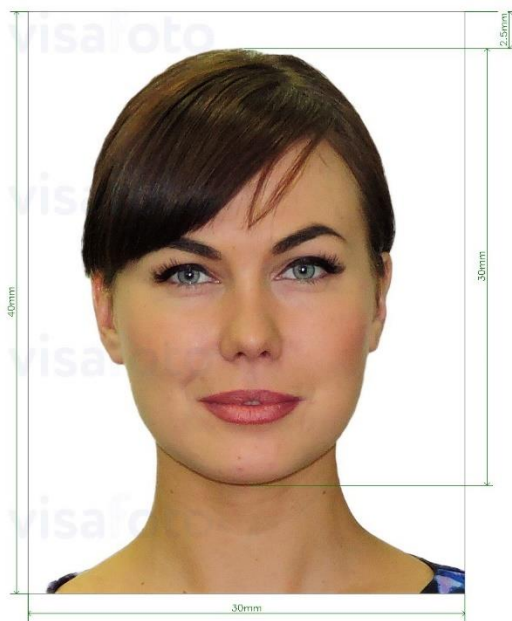
As (os) candidatas (os) precisam enviar uma foto de rosto, no estilo 3x4, com fundo branco (de preferência), nos formatos JPG. ou PNG.

A foto precisa ser nítida e de qualidade, para que a identificação seja feita facilmente.

É permitido sorrir e serão aceitas imagens de diferentes tipos de câmeras, contanto que estejam nítidas e com qualidade.

O corte máximo que pode ser feito na foto é de 3x4 seguindo essas orientações. Fotos mais afastadas serão permitidas.

Confira um exemplo de enquadramento abaixo:



As fotos devem ser enviadas por e-mail para direcao@imais.org.br, até o dia **08 de janeiro de 2021**.

SEDE BRÁS

AV. RANGEL PESTANA, 2401,
BRÁS, 03001-000, SÃO PAULO - SP
11 3121.3200

SEDE ROOSEVELT

PRAÇA ROOSEVELT, 210,
CENTRO, 01303-020, SÃO PAULO - SP
11 3775.8600



/SPESCOLADETEATRO



@ESCOLADETEATRO

WWW.SPESCOLADETEATRO.ORG.BR



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

LINHA DE ESTUDO – DIREÇÃO

No espaço reservado ao Assunto, a/o candidata/o escreverá o seguinte: FOTO – CANDIDATA/O DIREÇÃO - JUNTAMENTE COM O NOME DA/O CANDIDATA/O

Por exemplo: **FOTO – CANDIDATA/O DIREÇÃO - LUISA ANTONIA PINHEIROS**

No corpo do e-mail escrever por exemplo:

À banca de Avaliação do Processo Seletivo de DIREÇÃO,

Segue a foto solicitada para o Processo Seletivo – 1º Semestre de 2021.

**LUISA ANTONIA PINHEIROS
NÚMERO DE INSCRIÇÃO - 033579
RG – 45.567.890-3**

Esta foto será utilizada pela SP Escola de Teatro e IMAIS para a publicação das/dos classificados/classificadas selecionadas/selecionados no Processo Seletivo Online do Primeiro Semestre de 2021.



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

LINHA DE ESTUDO – DIREÇÃO

INSTRUÇÕES PARA ENVIO DO VÍDEO

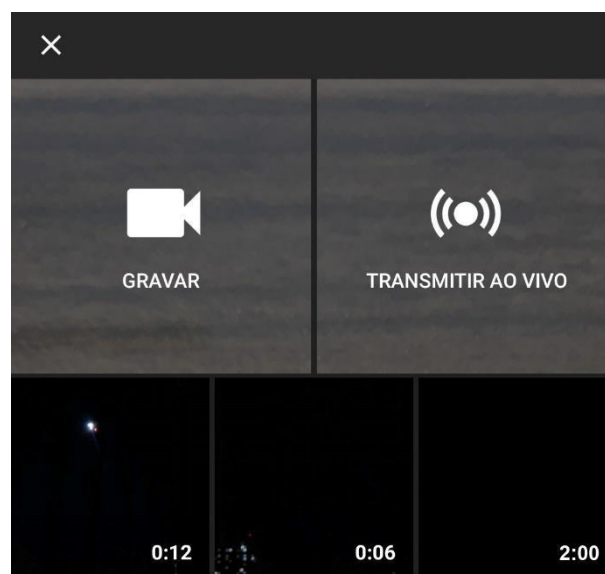
Abaixo constam as instruções para upload do vídeo no **YouTube**, via celular e computador. Primeiro estão as instruções via celular e, posteriormente, via computador.

ENVIO VIA YOUTUBE PELO CELULAR:

1º passo: Selecione a **câmera**, no canto superior direito da tela, para adicionar o seu vídeo, conforme exemplificado abaixo:



2º passo: Caso você já tenha gravado um vídeo, **escolha o arquivo desejado**, mas também é possível gravar direto, selecionando o ícone **"gravar"**, conforme modelo abaixo:





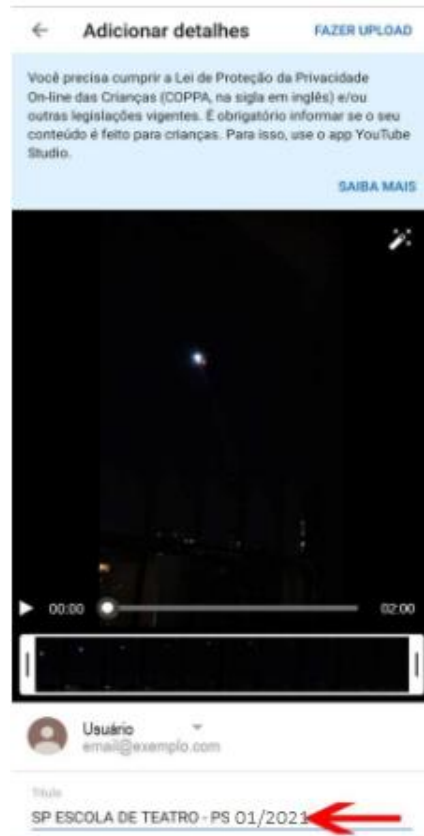
Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

LINHA DE ESTUDO – DIREÇÃO

3º passo: No título do vídeo, conforme modelo abaixo, coloque "SP Escola de Teatro – PS 01/2021":



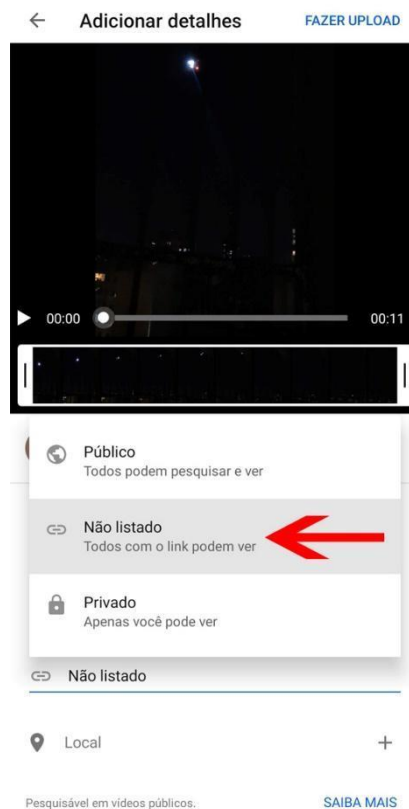


PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

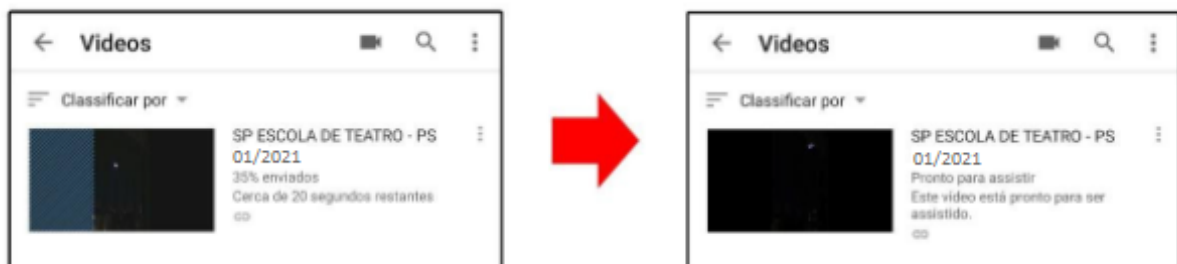
EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

LINHA DE ESTUDO – DIREÇÃO

4º passo: Para que o vídeo não fique público, indicamos que a visibilidade dele fique como “**Não listado (todos com o link podem ver)**”, pois desta forma somente quem tem o *link* poderá acessar o vídeo. Assim, proceda conforme modelo abaixo:



5º passo: Posteriormente o vídeo será carregado. Aguarde até apresentar a mensagem “*Pronto para assistir*”, conforme exemplo abaixo:





PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

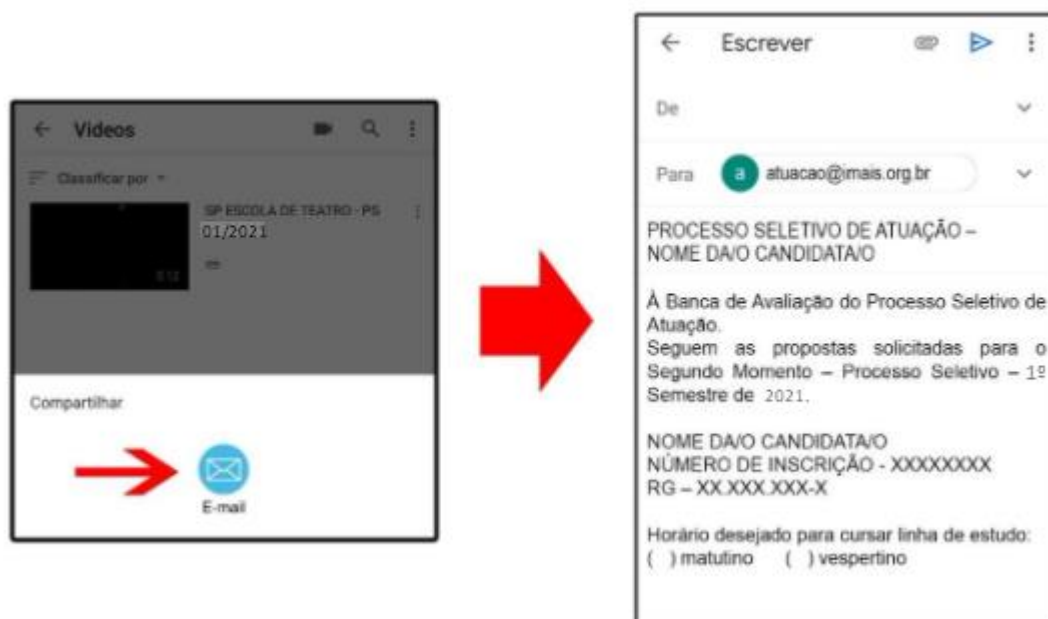
LINHA DE ESTUDO – DIREÇÃO

6º passo: Selecione a opção ao lado do nome do vídeo, conforme exemplificado abaixo, para que abra a aba de opções para o vídeo e selecione “**Compartilhar**”:



7º passo: Compartilhe o seu vídeo enviando para o e-mail: direcao@imais.org.br, colocando como assunto “**Segundo Momento – SP Escola de Teatro**”.

No corpo do e-mail insira os seguintes dados para identificação: **Nome da/do Candidata/Candidato, Número de Inscrição, Número do RG, Linha de estudo e Horário desejado para cursar a linha de estudo**, conforme especificado a seguir:





PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

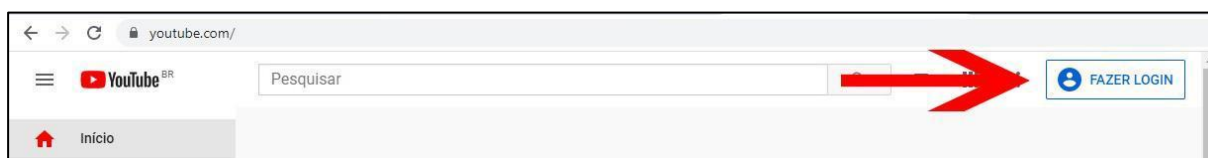
LINHA DE ESTUDO – DIREÇÃO

Atenção! Os dados descritos no item acima são obrigatórios para identificação do candidato quando do envio do vídeo.

ENVIO VIA YOUTUBE PELO COMPUTADOR:

1º passo: Acesse o site: <https://www.youtube.com/>

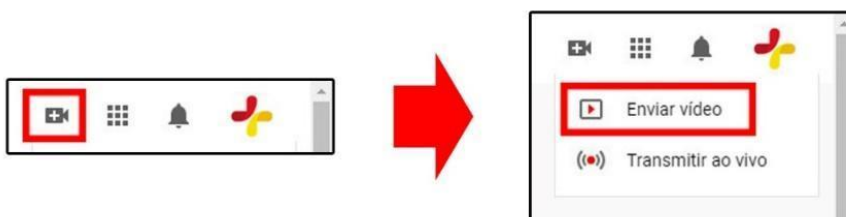
2º passo: Clique em “fazer login”, conforme indicado abaixo:



3º passo: Somente é possível realizar o login no Youtube utilizando uma **conta do Gmail**:



4º passo: Clique no ícone da **câmera**, no canto superior direito da tela, para adicionar o seu vídeo e clique no ícone “**enviar vídeo**”, conforme exemplificado abaixo:





Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

LINHA DE ESTUDO – DIREÇÃO

5º passo: Caso for o seu primeiro acesso no Youtube, abrirá a opção de iniciar a jornada como criador de conteúdo. Neste caso, clique em “**primeiros passos**”, pois se clicar em “**agora não**”, a janela se fecha e você não conseguirá adicionar o seu vídeo:



Sua jornada como criador de conteúdo começa agora

Seguir sua paixão criativa, interagir com o público e compartilhar suas histórias começa com a criação do seu canal. Saiba mais




PRIMEIROS PASSOS

AGORA NÃO

6º passo: Escolha como irá criar o canal, escolhendo se irá utilizar o **seu nome**, o mesmo cadastrado na conta do Gmail, **ou** um **nome personalizado**, conforme modelo abaixo:

Escolha como criar seu canal

<p>Usar seu nome</p> <p>Crie um canal usando o nome e a imagem da sua Conta do Google.</p>  <p>Seu Nome</p> <p>Ao selecionar esta opção, você concorda com os Termos de Serviço do YouTube.</p> <p>SELECIONAR</p>	<p>Usar um nome personalizado</p> <p>Criar um canal com um nome de marca ou outro nome e uma imagem.</p>  <p>SELECIONAR</p>
---	---

Seja que podemos compartilhar com nossos parceiros, incluindo anunciantes e proprietários de direitos, informações de identificação pessoal relacionadas ao seu canal e/ou vídeos.

CANCELAR



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

LINHA DE ESTUDO – DIREÇÃO

7º passo: Finalize o cadastro da sua conta ou faça depois clicando em “*set up later*”, conforme modelo abaixo:

Add links to your sites

Sharing links helps viewers stay connected with you and your latest videos.

Custom link

Título do link
Meu site

URL
Add URL

Social links

URL
https://www.facebook.com/adicionar nome do perfil

URL
https://www.twitter.com/adicionar nome do perfil

URL
https://www.instagram.com/adicionar nome do perfil



8º passo: Caso não seja o seu primeiro acesso, clique no ícone da **câmera**, no canto superior direito da tela, para adicionar o seu vídeo e clique no ícone “**enviar vídeo**” e, posteriormente, clique em “**enviar vídeos**” novamente, conforme exemplificado abaixo:





PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

LINHA DE ESTUDO – DIREÇÃO

9º passo: Clique em “selecionar arquivos” para adicionar os vídeos a serem enviados para a Avaliação, conforme indicado abaixo:



Arraste e solte os arquivos de vídeo para fazer o envio
Seus vídeos ficarão privados até que você os publique.



SELECIONAR ARQUIVOS

10º passo: No título do vídeo coloque “**SP Escola de Teatro Processo Seletivo 01/2021**” e determine se o conteúdo do seu vídeo é para crianças ou não, conforme modelo abaixo:

SP ESCOLA DE TEATRO PROCESSO SELETIVO 01/2021

Salvo como rascunho

1 Detalhes 2 Elemento do vídeo 3 Visibilidade

Detalhes

Título (obrigatório)
SP ESCOLA DE TEATRO PROCESSO SELETIVO 01/2021

Descrição
Fale sobre seu vídeo para os espectadores

Miniatura
Selecione ou faça upload de uma imagem que mostre o que há no seu vídeo. Uma boa miniatura se destaca e chama a atenção dos espectadores. [Saiba mais](#)

Playlists
Adicione o vídeo a uma ou mais playlists. As playlists podem ser públicas e privadas ou restritas aos seus inscritos. [Saiba mais](#)

Privado
Este vídeo é para crianças? (Obrigatório)
Não importa sua localização, é obrigatório obedecer à Lei de Proteção da Privacidade Online das Crianças (COPPA, na sigla em inglês) e às outras leis. É obrigatório informar se o conteúdo é para crianças. O que é conteúdo para crianças?

Sim, é conteúdo para crianças

Não, não é conteúdo para crianças

Restrição de idade (avanzado)

0% processado

PRÓXIMO

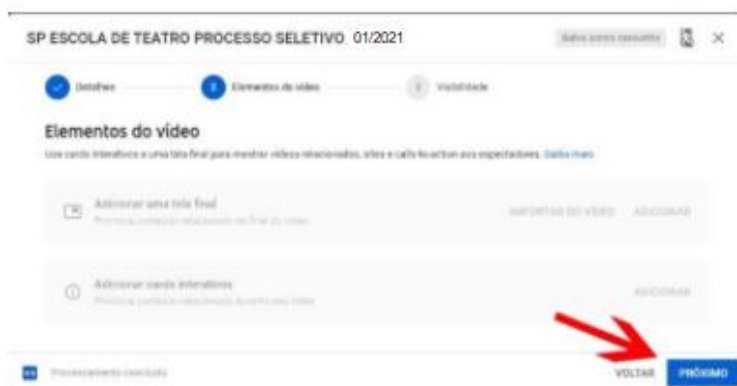


PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

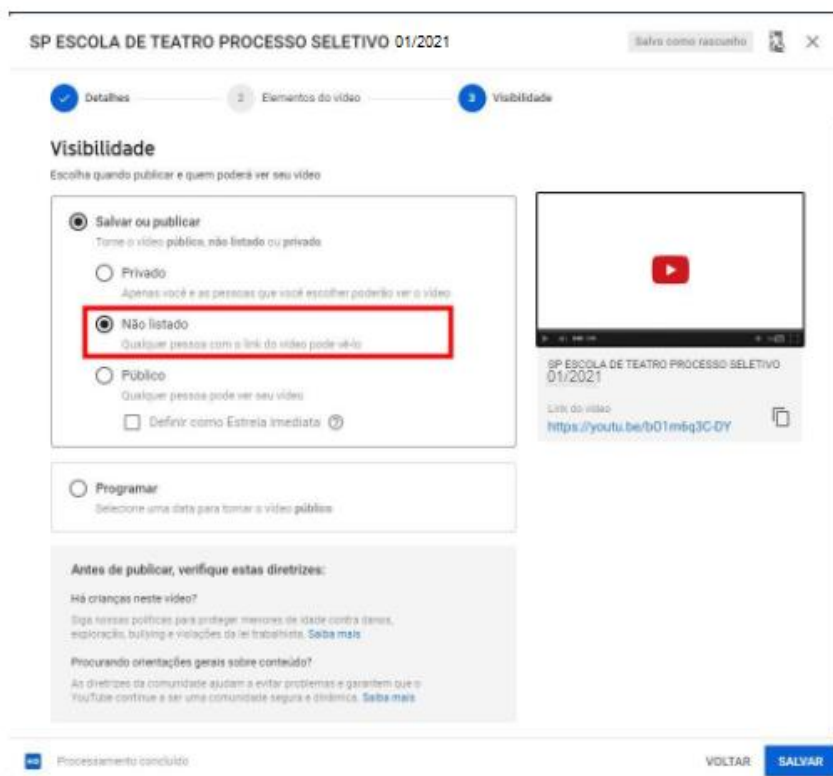
EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

LINHA DE ESTUDO – DIREÇÃO

11º passo: Quanto aos elementos do vídeo, basta seguir para o próximo item, conforme exemplo:



12º passo: Para que o vídeo não fique público, indicamos que a visibilidade dele fique como **“Não listado (qualquer pessoa com o link do vídeo pode vê-lo)”**, pois desta forma somente quem tem o *link* poderá acessar o vídeo. Assim, proceda conforme modelo abaixo:





Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

LINHA DE ESTUDO – DIREÇÃO

13º passo: Salve e copie o **link** do vídeo clicando no ícone indicado no modelo abaixo:



14º passo: Envie o **link** do seu vídeo para o e-mail: direcao@imais.org.br, colocando como assunto “**Segundo Momento – SP Escola de Teatro**”, conforme especificado abaixo.

No corpo do *e-mail* insira os seguintes dados para identificação: **Nome da/do Candidata/Candidato; Número de Inscrição; Número do RG; Linha de estudo; e Horário desejado para cursar a linha de estudo.**

← Escrever

De

Para atuacao@imais.org.br

PROCESSO SELETIVO DE ATUAÇÃO –
NOME DA/O CANDIDATA/O

À Banca de Avaliação do Processo Seletivo de Atuação.
Seguem as propostas solicitadas para o Segundo Momento – Processo Seletivo – 1º Semestre de 2021..

NOME DA/O CANDIDATA/O
NÚMERO DE INSCRIÇÃO - XXXXXXXX
RG – XX.XXX.XXX-X

Horário desejado para cursar linha de estudo:
() matutino () vespertino



| Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

LINHA DE ESTUDO – DIREÇÃO

Atenção! Os dados descritos no item acima são obrigatórios para identificação do candidato quando do envio do vídeo.

Em caso de dúvida, entrar em contato com o **SAC do INSTITUTO MAIS** através do telefone **(11) 2659-5746**, no horário das **10h00min às 12h30min** ou das **13h30min às 16h30min (Horário Oficial de Brasília/DF)**, exceto aos sábados, domingos e feriados



O Futuro é nosso Presente



Poemas aos homens do nosso tempo – Hilda Hilst

XVI

Enquanto faço o verso, tu decerto vives.
Trabalhas tua riqueza, e eu trabalho o sangue.
Dirás que sangue é o não teres teu ouro
E o poeta te diz: compra o teu tempo.

Contempla o teu viver que corre, escuta
O teu ouro de dentro. É outro o amarelo que te falo.
Enquanto faço o verso, tu que não me lês
Sorris, se do meu verso ardente alguém te fala.

O ser poeta te sabe a ornamento, desconversas:
“Meu precioso tempo não pode ser perdido com os poetas”.
Irmão do meu momento: quando eu morrer
Uma coisa infinita também morre. É difícil dizê-lo:
MORRE O AMOR DE UM POETA.

E isso é tanto, que o teu ouro não compra,
E tão raro, que o mínimo pedaço, de tão vasto
Não cabe no meu canto.

SEDE BRÁS

AV. RANGEL PESTANA, 2401,
BRÁS, 03001-000, SÃO PAULO - SP
11 3121.3200

SEDE ROOSEVELT

PRAÇA ROOSEVELT, 210,
CENTRO, 01303-020, SÃO PAULO - SP
11 3775.8600



/SPESCOLADETEATRO



@ESCOLADETEATRO

WWW.SPESCOLADETEATRO.ORG.BR

ROMEU E JULIETA

William Shakespeare



ÍNDICE

ATO I

[Cena I](#)

[Cena II](#)

[Cena III](#)

[Cena IV](#)

[Cena V](#)

ATO II

[Cena I](#)

[Cena II](#)

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

[Cena III](#)

[Cena IV](#)

[Cena V](#)

[Cena VI](#)

ATO III

[Cena I](#)

[Cena II](#)

[Cena III](#)

[Cena IV](#)

[Cena V](#)

ATO IV

[Cena I](#)

[Cena II](#)

[Cena III](#)

[Cena IV](#)

[Cena V](#)

ATO V

[Cena I](#)

[Cena II](#)

Cena III

PERSONAGENS

ESCALO, Príncipe de Verona.
PÁRIS, jovem nobre, parente do príncipe.
MONTECCHIO, chefe de uma das casa rivais.
CAPULETO, chefe de uma das casa rivais.
Um tio de Capuleto.
ROMEU, filho de Montecchio.
MERCÚCIO, parente do príncipe, *(amigo de Romeu)*.
BENVÓLIO, sobrinho de Montecchio, *(amigo de Romeu)*.
TEBALDO, sobrinho da senhora Capuleto.
FREI LOURENÇO, franciscano.
FREI JOÃO, da mesma Ordem.
BALTASAR, criado de Romeu.
SANSÃO, criado de Capuleto
GREGÓRIO, criado de Capuleto.
PEDRO, criado da ama de Julieta.
ABRAÃO, criado de Montecchio.
Um boticário.
Três músicos.
Pajem de Mercúcio; pajem de Páris; outro pajem; o oficial.
SENHORA MONTECCHIO, esposa de Montecchio.
SENHORA CAPULETO, esposa de Capuleto.
JULIETA, filha de Capuleto.
AMA de Julieta.
Coro.

PRÓLOGO

Entra o coro.

CORO - Duas casas, iguais em dignidade - na formosa Verona vos dirão - reativaram antiga inimizade, manchando mãos fraternas sangue irmão. Do fatal seio desses dois rivais um par nasceu de amantes desditosos, que em sua sepultura o ódio dos pais depuseram, na morte venturosos. Os lances desse amor fadado à morte e a obstinação dos pais sempre exaltados que teve fim naquela triste sorte em duas horas vereis representados. Se emprestardes a tudo ouvido atento, supriremos as faltas a contento.

ATO I

Cena I

Verona. Uma praça pública. Entram Sansão e Gregório, armados de espada e broquel.

SANSÃO - Por minha palavra, Gregório: não devemos levar desaforo para casa.

GREGÓRIO - É certo; para não ficarmos desaforados.

SANSÃO - O que quero dizer é que quando eu fico encolerizado puxo logo da espada.

GREGÓRIO - Sim, mas se quiseres viver, toma cuidado para não ficares encolarinhado.

SANSÃO - Quando me irritam, eu ataco prontamente.

GREGÓRIO - Mas não te irritas prontamente para atacar.

SANSÃO - Até um cachorro da casa dos Montecchios me deixa irritado.

GREGÓRIO - Ficar irritado é pôr-se em movimento, e ser valente é estacar. Logo, se ficares irritado, pôr-te-ás a correr.

SANSÃO - Um cachorro daquela casa me fará fazer pé firme. Encostar-me-ei na parede contra qualquer homem ou rapariga da casa de Montecchio.

GREGÓRIO - Isso prova que não passas de um escravo fraco, porque o mais fraco é que se encosta à parede.

SANSÃO - É certo; é por isso que as mulheres, como vasilhas mais fracas, são sempre encostadas à parede. Por isso, afastarei da parede os homens de Montecchio e encostarei nela as raparigas.

GREGÓRIO - A pendência é entre nossos amos e nós, seus servidores.

SANSÃO - Pouco importa; hei de revelar-me tirano: depois de lutar com os homens, serei cruel com as raparigas; arranharei a pele de todas as virgens.

GREGÓRIO - Corno! A pele de todas as virgens?

SANSÃO - Perfeitamente; a pele de todas as virgens, ou sua pele de virgem. Interpreta isso no sentido que quiseres.

GREGÓRIO - As que o sentirem, que o interpretem no seu verdadeiro sentido.

SANSÃO - A mim elas terão de sentir, enquanto eu for capaz de resistir, pois bem sabes que sou um belo pedaço de carne.

GREGÓRIO - É bom que não sejas peixe; porque se o fosses, não passarias de bacalhau. Vamos; arranca teus instrumentos, que aí vêm vindo dois da casa de Montecchio.

(Entram Abraão e Baltasar.)

SANSÃO - Minha arma nua já está fora; briga tu que eu defenderei tuas costas.

GREGÓRIO - Como assim? Viras as costas e corres?

SANSÃO - Não tenhas medo de mim.

GREGÓRIO - Ora essa! Eu, ter medo de ti?

SANSÃO - Fiquemos com a lei do nosso lado; eles que principiem.

GREGÓRIO - Vou franzir o rosto, quando passar por eles; e eles que interpretem isso como entenderem.

SANSÃO - Não; como ousarem. Vou morder o polegar, o que para eles será desonroso, no caso de não retrucarem.

ABRAÃO - É para nós que estais mordendo o polegar. senhor?

SANSÃO - Estou mordendo o polegar, senhor.

ABRAÃO - É para nós que mordeis o polegar, senhor?

SANSÃO - (*à parte, a Gregório*) - Se eu disser que sim, ficaremos com a lei de nosso lado?

GREGÓRIO -
(*à parte, a Sansão*)
- Não.

SANSÃO - Não, senhor; não é para vós que estou mordendo o polegar; mas estou mordendo o polegar, senhor.

GREGÓRIO - Estais querendo brigar, senhor?

ABRAÃO - Eu, senhor, querendo brigar? Não, senhor.

SANSÃO - Porque, se o quiserdes, senhor, estou às vossas ordens; sirvo a um senhor tão bom quanto o vosso.

ABRAÃO - Porém não melhor.

SANSÃO - Perfeitamente, senhor.

GREGÓRIO (*à parte, a Sansão*) - Dize "melhor"; aí vem vindo um parente de nosso amo.

SANSÃO - Sim, senhor: melhor.

ABRAÃO - Estais mentindo.

SANSÃO - Desembainhai, se fordes homem! Gregório, não te esqueças de teu bote de fundo.
(*Batem-se.*)
(*Entra Benvólio.*)

BENVÓLIO - Loucos, parai com isso! Guardai vossas espadas. Não sabeis o que fazeis.
(*Entra Tebaldo.*)

TEBALDO - Corno! Sacas da espada contra uns pobres corçoelhos sem força? Aqui, Benvólio! Vem encarar a morte!

BENVÓLIO - Procurava separar esta gente. Guarda a espada e me ajuda a acalmá-los.

TEBALDO - Como! Falas em paz e a espada arrancas? Tão grande ódio tenho a esse termo corno ao próprio inferno, a todos os Montecchios e a ti mesmo. Defende-te, covarde!
(*Batem-se.*)
(*Entram partidários das duas casas, que se misturam com os combatentes; depois entram cidadãos,*

armados de paus e partasanas.)

CIDADÃOS - Varas e partasanas! Derrubai-os! Descei o pau! Abaixo os Capuletos! Fora os Montecchios!

(Entra Capuleto, de roupão de dormir, e a Senhora Capuleto.)

CAPULETO - Que barulho é esse? Minha espada comprida! Ide buscá-la! Olá

SENHORA CAPULETO - Muletas, isso sim: muletas! Por que pedir espada?

CAPULETO - A espada! digo. Chega o velho Montecchio e brande a lâmina, para fazer-me acinte.

(Entram Montecchio e a Senhora Montecchio.)

MONTECCHIO - Capuleto, Vilão!... Deixai! Tem de se haver comigo.

SENHORA MONTECCHIO - Não darás um só passo para o imigo.

(Entra o príncipe com seu séqüito.)

PRÍNCIPE - Súditos revoltosos, inimigos da paz, que profanais vossas espadas no sangue dos vizinhos... Quê! Não ouvem? Olá, senhores, animais selvagens que as chamais apagais de vossa fúria perniciosa na fonte purpurina de vossas próprias veias Sob ameaça de tortura, jogai das mãos sangrentas as armas para o mal, só, temperadas, e a sentença escutai de vosso príncipe irritado. Três vezes essas lutas civis, nascidas de palavras aéreas, por tua causa, velho Capuleto, por ti, Montecchio, a paz de nossas ruas três vezes perturbaram. Os provectoros cidadãos de Verona, despojando-se das vestes graves que tão bem os ornaram, nas velhas mãos lanças antigas brandem, vosso ódio enferrujado. Se de novo vierdes a perturbar nossa cidade, pela quebrada paz dareis as vidas. Por agora, que todos se retirem. Vós, Capuleto, seguireis comigo, e vós Montecchio, à tarde ireis à velha Cidade-franca, à corte da Justiça, para conhecimento, assim, tomardes de quanto resolvermos sobre o caso. Já! Sob pena de morte, dispersai-vos!

(Saem todos, com exceção de Montecchio, a senhora Montecchio e Benvólio.)

MONTECCHIO - Quem reavivou esta querela antiga? Sobrinho, dize: onde te achavas na hora?

BENVÓLIO - Antes de eu vir aqui já se encontravam em luta engalfinhados vossos homens e os de vosso inimigo. Tencionando separá-los, saquei de minha espada. Nesse instante, porém, chegou o ardente Tebaldo, espada em punho, que, soprando-me desafios sem conta, não parava de voltear a arma em torno da cabeça, cortando, assim, os ventos que, de nada molestados com isso, só faziam assobiar para ele com desprezo. Enquanto revidávamos os botes e as estocadas, foi chegando gente que aumentou o furor de ambas as partes, até que o duque separasse as partes.

SENHORA MONTECCHIO - Oh! E onde está Romeu? Sabes, acaso? Alegra-me não vê-lo neste caso.

BENVÓLIO - Uma hora antes de haver o sol sagrado cortado as franjas de ouro do nascente, senhora, me levou o inquieto espírito a fazer um passeio lá por fora, onde à sombra de um bosque de sicômoros que se estende para oeste da cidade vi vosso filho a andar, que madrugara. Dirigi-me para ele; mas, havendo-me pressentido, esgueirou-se para a sombra mais densa do arvoredor. Eu, que seu íntimo medira pelo meu, que mais procura justamente onde nada achar consegue, demais já sendo para mim eu próprio, meu capricho segui, deixando o dele, e de grado evitei quem me evitava.

MONTECCHIO - Muitas manhãs tem ele sido visto nesse bosque, a aumentar com suas lágrimas o orvalho matutino e acrescentando com seus suspiros fundos novas nuvens às nuvens existentes. Porém

logo que principia o sol, que tudo alegre, a abrir- no este longínquo o véu sombroso do tálamo da Aurora, da luz foge meu filho atribulado, recolhendo-se a casa, onde se fecha no seu quarto. cerra as janelas, a luz clara expulsa, e noite artificial, assim, prepara. Poderá acabar mal todo esse enliço, se não for afastada a causa disso.

BENVÓLIO - Meu nobre tio, conheceis a causa?

MONTECCHIO - Não, nem consigo saber dele nada.

BENVÓLIO - Acaso já insististes junto dele?

MONTECCHIO - Não só eu, como alguns amigos nossos. Mas ele confidente de suas próprias inclinações - ignoro até que ponto verdadeiro se mostra - tão discreto consigo mesmo é sempre e tão distante de se deixar sondar e patentear-se como o botão que o verme escuro morde antes que no ar ostente as doces folhas e a formosura à luz do sol dedique. Se a causa eu conhecesse da tristeza deixá-lo-ia curado, isso é certeza.

BENVÓLIO - Ei-lo que chega. Ponde-vos de lado; há de falar-me ou se mostrar zangado.

MONTECCHIO - Oh! Quem dera que o ouvisses, em boa hora, em confissão! Vamos, madame, embora.
(*Saem Montecchio e a senhora.*)
(*Entra Romeu.*)

BENVÓLIO - Bom dia, primo.

ROMEU - Como assim! Já é dia?

BENVÓLIO - São nove horas.

ROMEU - A dor é um tardo guia. Não foi meu pai que se afastou com pressa?

BENVÓLIO - Perfeitamente; mas que dor as horas retarda de Romeu?

ROMEU - Não ter aquilo que, se o tivesse, as deixaria curtas.

BENVÓLIO - No amor?

ROMEU - Fora...

BENVÓLIO - Do amor?

ROMEU - Fora do amor de quem me traz cativo.

BENVÓLIO - Ah! que aparência tenha amor tão branda, mas, de fato, seja áspero e tirano

ROMEU - Ah! que, apesar da venda, amor consiga descobrir seus caminhos sem fadiga. Onde iremos comer? Oh! que batalha por aqui houve? Mas não contes nada, que já soube de tudo. O ódio dá muito trabalho por aqui; mas mais, o amor. Então, amor brigão! Ó ódio amoroso! És tudo, sim; do nada taste criado desde o princípio. Leviandade grave, vaidade séria, caos imano e informe de belas aparências, chumbo leve, fumaça luminosa, chama fria. saúde doente, sono sempre esperto, que não é nunca o que é. Eis aí o amor que eu sinto e que me causa apenas dor. Não queres rir?

BENVÓLIO - Não, primo; chorar quero.

ROMEU - Por quê, bondoso amigo?

BENVÓLIO - Por ver que tens oprimido o coração.

ROMEU - Do amor é sempre assim a transgressão. As dores próprias pesam-me no peito; mas agora redobras-lhes o efeito com mostrares as tuas; o tormento que revelaste, ao meu deu mais alento. O amor é dos suspiros a fumaça; puro, é fogo que os olhos ameaça; revoltado, um mar de lágrimas de amantes... Que mais será? Loucura temperada, fel ingrato, doçura refinada. Adeus, primo.
(Faz menção de retirar-se.)

BENVÓLIO - Mais calma; irei também; se me deixardes não procedeis bem.

ROMEU - Ora, já me perdi. Não sou Romeu. Esse está longe. Está não sei bem onde.

BENVÓLIO - Dizei-me seriamente a quem amais.

ROMEU - Como! Precisaréi gemer o tempo todo que te falar?

BENVÓLIO - Gemer? Oh, não! Mas dizer, em verdade, quem seja ela.

ROMEU - Mandai fazer o doente o testamento.

Que idéia triste para o desalento! Primo, em verdade: adoro uma mulher.

BENVÓLIO - Acertado também nesse alvo eu tinha, ao vos imaginar apaixonado.

ROMEU - Ótimo atirador! E ela é formosa.

BENVÓLIO - Primo, acertar assim é grande dita.

ROMEU - Nisso vos enganais. Ela é catita. A seta de Cupido não cogita de bater nela. Sábia como Diana, a castidade é sua soberana. Do arco gentil do amor está amparada e, assim, da lenga-lenga apaixonada. Resistir pode a todos os assaltos dos olhares morteiros, não chegando nunca a cair-lhe no regaço a chuva de ouro que os próprios santos tem vencido. Oh! é rica em beleza, mais que bela, porque a beleza morrerá com ela.

BENVÓLIO - Então jurou que sempre há de ser casta?

ROMEU - Jurou; e sua avareza tão nefasta grandes estragos fez, pois a beleza com tal severidade, de fraqueza quase veio a morrer, tendo ficado sem prole alguma. Incrível atentado! É muito bela e sábia, sabiamente formosa para estar sempre contente com me fazer sofrer. Fez juramento de não amar jamais, um só momento. E nesse voto infausto eu vivo morto só de a todos contar meu desconforto.

BENVÓLIO - Por mim guiar te deixes nisso: esquece-a

ROMEU - Oh! A esquecer-me ensina o pensamento.

BENVÓLIO - Dá liberdade aos olhos; examina outras belezas.

ROMEU - Esse é o meio certo de mais consciente me tornar ainda de sua formosura em tudo rara. Essas felizes máscaras que as frentes beijam das jovens belas, sendo pretas pensar nos fazem que a beleza escondem. Quem chegou a cegar, jamais se esquece da jóia rara que perdeu com a vista. Mostrai-me uma mulher de inexcelsa formosura; para algo servir pode, senão de sugestão para que eu leia quem a

excedeu em tanta formosura? Não, nunca hás de ensinar-me o esquecimento.

BENVÓLIO - Hei de nisso empregar o meu talento.

(Saem.)

Cena II

O mesmo. Uma rua. Entram Capuleto, Páris e um criado.

CAPULETO - Tanto eu como Montecchio recebemos igual penalidade. Corno velhos em paz viver não nos será difícil.

PÁRIS - Ambos gozais de altíssimo conceito, sendo de lastimar que há tanto tempo vivais em desavença. Mas agora, milorde, que dizeis de meu pedido?

CAPULETO - Repito o que já disse. Minha filha ainda é uma estrangeira neste mundo; mal o curso notou de quatorze anos. De dois estios murchará o orgulho, sem que ouçamos das núpcias o barulho.

PÁRIS - Mães venturosas já são muitas outras jovens mais moças ainda.

CAPULETO - As que começam antes do tempo, também morrem cedo. Todas as minhas esperanças foram tragadas pela terra; somente essa me resta, herdeira grata do que tenho. Mas meu Páris gentil, falai com ela; nisso, minha vontade uma parcela, tão-só, do seu querer. Sendo do gosto dela, no mesmo ponto estou disposto a dar, alegre, o meu consentimento. Seguindo agora o velho regimento, darei hoje uma festa de alegria para a qual convidei a companhia de pessoas amigas. Vós, também, sendo mais um, fazeis, como ninguém, jus ao convite. Completai a lista, sem ser preciso que eu sobre isso insista. Em minha pobre casa heis de irradiantes estrelas hoje ver, que, mui galantes, da terra lançam luz ao céu sombrio. A sensação que tem o homem sadio, quando abril ataviado segue os passos do coxo inverno, trêmulos e lassos, em casa hoje heis de ter, no mesmo instante em que virdes o bando deslumbrante de botões femininos. Sede atento para todas, mostrai contentamento com a que vos parecer mais bem prendada. Entre muitas, também, examinada minha filha há de ser, que embora possa ter mérito, a nenhuma fará moça. Vinde comigo.

(Entrega um papel a um dos criados.)

Olá, rapaz! Depressa corre a bela Verona e os nomes dessa lista procura, a todos anunciando que hoje terão de minha casa o marido.

(Saem Capuleto e Páris.)

CRIADO - Procurar os donos dos nomes desta lista! Está escrito que o sapateiro se ocupará com sua jarda, o alfaiate com suas formas, o pescador com seu pincel, o pintor com suas redes. Mas a mim me incumbem de procurar os donos dos nomes escritos aqui, sem que eu jamais possa encontrar os nomes anotados pela pessoa que escreveu isto. Tenho de procurar gente instruída. Oh! Em boa hora!

(Entram Benvólio e Romeu.)

BENVÓLIO - Ora, rapaz! Incêndio a incêndio cura. Uma dor faz minguar a mais antiga. Desvirar do virar sara a tontura. Um desespero a velha dor mitiga. Deixa os olhos pegar nova infecção, porque da velha possas ficar são.

ROMEU - Vossa folha de plátano para isso fora excelente.

BENVÓLIO - Para quê, amigo?

ROMEU - Para perna quebrada.

BENVÓLIO -- Estás maluco, Romeu?

ROMEU - Maluco? Não; mas mais atado do que um louco furioso; encarcerado, morto de fome, chibateado, posto no banco de tormento e... Salve, amigo

CRIADO - Deus vos salve, senhor. Por obséquio, senhor, sabeis ler?

ROMEU - Sei, sim; minha miséria e a própria sorte.

CRIADO - Talvez tivésseis aprendido isso sem o auxílio de livros. Mas, por obséquio, sereis capaz de ler tudo o que virdes?

ROMEU - Sou, se souber a língua e vir o escrito.

CRIADO - Falais com honestidade. Passai bem.

(Faz menção de retirar-se.)

ROMEU - Espera aí, rapaz; sei ler. "Signior Martino, sua esposa e filhas; o conde Anselmo com suas encantadoras irmãs; a senhora viúva de Vitrúvio; signior Placêncio e suas amáveis sobrinhas; Mercúcio e seu irmão Valentino; meu tio Capuleto, sua esposa e filhas; minha linda sobrinha Rosalina; Lívia: o signior Valêncio com seu primo Tebaldo; Lúcio e a encantadora Helena." Belo conjunto. Onde é que será isso?

CRIADO - Lá em cima.

ROMEU - Onde?

CRIADO - Na ceia em nossa casa.

ROMEU - Casa de quem?

CRIADO - Do meu amo.

ROMEU - Com efeito; é o que eu deveria ter perguntado em primeiro lugar.

CRIADO - Mas vou dizer-vos, sem que mo pergunteis. Meu amo é o grande e rico Capuleto, e se não fordes da casa dos Montecchios, peço-vos que também vades esvaziar uma taça de vinho. Prossegui alegre.

(Sai.)

BENVÓLIO - Nessa tradicional festividade de Capuleto vai cear a tua formosa Rosalina, juntamente com as demais beldades de Verona. Vai também, e com olhos imparciais compara o rosto dela com o de quantas eu te mostrar por lá, que sem estorvo, verás teu cisne transformado em corvo.

ROMEU - Se meus olhos devotos falsidade tão grande sustentarem, que em fogueira de suas lágrimas morra sem piedade, como hereges passíveis de cegueira. Mais linda que ela! Nunca o sol radiante no mundo todo viu tão bela amante.

BENVÓLIO - Pesaste-a nos dois pratos da balança de teus olhos, sem outra vizinhança. Mas sopesa nos

pratos de cristal tua beldade e outra qualquer vestal que eu te mostrar brilhante nessa festa, e logo a tua te será indigesta.

ROMEU - Irei; não para ver tal resplendor, mas para me ofuscar em meu amor.
(*Saem.*)

Cena III

O mesmo. Um quarto em casa de Capuleto. Entram a senhora Capuleto e a ama.

SENHORA CAPULETO - Ama, onde está Julieta? Vai chamá-la

AMA - Por minha virgindade quando eu tinha doze anos: já a chamei. Minha ovelhinha. Vem cá, meu coração! Deus me perdoe, mas onde está a menina? Oh, Julieta!
(*Entra Julieta.*)

JULIETA - Que é que houve? Quem me chama?

AMA - Vossa mãe.

JULIETA - Senhora, aqui estou eu. Que desejais?

SENHORA CAPULETO - Eis o assunto... Ama, deixa-nos sozinhas por algum tempo. Tenho de falar-lhe muito em particular. Não, ama: volta! Lembrei-me agora que é preciso que ouças nossa conversa, pois há muito tempo conheces minha filha.

AMA - É certo, posso dizer que idade tem, hora por hora.

SENHORA CAPULETO - Tem quatorze anos incompletos.

AMA - Jogo quatorze de meus dentes - muito embora, para minha aflição, só tenha quatro - em como não fez ainda quatorze anos. Para um de agosto quanto falta ainda?

SENHORA CAPULETO - Uma quinzena e pouco.

AMA - Pouco ou muito, não importa. O que é certo é que no dia um de agosto completa quatorze anos. Ela e Susana - Deus ampare as almas cristãs! - eram da mesma idade. Bem; Susana está com Deus. Mas, como disse: na noite de primeiro ela completa quatorze anos. É certo: quatorze anos. Lembro-me bem. Desde o tremor de terra, onze anos se passaram. Desmamada foi nesse tempo; nunca hei de esquecer-lo, pois nos seios passado havia losna, sentada ao sol, embaixo do pombal. Vós e o patrão em Mântua vos acháveis - Oh! que memória a minha! - Mas, como ia dizendo: quando ela sentiu o gosto de losna no mamilo e o achou amargo - coisinha tola! - como ficou brava! como bateu nos seios! Nisso, "Crac!" fez o pombal. Não foi preciso mais para eu mexer-me. Já se passaram, desde então, onze anos. De pé, sozinha, ela já então ficava. Sim, pela Santa Cruz, podia mesmo correr a cambalear por toda a casa, pois no dia anterior ferira a testa. Foi quando meu marido - Deus conserve sempre sua alma! Era de gênio alegre - levantou a menina. 'Sim', disse ele, "cais agora de frente? Pois de costas cairás, quando tiveres mais espírito. Não é, Julu?" E, pela Santa Virgem, parando de chorar, a pirralhinha respondeu: "Sim". Uma pilhéria fina verti sempre a tempo. Juro que ainda mesmo que mil anos eu viva, jamais hei de me esquecer do episódio. Perguntou-lhe: "Não é, Julu?" E aquela pirralhinha parando de chorar, respondeu: "Sim".

SENHORA CAPULETO - Sobre isso, basta. Fica quieta. peço-te.

AMA - Pois não, senhora; mas não me é possível deixar de rir, ao recordar como ela interrompeu o choro e disse "Sim". No entanto, crescera-lhe na testa, jurar posso. um calombo grande como testículo de galo. Que pancada! E ela chorava amargamente. "É certo", disse-lhe meu marido; "cais de frente, não é assim? Mas vais cair de costas, quando fores maior. Não é, Julu?" E ela, já sem chorar, respondeu: "Sim".

JULIETA - Então para também, ama; é o que peço.

AMA - Bem, já acabei. Que Deus te tenha em graça. Foste a criança mais linda que eu criei. Se algum dia eu puder ver-te casada, é tudo o que desejo.

SENHORA CAPULETO - Pois foi para falar em casamento que te chamei. Filha Julieta, dize-me: em que disposição estás para isso?

JULIETA - É uma honra com a qual jamais sonhei.

AMA - Honra! Se não tivesses tido apenas uma ama, afirmaria que, com o leite, tinhas mamado juízo.

SENHORA CAPULETO - Pois estamos na época de pensar em casamento. Mais jovens do que vós, aqui em Verona, senhoras de respeito, já são mães. Se não me engano, vossa mãe tornei-me com a mesma idade em que ainda sois donzela. Para ser breve: o valoroso Páris requesta vosso amor.

AMA - Que homem, menina! Um homem desses... Não... Em todo o mundo... Só feito de encomenda.

SENHORA CAPULETO - A primavera de Verona não tem mais bela flor.

AMA - Sim, uma flor! A verdadeira flor.

SENHORA CAPULETO - Que dizeis? Sois capaz de amar o jovem? Hoje à noite vê-lo-eis em nossa festa. Folheai o livro de seu jovem rosto, que nele encontrareis doces encantos escritos pela pena da beleza. Examinai-lhe os traços delicados e vede como se acham bem casados. E se no livro achardes algo obscuro, encontrareis nos olhos o esconjuro. Esse manual de amor só necessita de uma capa adequada e bem bonita. Vive no mar o peixe; é muito certo que deva o amor ficar algo encoberto. As letras de ouro da lombada a glória terão em parte da formosa história. Ficareis, pois, com ele associada sem que vos diminuais, com isso, em nada.

AMA - Oh! não diminuirá. Pelo contrário; as mulheres com os homens sempre aumentam.

SENHORA CAPULETO - Enfim, que me dizeis do amor de Páris?

JULIETA - Vou ver se prendo nele os meus olhares. Mas a vista chegar além não há de do que me consentir vossa vontade.

(Entra um criado.)

CRIADO - Senhora, os hóspedes já chegaram; a comida está na mesa; estais sendo procurada; reclamam a presença da senhorita; na copa amaldiçoam a ama. Tudo está de pernas para o ar. Tenho de voltar para servir. Por obséquio, vinde logo, vinde logo.

SENHORA CAPULETO Já te sigo. Julieta, o conde espera.

AMA - Belas noites te almejo; sou sincera.
(Saem.)

Cena IV

O mesmo Uma rua. Entram Romeu Mercúcio, Benvólio, com cinco ou seis mascarados, Portadores de tochas e outras pessoas.

ROMEU - Por escusas faremos um discurso, ou entramos sem nenhuma apologia?

BENVÓLIO - Muito falar destoa deste dia. Não precisamos hoje de Cupido com venda sobre os olhos e arco tártaro de ripa multicolor, que infunde medo, como espantalho o faz, no mulherio. Não; nem também de prólogo matado, que o ponto diz antes de nossa entrada. Que nos tomem por quem melhor acharem; mediremos com todos alguns passos e, após, saímos.

ROMEU - Dai-me uma das tochas; não me acho hoje disposto para saltos. Estando enfarruscado, aclaro a estrada.

MERCÚCIO - Não; tereis de dançar, gentil Romeu.

ROMEU - Não; podeis crer-me: tendes sapatinhos de sola leve, própria para dança. Eu, tenho alma de chumbo que, prendendo-me à terra, não me deixa dar um passo.

MERCÚCIO - Sois um apaixonado. Por empréstimo tomai as lestes asas de Cupido, que heis de pairar por sobre a mediania.

ROMEU - Tão traspasado estou por suas setas que suas lestes asas não conseguem transportar-me para o alto: tão peado, que não posso deixar a dor obscura, sob o fardo do amor gemendo sempre.

MERCÚCIO - Mas para estar sob ele, é necessário que carregueis o amor, peso excessivo para coisa tão terna.

ROMEU - Coisa terna julgais que seja o amor? Não; muito dura: dura e brutal, e fere como espinho.

MERCÚCIO - Se o amor convosco é duro, sede duro também com ele, revidando todas as pancadas que der. Ponde-o no chão. Dai-me uma cobertura para o rosto. Em cima de uma máscara ponho outra. Que me importa que o olhar curioso possa perceber a feiúra? Por mim hão de corar estas salientes sobranceiras.

BENVÓLIO - Vamos bater e entrar e, uma vez dentro, que bom uso das pernas todos façam.

ROMEU - Dai-me uma tocha; que esses rapazolas de leve coração cócegas façam com os sapatos nos juncos insensíveis. Já meu avô dizia sentencioso: seguro a luz e fico a observar tudo. Fora, muita algazarra; eu, triste e mudo.

MERCÚCIO - Mudo é o rato no charco, diz o guarda. Se mudo te tornares, arrancamos-te do charco - com licença! - de Cupido, onde estás enterrado até às orelhas. Sigamos, que isto é acender luz de dia.

ROMEU - Não, não é isso.

MERCÚCIO - Minha alegoria, senhor, indica que, como de dia, gastamos nossa luz inutilmente.

Conservai esse dito sempre em mente, que mais saber contém do que, reunidos, todos os nossos cinco ou seis sentidos.

ROMEU - Sim, é o que faço nesta mascarada; mas é absurdo.

MERCÚCIO - Por que não vos agrada?

ROMEU - Tive um sonho esta noite.

MERCÚCIO - Oh! eu também.

ROMEU - Sobre quê?

MERCÚCIO - Sonho algum verdade tem.

ROMEU - Quando dormimos, tudo neles cabe.

MERCÚCIO - Oh! Visitou-vos a Rainha Mab.

BENVÓLIO - Quem é a Rainha Mab?

MERCÚCIO - É a parteira das fadas, que o tamanho não chega a ter de uma preciosa pedra no dedo indicador de alta pessoa. Viaja sempre puxada por parrelha da pequeninos átomos, que pousam de través no nariz dos que dormitam. As longas pernas das aranhas servem-lhe de raios para as rodas; é a capota de asa de gafanhotos; os tirantes, das teias mais sutis; o colarzinho, de úmidos raios do luar prateado. O cabo do chicote é um pé de grilo; o próprio açoite, simples filamento. De cocheiro lhe serve um mosquitinho de casaco cinzento, que não chega nem à metade do pequeno bicho que nos dedos costuma arredondar-se das criadas preguiçosas. O carrinho de casca de avelã vazia, feito foi pelo esquilo ou pelo mestre verme, que desde tempo imemorial o posto mantém de fabricante de carruagens para todas as fadas. Assim posta, noite após noite ela galopa pelo cérebro dos amantes que, então, sonham com coisas amorosas; pelos joelhos dos cortesãos, que com salamaleques a sonhar passam logo; pelos dedos dos advogados, que a sonhar começam com honorários; pelos belos lábios das jovens, que com beijos logo sonham, lábios que Mab, às vezes, irritada, deixa cheios de pústulas, por vê-los com o hálito estragado por confeitos. Por cima do nariz de um palaciano por vezes ela corre, farejando logo ele, em sonhos, um processo gordo. Com o rabinho enrolado de um pequeno leitão de dízimo, ela faz coceiras no nariz do vigário adormecido, que logo sonha com mais um presente. Na nuca de um soldado ela galopa, sonhando este com cortes de pescoço, ciladas, brechas, lâminas de Espanha e copázios bebidos à saúde, de cinco braças de alto. De repente, porém, estoura pelo ouvido dele, que estremece e desperta e, aterrorado, reza uma ou duas vezes e, de novo, põe-se a dormir. É a mesma Rainha Mab que a crina dos cavalos enredada deixa de noite e a cabeleira grácil dos elfos muda em sórdida melena que, destrançada, augura maus eventos. Essa é a bruxa que, estando as raparigas de costas, faz pressão no peito delas, ensinando-as, assim, como mulheres, a agüentar todo o peso dos maridos. É ela, ainda...

ROMEU - Paz, Mercúcio! Paz!

MERCÚCIO - Sim, só falo de sonhos, prole ociosa de um cérebro vadio, a qual de nada provém senão da inútil fantasia, que é tão firme como o ar, mais inconstante do que o vento que faz a corte ao frio seio do norte e, sendo repelido, volta de lá bufando e o rosto vira para o sul orvalhoso.

BENVÓLIO - Pois o vento de que falais nos toca para longe de nós próprios. A ceia está acabada;

chegamos muito tarde.

ROMEU - Oh! muito cedo, tenho receio. Apreende meu espírito algo que ainda pende das estrelas e que vai iniciar seu fatal curso na festa desta noite, pondo termo à vida desprezível que eu carrego no peito, com qualquer delito absurdo de morte extemporânea. Mas Aquele que se acha no timão de minha viagem vai dirigir-me a vela. Adiante, amigos

BENVÓLIO - Tocai, tambor!
(*Saem.*)

Cena V

O mesmo. Um salão em casa de Capuleto. Músicos esperam. Entram criados.

PRIMEIRO CRIADO - Onde está o Caçarola, que não vem ajudar a tirar a mesa? Aquele troca-pratos! Olá, Raspa-pratos!

SEGUNDO CRIADO - Retira esses tamboretas, arrasta o aparador. Cuidado com a baixela! Amigo, separa para mim um pedaço de massapão. E se me tens amizade, dize ao porteiro que deixe entrar Nell e Susana Grindstone. Antônio! Caçarola!

TERCEIRO CRIADO - Aqui, rapaz! Estamos prontos.

PRIMEIRO CRIADO - Estão vos chamando, estão vos procurando, reclamam vossa presença na sala grande.

TERCEIRO CRIADO - Não podemos estar aqui e lá ao mesmo tempo.

SEGUNDO CRIADO - Alegria, rapazes! Ficai lépidos pelo menos uma vez na vida. Quem viver mais tempo, ficará com tudo.

(*Afastam-se para o fundo.*)

(*Entram Capuleto, Julieta e outras pessoas da casa, que se encontram com hóspedes e mascarados.*)

CAPULETO - Cavalheiros, bem-vindos. As senhoras que não sofrerem no dedão de calos hão de dançar convosco. Olá, senhoras! Qual de vós há de agora recusar-se a dar uma voltinha? A que mimosa se mostrar por demais, faço uma aposta em como terá calos. Como! Agora ficamos juntos? Sede aqui bem-vindos, meus senhores! Já vi também os dias em que punha uma máscara e sabia cochichar uma ou duas palavrinhas nuns ouvidos bonitos. E agradavam! Mas já lá vai o tempo... Tudo passa. Sois bem-vindos, senhores. Vinde, músicos! Tocai logo! Licença! Abri caminho... Com licença! Meninas, ligeireza!

(*Música e dança.*)

Mais luz, marotos! Arrastai as mesas e apagai esse fogo, que está muito quente aqui dentro. Ah! essas brincadeiras inesperadas chegam sempre a tempo. Sim, sentai-vos, sentai-vos, caro primo Capuleto; nós dois já não estamos na idade de dançar. Há quanto tempo deixamos de pôr máscara?

SEGUNDO CAPULETO -- Trinta anos, pela Virgem; trinta anos.

CAPULETO - Como, primo! Não, não faz tanto tempo; é muita coisa. Foi desde o casamento de Lucêncio. Venha quando quiser o Pentecostes, serão vinte e cinco anos.... Nós, de máscara...

SEGUNDO CAPULETO - Muito mais! Muito mais! O filho dele, senhor, tem mais idade; tem trinta anos.

CAPULETO - Que dizeis! Pois se esse filho dele há uns dois anos maior não era ainda!

ROMEU - Que dama é aquela que enriquece o braço daquele cavalheiro?

CRIADO - Desconheço-a, meu senhor.

ROMEU - Oh! ela ensina a tocha a ser luzente. Dir-se-ia que da face está pendente da noite, tal qual jóia mui preciosa da orelha de uma etíope mimosa. Bela demais para o uso, muito cara para a vida terrena. Como clara pomba ao lado de gralhas tagarelas, anda no meio das demais donzelas. Vou procurá-la, ao terminar a dança porque a esta rude mão possa dar ansa de tocar nela e, assim, ficar bendita. Meu coração, até hoje, teve a dita de conhecer o amor? Oh! que simpleza! Nunca soube até agora o que é beleza.

TEBALDO - Pela voz este aqui é algum Montecchio. Rapaz, vai buscar logo minha espada. Como! Esse escravo atreve-se a, com máscara grotesca, vir aqui, para de nossa festividade rir e fazer pouco? Pela honra do meu sangue e nobre estado, dar-lhe a morte não julgo ser pecado.

CAPULETO - Que tens, sobrinho? Que se dá contigo?

TEBALDO - Tio, aquele é um Montecchio, nosso imigo; um vilão que aqui entrou por zombaria, para nos estragar toda a alegria.

CAPULETO - Não é o jovem Romeu?

TEBALDO - O mesmo, o biltre Romeu.

CAPULETO - Gentil sobrinho, fica quieto; deixa-o tranqüilo. Ele se tem mostrado perfeito gentil-homem. Para ser-te franco, Verona tem orgulho dele, como rapaz virtuoso e mui polido. Nem por toda a riqueza da cidade quisera que ele aqui fosse ofendido. Acalma-te, portanto, e fica alegre; essa é a minha vontade. Se a acatares, fica alegre e desfaze essa carranca que não vai bem com nossa alacridade.

TEBALDO - Vai, sim, quando um vilão se mete nela. Não o suporto.

CAPULETO - Terás de suportá-lo. Como, rapaz! Estou mandando: deixa-o! Quem manda aqui, acaso; vós ou eu? Ora, não o suportais! Deus me salve a alma. Quereis fazer barulho entre meus hóspedes? Provocar briga? Ser mandão na festa?

TEBALDO - Mas, tio, é vergonhoso...

CAPULETO - Ide, ide. Sois petulante, não? Prejudicar-vos ainda pode esta história. Sei de tudo. Procurais contrariar-me? Eis o momento. - Muito bem, corações! - Sois um fedelho. Ide acalmar-vos - Luz! Mais luz! - Que opróbrio! Já vou deixar-vos quieto. - Assim, meus caros! Alegria! Alegria!

TEBALDO - A paciência e o furor, equilibrados, inativos me deixam com seus brados. Vou sair; mas o intruso que hoje é mel, será amanhã o mais amargo fel.

(*Sai.*)

ROMEU - (*a Julieta*) - Se minha mão profana o relicário em remissão aceito a penitência: meu lábio, peregrino solitário, demonstrará, com sobra, reverência.

JULIETA - Ofendeis vossa mão, bom peregrino, que se mostrou devota e reverente. Nas mãos dos santos pega o paladino. Esse é o beijo mais santo e conveniente.

ROMEU - Os santos e os devotos não têm boca?

JULIETA - Sim, peregrino, só para orações.

ROMEU - Deixai, então, ó santa! que esta boca mostre o caminho certo aos corações.

JULIETA - Sem se mexer, o santo exalça o voto.

ROMEU - Então fica quietinha: eis o devoto. Em tua boca me limpo dos pecados.

(Beija-a.)

JULIETA - Que passaram, assim, para meus lábios.

ROMEU - Pecados meus? Oh! Quero-os retornados. Devolve-mos.

JULIETA - Beijais tal qual os sábios.

AMA - Vossa mãe quer falar-vos, senhorita.

ROMEU - Quem é a mãe dela?

AMA -.Ora essa, cavalheiro! A dona desta casa, certamente, uma digna senhora, honesta e sábia. Amamentei-lhe a filha, a senhorita com que falastes. E uma coisa eu digo, com certeza: quem vier a desposá-la, ficará cheio de ouro.

ROMEU - É Capuleto? Oh conta cara! Minha vida é dívida de hoje em diante no livro do inimigo.

BENVÓLIO - A festa já acabou; vamos embora.

ROMEU - Acabou? Para mim começa agora.

CAPULETO - Não, cavalheiros, não saiais tão cedo; ainda teremos uma ceiazinha. Mas partis mesmo? A todos, obrigado. Muito obrigado, honesto cavalheiro. Boa noite. - Trazei-me aqui mais tochas! Sendo assim, vou deitar-me. É certo, amigo: já está ficando tarde. Vou deitar-me.

(Saem todos, com exceção de Julieta e a ama.)

JULIETA - Ama, quem é aquele gentil-homem?

AMA - Herdeiro e filho de Tibério, o velho.

JULIETA - E aquele que ora passa pela porta?

AMA - Se não me engano, é o filho de Petrucchio.

JULIETA - E aquele que ali vai, que não dançou?

AMA - Não sei quem seja.

JULIETA - Então vai perguntar-lhe como se chama. Vai! Se for casado, um túmulo será todo o meu fado.

AMA - Romeu é o nome dele; é um dos Montecchios, filho único do vosso grande imigo.

JULIETA - Como do amor a inimizade me arde! Desconhecido e asnado muito tarde. Como esse monstro, o amor, brinca comigo: apaixonada ver-me do inimigo!

AMA - Como assim? Como assim?

JULIETA - Isso é uma rima que aprender fui com quem dancei há pouco.

AMA - Já vamos! Um momento! - Está na hora; já se foram os hóspedes embora.
(*Saem.*)

PRÓLOGO

(*Entra o coro.*)

CORO - Moribundo se encontra o antigo afeto, querendo o novo amor ser seu herdeiro; da beldade fatal o externo aspecto frente a Julieta é monstro verdadeiro. Ama Romeu, sendo também amado. Cada um nos olhos do outro acha feitiço; queixa-se ele do imigo proclamado; na mais pungente dor cria ela viço. Sendo inimigo, acesso junto dela não obtém ele para suas juras; nem ela sabe, como, com cautela, lhe poderá dizer palavras puras. Mas o amor, em tamanha extremidade. sabe fazer da dor felicidade.

ATO II

Cena I

Verona. Um beco junto do muro do jardim de Capuleto. Entra Romeu.

ROMEU - Como afastar-me, se daqui não pode sair meu coração? Dá meia-volta, pesada argila, e o centro teu procura.

(*Escala o muro e salta para o jardim.*)

(*Entram Benvólio e Mercúcio.*)

BENVÓLIO - Romeu! Primo Romeu!

MERCÚCIO - Ele é prudente, por minha fé, e soube achar a estrada para o leito macio.

BENVÓLIO - Em disparada veio até aqui, tendo pulado o muro que dá para o jardim. Chama-o, Mercúcio.

MERCÚCIO - Vou conjurá-lo, sim. Romeu! Capricho! paixão! sujeito louco! enamorado! Vem sob a forma de um gemido fundo; dize uma rima só, que isso me basta. Geme "ai!" e rima "amor" com "trovador", dize à comadre Vênus algo belo; o filho cego e herdeiro dela insulta, Cupido, o moço archeiro que um disparo fez tão airoso, quando o Rei Cofétua se apaixonou de uma mendiga jovem. Não ouve, não se mexe, está parado. O macaco está morto. Vou fazer-lhe um conjuro mais forte. Eu te conjuro pelos olhos sem par de Rosalina, por sua fronte, os lábios escarlates, os delicados pés, as belas pernas, as tremulantes coxas e os domínios adjacentes. Conjuro-te, repito, que, tal como és, em nossa frente surjas.

BENVÓLIO - Se ele te ouve, decerto vais magoá-lo.

MERCÚCIO - Não, isso não o magoa. O que o magoara fora invocar no círculo da amada um espírito estranho e aí deixá-lo até que ela o tivesse exorcismado. Isso sim, poderia aborrecê-lo; mas minha invocação é bela e honesta; o nome digo de sua própria amada, só para que ele possa reanimar-se.

BENVÓLIO - Vamos; ele ocultou-se entre essas árvores, para perto ficar da úmida noite. Seu cego amor diz bem com a escuridão.

MERCÚCIO - Se o amor é cego, nunca acerta no alvo. Agora vai sentar-se sob a fronde de um nespereiro, a desejar que a amada fosse a fruta que as jovens chamam nêspira, quando riem sozinhas. Ó Romeu! se ela fosse um "Et cetera", realmente, bem aberto, e tu, pêra açucarada! Romeu, boa noite! Vou para meu leito de rodas; esta cama de campanha para mim é muito úmida. - Não vamos?

BENVÓLIO - Vamos, então; pois é cansada inútil procurar quem não quer ser encontrado.

Cena II

O mesmo. Jardim de Capuleto. Entra Romeu.

ROMEU - Só ri das cicatrizes quem ferida nunca sofreu no corpo.

(Julieta aparece na janela.)

Mas silêncio! Que luz se escoa agora da janela? Será Julieta o sol daquele oriente? Surge, formoso sol, e mata a lua cheia de inveja, que se mostra pálida e doente de tristeza, por ter visto que, como serva, és mais formosa que ela. Deixa, pois, de servi-la; ela é invejosa. Somente os tolos usam sua túnica de vestal, verde e doente; joga-a fora. Eis minha dama. Oh, sim! é o meu amor. Se ela soubesse disso! Ela fala; contudo, não diz nada. Que importa? Com o olhar está falando. Vou responder-lhe. Não; sou muito ousado; não se dirige a mim: duas estrelas do céu, as mais formosas, tendo tido qualquer ocupação, aos olhos dela pediram que brilhassem nas esferas, até que elas voltassem. Que se dera se ficassem lá no alto os olhos dela, e na sua cabeça os dois luzeiros? Suas faces nitentes deixariam corridas as estrelas, como o dia faz com a luz das candeias, e seus olhos tamanha luz no céu espalhariam, que os pássaros, despertados, cantariam. Vede como ela apoia o rosto à mão. Ah! se eu fosse uma luva dessa mão, para poder tocar naquela face!

JULIETA - Ai de mim!

ROMEU - Oh, falou! Fala de novo, anjo brilhante, porque és tão glorioso para esta noite, sobre a minha frente, como o emissário alado das alturas ser poderia para os olhos brancos e revirados dos mortais atônitos, que, para vê-lo, se reviram, quando montado passa nas ociosas nuvens e veleja no seio do ar sereno.

JULIETA - Romeu, Romeu! Ah! por que és tu Romeu? Renega o pai, despoja-te do nome; ou então, se não quiseses, jura ao menos que amor me tens, porque uma Capuleto deixarei de ser logo.

ROMEU *(à parte)* - Continuo ouvindo-a mais um pouco, ou lhe respondo?

JULIETA - Meu inimigo é apenas o teu nome. Continuarias sendo o que és, se acaso Montecchio tu não fosses. Que é Montecchio? Não será mão, nem pé, nem braço ou rosto, nem parte alguma que pertença ao corpo. Sê outro nome. Que há num simples nome? O que chamamos rosa, sob uma outra designação teria igual perfume. Assim Romeu, se não tivesse o nome de Romeu, conservara a tão preciosa perfeição que dele é sem esse título. Romeu, risca teu nome, e, em troca dele, que não é parte alguma de ti mesmo,

fica comigo inteira.

ROMEU - Sim, aceito tua palavra. Dá-me o nome apenas de amor, que ficarei rebatizado. De agora em diante não serei Romeu.

JULIETA - Quem és tu que, encoberto pela noite, entras em meu segredo?

ROMEU - Por um nome não sei como dizer-te quem eu seja. Meu nome, cara santa, me é odioso, por ser teu inimigo; se o tivesse diante de mim, escrito, o rasgaria.

JULIETA - Minhas orelhas ainda não beberam cem palavras sequer de tua boca, mas reconheço o tom. Não és Romeu, um dos Montecchios?

ROMEU - Não, bela menina; nem um nem outro, se isso te desgosta.

JULIETA - Dize-me como entraste e porque vieste. Muito alto é o muro do jardim, difícil de escalar, sendo o ponto a própria morte - se quem és atendermos - caso fosses encontrado por um dos meus parentes.

ROMEU - Do amor as lestes asas me fizeram transvoar o muro, pois barreira alguma conseguirá deter do amor o curso, tentando o amor tudo o que o amor realiza. Teus parentes, assim, não poderiam desviar-me do propósito.

JULIETA - No caso de seres visto, poderão matar-te.

ROMEU - Ai! Em teus olhos há maior perigo do que em vinte punhais de teus parentes. Olha-me com doçura, e é quanto basta para deixar-me à prova do ódio deles.

JULIETA - Por nada deste mundo desejara que fosses visto aqui.

ROMEU - A capa tenho da noite para deles ocultar-me. Basta que me ames, e eles que me vejam! Prefiro ter cerceada logo a vida pelo ódio deles, a ter morte longa, faltando o teu amor.

JULIETA - Com quem tomaste informações para até aqui chegares?

ROMEU - Com o amor, que a inquirir me deu coragem; deu-me conselhos e eu lhe emprestei olhos. Não sou piloto; mas se te encontrasses tão longe quanto a praia mais extensa que o mar longínquo banha, aventurara-me para obter tão preciosa mercancia.

JULIETA - Sabe-lo bem: a máscara da noite me cobre agora o rosto; do contrário, um rubor virginal me pintaria, de pronto, as faces, pelo que me ouviste dizer neste momento. Desejara - oh! minto! - retratar-me do que disse. Mas fora! fora com as formalidades! Amas-me? Sei que vais dizer-me "sim", e creio no que dizes. Se o jurares, porém, talvez te mostres inconstante, pois dos perjúrios dos amantes, dizem, Jove sorri. Ó meu gentil Romeu! Se amas, proclama-o com sinceridade; ou se pensas, acaso, que foi fácil minha conquista, vou tornar-me ríspida, franzir o sobreceño e dizer "não", porque me faças novamente a corte. Se não, por nada, nada deste mundo. Belo Montecchio, é certo: estou perdida, louca de amor; daí poder pensares que meu procedimento é assaz leviano; mas podeis crer-me, cavalheiro, que hei de mais fiel mostrar-me do que quantas têm bastante astúcia para serem cautas. Poderia ter sido mais prudente, preciso confessá-lo, se não fosse teres ouvido sem que eu percebesse, minha veraz paixão. Assim, perdoa-me, não imputando à leviandade, nunca, meu abandono pronto, descoberto tão facilmente pela noite escura.

ROMEU - Senhora, juro pela santa lua que acairela de prata as belas frondes de todas estas árvores frutíferas...

JULIETA - Não jures pela lua, essa inconstante, que seu contorno circular altera todos os meses, porque não pareça que teu amor, também, é assim mudável.

ROMEU - Por que devo jurar?

JULIETA - Não jures nada, ou jura, se o quiseres, por ti mesmo, por tua nobre pessoa, que é o objeto de minha idolatria. Assim, te creio.

ROMEU - Se o amor sincero deste coração...

JULIETA - Pára! não jures; muito embora sejas toda minha alegria, não me alegra a aliança desta noite; irrefletida foi por demais, precipitada, súbita, tal qual como o relâmpago que deixa de existir antes que dizer possamos: Ei-lo! brilhou! Boa noite, meu querido. Que o hálito do estio amadureça este botão de amor, porque ele possa numa flor transformar-se delicada, quando outra vez nos virmos. Até à vista; boa noite. Possas ter a mesma calma que neste instante se me apossa da alma.

ROMEU - Vais deixar-me sair mal satisfeito?

JULIETA - Que alegria querias esta noite?

ROMEU - Trocar contigo o voto fiel de amor.

JULIETA - Antes que mo pedisses, já to dera; mas desejara ter de dá-lo ainda.

ROMEU - Desejas retirá-lo? Com que intuito, querido amor?

JULIETA - Porque, mais generosa, de novo to ofertasse. No entretanto, não quero nada, afora o que possuo. Minha bondade é como o mar: sem fim, e tão funda quanto ele. Posso dar-te sem medida, que muito mais me sobra: ambos são infinitos.

(A ama chama dentro.)

Ouçõ bulha dentro de casa. Adeus, amor! Adeus! - Ama, vou já! - Sê fiel, doce Montecchio. Espera um momentinho; volto logo.

(Retira-se da janela.)

ROMEU - Oh! que noite abençoada! Tenho medo, de um sonho, lisonjeiro em demasia para ser realidade.

(Julieta torna a aparecer em cima.)

JULIETA - Romeu querido, só três palavrinhas, e boa noite outra vez. Se esse amoroso pendor for sério e honesto, amanhã cedo me envia uma palavra pelo próprio que eu te mandar: em que lugar e quando pretendes realizar a cerimônia, que a teus pés deporei minha ventura, para seguir-te pelo mundo todo como a senhor e esposo.

AMA *(dentro)* - Senhorita!

JULIETA - Já vou! Já vou! - Porém se não for puro teu pensamento, peço-te...

AMA *(dentro)* - Menina!

JULIETA - Já vou! Neste momento! - ... que não sigas com tuas insistências e me deixes entregue à minha dor. Amanhã cedo te mandarei recado por um próprio.

ROMEU - Por minha alma...

JULIETA - Boa noite vezes mil.
(*Retira-se.*)

ROMEU - Não, má noite, sem tua luz gentil. O amor procura o amor como o estudante que para a escola corre: num instante. Mas, ao se afastar dele, o amor parece que se transforma em colegial refece.
(*Faz menção de retirar-se.*)
(*Julieta torna a aparecer em cima.*)

JULIETA - Psiu! Romeu, psiu! Oh! quem me dera o grito do falcoeiro, porque chamar pudesse esse nobre gavião! O cativo tem voz rouca; não pode falar alto, senão eu forçaria a gruta de Eco, deixando ainda mais rouca do que a minha sua voz aérea, à força de cem vezes o nome repetir do meu Romeu.

ROMEU - Minha alma é que me chama pelo nome. Que doce som de prata faz a língua dos amantes à noite, tal qual música langorosa que ouvido atento escuta?

JULIETA - Romeu!

ROMEU - Minha querida?

JULIETA - A que horas, cedo, devo mandar alguém para falar-te?

ROMEU - Às nove horas.

JULIETA - Sem falta. Só parece que até lá são vinte anos. Esqueci-me do que tinha a dizer.

ROMEU - Deixa que eu fique parado aqui, até que te recordes.

JULIETA - Esquecê-lo-ia, só para que sempre ficasses ai parado, recordando-me de como adoro tua companhia.

ROMEU - E eu ficaria, para que esquecesses, deixando de lembrar-me de outra casa que não fosse esta aqui.

JULIETA - É quase dia; desejara que já tivesses ido, não mais longe, porém, do que travessa menina deixa o meigo passarinho, que das mãos ela solta - tal qual pobre prisioneiro na corda bem torcida - para logo puxá-lo novamente pelo fio de seda, tão ciumenta e amorosa é de sua liberdade.

ROMEU - Quisera ser teu passarinho.

JULIETA - O mesmo, querido, eu desejara; mas de tanto te acariciar, podia, até, matar-te. Adeus; calca-me a dor com tanto afã, que boa-noite eu diria até amanhã.

ROMEU - Que aos teus olhos o sono baixe e ao peito. Fosse eu o sono e dormisse desse jeito! Vou procurar meu pai espiritual, para um conselho lhe pedir leal.
(*Sai.*)

Cena III

O mesmo. Cella de frei Lourenço. Entra frei Lourenço com um cesto.

FREI LOURENÇO - Ri para a noite escura a manhã bela e de riscas as nuvens acairela; como um bêbedo, foge cambaleante a escuridão, na estrada do levante, deixando atrás o carro do Titã. Antes, porém, que o sol venha a manhã tornar alegre, com seu olho ardente e o orvalho desmanchar da flor pendente, encher vou de sementes perigosas meu paneiro e de flores venenosas. A terra é a mãe e a tumba da natura; ministra a morte e, assim, apresta a cura. Filhos de vária espécie, no seu seio a mamar encontramos, sem receio; uns, por várias virtudes, excelentes; cada um com a sua, todos diferentes. Oh! é admirável a potente graça que há nas ervas, na flor, na pedra crassa, pois até mesmo o que há de vil na terra algo de bom, influência dela, encerra; nem nada bom existe, que, torcido do uso normal, não se revele infido à própria natureza e nascimento. Té mesmo a alta virtude, num momento, mal aplicada, em vício se transforma, e este, por vezes, ao dever dá a norma. Na corola infantil desta florzinha veneno mora que dá morte asinha. Cheirado, ao corpo todo dá alegria; mas pára o coração no mesmo dia, quando dado a beber. Dois reis potentes nas plantas e nos homens oponentes acampamento têm: a atroz cobiça e a graça benfazeja. Se insubmissa se mostra a pior, então vem logo o verme da morte e rói essa plantinha inerme.

(Entra Romeu.)

ROMEU - Bom dia, meu bom padre.

FREI LOURENÇO -Benedicite! Quem me fala a estas horas? Como! Disse-te algo ruim o coração tão cedo, que te causasse, assim, cuidado ou medo? Nas pálpebras dos velhos o cuidado de guarda sempre está; e onde um soldado desses se encontra, o sono não penetra. Mas cedo ou tarde, em plena noite tetra, quando os membros estende a mocidade despreocupada e livre - bela idade! - domina o sono de ouro. Por tudo isso tua aparência, assim, de pleno viço, nesta hora matutina me assegura que algo escondes de grave na postura. Ou então direi, se acaso em erro estou, que esta noite Romeu não se deitou.

ROMEU - Sim, mas tive um repouso papafina.

FREI LOURENÇO - Ah! Deus que te perdoe; com Rosalina?

ROMEU - Rosalina, bom padre? Que pergunta! Esqueci esse nome e a dor adjunta.

FREI LOURENÇO - És meu bom filho. Então, onde estiveste?

ROMEU - Vou te contar, pois permissão me deste. Fui a casa do nosso grande imigo, onde ferido fui, para castigo, por quem ferir também. Nosso remédio só nos poderá vir por intermédio de teu auxílio e sacra medicina. Santo homem, não agraves minha sina, porque este meu pedido - observa-o bem - a minha imiga amparará também.

FREI LOURENÇO - Sê mais claro, meu filho; a confissão por enigmas não chega à absolvição.

ROMEU - Ouve então, sem me teres por faceto, que amo a filha do rico Capuleto. Meu coração é dela; o dela é meu. Tudo está combinado; no apogeu do amor estamos, só faltando, agora, que nos designes o lugar e a hora para o sagrado enlace. Mais de espaço te contarei, sem alterar um traço, onde nos vimos, como nos falamos e de que modo os votos confirmamos. Mas não conclusas que te falo a esmo; desejo que nos cases hoje mesmo.

FREI LOURENÇO - Por São Francisco! Que mudança é essa? Rosalina adorada e tão depressa posta no esquecimento? O coração no amor dos moços nada influi, senão somente os olhos. Ai! Jesus Maria! Quantas ondas salgadas, noite e dia, a postura banharam-te amarela, só pelo amor de Rosalina bela? Quanta água salsa em vão jogada fora por um amor que ele não sente agora! Não desfez ainda o sol, em muitos giros, os vapores, no céu, de teus suspiros. Sinto ainda tuas queixas nos ouvidos. Eis em tua face, aqui, dos tempos idos, uma lágrima ainda não lavada, que origem teve em tua namorada. Se o mesmo ainda és, que só de amor se fina, foi causa de tudo isso Rosalina. Mudaste tanto? Ouve a sentença amara: cai a mulher, quando o homem não a ampara.

ROMEU - Censuravas o amor a Rosalina.

FREI LOURENÇO - Não o amor, o exagero que se fina.

ROMEU - Disseste que o enterrasse.

FREI LOURENÇO - Não em cova, para aqui fora achar paixão mais nova.

ROMEU - Não me censure, pois a minha amada na afeição não me fica a dever nada, o que com a outra não acontecia.

FREI LOURENÇO - Oh! Explica-se: é que ela bem sabia que o amor era de cor, não soletrava. Mas vem contar-me essa paixão tão brava, meu jovem sonhador. Vem, vem comigo, que nesse lance me terás contigo, pois é possível que tão bela aliança faça mudar esse ódio que não cansa.

ROMEU - Oh! Vamos logo. Estou com muita pressa.

FREI LOURENÇO - Prudência! Quem mais corre mais tropeça.
(*Saem.*)

Cena IV

O mesmo. Uma rua. Entram Benvólio e Mercúcio.

MERCÚCIO - Onde diabo meteu-se esse Romeu? Passou a noite em casa, porventura?

BENVÓLIO - Não na do pai, pois conversei com este.

MERCÚCIO - Oh! é essa mesma Rosalina pálida de coração de pedra que o atormenta, a ponto de deixá-lo quase louco.

BENVÓLIO - Tebaldo, aquele tipo aparentado com o velho Capuleto, enviou uma carta à casa do pai dele.

MERCÚCIO - É um desafio, posso jurar.

BENVÓLIO - Romeu vai responder-lhe.

MERCÚCIO - Qualquer pessoa que saiba escrever, pode responder a uma carta.

BENVÓLIO - Não; ele irá mostrar ao autor da carta como sabe desafiar, quando é desafiado.

MERCÚCIO - Ah! pobre Romeu! Já está morto; apunhalado pelos olhos negros de uma donzela branca;

atravessados tem os ouvidos por uma canção de amor; partida a mais secreta cavilha do coração, pela seta sem barbela do archeiro cego. Será o homem apropriado para enfrentar Tebaldo?

BENVÓLIO - Ora, quem é esse Tebaldo?

MERCÚCIO - Não é nenhum príncipe dos gatos, posso afiançar-vos. Oh! é o valente capitão dos salamaleques. Bate-se como cantais uma ária, por música, sem perder os tempos, nem o compasso, nem o tom. Observa suas pausas: uma, duas... A terceira será em vosso peito. Verdadeiro carniceiro dos botões de seda, um duelista! Um cavaleiro da primeira linha em todas as causas de primeira e segunda categorias. Ah! o imortal "passado!" o "punto reverso!" o ponto "aí!"

BENVÓLIO - O ponto quê?

MERCÚCIO - A peste que carregue esses pelotiqueiros ridículos, que falam cheios de esses e com afetação, esses afinadores de novos tons! "Por Jesus, que lâmina excelente! Que belo rapagão! Que rameira de truz!" Ora, meu velho, não é lamentável que nos vejamos perseguidos por essas moscas estrangeiras, por esses criadores de modas, esses pardonnez-moi que se escarrancham tão bem nas últimas maneiras que nem podem sentar-se comodamente em nossos velhos bancos? Oh, e os seus bien, bien!...

(Entra Romeu.)

BENVÓLIO - Mas sem suas milharas, seco como um bacalhau. Ó carne! carne! como estás peixificada! Agora ele só aprecia as consonâncias derramadas por Petrarca. Comparada com sua dama, Laura não era mais do que uma criada de cozinha - com a breca! - mas teve um amante que sabia rimá-la muito bem; Dido, uma lambisgóia; Cleópatra, uma cigana; Helena e Hero, bruxas e prostitutas; Tisbe, uma sujeitinha de olho cinzento, ou coisa parecida, mas destituída de importância. Signior Romeu, bom dia! Aqui tendes uma saudação francesa para vossas bragas francesas. Esta noite passaste-nos uma bela moeda falsa.

ROMEU - Bom dia para ambos. Que moeda falsa vos passei?

MERCÚCIO - A de vila-diogo, senhor! A de vila-diogo! Não me compreendeis?

ROMEU - Perdão, meu Mercúcio; mas tinha um negócio muito importante em mãos; e num caso desses parece-me lícito forçar um pouco a cortesia.

MERCÚCIO - O que equívale a dizer que num caso como o vosso somos forçados a dobrar a perna.

ROMEU - Sim, por cortesia.

MERCÚCIO - Acertastes com muita galantaria.

ROMEU - É uma exposição muito cortês.

MERCÚCIO - É que eu sou um legítimo alfinete da cortesia.

ROMEU - És um alfinete de flor.

MERCÚCIO - Perfeitamente.

ROMEU - Só assim eu ficaria com os sapatos floridos.

MERCÚCIO - Muito espirituoso. Continua com a pilhéria, até gatares os sapatos, porque quando sua

única sola estiver gasta, ficará também sozinha a tua pilhéria singular.

ROMEU - Isso é que se chama pilhéria de sola fina, e apenas espirituosa por ser isso mesmo.

MERCÚCIO - Corre em meu auxílio, bondoso Benvólio, que sinto o espírito desfalecer.

ROMEU - Chicote e espora nele! Chicote e espora nele! Caso contrário, cantarei vitória.

MERCÚCIO - É natural; se o teu espírito tomar parte na corrida de pato, dou-me antecipadamente por vencido, por teres mais de pato-selvagem em um só dos teus espíritos, do que eu - tenho certeza - em todos cinco. Mas estive lá contigo por causa de algum pato?

ROMEU - Nunca estiveste comigo que não fosse por causa de alguma pata.

MERCÚCIO - Só por essa brincadeira vou morder-te a ponta da orelha.

ROMEU - Não, bondoso pato, não me mordas.

MERCÚCIO - Teu espírito é uma verdadeira maçã agridoce; possui caldo bem picante.

ROMEU - E não irá bem com uma patinha doce?

MERCÚCIO - É espírito de pele de cabrito, que, espichado, vai de uma polegada à largura de um côvado.

ROMEU - Pois vou espichá-lo ainda mais, só por causa dessa largura, que acrescentada ao patinho, prova que não passas de um pato largo.

MERCÚCIO - E não será melhor ser isso do que andar a suspirar de amor? Mas agora, sim, revelas-te sociável. Agora, sim: és homem; agora és o que és, por arte e natureza. Por que esse teu amor disparatado é tal qual um grande idiota que corre a cambalear por aí tudo, para, no fim, esconder sua bugiaria em qualquer buraco.

BENVÓLIO - Pára aí! Pára aí!

MERCÚCIO - Queres que eu corte a minha história e a deixe cotó?

BENVÓLIO - Sim, que do contrário ficaria de rabo muito comprido.

MERCÚCIO - Oh! estás enganado; ficaria curto, pois eu já havia atingido o fundo da história, não tencionando prosseguir no argumento.

ROMEU - Eis aqui um assunto retesado.
(*Entram a ama e Pedro.*)

MERCÚCIO - Uma vela! Uma vela!

BENVÓLIO - Duas! duas! Uma camisa e um casaco.

AMA - Pedro!

PEDRO - Que mandais?

AMA - Meu leque, Pedro.

MERCÚCIO - Sim, Pedrinho, para esconder o rosto; por que dos dois, o leque ainda é o mais passável.

AMA - Deus vos dê bom dia, cavalheiros.

MERCÚCIO - E para vós, boa tarde, bela dama.

AMA - Já é boa tarde?

MERCÚCIO - Não será menos, é o que vos digo, porque a mão obscena do mostrador segura neste momento o ponteiro do meio-dia.

AMA - Ficai longe da minha vista! Que espécie de homem sois?

ROMEU - Um homem, nobre dama, que Deus fez para que ele próprio se estragasse.

AMA - Por minha fé, muito bem dito: "Para que ele próprio se estragasse!" Cavalheiros, algum dos senhores poderá dizer-me onde eu poderei encontrar o jovem Romeu?

ROMEU - Eu posso; mas no instante em que encontrardes o jovem Romeu, ele estará mais velho do que quando o procuráveis. Sou eu o mais moço desse nome, em falta de outro pior.

AMA - Dizeis bem.

MERCÚCIO - Como! O pior, então, está bem? Bem apanhado, de fato. Com argúcia, com muita argúcia.

AMA - Se sois ele mesmo, senhor, desejara ter convosco uma conversa particular.

BENVÓLIO - Deve ser convite para alguma ceia.

MERCÚCIO - Uma alcoviteira, uma alcoviteira, oh! oh!

ROMEU - Que estás farejando nisso?

MERCÚCIO - Não será uma lebre, senhor; a menos que seja alguma lebre de pastel de quaresmas já meio passada e embolorada, antes mesmo de ser comida.

(Canta.) Uma lebre embolorada, uma lebre embolorada na quaresma é um bom petisco. Porém lebre embolorada vale menos do que nada quando cria muito cisco. Romeu, não ides à casa de vosso pai? Vamos jantar lá.

ROMEU - Já vos sigo.

MERCÚCIO - Adeus, antiga dama; adeus. *(Canta.)* Dama, dama, dama...
(Saem Mercúcio e Benvólio.)

AMA - Sim, adeus. Por obséquio, senhor: quem é esse tipo desavergonhado, que só traz velhacarias na cabeça?

ROMEU - É um cavalheiro, ama, que tem prazer em ouvir a própria voz e que em um minuto prometerá mais coisas do que possa realizar em um mês.

AMA - Mas se ele disser algo contra minha pessoa, eu o demolirei, ainda que seja mais forte do que parece, e vinte bobos como ele. E se não puder fazê-lo, saberei encontrar quem o faça por mim. Piolhento! Não sou nenhuma aloucada; não sou dessas doudivanas. *(A Pedro.)* E tu, estás aí e permites

que qualquer velhaco faça de mim o que bem entender?

PEDRO - Nunca vi ninguém fazer de vós o que bem entendesse; que, se o visse, minha espada teria saltado logo da bainha, posso asseverar-vos. Saco da espada com tanta rapidez como qualquer pessoa, sempre que topo com uma boa briga e tenho a lei de meu lado.

AMA - Agora, diante de Deus, fiquei de tal modo colérica, que sinto todo o corpo tremer. Sujeito à-toa! Uma palavra, senhor, por obséquio. Como já vos disse, minha jovem senhora mandou que vos procurasse. O que ela me ordenou que vos dissesse, guardarei dentro de mim. Mas primeiro permiti que vos diga que se pretendeis levá-la para o paraíso dos loucos, como se diz, seria um péssimo procedimento, por assim dizer. Porque a senhorita é jovem, e se fizerdes com ela jogo duplo, realmente, será coisa muito má, para ser feita com uma nobre senhorita, ação muito censurável.

ROMEU - Ama, recomenda-me à tua senhora. Juro-te...

AMA - Oh! que lindeza! Realmente, vou dizer-lhe isso mesmo. Oh Senhor! como ela vai ficar contente!

ROMEU - Mas que é que irás dizer-lhe, ama, se nem ouves o que eu falo?

AMA - Dir-lhe-ei, senhor, que jurastes, o que me parece ser uma promessa de gentil-homem.

ROMEU - Dize-lhe que procure pretexto de hoje à tarde ir confessar-se, que na cela de frei Lourenço ela há de confessar-se e casar. Agora aceita isto pelo trabalho.

AMA - Não, em verdade, senhor; nem uma moedinha.

ROMEU - Vamos, aceita; estou dizendo.

AMA - Esta tarde, senhor. Bem; estará lá.

ROMEU - Boa mulher, espera um pouco. Dentro de uma hora, atrás do muro da abadia irás ver meu criado com uma escada de cordas, que há de me levar ao pico do mastaréu de minha grande dita, na calada da noite. Adeus. Conserva-te fiel que eu saberei recompensar-te. Dá recomendações à senhorita.

AMA - Agora, que Deus do céu te abençoe. Escutai, senhor.

ROMEU - Que disseste, querida ama?

AMA - Poderemos confiar em vosso criado? Pois bem sabeis: dois guardarão segredo, quando um nada souber de todo o enredo.

ROMEU - Posso asseverar-te que o meu homem é tão firme quanto o aço.

AMA - Muito bem, senhor; minha ama é uma senhora muito gentil. Ah, senhor! senhor! Quando ela ainda era uma coisinha tagarela... Oh! na cidade há um nobre, um tal Páris, que de muito bom grado lançaria o seu arpão para abordá-la. Mas aquele coraçãozinho prefere ver um sapo, um sapo de verdade, a olhar para ele. Às vezes eu a deixo irritada com dizer-lhe que não há moço tão bonito quanto Páris. Mas, posso asseverar-vos que sempre que eu digo isso ela se torna tão pálida como qualquer cueiro no mundo universal. Rosmaninho e Romeu não começam pela mesma letra?

ROMEU - Sim, ama. Mas por que isso? Ambos começam por R.

AMA - Isso é rosnado de cão. R é para... Não; sei muito bem que começam por outra letra, tendo ela composto sobre vós e o rosmaninho as mais lindas sentenças que teríeis muito gosto em ouvir.

ROMEU - Recomenda-me à tua senhora.

AMA - Pois não; mil vezes.

(Sai Romeu.)

Pedro!

PEDRO - Que ordenais?

AMA - Pedro, segura meu leque e vai na frente

(Saem.)

Cena V

O mesmo. Jardim de Capuleto.

(Entra Julieta.)

JULIETA - Nove horas o relógio tinha soado, quando eu mandei a ama. Prometeu-me que voltaria dentro de meia hora. Talvez não o encontrasse... Oh! ela é coxa. Como arautos do amor só deveriam servir os pensamentos, que mais céleres dez vezes são que os raios do sol claro, quando as sombras expulsam das colinas. É por isso que o amor sempre é levado por alígeras pombas, e Cupido, como o vento veloz, tem asas lestes. Agora o sol está na altura máxima de seu curso diurno; há das nove horas até às doze três horas demoradas. No entanto, ela não chega. Se dotada fosse ela de paixões e sangue moço, correria veloz como uma bala; minhas palavras a teriam feito lançar-se contra o meu amor, e as dele para mim a jogara. Mas gente velha nunca chega ao porto; é chumbo escuro e lerdo, quase morto.

(Entram a ama e Pedro.) Oh Deus! ei-la, afinal! Que novidades me trouxeste, doce ama? Acaso o viste? Manda embora teu criado.

AMA - Pedro, espera lá fora.

(Sai Pedro.)

JULIETA - Então, mãezinha? Oh Deus! Por que estás triste? Se forem tristes tuas novidades, conta-as alegremente; sendo alegres, não estragues a música, tocando-a com uma cara tão tétrica.

AMA - Deixai-me repousar um momento; estou cansada. Como os ossos me doem! Que corrida!

JULIETA - Quisera que tivesses os meus ossos, e eu, tuas novidades. Vamos; peço-te, boa ama: fala logo.

AMA - Quanta pressa, Jesus! Não podereis esperar nada? Pois então não notais que estou sem fôlego?

JULIETA - Como sem fôlego, se estás com fôlego bastante para me dizer que fôlego não tens para falar? Esse pretexto de tanta dilação é mais comprido do que a história a que serve de desculpa. Tuas notícias são ruins ou boas? Responde-me logo isso, que as minúcias escutarei depois, com mais paciência. Satisfaze-me nisso: más ou boas?

AMA - Bem; fizestes uma escolha muito simples; não sabeis escolher homem. Romeu... Não, ele não!

Conquanto ele tenha o rosto mais bonito do que não importa quem for, suas pernas levam vantagem sobre as de todos os homens. Quanto às mãos, pés e o corpo, muito embora nada se tenha a dizer, estão acima de qualquer confronto. Não é a flor da cortesia; mas, posso asseverar-vos, é manso como um cordeiro. Prossegui nesse caminho, menina e continuai servindo a Deus. Como! já jantaram por aqui?

JULIETA - Não, não; mas isso tudo eu já sabia. E sobre o casamento, que disse ele?

AMA - Oh! que dor de cabeça! Que cabeça, senhor, a minha! Como bate! Creio que estalar vai em vinte pedacinhos. E, do outro lado, as costas! Oh! as costas! Oh! que esse coração seja punido por me ter feito procurar a morte, a galopar sem pausa.

JULIETA - Sim, contrista-me saber que não estás bem. Mas, minha doce, doce ama, que te disse meu amor?

AMA - Vosso amor disse, como cavalheiro honesto e cortês, e bondoso, e belo, e - posso assegurá-lo - virtuoso... Onde está vossa mãe?

JULIETA - Onde está minha mãe? Está lá dentro. Onde podia estar? Oh! que resposta! "Vosso amor diz, qual cavalheiro honesto, onde está vossa mãe?"

AMA - Oh Santa Virgem! Por que tamanho ardor? Ide, vos digo; é essa, somente, vossa cataplasma para meus pobres ossos? De hoje em diante, de vossas comissões cuidai vós mesma.

JULIETA - Quantos rodeios! E Romeu, que disse?

AMA - Podeis ir confessar? Tendes licença?

JULIETA - Tenho.

AMA - Não percais tempo, então, e à cela correi de frei Lourenço, onde um marido achareis que vos vai deixar mulher. Ora vos sobe ao rosto o sangue lúbrico; a qualquer nova, torna-se escarlate. Correi à igreja, que a outra parte eu tenho de ir depressa, prover-me de uma escada, para que vosso amor consiga o ninho do pássaro alcançar, quando for noite. Besta de carga sou de vossa festa, mas a noite um bom peso vos apresta. Vou jantar. Ide à cela bem contrita.

JULIETA - Adeus, querida; é para minha dita.

(*Saem.*)

Cena VI

O mesmo. Cella de frei Lourenço. Entram frei Lourenço e Romeu.

FREI LOURENÇO - Que o céu sorria para este ato santo, sem que horas tristes venham perturbar-nos.

ROMEU - Amém, amém! Porém que venham quantas tristezas vierem, que apagar não podem a troca de alegria que sua vista num minuto me dá. Basta que as mãos nos juntes com palavras consagradas; e que a morte, depois, que o amor devora, faça o que bem quiser. A mim já chega poder chamar-lhe minha.

FREI LOURENÇO - Essas violentas alegrias têm fim também violento, falecendo no triunfo, como a pólvora e o fogo, que num beijo se consomem. O mel mais delicioso é repugnante por sua própria delícia, confundindo com seu sabor o paladar mais ávido. Tem, pois, moderação, que o vagaroso, como o

apressado, atrasam-se do pouso.

(Entra Julieta.)

Eis a dama que chega; uns pés tão leves não gastarão jamais a pedra eterna. O amante pode andar por sobre as teias que no ar balouçam, álares, do estio, sem, contudo, cair; leve é a vaidade.

JULIETA - Para o meu santo confessor, bom dia.

FREI LOURENÇO - Filha, Romeu por nós vai responder-te.

JULIETA - Ele está nisso incluído; do contrário, longo seria quanto ele dissesse.

ROMEU - Ah! Julieta, se cheia como a minha já estiver a medida de teu gozo, e se possuíres a arte de enfeitá-lo, o ar ambiente embalsama com teu hálito, deixando que a variada e rica música de tua língua desdobre a grata imagem da ventura que um do outro recebemos neste encontro feliz.

JULIETA - Mais rico o sentimento em conteúdo do que em palavras, sente-se orgulhoso com a própria essência, não com os ornamentos. São só os mendigos que contar conseguem quanto dinheiro têm. Mas a tal ponto meu amor verdadeiro tomou vulto, que a metade, sequer, não me é possível avaliar do que tenho.

FREI LOURENÇO - Vamos, vamos; simplifiquemos o ato. Aqui, sozinhos, não pretendo deixar-vos um momento, sem que a Igreja celebre o casamento.

(Saem.)

ATO III

Cena I

Verona. Uma praça pública. Entram Mercúcio, Benvólio, pajem e criados.

BENVÓLIO - Peço-te, bom Mercúcio: retiremo-nos. Quente está o dia; os Capuletos andam pela cidade. Caso os encontremos, não poderemos evitar contendas. O sangue ferve nestes dias quentes.

MERCÚCIO - Tu te assemelhas a esses tipos que, mal entram numa taberna, batem com a espada em cima da mesa e gritam: "Queira Deus que eu não venha a ter necessidade de ti!" e que após o efeito do segundo copo, sacam-na contra o taberneiro sem a menor necessidade.

BENVÓLIO - Serei, acaso, um tipo desse gênero?

MERCÚCIO - Vamos, vamos; és tão esquentado como quem mais o for em toda a Itália; muito prontamente raivoso para ser arrebatado.

BENVÓLIO - E a propósito de quê?

MERCÚCIO - Se houvesse mais outro tipo como tu, dentro de pouco tempo não existiria nenhum, porque vos mataríeis mutuamente. És capaz de brigar com um homem por que tem um fio a mais ou a menos na barba do que tu; brigarás com quem estiver quebrando nozes, sem outro motivo além do de teres os olhos cor de nozes. Que olhos, a não serem esses mesmos, seriam capazes de descobrir semelhante briga? Tua cabeça é tão cheia de rixas como de alimento o ovo, se bem que, por causa de brigas, tenha sido batida tantas vezes como clara de ovo. Já brigaste com um homem que tossiu na rua e

despertou o teu cão, que dormia ao sol. Pois não tiveste uma rixa com um alfaiate, só por ter ele vestido um casaco novo, antes da Páscoa? E com outro, por ter amarrado os sapatos novos com cordões usados? Sendo, pois, o que és, pretendes dar-me lições de prudência?

BENVÓLIO - Se eu fosse tão briguento como tu, ninguém compraria os bens alodiais de minha vida, simplesmente por uma hora e um quarto.

MERCÚCIO - Simplesmente? Que simplicidade!

BENVÓLIO - Por minha cabeça, ai vem vindo um Capuleto.

MERCÚCIO - Por meu pé, a mim isso pouco importa.
(*Entram Tebaldo e outros.*)

TEBALDO - Ficai perto de mim, pois vou falar-lhe. Cavalheiros, bom dia; uma palavra com qualquer um de vós.

MERCÚCIO - Só uma palavra com um de nós? Acrescentai mais alguma coisa; que seja uma palavra e uma estocada.

TEBALDO - Haveis de encontrar-me disposto para isso, quando me forneceres oportunidade.

MERCÚCIO - Não achais oportunidade, sem que vo-la ofereçam?

TEBALDO - Mercúcio, tu estás concertado com Romeu...

MERCÚCIO - Concertado? Como! Tomas-nos por músicos? Se nos tomares por músicos, prepara-te para ouvir só desarmonias. Aqui está o arco da minha rabeca, que vos fará dançar. A-la-fé! Concertado!

BENVÓLIO - Estamos conversando numa praça bastante freqüentada. Retiremo-nos para algum ponto à parte ou ide embora, que sobre nós os olhos estão fixos.

MERCÚCIO - Para ver é que os olhos foram feitos. Que nos vejam. Daqui não dou um passo.
(*Entra Romeu.*)

TEBALDO - Ficai em paz, senhores; eis meu homem.

MERCÚCIO - Que me enforquem se ele usa vossa farda. Para o campo segui, que ele irá junto. Nesse sentido, é certo: ele é vosso homem.

TEBALDO - O ódio, Romeu, que me despertas, sabe dizer-te apenas isto: és um vilão.

ROMEU - A razão de te amar, que eu tenho agora, Tebaldo, escusa à saciedade a raiva de uma tal saudação. Não sou o que dizes. Adeus; bem vejo que não me conheces.

TEBALDO - Isso, rapaz, não basta como escusa para quantas injúrias me tens feito. Faze, pois, meia-volta e arranca a espada.

ROMEU - Protesto que jamais te fiz injúria. Tenho-te mais amor do que imaginas, até que saibas o motivo disso. Assim, bom Capuleto - oh nome caro! tão caro quanto o meu - fica contente.

MERCÚCIO - Oh calma submissão, vil e insultuosa! *Alla stoccata!* Decidamos logo.
(*Saca da espada.*)

Tebaldo, caçador de rato, queres dar voltazinhas?

TEBALDO - Que desejas?

MERCÚCIO - Nada mais, meu bom rei dos gatos, além de uma das vossas nove vidas, que tomarei a liberdade de tirar, deixando as outras oito para malhar depois, conforme o tratamento que me derdes. Não vos resolveis a puxar vossa espada pela orelha e tirá-la da bainha? Mas ponde pressa nisso, para que a minha não vos atinja as orelhas antes de ficar de fora a vossa.

TEBALDO - (*sacando da espada*) - Estou ao vosso dispor.

ROMEU - Gentil Mercúcio, guarda a espada.

MERCÚCIO - Vamos, senhor; vosso passado.
(*Batem-se.*)

ROMEU - Benvólio, saca a espada; desarmemo-los. Cavalheiros, que opróbrio! Evitai isso. Oh Mercúcio! Tebaldo! O príncipe proibiu expressamente essas brigas nas ruas de Verona. Tebaldo! Bom Mercúcio!
(*Sai Tebaldo com seus partidários.*)

MERCÚCIO - Estou ferido. A peste caia em vossas casas. Morto! E ele não teve nada? Foi embora?

BENVÓLIO - Como! Foste ferido?

MERCÚCIO - Um arranhão, um arranhão somente; mas já chega. Que leve a breca! E o pajem, onde se acha? Patife, vai buscar um cirurgião.
(*Sai o pajem.*)

ROMEU - Coragem, homem! O ferimento não deve ser profundo.

MERCÚCIO - Não; não é tão fundo quanto um poço, nem tão largo quanto porta de igreja. Mas é o suficiente e quanto basta. Perguntai por mim amanhã, que haveis de encontrar-me bem quieto. Para este mundo já estou salgado, posso afiançar-vos! Um cão, um rato, um camundongo, um pulha, um biltre, que briga segundo as regras da aritmética! Por que diabo vos metestes entre nós? Fui ferido por baixo de vosso braço.

ROMEU - Eu estava bem-intencionado.

MERCÚCIO - Conduze-me, Benvólio, a alguma casa; senão, desmaio. A peste em vossas casas! De mim fizeram pasto para os vermes. Já tenho a minha parte. Vossas casas!
(*Saem Mercúcio e Benvólio.*)

ROMEU - Este fidalgo, próximo parente do príncipe, sincero amigo meu, por mim, tão-só, ferido foi de morte. Minha reputação está manchada com o insulto de Tebaldo, esse Tebaldo que meu parente foi durante uma hora. Doce Julieta! Tua formosura fez de mim um maricas; a coragem do aço se abrande e verga no meu peito.
(*Volta Benvólio.*)

BENVÓLIO - Romeu, Romeu, o bom Mercúcio é morto! Foi para as nuvens esse bravo espírito que desprezou tão cedo o pó terreno.

ROMEU - Hoje o fado somente dá o rebate para que o tempo as dores arremate.

(Volta Tebaldo.)

BENVÓLIO - O furioso Tebaldo está de volta.

ROMEU - Vivo! Em triunfo! E morto o bom Mercúcio? Vai para o céu, brandura respeitosa! Fúria de olhar de fogo, sê meu guia! Tebaldo, ora recebe de retorno o "vilão" que me deste não faz muito, pois a alma de Mercúcio ainda se encontra perto de nossas fontes, aguardando que a tua vá fazer-lhe companhia. Um de nós dois terá, pois, de ir com ele.

TEBALDO - Pobre rapaz, que estavas de seu lado, és tu que vais partir.

ROMEU - Pois decidamos.

(Batem-se; Tebaldo cai.)

BENVÓLIO - Romeu, fuge depressa! Os cidadãos se amotinaram. Morto está Tebaldo. Não fiques aturdido, pois o príncipe vai condenar-te à morte, se encontrado fores aqui. Despacha-te depressa!

ROMEU - Sou o bobo da fortuna.

BENVÓLIO - Foge! Ora essa!

(Sai Romeu.)

PRIMEIRO CIDADÃO - Para onde foi o que matou Mercúcio? O assassino, Tebaldo, onde se encontra?

BENVÓLIO - Tebaldo? Aqui.

PRIMEIRO CIDADÃO - Em nome, então, do príncipe, vos intimo, senhor; vinde comigo.

(Entra o príncipe, com séqüito; Montecchio, Capuleto, suas esposas e outras pessoas.) PRÍNCIPE - Quem desafiou, assim, o meu castigo?

BENVÓLIO - Dizer-te posso, ó príncipe, a maneira por que teve começo esta cegueira. Pelo jovem Romeu ali se encontra morto o homem que matou o teu parente, nosso bravo Mercúcio.

SENHORA CAPULETO - Como! O primo Tebaldo? O filho do meu caro irmão? Primo, marido, príncipe, no chão vejo o sangue correr de um meu parente. Se veraz fores, príncipe, realmente, sangue desses Montecchios há de, agora, ser também derramado, sem demora. Oh primo! primo!

PRÍNCIPE - Quem deu começo à luta dolorida?

BENVÓLIO - Tebaldo, que Romeu deixou sem vida; Romeu, que lhe falou com termos brandos, com ele instando para que pensasse na ausência de motivo da querela, tendo invocado, até, vosso desgosto, tudo isso com voz doce, olhar tranqüilo e ademanos corteses, sem que tréguas conseguisse alcançar da grande cólera do furioso Tebaldo, que com aço pontiagudo visava uma e mais vezes o peito de Mercúcio valoroso. Este, só chamas, ponta opõe a ponta; com desprezo marcial, a fria morte faz afastar com uma das mãos, ao tempo em que com a outra a devolvia célere ao peito de Tebaldo que, habilmente, de retorno lhe enviava. Em altas vozes Romeu gritava: "Amigos, separai-vos !" E mais rápido, ainda, que sua língua, seu ágil braço desviava as pontas, entre ambos se interpondo. Mas por baixo do braço dele um golpe malfadado de Tebaldo a existência atinge em cheio do valente Mercúcio. Então Tebaldo se põe em fuga, mas retorna logo para Romeu, que, nesse instante, havia concebido a vingança. Mais velozes que o raio se engalfinham e, assim, antes de eu poder separá-los, cai sem vida o valente Tebaldo, a cuja

vista Romeu fugiu. Se nisto houver maldade, vivo Benvólio prosseguir não há de.

SENHORA CAPULETO - Parente é dos Montecchios; bom serviço presta aos seus com mentir-vos em tudo isso. Foi de vinte, no mínimo, a sortida, para tirar apenas uma vida. Justiça, príncipe! e que seja breve: Romeu matou Tebaldo; morrer deve.

PRÍNCIPE - Matou quem a Mercúcio antes matara. Quem paga o preço dessa vida cara?

MONTECCHIO - Príncipe, não Romeu; ele era amigo de Mercúcio; só fez dar o castigo que a própria lei impunha: incontinenti dando a morte a Tebaldo imprevidente.

PRINCIPE - Por essa transgressão de nosso edito ficará de Verona já proscrito. Vosso ódio atinge a mim, também, de perto; sangra-me o coração por ele aberto. Mas hei de vos impor a pena dura que minha dor desde hoje vos augura. Surdo serei a escusas e pedidos; nem lágrimas nem preces os ouvidos poderão abalar-me. Assim, com pressa fazei Romeu partir; ordem é expressa. Porque se acaso nisso houver demora, ouvido ele terá sua última hora. Levai o corpo. O excesso de demência causa mortes também, por imprudência.

(Saem.)

Cena II

O mesmo. Jardim de Capuleto. Entra Julieta.

JULIETA - Correi, correi, corcéis de pés de fogo, para a casa de Febo. Um condutor como Faetonte vos teria há muito tocado para o poente e, na mesma hora, trazido a noite escura. Espalha tua cortina, ó noite, guarda dos amores, porque os olhos curiosos nada vejam e a estes braços Romeu se precipite, de manso e sem ser visto. Os namorados enxergam no ato do amoroso rito, pela própria beleza; ou então, se é cego, de fato, o amor, diz bem com a negra noite. Vem, noite circumspecta, com teu manto de matrona severa, todo preto, e me ensina a perder uma partida que já está ganha e em que se jogam duas virgindades sem mancha. Ao rosto sobe-me o sangue tímido; em teu manto envolve-o, até que o amor esquivo, já se tendo tornado corajoso, só inocência veja no ato do amor sincero e puro. Vem, noite! Vem, Romeu! tu, noite e dia, pois vais ficar nas asas desta noite mais branco do que neve sobre um corvo. Vem, gentil noite! vem, noite amorosa de escuras sobranceiras! Restitui-me o meu Romeu, e quando, mais adiante, ele vier a morrer, em pedacinhos o corta, como estrelas bem pequenas, e ele a face do céu fará tão bela que apaixonado o mundo vai mostrar-se da morte, sem que o sol esplendoroso continue a cultuar. Comprei a casa de um amor, sem estar na posse dela; vendida embora me ache, possuída não fui ainda. Tão tedioso e lento é este dia, tal como a noite em véspera de alguma grande festa para criança impaciente que tenha roupa nova, mas não possa vesti-la. Oh! aí vem a ama.

(Entra a ama, com cordas.)

Traz novidades, sim. Todas as línguas que só sabem dizer Romeu, Romeu, falam com eloquência celestial. Então, ama, que é que há? Que trazes aí? As cordas de Romeu?

AMA - Sim, sim; as cordas.

(Atira-as ao chão.)

JULIETA - Ai de mim! Que acontece? Por que torces as mãos dessa maneira?

AMA -- Oh dia! Oh dia! Morreu! morreu! morreu! Oh! dia! Estamos perdidas, senhorita! Sim! perdidas! Mataram-no! Que dia! Está sem vida!

JULIETA - Tão invejoso o céu pode mostrar-se?

AMA - Romeu o pode, embora o céu não possa. Oh Romeu! Oh Romeu! Quem poderia ter pensado em tal coisa?

JULIETA - Por que diabo me atormentas assim? Essa tortura rugida deveria ser no inferno. Suicidou-se Romeu? Basta dizeres "sim" que essa palavrinha mais veneno para mim conterà do que a mirada fatal do basilisco. Morta me acho, se esse "sim" existir, se já estiverem sem vida os olhos que esse "sim" indicam. Já morreu? Vive? Dize "sim" ou "não"; um som é tudo para o coração.

AMA - Vi a ferida, vi com estes olhos - Deus nos acuda! - em seu valente peito. Pobre cadáver! pobre e ensangüentado; pálido como cinza, recoberto de coágulos de sangue. A esse espetáculo desmaiei.

JULIETA - Coração, então estala! Ide para a prisão, olhos ociosos, porque não mais vereis a liberdade. Argila vil, a morte aqui não erra; que em Romeu e em ti pese a mesma terra.

AMA - Ó Tebaldo, Tebaldo! grande amigo! Ó Tebaldo polido, cavalheiro de grande honestidade! Ter eu vida para morto te ver!

JULIETA - Que tempestade de golpes tão atravessados? Morto foi Romeu e Tebaldo está sem vida? Meu caro primo, meu querido esposo? Então, fatal trombeta, soa o juízo final! Quem poderá ficar com vida, se os dois mortos estão?

AMA - Assassinado foi Tebaldo, e Romeu se acha banido; tendo-o matado, logo foi banido.

JULIETA - Deus! A mão de Romeu derramou o sangue de meu primo Tebaldo?

AMA - Derramou, derramou. Oh! que dia! Derramou.

JULIETA - Oh coração serpente, mascarado com feições de uma flor! Em algum tempo dragão já houve em cova tão formosa? Monstro atraente, angélico demônio, corvo de belas penas, cordeirinho devorador como o insaciável lobo, substância desprezível de aparência mais que divina, justamente o oposto do que mostravas ser! Santo maldito, muito honrado vilão! Ó natureza, que tinhas a fazer no negro inferno, quando puseste um infernal espírito no mortal paraíso de uma carne tão bela e tão perfeita? Já houve livro de matéria tão vil, que encadernado fosse com tanto esmero? Oh! que a mentira tenha morada num palácio desses!

AMA - Nos homens não há fé, não há confiança, nenhuma honestidade. Todos eles são mentirosos, falsos e perjuros. Não valem nada. Onde está meu criado? Dêem-me aqua vitae. Todas estas dores, estas tristezas me deixaram velha. Caia o opróbrio em Romeu!

JULIETA - Que tua língua de pústulas se cubra, por haveres formulado esse voto! Para o opróbrio não nasceu ele. Sobre sua fronte o opróbrio se envergonha de sentar-se, pois é trono em que pode ser coroada a honra como monarca incontestável da terra universal. Oh! fui autêntico animal, por haver falado dele.

AMA - Elogiais quem matou vosso parente?

JULIETA - Poderei falar mal de meu marido? Ah! meu pobre senhor, que língua pode teu nome acariciar, se eu, há três horas apenas, tua esposa, o mutilei? Mas por que deste a morte, miserável, a meu primo? É que o primo miserável teria dado a morte a meu marido. Voltai, lágrimas tolas, para vossa fonte de origem; à tristeza são devidas as gotas tributárias que por engano ofereceis ao riso. Vivo está meu

esposo, que Tebaldo desejava matar; morto, Tebaldo, que teria matado meu marido. Isso consola. Então, por que chorar? Mas há uma palavra pior ainda que a morte de Tebaldo e que me mata. Desejara esquecê-la; mas, oh dor! pesa-me na memória: "Assassinado foi Tebaldo e Romeu se acha banido!" Essa palavra só, esse "banido", matou dez mil Tebaldos. Essa morte de Tebaldo já fora dor bastante, se terminasse aí, Ou, ainda mesmo que a dor amarga amasse a companhia, e acompanhada se fizesse sempre de outras desgraças, por que causa, quando ela disse: "Tebaldo está sem vida", não se seguiu, também: "teu pai foi morto", ou "tua mãe", ou ambos, sim, que fora razão de sobra para as ordinárias lamentações? Mas vindo a retaguarda da morte de Tebaldo com este título: "Romeu banido foi", não há limite, medida, fim, nem termo para a morte dessa palavra. Tudo está sem norte. Meus pais, ama, onde estão?

AMA - A morte fria de Tebaldo lastimam neste dia. Quereis ir vê-los? Posso conduzir-vos.

JULIETA - Eles lavam com lágrimas doridas o corpo de Tebaldo. Mais sentidas as minhas correrão neste momento para chorar do amor o banimento. Junta estas cordas. Ai! fostes logradas, assim como eu, ó cordas malfadadas! porque Romeu agora está no exílio. Ele contava com o vosso auxílio para chegar até meu virgem leito; mas viúva vai achar-me, deste jeito. Vem, ama; traze as cordas, pois à morte, não a Romeu me liga a triste sorte.

AMA - Recolhei-vos a vossos aposentos. Hei de encontrar Romeu, para trazer-vos algum consolo. Sei onde se encontra. Ficai certa de tê-lo aqui esta noite. Vou buscá-lo já já. Está escondido na cela de Lourenço.

JULIETA - Oh! traze-o logo! Dá-lhe este anel e dize ao meu amado que me venha trazer o último adeus. *(Saem.)*

Cena III

O mesmo. Cela de frei Lourenço. Entra frei Lourenço.

FREI LOURENÇO - Romeu, vem cá, homem medroso! As aflições de ti se enamoraram. Desposaste a desgraça. *(Entra Romeu.)*

ROMEU - Padre, que novidades? E a sentença do príncipe, qual foi? Qual é a tristeza que eu ainda não conheço e que deseja tocar-me a mão de perto?

FREI LOURENÇO - O meu querido filho por demais íntimo se mostra com essas companhias tão adversas. Vou contar-te o que foi que disse o príncipe, qual foi sua sentença,

ROMEU - Não teria sido o juízo final sua sentença?

FREI LOURENÇO - Dos lábios lhe saiu uma sentença mais branda: não a morte para o corpo, mas o exílio do corpo.

ROMEU - Exílio! exílio! Sê clemente, dizendo logo "morte", pois mais horror contém no olhar o exílio que a própria morte. Assim, não me repitas essa palavra: "Exílio".

FREI LOURENÇO - Estás banido de Verona. Reveste-te de calma, pois o mundo é bastante grande e largo.

ROMEU - Mundo não pode haver fora dos muros de Verona, mas dores, purgatório, o próprio inferno. Estar aqui banido, é banido também estar do mundo, e semelhante banimento é a morte. Alcinha, assim, da morte é "banimento", Dando à morte esse nome, com machado de ouro a cabeça me apartais do tronco rindo do golpe que me tira a vida.

FREI LOURENÇO - Oh pecado mortal! Oh rude e absurdo desagrado! Nossas leis dão o nome de morte à tua falta, Mas o benigno príncipe, tomando teu partido, a lei pôs de lado, logo, e em exílio mudou o escuro termo. É graça, e grande, e tu não queres vê-la!

ROMEU - É tortura, não graça. O céu se encontra onde Julieta vive. Um simples gato, um ratinho, um cachorro, as coisas ínfimas aqui vivem no céu e podem vê-la. Mas não o pode Romeu. Mais importância, mais dignidade, mais cortesia se acham nas varejeiras dos monturos, que no pobre Romeu. Tocar conseguem no cândido milagre da querida mão de Julieta e mortal bênção podem dos lábios lhe roubar que, com modéstia pura e vestal, corados ainda ficam por julgarem que os beijos são pecado. As moscas fazem isso; e eu sou forçado a muscar-me daqui; são povo livre; eu, banido. E ainda dizer que esse exílio não significa a morte? Não possuis mistura venenosa, faca afiada, ou qualquer meio rápido de morte, por mais baixo que seja e que me mate, tirante esse "banido"? Ora, banido! Ó frade! essa palavra os condenados usam no inferno e de urros a acompanham. Na qualidade de homem santo, sendo, como és, um confessor, que tem poderes para perdoar pecados, meu amigo declarado, pretendes esmagar-me com esse termo: "Banido"?

FREI LOURENÇO - Homem sem juízo, ouve-me ao menos uma palavrinha.

ROMEU - Oh! vais falar de exílio novamente.

FREI LOURENÇO - Vou emprestar-te uma armadura, para esse termo amparar: filosofia, o leite doce e são da adversidade, que te há de confortar, embora estejas, em verdade, banido.

ROMEU - Mas, "banido"! Põe a filosofia numa forca, a menos que a filosofia possa fazer uma Julieta, uma cidade mudar, ou deixar irritado um decreto. Se não, de nada vale, para nada pode servir-me. Não me fales nisso.

FREI LOURENÇO - Vejo que os loucos não possuem orelhas.

ROMEU - Como tê-las, se os sábios não têm olhos?

FREI LOURENÇO - Deixa-me discorrer sobre o teu caso.

ROMEU - Falar não podes sobre o que não sentes. Se, como eu, fosses moço; se Julieta te pertencesse, por se ter tornado tua esposa há uma hora; se tivesses morto Tebaldo, e louco, apaixonado como eu te visses: bem, assim podias falar, arrepelar a cabeleira, jogar-te ao solo como o faço agora, para dar a medida de uma cova que ainda vai ser aberta.

(Batem dentro.)

FREI LOURENÇO - Estão batendo, Romeu. Levanta-te depressa e esconde-te.

ROMEU - Não; a menos que o sopro dos gemidos do coração, à guisa de neblina, me ocultasse da busca dos olhares.

(Batem.)

FREI LOURENÇO - Escuta! Estão batendo novamente. - Quem está aí? - Romeu, Romeu, levanta-te. Podes ser preso. - Um momentinho apenas. -

(*Batem.*) Levanta-te! Esconde-te em meu quarto. - 75 Já vou! Já vou! - Por Deus, como és teimoso! - (*Batem.*) Já vou! Quem bate com tamanha força? Da parte de quem vindes? Que quereis?

AMA - (*dentro*) - Deixai-me entrar, para que eu dê o recado. A senhora Julieta é que me manda.

FREI LOURENÇO - Bem-vinda sois, então.

(*Entra a ama.*)

AMA - O santo frade, dissei-me, santo frade, onde se encontra o senhor de minha ama? Onde está ele? Romeu, que é dele?

FREI LOURENÇO - Ali, jogado ao solo, embriagado por suas próprias lágrimas.

AMA - Oh! justamente o caso de minha ama! Justamente o seu caso.

FREI LOURENÇO - Oh simpatia dolorosa, terrível situação!

AMA - Ela está justamente assim, deitada, chorando e lastimando-se, chorando sem parar. Levantai-vos! levantai-vos! Sede homem, por amor, sim, de Julieta. Por que vos consumirdes em lamentos?

ROMEU - Ama?

AMA - Ah meu senhor! A morte é o fim de tudo.

ROMEU - Fala-me de Julieta. Como pensa? Não me julga assassino inveterado, pelo fato de eu ter manchado a infância de nossa grande dita com um sangue tão próximo do seu? Onde está ela? Que faz? Que diz minha secreta esposa do nosso amor destruído?

AMA - Oh! não diz nada, senhor; mas chora, chora sem parar. Ora se joga ao leito, ora levanta-se, chama "Tebaldo", grita o vosso nome, e cai de novo.

ROMEU - Como se esse nome, por um canhão contra ela disparado, lhe desse a morte, como a mão maldita de tal nome o fizera com seu primo. O frade, diz-me: em que parte abjeta de minha anatomia está meu nome? Dize, que eu saquearei, no mesmo instante, a casa do inimigo.

(*Saca da espada.*)

FREI LOURENÇO - Detém essa desesperada mão. Acaso és homem? Tua postura o afirma, mas as lágrimas são de mulher, mostrando esses teus atos desesperados o furor selvagem dos próprios animais. Ó deformada mulher, sob a aparência de um mancebo, ou animal deturpado, sob a forma de ambos: pasmado estou. Pela minha ordem sagrada: sempre fiz outro juízo de teu temperamento. Não mataste Tebaldo? Agora queres suicidar-te e, assim, matar a tua própria esposa, que de tua vida vive, revertendo contra ti próprio esse ódio amaldiçoado? Por que insultas o berço, o céu e a terra? O berço, o céu e a terra unidos se acham em ti, e de uma vez perdê-los queres? Ora, envergonhas tua forma, o espírito, o amor, que em barda tens, como usurário, sem que nada uses no seu vero emprego para te ornar a forma, o amor, o espírito. Tua nobre figura é como imagem de cera, se o vigor viril lhe falta; teu amor tão prezado, oco perjúrio que mata o amor que proteger juraste; o espírito, esse ornato da postura, como do amor, se encontra deformado pela conduta de ambos, como pólvora no frasco de um soldado inexperiente, que por tua própria ignorância explode, com tuas próprias armas desmembrando-te. Vamos, homem: levanta-te!

Está viva tua Julieta, por quem te achas quase no ponto de morrer. Estás com sorte. Tebaldo quis matar-te; a morte deste-lhe. Nisso foste também mui venturoso. A lei se mostra tua amiga, a pena de morte atenuando para exílio: outra ventura. Sobre o dorso um fardo de bênçãos te caiu. Com seus mais ricos atavios te vem fazendo a corte sempre a felicidade; mas no jeito de um rapaz não polido e caprichoso, com a sorte e o amor amuado te revelas. Toma cuidado! Quem assim procede, acaba sempre mal. Vamos, levanta-te! Vai ter com teu amor, como assentamos. Escala o quarto e leva-lhe conforto. Tem cautela, porém; não te demores até que venham iniciar a guarda, porque então para Mântua não saíras, que é onde vais viver até que achemos a hora oportuna de anunciar as bodas, a reconciliação fazer de todos os vossos conhecidos, e a demência do príncipe alcançar, para chamar-te, finalmente, de volta, retornando tu com cem vezes mil mais alegrias do que tinhas de dores ao partires. Ama, segue na frente. Recomenda-me à senhorita e dize-lhe que cuide de mandar para a cama toda a casa, a isso disposta pelos cruéis eventos. Romeu vai logo.

AMA - Oh Deus! Aqui ficara toda a noite, para ouvir bons conselhos. Quanto vale, quanto, a instrução! Senhor, à senhorita anunciarei vossa ida.

ROMEU - Sim, e dize-lhe que se prepare para repreender-me.

AMA - Eis um anel, senhor, por ela entregue para que vo-lo desse. Vamos, vinde depressa que já está ficando tarde.

(*Sai.*)

ROMEU - Como isto o coração me fortalece!

FREI LOURENÇO - Saí, boa noite, e toda vossa dita sabeis depende disto: ou saí antes de iniciarem a guarda, ou, muito cedo disfarçado, deixai nossa cidade. Ficai em Mântua, que eu acharei meios de encontrar vosso criado. Ele vos há de com freqüência levar as boas novas do que se for passando em nosso meio. Dai-me a mão. Passai bem, Há pressa. Adeus.

ROMEU - Não fosse a dita me levar daqui, sentira dor em me afastar de ti. Adeus.

(*Saem.*)

Cena IV

O mesmo. Um quarto da casa de Capuleto. Entram Capuleto, a senhora Capuleto e Páris.

CAPULETO - As coisas, meu senhor, tomaram rumo tão infeliz, que tempo não tivemos de advertir nossa filha. Vede bem: dedicava afeição sincera ao primo Tebaldo. Tal como eu. Bem; só nascemos para morrer. Já é muito tarde; agora ela não descerá. Posso afiançar-vos que, se não fosse vossa companhia, há uma hora já me houvera recolhido.

PÁRIS - Este tempo de dor não é propício para a corte fazermos. Bem, despeço-me. Senhora, passai bem. A vossa filha recomendai-me.

SENHORA CAPULETO - Farei isso mesmo. Saberei cedo o pensamento dela. Hoje ela está na dor enclausurada.

CAPULETO - Senhor Páris, atrevo-me a afiançar-vos o amor de minha filha. Ela se deixa, quero crer, dirigir por mim em tudo. Sim, estou certo disso. Ao quarto dela subi, mulher, antes de vos deitardes.

Contai-lhe o amor de nosso filho Páris e, notai bem, contai-lhe que na próxima quarta-feira... Porém, que dia é hoje?

PÁRIS - Segunda, meu senhor.

CAPULETO - Ah! ah! Segunda! Muito bem. Quarta-feira é muito cedo. Será na quinta. Sim, comunicai-lhe que ela desposará na quinta-feira este mui nobre conde. Estareis pronto? Aprovais tanta pressa? Não faremos muito barulho; uns dois ou três amigos, nada mais, ora vede; porque, tendo sido morto Tebaldo, há pouco tempo, poderemos dar azo a que se pense que não lhe dedicávamos estima como a parente, e que comemos muito. Por isso reuniremos uma dúzia de amigos, tão-somente, e... ponto nisso. E agora que dizeis de quinta-feira?

PÁRIS - Senhor, quisera que essa quinta-feira já fosse amanhã mesmo.

CAPULETO - Podeis ir. Muito bem. Pois que seja quinta-feira. Antes de vos deitar, ide falar-lhe. Preparai-a para esse casamento. Adeus, senhor. Olá! Luz no meu quarto! Aqui, primeiro! Aqui! Já é tão tarde, que, com mais um pouquinho, poderemos dizer que é cedo. Bem, adeus. Boa noite.
(*Saem.*)

Cena V

O mesmo. Quarto de Julieta. Entram Romeu e Julieta.

JULIETA - Já vais partir? O dia ainda está longe. Não foi a cotovia, mas apenas o rouxinol que o fundo amedrontado do ouvido te feriu. Todas as noites ele canta nos galhos da romeira. É o rouxinol, amor; crê no que eu digo.

ROMEU - É a cotovia, o arauto da manhã; não foi o rouxinol. Olha, querida, para aquelas estrias invejosas que cortam pelas nuvens do nascente. As candeias da noite se apagaram; sobre a ponta dos pés o alegre dia se põe, no pico das montanhas úmidas. Ou parto, e vivo, ou morrerei, ficando.

JULIETA - Não é do dia aquela claridade, podes acreditar-me. É algum meteoro que o sol exala, para que te sirva de tocheiro esta noite e te ilumine no caminho de Mântua. Assim, espera. Não precisas partir assim tão cedo.

ROMEU - Que importa que me prendam, que me matem? Serei feliz, assim, se assim o quiseres. Direi que aquele ponto acinzentado não é o olho do dia, mas o pálido reflexo do diadema da alta Cíntia, e também que não foi a cotovia, cujas notas a abóbada celeste tão longe ferem sobre nossas fronteiras. Ficar é para mim grande ventura; partir é dor. Vem logo, morte dura! Julieta quer assim. Não, não é dia.

JULIETA - É dia; fuge! A noite se abrevia. Depressa! É a cotovia, sim, que canta desafinada e rouca, discordantes modulações forçando e insuportáveis. Dizem que ela é só fonte de harmonia; não é assim, pois ora nos divide. Há quem diga que o sapo e a cotovia mudam os olhos. Oh! quisera agora que ambos a voz também trocadas houvessem, pois ela nos separa e, assim tão cedo, como grito de caça mete medo. Oh vai! A luz aumenta a cada instante.

ROMEU - A luz? A escuridão apavorante.
(*Entra a ama.*)

AMA - Senhora!

JULIETA - Ama?

AMA - Vossa mãe se dirige para cá. Sede prudente; já raiou o dia, como podereis ver.
(*Sai.*)

JULIETA - Então, janela, que o dia entre no quarto e a vida fuja.

ROMEU - Adeus, adeus! Um beijo, e desço logo.
(*Desce.*)

JULIETA - Já foste? Meu senhor! Amor! Amigo! Notícias quero ter todas as horas, porque um minuto encerra muitos dias. Fazendo a conta assim, ficarei velha antes de ver de novo o meu Romeu.

ROMEU - Adeus. Não deixarei passar um só momento sem te mandar contar o meu tormento. JULIETA - Oh! pensas mesmo que ainda nos veremos?

ROMEU - Não o duvides; todas estas dores nos servirão ainda unicamente para doces deixar nossos colóquios.

JULIETA - Oh Deus! Um coração tenho agourento. Vendo-te assim, tão longe, só parece que estás sem vida, dentro de um sepulcro. Ou vejo mal, ou estás, realmente, pálido.

ROMEU - Podes crer-me, querida; de igual modo tu me pareces. A aflição sedenta nos bebe todo o sangue. Adeus! Adeus!
(*Sai.*)

JULIETA - Ó fortuna! fortuna! Os homens todos de inconstante te chamam. Se inconstante fores, mesmo, que tens a ver com ele, pela fidelidade tão famoso? Sê inconstante, fortuna, pois espero que em vez de o seqüestres muito tempo, logo o farás voltar.

SENHORA CAPULETO (*dentro*) - Ó filha! filha! Já estás de pé?

JULIETA - Quem é que está chamando? É minha mãe? Não se deitou ainda, ou já acordou tão cedo? Qual o insólito motivo que a faz vir falar-me agora?
(*Entra a senhora. Capuleto.*)

SENHORA CAPULETO - Então, Julieta, como estás?

JULIETA - Senhora, não estou boa.

SENHORA CAPULETO - Ainda a chorar te achas a morte de teu primo? Acaso queres com lágrimas tirá-lo do sepulcro? Inda que o conseguisses, impossível te fora dar-lhe vida. Assim, deixa isso. Alguma dor é indício de amizade; mas muito choro indica pouco espírito.

JULIETA - Mas deixai-me chorar tão grande perda.

SENHORA CAPULETO - Sentis a perda, apenas, não o amigo, cuja perda chorais.

JULIETA - Sentindo a perda tanto assim, outra coisa não me resta senão chorar o amigo.

SENHORA CAPULETO - Sim, menina; não choras tanto pela morte dele, como porque está vivo o miserável que da vida o privou.

JULIETA - Que miserável, minha senhora?

SENHORA CAPULETO - Esse vilão Romeu.

JULIETA (*à parte*) - Vilão e ele estejam separados por milhares de léguas. - Que perdoado seja por Deus como por mim já o foi. Contudo, homem nenhum tanto, como ele, me oprime o coração.

SENHORA CAPULETO - É que esse biltre, esse assassino ainda está com vida.

JULIETA - Sim, e longe do alcance destas mãos. Oh! se eu, tão-só, vingar pudesse a morte do meu querido primo!

SENHORA CAPULETO - Ainda haveremos de vingá-lo; por isso não te aflijas. Pára, pois, com essas lágrimas. A Mântua, exílio onde se encontra o renegado, mandarei quem lhe dê uma bebida tão fora do comum, que logo ele há de companhia fazer para Tebaldo. E assim, espero-o, ficarás contente.

JULIETA - Decerto, nunca ficarei contente com Romeu sem o ter em frente - morto. Assim meu pobre coração lamenta a perda de meu primo. Se pudésseis, senhora, achar uma pessoa, ao menos, que levasse o veneno, eu o preparara de modo que Romeu, tomando-o, logo repousaria em paz. Oh! como sente meu coração ouvir-lhe o nome odioso, sem conseguir aproximar-me dele para vingar o amor que eu dedicava ao meu primo Tebaldo, sobre o corpo de quem o assassinou.

SENHORA CAPULETO - Encontra os meios, que eu acharei esse homem. Mas agora vim trazer-te notícias mais alegres.

JULIETA - Vem a tempo a alegria em tal tristeza. E em que consistem essas alegrias, minha senhora, poderei sabê-lo?

SENHORA CAPULETO - Bem, bem, menina; tens um pai zeloso, que para te livrar dessa tristeza excogitou um dia de alegria como nem tu esperas, nem eu própria poderia pensar.

JULIETA - Oh! vem a tempo! Mas, senhora, que dia será esse?

SENHORA CAPULETO - Filha, vê só! Na quinta-feira próxima na igreja de São Pedro o conde Páris, valente moço e nobre gentil-homem, para sua ventura, alegre noiva te fará finalmente.

JULIETA - Ora, por essa igreja de São Pedro, e por São Pedro, de mim não fará ele noiva alegre. Estranho tanta pressa; por esposo ter eu de receber uma pessoa antes até de me fazer a corte! Dizei, senhora, a meu senhor e pai, que não quero casar; é muito cedo; e que, quando o fizer, posso jurá-lo, antes escolherei Romeu, que odeio como bem o sabeis, que o conde Páris. Eis aí novidade de primeira.

SENHORA CAPULETO - Aí vem vosso pai; dizei-lhe tudo isso vós mesma e vede as conseqüências.
(*Entram Capuleto e a ama.*)

CAPULETO - Quando o sol morre, o céu chuveja orvalho; mas na morte do filho de meu mano chove torrencialmente. Então, menina, que goteira é essa? Ainda e sempre em lágrimas? Que é isso? Sempre a chover? Num corpo pequenino, o mar imitar queres, barco, ventos? Pois teus olhos, a que de mar eu chamo, fluxo e refluxo mostram, só de lágrimas; teu corpo é o barco nesse mar salgado; teus suspiros, os ventos, que em conflito permanente com as lágrimas se encontram e que hão de soçobrar-te o frágil corpo tão maltratado pela tempestade, se não fizer a tempo calmaria. Então, mulher: falastes-lhe a respeito de nossa decisão?

SENHORA CAPULETO - Sim, conversamos. Ela, porém, com isso não concorda. Muito vos agradece. Eu desejava que essa tola casasse com seu túmulo.

CAPULETO - Mais devagar, mulher! Levai-me junto! Como! Não quer casar? E ainda agradece? Não se sente orgulhosa? Não se julga muito feliz - sendo, como é, indigna - por lhe termos obtido um noivo desses, tão digno gentil-homem?

JULIETA - Orgulhosa não estou, mas vos sou agradecida. Não posso ter orgulho do que odeio; mas agradeço justamente esse ódio que significa amor.

CAPULETO - Que quer dizer tudo isso? Como assim, minha sofista? "Agradecida" e "não agradecida", "orgulhosa" e também "não orgulhosa"... Não precisais agradecer-me os vossos agradecidos, nem mostrar orgulho dos orgulhosos ou o que quer que seja. Mas tratai de aprontar vossas juntinhas galantes para, quinta-feira próxima, a igreja de São Pedro irdes com Páris. Caso contrário, para lá te levo dentro de uma carroça. Fora! Fora! carniça doente! Fora, marafona! cara de vela!

SENHORA CAPULETO - Ora essa! Estais maluco?

JULIETA - Bondoso pai, de joelhos vos suplico ouvides-me, paciente, uma palavra.

CAPULETO - Vai te enforcar, repariguinha à-toa! Tipo desobediente! Já te mostro. Vai quinta-feira à igreja, ou não me encares nunca mais, nunca mais! Não me repliques coisa nenhuma. Basta! Não me fales. Nos dedos sinto cócegas. Pensávamos, mulher, que nossa dita era pequena, porque Deus só nos dera uma menina; mas vejo agora que esta já nos sobra e que com ela a maldição nos veio. Rameira à-toa!

AMA - Deus do céu que a ampare! Procedeis mal, senhor, por insultá-la desse modo.

CAPULETO — Por quê, dona prudência? Guardai na boca a língua sabe-tudo. Ide mas é ensinar vossas comadres.

AMA — De mal não disse nada.

CAPULETO — Bom proveito.

AMA — Não se pode falar?

CAPULETO — Paz, resmungona. Velha tonta! Guardai vossas sentenças para vossas iguais. Não precisamos delas aqui.

SENHORA CAPULETO — Estais muito excitado.

CAPULETO — Sacramento de Deus! É de deixar-me louco de todo. Dias e mais dias, a toda hora, de noite, o ano inteirinho, no trabalho, no jogo, só, no meio dos companheiros, tinha apenas uma preocupação: sabê-la, enfim, casada. E agora que arranjei um gentil-homem de nobre parentesco, jovem, rico, de fina educação, forrado, como se costuma dizer, de qualidades excepcionais, e tão proporcionado como melhor não fora concebível, lá vem uma coisinha choramingas, uma boneca cheia de lamúrias, ao lhe sorrir a sorte, declarar-me: "Sou muito nova", "amar não me é possível", "não desejo casar-me", "desculpai-me, por obséquio". Pois não, vou desculpar-vos, se não quereis casar. Procurai pasto onde bem entenderdes, que aqui em casa não ficareis comigo. Refleti; vede bem; gracejar não é meu hábito.

Quinta-feira está perto; aconselhai-vos com o coração. Se fordes minha filha, por mim a meu amigo sereis dada. Mas se o não fordes, enforcai-vos, ide pedir esmola, perecer de fome, morrer na rua, pois — pela alma o juro! — jamais hei de reconhecer-te e nunca quanto for meu te poderá ser útil. Reflete bem, pois não serei perjuro.

(*Sai.*) JULIETA — Não haverá piedade em meio às nuvens, para dor me sondar até o mais fundo? Oh! não me repilais, bondosa mãe! Adiai esse esposório pelo prazo de um mês, uma semana; ou se impossível vos for tal coisa, preparai o tálamo nupcial no monumento em que Tebaldo se encontra sepultado.

SENHORA CAPULETO - Não me fales. Não digo nada; faze o que entenderes, que para mim não representas nada.

(*Sai.*)

JULIETA - Oh Deus! Ó ama! como evitar isso? Tenho o esposo na terra, a fé, no céu. De que modo essa fé poderá vir-me de novo para a terra, a menos que ele do céu ma envie, após deixar a terra? Conforta-me; aconselha-me. Oh tristeza! usar o céu de tais estratégias com um ser tão delicado! Não me dizes uma palavra, ao menos? Como pensas, ama? Nenhum consolo?

AMA - Sim, digo isto: Romeu está banido; o mundo todo contra nada, em como ele não retorna para vos reclamar. Mas ainda mesmo que retorne, forçoso é que isso seja muito às ocultas. Ora, estando as coisas nesse pé, mais razoável me parece desposardes o conde. Oh! que fidalgo tão gracioso! Romeu, ao lado dele, não é mais do que um pano de cozinha. Uma águia, senhorita, não tem olhos tão penetrantes, verdes e bonitos como os de Páris. Quero que maldito fique meu coração, se venturosa não vos fizer este segundo esposo. De muito o outro ele vence; e ainda mesmo que não vencesse, aquele já está morto, ou é como se estivesse, por viverdes aqui, sem uso algum fazerdes dele.

JULIETA - Falas de coração?

AMA - E também de alma.

JULIETA - Amém.

AMA - Como?

JULIETA - Soubeste consolar-me maravilhosamente. Vai e dize a minha mãe que por haver deixado meu pai aborrecido, fui à cela de frei Lourenço, com o fim de confessar-me para ser absolvida.

AMA - Dir-lhe-ei isso; procedeis bem.

(*Sai.*)

JULIETA - Oh velha amaldiçoada! Oh demônio perverso! Que pecado será maior: querer-me ver perjura, ou insultar meu senhor com a mesma boca que o exaltou sobre tudo neste mundo tantos milhões de vezes? Conselheira, podes ir. Dora em diante, separados tu e meu peito estais. Vou ver o monge. Dar-me-á remédio. Vindo a falhar tudo, porei na morte todo o meu estudo.

(*Sai.*)

ATO IV

Cena I

Verona. Cella de Frei Lourenço. Entram frei Lourenço e Páris.

FREI LOURENÇO - Quinta-feira, senhor? O prazo é curto.

PÁRIS - Foi o pai Capuleto que assim quis, sem que eu propenso esteja para frouxa deixar a pressa dele.

FREI LOURENÇO - Mas dissestes que não sabeis ainda o que a donzela sobre isso resolveu. Esse caminho não o considero certo; não me agrada.

PÁRIS - Chora sem pausa a morte de Tebaldo. Por essa causa, pouco conversamos a respeito de amor; não sorri Vênus numa casa de lágrimas. Agora, senhor, ficai sabendo que o pai dela considera nocivo ela entregar-se desse modo à tristeza, e tem em sua sabedoria posto pressa às núpcias, para sustar a inundação das lágrimas. O que na solidão toma incremento, pode minguar na vida em sociedade. Sabeis, pois, as razões de tanta pressa.

FREI LOURENÇO (*à parte*) - Quisera não saber quais os motivos que à dilação obrigam. - Vede, conde: aí vem a dama em direção à cela.
(*Entra Julieta.*)

PÁRIS - Feliz encontro, minha esposa e dona!

JULIETA - Assim poderá ser, quando casar-me.

PÁRIS - O "poderá" será na quinta-feira próxima.

JULIETA - O que tiver de ser, será.

FREI LOURENÇO - É um dito muito certo.

PÁRIS - Aqui viestes para vos confessar com este monge?

JULIETA - Dar-vos uma resposta, já seria confessar-me convosco.

PÁRIS - Revelai-lhe que me tendes amor.

JULIETA - A vós diria que lhe dedico amor.

PÁRIS - Do mesmo modo lhe direis que me amais, tenho certeza.

JULIETA - Se assim fosse, teria mais valia não vos dizer no rosto, mas nas costas.

PÁRIS - Pobre alma, o rosto as lágrimas te ofendem.

JULIETA - É vitória pequena para as lágrimas, pois, antes disso, ele já era feio.

PÁRIS - Mais o ofendeste agora, assim falando, do que com tuas lágrimas.

JULIETA - Calúnia não foi, senhor; só disse o que é verdade.

PÁRIS - Teu rosto é meu; com isso o caluniaste.

JULIETA - Pode ser, que a mim mesma não pertence. Tendes vagar agora, santo padre, ou voltar devo à tarde, para a missa?

FREI LOURENÇO - Tenho vagar agora, minha filha pensativa. Senhor, será preciso que nos deixeis sozinhos.

PÁRIS - Deus não queira que eu possa perturbar a devoção! Julieta, quinta-feira, bem cedinho, hei de vos despertar. Até esse instante, adeus: Ficai com este beijo pio.

(Sai.)

JULIETA - Oh! fecha a porta logo! E, após a teres fechado, vem também chorar comigo. Já não há esperança, nem remédio, não há socorro algum.

FREI LOURENÇO - O Julieta! já sei do teu desgosto. Ele ultrapassa de muito meus espíritos. Disseram-me que vais casar na quinta-feira próxima com o Conde Páris, sem que nada possa adiar a cerimônia.

JULIETA - Não me fales, padre, no que soubeste a esse respeito, se o meio não disseres de evitá-lo. Se em toda tua ciência não achares nenhum recurso, ao menos chamai sábia minha resolução, pois esta faca já já me ensinará remédio pronto. Meu coração e o de Romeu reunidos foram por Deus; as mãos tu nos juntaste. Antes, pois, que esta mão, por ti fechada na de Romeu, possa servir de timbre para outra transação, ou que o meu fido coração, com perfídia revoltosa, corra para outro, assim os dois liquido. Por tudo isso, com tua experiência, dá-me logo um conselho. Do contrário, verás como esta faca sanguinária de árbitro vai servir entre mim própria e a minha dor imensa, decidindo sobre o que a autoridade de teus anos e de tanto saber não conseguiram levar a termo honroso. Não retardes a resposta. Viver me causa tédio, se falar não me vieses do remédio.

FREI LOURENÇO - Pára, filha! Vislumbro uma esperança, mas a tal ponto desesperadora, como é desesperado o que queremos impedir que aconteça. Se energia tens suficiente para suicidar-te, só para a mão não dar ao Conde Páris, será melhor, então, que te resolvas a empreender algo que suicídio lembra, para afastar o opróbrio, assim lutando com a morte, para dela te furtares. Se ousares isso, arranjarei os meios.

JULIETA - Oh! mandai que eu me jogue das ameias daquela torre, mas de casamento com o conde não faleis; ou concitai-me a andar pelas estradas de assaltantes, ou a esconder-me em ninhos de serpentes; amarraí-me com ursos rugidores; numa carneira me fechai à noite, cheia de ossos humanos, que se choquem, de tíbias negras, crânios sem mandíbulas; mandai-me entrar num túmulo recente, para esconder-me, ao lado do defunto, sob sua própria mortalha; coisas essas que, só de ouvir, tremer já me fizeram. Sem a menor vacilação, sem medo, tudo farei, contanto que prossiga como esposa sem mancha de quem amo.

FREI LOURENÇO - Escuta, então: vai para casa, mostra-te alegre e dize que disposta te achas a desposar o conde. Quarta-feira é amanhã; amanhã, à noite, deita-te sozinha, sem que fique a ama no quarto. Toma este frasco, e quando te deitares em tua cama, bebe seu conteúdo, que pelas veias, logo, há de correr-te humor frio, de efeito entorpecente, sem que a bater o pulso continue em seu curso normal, parando logo. Calor nenhum nem hálito tua vida poderão atestar; mudadas ficam essas rosas das faces e da boca em cinza desmaiada, a cair vindo as janelas dos olhos, como quando fecha o dia da vida a morte

escura. Do maleável poder os membros todos ficando, então, privados, hão de frios e rígidos tornar-se como a morte. Vinte e quatro horas ficarás com esse tétrico aspecto da engelhada morte, para acordar como de um doce sono. Quando, portanto, cedo vier o noivo despertar-te do leito, estarás morta. Então - como é costume em nossa terra - com belas vestes, num esquife aberto, posta serás no mesmo antigo túmulo em que toda a família Capuleto tem sido sepultada. Nesse em meio, antes de despertares, Romeu há de, por minhas cartas, conhecer o que houve e virá para cá. Aguardaremos, eu e ele, que despertes, conduzindo-te Romeu, na mesma noite, para Mântua. Do opróbrio ameaçador esse projeto te livrará, se o medo feminino ou o capricho volúvel, à última hora, não te privarem do valor consueto.

JULIETA - Dai-mo! dai-mo! e vereis se tenho medo.

FREI LOURENÇO - Eis aqui. Parti logo e conservai-vos nessa resolução. Vou mandar prestes a Mântua um portador com uma carta de minha parte para teu marido.

JULIETA - Triunfe o amor, e eis tudo resolvido. Adeus, meu caro padre.
(*Saem.*)

Cena II

O mesmo, Sala em casa de Capuleto. Entram Capuleto, senhora Capuleto, ama e criados.

CAPULETO - Convidai as pessoas desta lista.
(*Sai o criado.*)

E tu, maroto aí! Vai contratar-me vinte hábeis cozinheiros.

SEGUNDO CRIADO - Não arranjareis nenhum cozinheiro ruim, senhor, porque eu me incumbirei de verificar se eles sabem lambar os dedos.

CAPULETO - E de que modo conseguirás isso?

SEGUNDO CRIADO - Ora, senhor, o cozinheiro que não sabe lambar os dedos, não presta. Por isso, deixarei de trazer os que não souberem fazê-lo.

CAPULETO - Está bem; vai logo.
(*Sai o segundo criado.*)

Vai faltar muita coisa; o tempo é curto. Quem saberá dizer-me se Julieta foi à cela do monge?

AMA - Foi, realmente.

CAPULETO - Talvez ele lhe dê um bom conselho. É uma rapariguinha cabeçuda.

AMA - Ei-la contente; vem da confissão.
(*Entra Julieta.*)

CAPULETO - Então, cabeçudinha? Onde estivestes saracoteando?

JULIETA - Onde aprendi, realmente, a arrepender-me do pecado grave de desobedecer a vossas ordens, tendo-me frei Lourenço, esse santo homem, ordenado que viesse aqui prostrar-me para pedir perdão. Perdão vos peço. De hoje em diante sereis meu guia em tudo.

CAPULETO - Ide chamar o conde; contai-lhe isso. Será firmado o enlace amanhã cedo.

JULIETA - Vi o conde na cela de Lourenço, tendo-lhe dado tudo o que é possível conceder dentro da área da modéstia.

CAPULETO - Isso me alegra muito. Bem; levanta-te. Assim vai tudo bem. Vou ver o conde. Com a breca! Olá, maroto! vai buscá-lo. Deus louvado. Esse frade reverendo, toda a cidade o tem em grande estima.

JULIETA - Quereis, ama, ir comigo até o meu quarto para escolhermos juntas os enfeites que mais próprios achardes para a festa?

SENHORA CAPULETO - Não; até quinta-feira há muito tempo.

CAPULETO - Vai, ama; vai com ela. Nós iremos até à igreja amanhã.
(*Saem Julieta e a ama.*)

SENHORA CAPULETO - Vão faltar provisões, e é quase noite.

CAPULETO - Oh diabo! Vou mexer-me; e tudo, tudo, mulher, termina bem, posso afirmar-te. Vai ajudar Julieta nos enfeites. Deixem-me só; hoje não vou deitar-me. Por esta vez serei dona de casa. Olá, rapazes! Qual! saíram todos. Irei sozinho ver o Conde Páris, para animá-lo para amanhã cedo. O coração por demais leve sinto desde que essa menina criou juízo.
(*Saem.*)

Cena III

O mesmo. Quarto de Julieta. Entram Julieta e a ama.

JULIETA - Sim, estas são as peças mais bonitas. Mas, gentil ama, deixa-me esta noite; desejo ficar só, pois necessito de rezar muito, para que consiga fazer sorrir o céu para o meu lado, pois bem sabeis: tenho a alma atormentada e cheia de pecados.
(*Entra a senhora Capuleto.*)

SENHORA CAPULETO - Ocupada bastante, não? Necessitais de mim?

JULIETA - Não, senhora; escolhemos, tão-somente, quanto nos pareceu mais necessário para amanhã vestir na cerimônia. Assim, vos peço me deixeis sozinha, dormindo a ama esta noite em vosso quarto, pois sei que vos achais assoberbada de ocupações para esta festa súbita.

SENHORA CAPULETO - Boa noite, então. E tu, podes deitar-te; não temos precisão de teus serviços.
(*Saem a senhora Capuleto e a ama.*)

JULIETA - Adeus. Deus sabe quando nos veremos outra vez. Pelas veias me passeia um medo frio e lânguido, que quase deixa o calor da vida inteiriçado. Vou chamá-los de novo para darem-me coragem. Ama!... Mas, por que vir cá? Precisarei representar sozinha meu terrível papel. Vamos, frasquinho. E se esta droga não fizer efeito? Terei de me casar amanhã cedo? Não; isto o impedirá. Fica aqui perto.
(*Põe de lado um punhal.*)

E se for um veneno que esse frade com astúcia me deu para matar-me, temendo o opróbrio que podia vir-lhe do casamento, por me haver casado com Romeu antes disso? Sinto medo. Contudo, quero crer, não o faria, pois como santo é tido há muito tempo. Não devo ter tão baixo pensamento. E se, depois de

estar na sepultura, eu vier a despertar, sem que Romeu chegue para salvar-me? Oh caso horrível! Não ficarei asfíxiada dentro da sepultura, cuja boca imunda não respira ar sadio, e, assim, morrendo sufocada sem vir o meu Romeu? Ou se eu viver, não será mui plausível que aquela imagem de negror e morte, associada ao pavor do próprio ponto - um sepulcro, carneira onde há centenas de meus antepassados; onde se acha desde pouco Tebaldo ensangüentado, a decompor-se em seu sudário branco; onde, assim dizem, em determinadas horas da noite espíritos vagueiam?... Ai! ai de mim! Pois não será possível que eu venha a despertar antes do tempo?... Aquele cheiro repugnante, os gritos que como o das mandrágoras, ao serem arrancadas da terra, influem loucura em todos quantos porventura os ouvem... Ao despertar não ficarei demente no meio desses medos pavorosos, pondo-me, louca, a remexer nos ossos de meus antepassados, e a puxar de seu lençol Tebaldo mutilado? Ou, tomada de fúria, com um osso de um dos meus bisavós, que irá servir-me de clava não farei saltar meu cérebro desesperado? Oh! vede! o espírito parece de meu primo, que anda em busca de Romeu, que espetou seu pobre corpo na ponta do punhal. Pára, Tebaldo! Romeu, aqui! Bebo isto por tua causa.

(Cai sobre o leito, para dentro das cortinas.)

Cena IV

O mesmo. Sala da casa de Capuleto. Entram a senhora Capuleto e a ama.

SENHORA CAPULETO - Ama, toma estas chaves e nos traze mais temperos e cheiro. AMA - Os pasteleiros querem marmelo e tâmara.

(Entra Capuleto.)

CAPULETO - Depressa! Mexam-se! Vamos! O segundo galo já cantou e o sinal de apagar fogo há muito já foi dado. São três horas. Cuida dos bolos, minha boa Angélica, sem poupar coisa alguma.

AMA - Ide, ide embora, metediço; o lençol está chamando. Por minha fé, assim ficais doente, por haverdes velado a noite toda.

CAPULETO - Nem um pouquinho. Ora essa! Muitas noites já passei acordado por motivos bem menores, sem ter ficado doente.

SENHORA CAPULETO - É certo, em vossa mocidade andáveis a caçar ratos; mas agora eu tomo sobre mim o trabalho de poupar-vos de tais caçadas.

(Saem a senhora Capuleto e a ama.)

CAPULETO - Oh ciúmes! ciúmes!

(Entram três ou quatro criados, com espetos, achas de lenha e cestos.)

Amigos, que levais aí dentro?

PRIMEIRO CRIADO - Coisas que o cozinheiro reclamou, senhor; não sei bem o que seja.

CAPULETO - Pressa! pressa!

(Sai o primeiro criado.)

e tu, maroto, traze lenha seca; Pedro pode indicar onde é o depósito.

SEGUNDO CRIADO - Tenho cabeça para achar a lenha; não vou incomodar para isso o Pedro.

(Sai.)

CAPULETO - Raios! Boa resposta! O sem-vergonha tem gênio alegre, ah! ah! Dará bom cepo. Por minha fé, já é dia; mais um pouco e o conde chegará mais os seus músicos. Foi o que ele que disse.

(Ouve-se música..)

Ei-lo! Já o ouço. Ama! Mulher! Estou chamando. Olá!

(Volta a ama.)

Vai acordar Julieta e prepará-la. Vou conversar com Páris. Toda pressa! Mais pressa nisso! O noivo já está pronto. Mais pressa! digo.

(Saem.)

Cena V

O mesmo. Quarto de Julieta.

(Entra a ama.)

AMA - Senhora, olá! Julieta! É quase certo que ainda esteja a dormir. Eh, ovelhinha! Então, senhora? Então? Que dorminhoca! Então, amor? Senhora! Estou chamando... Coraçõozinho! Noiva!... Como! Muda? Agora desforrais a vossa parte, dormindo uma semana; mas garanto-vos que na noite que vem o Conde Páris repouso não terá, porque repouso também não possais ter. Deus me perdoe. Santa Virgem e amém! Que sono calmo! Mas preciso acordá-la. Olá, senhora! Que o conde venha vos tirar da cama, e hei de vos espantar. Não falei certo? Como assim? Já vestistes toda a roupa, e outra vez a dormir? Vou despertá-la, Senhora! Olá!... Oh Deus!... Socorro! A patroa está morta!... Aqui!... Socorro! Oh dia triste! Assim nunca eu nascesse. Aqua vitae! Senhor! Senhora!... Acudam!..

(Entra a senhora Capuleto.)

SENHORA CAPULETO - Que barulheira é essa?

AMA - Oh dia triste!

SENHORA CAPULETO - Que aconteceu?

AMA - Olhai, senhora... Oh dia!

SENHORA CAPULETO - Oh! minha única filha! Minha filha! Reanima-te, olha para mim, ou deixa-me morrer também contigo. Aqui! Socorro! Vai chamar gente!

(Entra Capuleto.)

CAPULETO - Que vergonha! Trazei Julieta logo; o noivo já chegou.

AMA - Está sem vida, morta, sem vida! Oh dia desgraçado!

SENHORA CAPULETO - Oh que dia! Morreu! Morreu! Morreu!

CAPULETO - Deixai-me vê-la. Oh dor! Já está gelada. O sangue está parado; os membros, duros. Estes lábios e a vida há muito tempo separados já estão. A morte se acha sobre ela como geada mui precoce sobre a flor mais gentil de todo o campo.

AMA - Oh dia lamentável!

SENHORA CAPULETO - Oh tristeza!

CAPULETO - A morte que a tirou de mim com o fito de fazer-me gemer, a língua me ata, não me deixando pronunciar palavra.

(Entram frei Lourenço e Páris, com músicos.)

FREI LOURENÇO - A noiva já está pronta para a igreja?

CAPULETO - Sim, para ir para a igreja, sem que nunca possa de lá voltar. Ó filho, a morte, na véspera do dia de tuas núpcias, deitou-se com tua noiva; é minha herdeira; cortejou minha filha. Morrer quero, para levar à morte o que possuo: vida, bens; tudo é dela.

PÁRIS - Quis tanto ver a face deste dia, para enfim contemplar este espetáculo?

SENHORA CAPULETO - Dia infeliz, maldito, desgraçado! A hora mais triste que já viu o tempo em toda a sua peregrinação comprida e laboriosa. Uma só filha, uma só, pobre filha, e tão amada, para gozo e consolo um ser apenas, e a cruel morte arrancar-ma, assim, da vista

AMA - Oh dia triste! Oh dia triste! Oh dor! O dia mais escuro e lamentável que eu vi em toda a vida. Oh dia triste! Oh dia odioso! Oh dia! Oh dia triste Nunca vi dia de tão densas trevas. Oh dia triste! Oh dia!

PÁRIS - Ludibriado, ofendido, separado desprezado, destruído... Morte odiosa, ludibriado por ti, por ti, cruel morte, arruinado de todo. Oh amor! Oh vida...! Não, vida não: amor na própria morte!

CAPULETO - Odiado, desprezado, desolado, martirizado, morto! Inconsolável tempo, por que motivo vieste agora matar, matar nossa solenidade? Oh filha! Filha, não: alma querida! Já não vives! morreste! Ah! minha filha já não vive e, com ela, sepultada vai ser minha alegria.

FREI LOURENÇO - Calma! peço-vos; a cura da desordem vir não pode da desorientação. Tal como vós, tinha o céu parte nesta bela criança. Agora o céu tem tudo, o que é, por certo, melhor para a donzela. Não vos fora possível subtrair da morte a parte que tínheis nela, mas o céu à dele vida eterna vai dar. O que queríeis era vê-la elevada; todo o vosso céu consistia justamente nisso. E agora a lastimais, vendo-a exaltada, tão acima das nuvens, no alto céu? Com vosso amor amais a vossa filha tão mal que vos mostrais desesperados por sabê-la tão bem? As bem casadas não são as que assim vivem muito tempo; mas bem casada está quem morre cedo. Interrompei o pranto; sobre o belo corpo espalhai bastante rosmaninho, e, tal como é de praxe, em suas vestes mais vistosas levai-o para a igreja. Embora chorar mande a natureza, ri a razão ao choro da tristeza.

CAPULETO - Tudo o que havia para o festival usado ora vai ser no funeral. Os instrumentos viram melancólicos sinos; nosso festim, jantar funéreo; nossos hinos solenes, puras nênias; as flores nupciais irão de enfeite servir para o cadáver, transmudando-se, assim, em seu contrário as coisas todas.

FREI LOURENÇO - Retirai-vos, senhor; acompanhai-o, minha senhora; e vós, conde, também. Que todos se preparem para o belo corpo levar à tumba. Porventura o céu vos pune por qualquer maldade; não o irriteis, pois essa é a sua vontade.

(Saem Capuleto, a senhora Capuleto, Páris e monge.)

PRIMEIRO MÚSICO - Por minha fé, podemos guardar as gaitas e ir embora.

AMA - Ah! meus homens, guardai-as, guardai-as, que isso é um caso doloroso!

PRIMEIRO MÚSICO - Oh! é certo; poderia ser melhor.

(Entra Pedro.)

PEDRO - Músicos! Olá! "Alegra-te, coração !"Alegra-te, coração!" Se quereis que eu viva, tocai "Alegra-te coração!"

PRIMEIRO MÚSICO - Por que "Alegra-te, coração?"

PEDRO - Oh! músicos, porque meu próprio coração toca "O coração me pesa de tristeza". Oh! tocai uma litania alegre, para reconfortar-me.

SEGUNDO MÚSICO - Não, nada de litánias; não é hora de tocar música.

PEDRO - Então não quereis tocar?

MÚSICOS - Não.

PEDRO - Nesse caso vou tratar-vos como o mereceis.

PRIMEIRO MÚSICO - De que modo pretendes tratar-nos?

PEDRO - Não será com dinheiro, é claro; mas com pilhérias. Vou arranjar-vos um arranhador de rabeca.

PRIMEIRO MÚSICO - Nesse caso eu arranjarei para ti um servente de cozinheiro.

PEDRO - E eu vos atirarei na cabeça a faca do servente de cozinheiro. Eu sou assim; não levo semínimas para casa. Vou fazer de vós ré e fá. Tomastes nota?

PRIMEIRO MÚSICO - Se de nós fizerdes ré e fá, viraremos notas.

SEGUNDO MÚSICO - Por obséquio, por obséquio: esconde essa faca e mostra o espírito.

PEDRO - Tomai cuidado com meu espírito! Vou malhar-vos com meu espírito de aço e embainhar minha faca. Respondei-me como homens: Quando a dor e a tristeza libertinas me oprimem a cabeça e o coração, a música de notas argentinas... Por que "notas argentinas"? Por que "música de notas argentinas"? Que dizeis a isso, Simão Catling?

PRIMEIRO MÚSICO - Ora, senhor, porque a prata tem um som agradável.

PEDRO - Tolice! Que pensais, Hugo Rabeca?

SEGUNDO MÚSICO - Penso que "notas argentinas" significam que os músicos tocam suas notas para adquirir prata.

PEDRO - Oh! peço perdão. E sois cantores! Vou dar a explicação por vós. A frase "música de notas argentinas" significa que os músicos nunca vêm ouro com suas notas...a música de notas argentinas com seu poder me deixa outra vez são.

PRIMEIRO MÚSICO - Que sujeito pestilencioso!

SEGUNDO MÚSICO - Que se enforque! Vamos; entremos, para assistir ao enterro e esperar pelo jantar. *(Saem.)*

ATO V

Cena I

Mântua. Uma rua. Entra Romeu.

ROMEU - Se eu tiver de dar crédito à verdade do sono adulatora, os sonhos dizem-me que está iminente alguma alegre nova. Em seu trono sentado está de leve o senhor do meu peito, e o dia todo com risonhas imagens um espírito desconhecido me ergue do chão duro. Sonhei que meu amor tinha chegado e me encontrara morto. Estranho sonho, que não destrói no morto o pensamento! E com beijos tal vida me insuflava que eu revivi e imperador tornei-me. Quão doce deve ser o amor possuído, se assim tão venturoso é sua sombra!

(Entra Baltasar, de botas.)

Notícias de Verona! Que acontece, Baltasar? Frei Lourenço mandou carta? E meu pai, está bem? Minha Julieta, como a deixaste? Torno a perguntar-te, nada irá mal, se bem ela estiver.

BALTASAR - Então ela está bem; nada está mal. Seu corpo está dormindo no sepulcro dos Capuletos e a imortal essência vive agora entre os anjos. Vi quando ela foi deposta na tumba da família. Perdoai-me por trazer-vos tais notícias; mas destes-me, senhor, essa incumbência.

ROMEU - É assim? Então, estrelas, desafio-vos! Sabes bem onde eu moro; vai buscar-me papel e tinta e aluga-me uns cavalos. Partirei esta noite.

BALTASAR - Revesti-vos de paciência, senhor, vos peço; tendes pálidas as feições e desvairadas, pressagiando desgraça.

ROMEU - Não; enganas-te. Vai logo e faze o que te disse há pouco. Não me mandou o monge alguma carta?

BALTASAR - Nenhuma, bom senhor.

ROMEU - Bem; não importa. Vai tratar logo de alugar cavalos; irei já para casa.

(Sai Baltasar.)

Bem, Julieta; deitar-me-ei ao teu lado ainda esta noite. Procuremos os meios... Ó desgraça! como rapidamente te intrometes nos pensamentos dos desesperados! Lembro-me de ter visto um boticário - mora aqui perto - não faz muito tempo, maltrapilho, de cenho carregado, a separar suas ervas. Rosto esquelético, tinha-o roído até aos ossos a miséria. Pendida via-se uma tartaruga em sua pobre loja, um crocodilo morto e empalhado, e muitas outras peles de peixes desconformes; pelas sujas prateleiras, uns montes miseráveis de caixinhas vazias, potes verdes, bexigas e sementes bolorentas, restos de fios, velhos pães de rosas, magramente espalhados para efeito. Vendo tanta miséria, a sós comigo observei que se alguém necessitasse algum dia veneno que, sob pena de morte agora não se vende em Mântua, ali vivia um desgraçado escravo que decerto o vendera. Oh! essa idéia veio muito antes da necessidade. Esse coitado vai vender-me a droga. Se não me engano, a casa é aqui defronte. Sendo feriado, a loja está fechada. Olá! oh!... Boticário!

(Entra o boticário.)

BOTICÁRIO - Quem me chama com tanta força?

ROMEU - Vem aqui, amigo. Vejo que és pobre; toma estes quarenta ducados, mas arranja-me uma

dracma de veneno, mas droga tão violenta que tão veloz se espalhe pelas veias, que a pessoa cansada desta vida, bebendo-a, caia morta, e que do corpo o fôlego se aparte tão depressa como pólvora acesa, ao desprender-se do fatal ventre do canhão medonho.

BOTICÁRIO - Possuo esse veneno perigoso; porém as leis de Mântua morte certa cominam para quantos o venderem.

ROMEU - És tão nu e tão cheio de misérias, e a morte ainda receias? Tens a fome nas faces; as angústias e o infortúnio de fome em teu olhar estão morrendo; do dorso pendem-te a miséria e a ofensa. Não se te mostra amigo o mundo e, menos ainda, a lei do mundo. Em todo o mundo não há uma lei para deixar-te rico. Não sejas pobre, então; passa por cima da lei e toma isto.

BOTICÁRIO - Aceita a minha pobreza o que me dás, não a vontade.

ROMEU - Não a vontade, pago-te a pobreza.

BOTICÁRIO - Ponde isto em qualquer líquido; tomando-o, embora a resistência possuídes de vinte homens, caireis de pronto morto.

ROMEU - Eis teu ouro, veneno mais nocivo para as almas dos homens, que mais crimes tem cometido neste mundo sujo, do que essas pobres drogas misturadas que não podes vender. Dei-te veneno; não tu a mim. Adeus. Compra alimento e engorda um pouco mais. Vamos, cordial, não veneno. Ao sepulcro vem comigo de Julieta, mostrar que és meu amigo.

(Saem.)

Cena II

Verona. Cella de frei Lourenço. Entra frei João

FREI JOÃO - Santo irmão franciscano! Olá, irmão!

(Entra frei Lourenço.)

FREI LOURENÇO - A voz é de frei João. Deve ser ele. Ó tu que vens de Mântua, sê bem-vindo. Romeu que disse? Ou então, se o pensamento mandou escrito, dá-me sua carta.

FREI JOÃO - Fui procurar um frade de nossa ordem de pés descalços, que visita os doentes, para ir comigo a Mântua, mas os guardas da cidade, pensando que tivéssemos estado numa casa em que a infecciosa pestilência domina, as portas logo fecharam, não deixando que saíssemos. Desta arte minha pressa de ir a Mântua ficou parada.

FREI LOURENÇO - E quem levou a carta para Romeu?

FREI JOÃO - Não pude remetê-la - ei-la aqui outra vez - tentei, em balde, achar um portador para levá-la, tanto medo têm todos de infecção.

FREI LOURENÇO - Quanta falta de sorte! Por minha ordem, essa carta não é sem importância, mas de peso e conteúdo muito grave. O atraso pode ser de conseqüências muito sérias. Frei João, vai bem depressa buscar uma alavanca; estou na cela.

FREI JOÃO - Pois não, irmão; levá-la-ei já já.

(Sai.)

FREI LOURENÇO - Agora tenho de ir sozinho ao túmulo. Dentro destas três horas vai a bela Julieta despertar; vai maldizer-me porque Romeu ficou sem ter notícias de quanto aconteceu. Mas para Mântua vou escrever de novo; em minha cela vou deixá-la escondida, até que possa Romeu chegar aqui. Pobre cadáver vivo, enterrado numa sepultura!

(Sai.)

Cena III

O mesmo. Um cemitério, com o túmulo dos Capuletos. Entram Páris e seu pajem, trazendo flores e uma tocha.

PÁRIS - Dá-me a tocha, rapaz, e fica à parte. Não, apaga-a; não quero que me vejam. Deita-te ali embaixo do cipreste e o ouvido encosta junto do oco solo. Assim, não pisará o cemitério nenhum pé, sendo o solo pouco firme, frouxo e escavado pelas sepulturas, sem que o percebas. Deves assobiar-me, em sinal de que vem chegando gente. Dá-me essas flores. Faze o que te disse.

PAJEM *(à parte)* - Sinto um pouco de medo, por sozinho me ver no cemitério. Mas que seja.

(Sai.)

PÁRIS - Minha querida flor, espalho flores em teu leito - Oh! de pedras é o dossel! - De água à noite trarei irrigadores ou o pranto amargo de meu fado cruel. Os funerais de nossa desventura flores far-te-ão nascer na sepultura.

(O pajem assobia.)

O menino me avisa que vem gente. Que pé maldito pisa estes caminhos durante a noite, para perturbar-me nos funerais e ritos do amor puro? Como! Traz uma tocha? Noite, esconde-me durante alguns instantes.

(Retira-se.)

(Entram Romeu e Baltasar, com uma tocha, enxadão, etc.)

ROMEU - Dá-me o ferro e o enxadão. Toma esta carta. Logo que amanhecer tens de entregá-la ao meu senhor e pai. Agora, a tocha. Por tua vida te exorto: embora vejas e ouças seja o que for, fica a de parte, sem vires perturbar-me. Se ora desço a este leito de morte, em parte é apenas para o rosto ainda ver de minha esposa, mas, sobretudo, para de seu dedo de morta o anel tirar muito precioso que necessito para um caso extremo. Por isso, parte logo. Mas se, acaso só por curiosidade retornares para espiar o que fazer pretendo: pelo céu! quebrar-te-ei todas as juntas e encherei o faminto cemitério com partes de teu corpo. Meus intuitos a esta hora são selvagens, mais violentos e inexoráveis ainda do que o tigre faminto e o mar revolto.

BALTASAR - Vou-me embora, senhor, sem vos atrapalhar em nada.

ROMEU - Assim, me provarás tua amizade. Toma isto para ti; vive e prospera. E agora, bom amigo, passa bem.

BALTASAR *(à parte)* - Mas apesar de tudo, vou esconder-me por aqui mesmo. Não confio nele e temo seu olhar.

(Retira-se.)

ROMEU - Matriz da morte. detestável maxila, que estás cheia da mais cara partícula da terra: assim te forço os maxilares podres

(Abre a sepultura.)

e te obrigo a aceitar mais alimento. PÁRIS - Este é o Montecchio altivo, que banido foi por ter morto o primo de Julieta, por cuja dor a morrer veio aquela criatura incomparável. Ei-lo agora que vem para fazer nesses cadáveres alguma vilania oprobriosa. Vou prendê-lo.

(Adianta-se.) Interrompe teu maldito trabalho, vil Montecchio! Como! É crível que a vingança vá além da própria morte? Estás preso, banido desprezível. Obedece e me segue; morrer deves.

ROMEU - Devo morrer, é fato; foi para isso que vim aqui. Mancebo generoso, tentar não queiras um desesperado. Foge daqui e deixa-me; reflete nestes mortos e que eles te amedrontem. Suplico-te, mancebo, não me faças arcar com o peso de mais um pecado, pois aqui vim contra mim próprio armado. Não fiques; vai-te e dize no porvir que foi um louco que te fez fugir.

PÁRIS - Importância não dou a teu pedido e prendo-te por seres criminoso.

ROMEU - Queres me provocar? Então defende-te.

(Batem-se.)

PAJEM - Batem-se, oh Deus! Vou já chamar a guarda.

(Sai.)

PÁRIS *(cai)* - Estou morto! Se fores compassivo, abre a tumba e me deita com Julieta.

(Morre.)

ROMEU - Em verdade o farei. Porém vejamos estas feições: o nobre conde Páris, parente de Mercúcio! Que me disse meu criado, quando juntos caminhávamos para cá e minha alma atormentada não escutava nada? Não me disse que Páris e Julieta iam casar-se? Não foi assim, ou terá sido sonho? Ou então, por estar louco, pensei nisso, quando ele me falava de Julieta? Dá-me essa mão, ó tu que estás inscrito, como eu também, no livro do infortúnio. Vou depor-te num túmulo glorioso. Túmulo? Não, mancebo assassinado; uma lanterna, pois Julieta se acha deitada aí e sua formosura faz desta abóbada uma sala régia, transbordante de luz. Repousa, morto, por um morto enterrado.

(Coloca no túmulo o corpo de Páris.)

Quantas vezes, no ponto de morrer, ledos se mostram os homens? É o clarão da despedida, dizem quantos o doente estão velando. Oh! poderei chamar clarão a esta hora? Ó meu amor! querida esposa! A morte que sugou todo o mel de teu doce hálito poder não teve em tua formosura. Não; conquistada ainda não foste; a insígnia da beleza em teus lábios e nas faces ainda está carmesim, não tendo feito progresso o pálido pendão da morte. Tebaldo, jazes num lençol de sangue? Oh! que maior favor fazer-te posso do que com esta mesma mão que a tua mocidade cortou, destruir, agora, também, a do que foi teu inimigo? Primo, perdoa-me. Ah! querida esposa, por que ainda és tão formosa? Pensar devo que a morte insubstancial se apaixonasse de ti e que esse monstro magro e horrível para amante nas trevas te conserve? Com medo disso, ficarei contigo, sem nunca mais deixar os aposentos da tenebrosa noite; aqui desejo permanecer, com os vermes, teus serventes. Aqui, sim, aqui mesmo fixar quero meu eterno repouso, e desta carne lassa do mundo sacudir o jugo das estrelas funestas. Olhos, vede mais uma vez; é a última. Um abraço permiti-vos também, ó braços! Lábios, que sois a porta do hálito, com um beijo legítimo selai este contrato sempiterno com a morte exorbitante. Vem, condutor amargo! Vem, meu guia de gosto repugnante! Ó tu, piloto desesperado! lança de um só golpe contra a rocha escarpada teu barquinho tão cansado da viagem trabalhosa. Eis para meu amor.

(Bebe.)

Ó boticário veraz e honesto! tua droga é rápida. Deste modo, com um beijo, deixo a vida.

(Morre.)

(Entra pelo outro lado do cemitério frei Lourenço com lanterna, alavanca e uma pá.)

FREI LOURENÇO - São Francisco me ajude! Quantas vezes esta noite meus pés enfraquecidos tropeçaram em túmulos? Quem vive?

BALTASAR - É um amigo, que muito vos conhece.

FREI LOURENÇO - Deus te abençoe. Querido amigo, diz-me que tocha é aquela ali que embalde a sua luz aos vermes empresta e aos crânios cegos? Ao que parece, está no monumento dos Capuletos.

BALTASAR - Sim, é lá, santo homem. Lá se acha meu senhor, de quem gostais.

FREI LOURENÇO - Quem é ele?

BALTASAR - Romeu.

FREI LOURENÇO - Há quanto tempo está ele lá?

BALTASAR - Há cerca de meia hora.

FREI LOURENÇO - Vem comigo até o túmulo.

BALTASAR - Não ousou fazer isso, senhor; meu amo pensa que eu fui embora e me ameaçou de morte se eu ficasse a espreitá-lo.

FREI LOURENÇO - Então espera; irei só; já começo a sentir medo. Oh! receio algum caso desastrado.

BALTASAR - Tendo dormido sob aquele teixo, vi em sonhos, parece, que meu amo se batia com outro, tendo-o morto.

FREI LOURENÇO

(adiantando-se)

-

Romeu! Romeu! Oh dor! Que sangue é este que mancha a entrada pétrea do sepulcro? Que quererão dizer estas espadas sem dono, a estilar sangue e descoradas, neste lugar de paz?

(Entra no túmulo.)

Romeu! Oh, pálido! Quem mais? Quê! Também Páris? E encharcado de sangue? Oh! que hora dura teve culpa deste acontecimento lamentável? A senhora se mexe.

(Julieta desperta.)

JULIETA - Ó meu bom frade, onde está meu senhor? Sei muito bem onde eu devia estar, onde me encontro. Mas onde está Romeu?

(Barulho dentro.)

FREI LOURENÇO - Ouço bulha. Saí, senhora, desse ninho de morte, de contágio e sono contrário à natureza. Uma potência por demais forte para que a vençamos frustrou nossos intentos. Vem, bem logo! Teu marido em teu seio se acha morto; Páris também. Vem logo; vou levar-te para um convento de piedosas freiras. Não percas tempo com perguntas; vamos; a guarda está chegando. Vem, bondosa

Julieta; não me atrevo a esperar mais.

JULIETA - Vai, que eu daqui não sairei jamais.

(Sai frei Lourenço.)

Que vejo aqui? Um copo bem fechado na mão de meu amor? Certo: veneno foi seu fim prematuro. Oh! que sovina! Bebeste tudo, sem que me deixasses uma só gota amiga, para alívio. Vou beijar esses lábios; é possível que algum veneno ainda se ache neles, para me dar alento e dar a morte.

(Beija-o.)

Teus lábios estão quentes.

PRIMEIRO GUARDA *(dentro)* - Vamos, guia-me, rapaz; qual é o caminho?

JULIETA - Ouço barulho. Preciso andar depressa. Oh! sê bem-vindo, punhal!

(Apodera-se do punhal de Romeu.)

Tua bainha é aqui. Repousa aí bem quieto e deixa-me morrer.

(Cai sobre o corpo de Romeu e morre.)

(Entram os homens da guarda, com o pajem de Páris.)

PAJEM - É ali o ponto, onde está acesa a tocha.

PRIMEIRO GUARDA - Há sangue pelo chão. Passai revista em todo o cemitério, e se encontrardes alguém, prendei-o.

(Saem alguns guardas.)

Oh vista dolorosa! Aqui se encontra, assassinado, o conde, e Julieta a sangrar de novo e morta recentemente, que há dois dias fora posta neste sepulcro. Ide depressa chamar os Capuletos e os Montecchios. Na busca prossegui vós outros.

(Saem outros guardas.)

Vemos o terreno de tantas desventuras; mas o terreno verdadeiro destas desgraças lastimáveis, só podemos ficar sabendo após maior estudo.

(Voltam alguns guardas com Baltasar.)

SEGUNDO GUARDA - É o criado de Romeu; fomos achá-lo dentro do cemitério.

PRIMEIRO GUARDA - Segurai-o com bem cautela, até que chegue o príncipe.

(Volta outro guarda, com frei Lourenço.)

TERCEIRO GUARDA - Aqui está um frade que suspira e chora, sem parar de tremer. Nas mãos trazia uma pá e este ferro, e deste lado vinha do cemitério.

PRIMEIRO GUARDA - São indícios suspeitos; segurai também o frade.

(Entra o príncipe com seu séqüito.)

PRÍNCIPE - Que desgraça se deu aqui tão cedo, para tirar assim nossa pessoa de seu sono habitual?

(Entram Capuleto, a senhora Capuleto e outros.)

CAPULETO - Por que esses gritos por toda parte? Que houve?

SENHORA CAPULETO - Pelas praças o nome de Romeu o povo grita; outros, o de Julieta; outros, de Páris, correndo com clamores toda a gente para o lado do nosso monumento.

PRÍNCIPE - Que horror é esse que nos fere a vista?

PRIMEIRO GUARDA - Príncipe, aqui está, morto o conde Páris; morto, Romeu; e a que antes falecera, Julieta, quente está e outra vez morta.

PRÍNCIPE - Investigai por outra parte como se deu este horroroso morticínio.

PRIMEIRO GUARDA - Aqui está um frade e aqui, também, o criado de Romeu; instrumentos carregavam para arrombar o túmulo dos mortos.

CAPULETO - Oh céus! Mulher, vê nossa filha: sangra! Enganou-se o punhal; sua bainha se acha vazia ao lado de Montecchio. Está mal colocado em nossa filha.

SENHORA CAPULETO - Ai de mim! Este quadro só de mortes é como um toque fúnebre que a minha velhice chama para a sepultura.

(Entram Montecchio e outros.)

PRÍNCIPE - Vem cá, Montecchio; cedo te levantas para mais cedo ver baixar teu filho.

MONTECCHIO - O meu senhor! durante a noite a minha senhora faleceu; cortou-lhe o fôlego a tristeza do exílio de meu filho. Que mais conspira contra minha idade?

PRÍNCIPE - Olha e verás.

MONTECCHIO - O néscio! néscio! que costume é esse de, antes do pai, entrar na sepultura?

PRÍNCIPE - Sela a boca do ultraje por um pouco, até que este mistério esclareçamos e fiquemos sabendo sua origem e verdadeiro curso. Depois disso, comandante serei de vossas dores e conduzir-vos-ei à própria morte. Até lá sossegai e que a desgraça se submeta à paciência. Apresentai-nos as pessoas suspeitas.

FREI LOURENÇO - Dos presentes sou eu o mais suspeito, muito embora seja o que menos pode fazer algo, visto acusarem-me o lugar e a hora. Eis-me a acusar-me, a um tempo, e a defender-me, num só momento condenado e absolto.

PRÍNCIPE - Dize então logo o que sobre isto sabes.

FREI LOURENÇO - Serei breve, porque meu curto fôlego não é mais longo do que história insípida. Romeu, aqui sem vida, era marido desta Julieta, assim como ela, morta também aqui, era a fiel consorte deste Romeu. Fui eu que os desposei. O dia dessas núpcias clandestinas foi o do final juízo de Tebaldo, cuja morte banuiu de nosso burgo o recente marido. Era por causa dele, não por Tebaldo, que Julieta se vinha definhando. Vós, com o fito de expulsar-lhe do peito essa tristeza, ao conde a prometestes, tencionando casá-la a contragosto. Procurou-me desvairada e pediu-me que inventasse qualquer recurso que a livrasse desse segundo casamento, ou então lá mesmo, sem vacilar, poria termo à vida. Dei-lhe então - por minha arte aconselhado - um estupefaciente que sobre ela o efeito produziu por mim visado, a aparência emprestando-lhe da morte. A Romeu escrevi nesse entrementes, para que ele aqui viesse nesta noite de horrores ajudar-me a retirá-la de seu falso sepulcro, pois o efeito do veneno nessa hora cessaria. Mas a pessoa que levou a carta, Frei João, detido foi por acidente, tendo-ma devolvido ontem à noite. Então, sozinho, na hora prefixada para ela despertar, vim retirá-la do túmulo dos seus, a idéia tendo de escondê-la na minha pobre cela, até chamar Romeu. Aqui chegando, porém - alguns minutos antes da

hora de Julieta acordar - encontrei mortos antes de tempo o nobre conde Páris e o fiel Romeu. Julieta despertou. Roguei-lhe que fugisse e que aceitasse com paciência o que o céu lhe -destinara. Nisso, um barulho me afastou do túmulo, sem que, em seu desespero, ela comigo se retirasse, tendo, ao que parece, posto termo à existência. Sei só isso. A ama se achava a par do casamento. Se algo nisto falhou por minha culpa, que minha velha vida, algumas horas antes do tempo, o expie em sacrifício, sob o rigor da mais severa pena.

PRÍNCIPE - Por um santo homem sempre te tivemos. E o criado de Romeu, que nos informa?

BALTASAR - Fui portador a meu senhor da nova da morte de Julieta. Ele, apressado, veio de Mântua para cá, para este mesmo túmulo, tendo-me ordenado que esta carta a seu pai desse bem cedo. Ao penetrar no túmulo, ameaçou-me de morte se eu não fosse logo embora e não o deixasse aqui.

PRÍNCIPE - Dá-me essa carta; quero ver o que diz. E onde está o pajem do conde Páris, que chamou a guarda? Que fazia teu amo aqui, pequeno?

PAJEM - Veio com flores para a sepultura de sua noiva, tendo-me ordenado que ficasse de parte. Obedeci-lhe. Depois, com luz, chegou um homem, para violar a sepultura, tendo logo sacado meu senhor contra ele a espada. Saí correndo e fui chamar a guarda.

PRÍNCIPE - Confirma a carta o que nos disse o monge: como o amor decorreu, a falsa nova da morte dela. Aqui ele nos conta que veneno comprou de um boticário e que vinha morrer neste sepulcro, para ficar ao lado de Julieta. Onde se encontram esses inimigos? Capuleto! Montecchio! Vede como sobre vosso ódio a maldição caiu e como o céu vos mata as alegrias valendo-se do amor. Por minha parte, por ter condescendido com vós todos, dois parentes perdi. Fomos punidos.

CAPULETO - Dá-me tua irmão, irmão Montecchio; é o dote de minha filha. Mais, pedir não posso.

MONTECCHIO - Mas eu posso dar mais, pois hei de a estátua dela mandar fazer do mais puro ouro. Enquanto for Verona conhecida, nenhuma imagem terá tanto preço como a da fiel e mui veraz Julieta.

CAPULETO - Romeu fama também dará à cidade; vítimas são de nossa inimizade.

PRÍNCIPE - Esta manhã nos trouxe paz sombria: esconde o sol, de pesadume, o rosto. Ide; falai dos fatos deste dia; serei clemente, ou rijo, a contragosto, que há de viver de todos na memória de Romeu e Julieta a triste história.

(Saem.)

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)

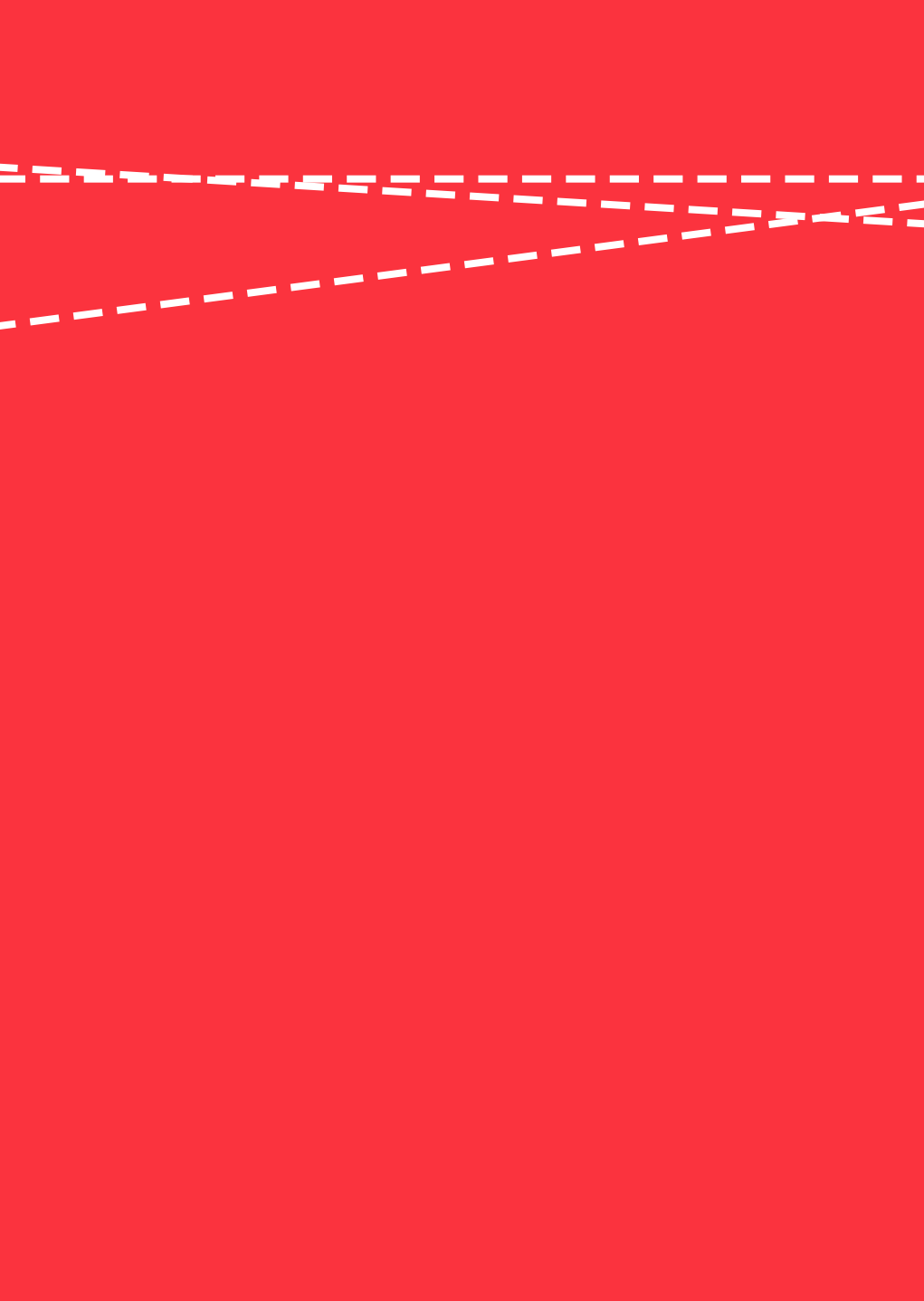
IV
MOSTRA DE
EM PEQUENOS FORMATOS CÊNICOS DO CCSP
DRAMATURGIA



BURA- QUI NHOS

TEXTO DE JHONNY SALABERG

OU O VENTO
É INIMIGO
DO PICUMÃ



Associação
Centro Cultural

texto

JHONNY SALABERG

direção

NARUNA COSTA

elenco

AILTON BARROS

CLAYTON NASCIMENTO

JHONNY SALABERG

realização

CARÇA DE POÉTICAS NEGRAS

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO

NÓS 2 PRODUTORAS ASSOCIADAS

BURA- QUI NHOS



OU O VENTO
É INIMIGO
DO PICUMÃ





IV^{SI} MOSTRA DE EM PEQUENOS FORMATOS CÊNICOS DO CCSP DRAMATURGIA

• CONSOLI- DAÇÃO

Este quarto movimento da Mostra de dramaturgia em pequenos formatos cênicos do Centro Cultural São Paulo é sem dúvida o que consolida o projeto, lindamente amadurecido com a participação de nove autores e autoras selecionados nas edições anteriores e a inscrição de algumas centenas de outros e outras, que enviaram seus textos.

A edição atual ensaia mais deliberadamente as pontes entre estética e política em um momento em que esta relação volta a ganhar recorrência na cena brasileira. Foram selecionados para montagem os textos de Ave Terrena Alves, *As 3 uíaras de SP City - barbante roxo do mural da memória*, Jhonny Salaberg, *Buraquinhos ou o vento é inimigo do picumã* e Marcos Barbosa, *Necropolítica*. Nos dois primeiros prevalecem as discussões de gênero, raça, lugares de classe e de uma microfísica do poder, como dizia Michel Foucault. São fábulas que acompanham o momento de emergência de temas poucas vezes tratados a partir de posições tão afirmativas e críticas como agora. No texto de Ave Terrena liberdade e contingência ganham campo de embate a partir da história de personagens transgêneros, em espelhamento de diferentes momentos da história do país. É projeto que está no raiair de um tempo novo para o teatro, em que vozes até então silenciadas passam a falar em seu próprio nome e com seus próprios modos.

A peça de Salaberg é uma história altamente concentrada, que articula-se em recursos fantásticos e conta, em sofisticada, poética estratégia narrativa, sobre a tragédia ordinária de jovens negros nas periferias do Brasil e do mundo. Por fim, a quase anti-peça de Marcos Barbosa observa a sociabilidade em uma visada mais ampla, discutindo as formas atuais do ativismo agora travadas na suspensão da aporia e nas suas variações, em torno de temas como representatividade e engajamento - palavras que ali ganham significados díspares. O campo de ficcionalização lambe o nonsense. Vistos no conjunto são três retratos livres mas generosamente críticos sobre o Brasil atual, em que a pertinência dos temas não limita a experiência de criação ao mero relato da conjuntura em forma teatral. Ao contrário, convidam para a invenção de um imaginário interessado na invenção de linguagem e, portanto, na expansão dos horizontes da dramaturgia.

PROJETO

O projeto da Mostra de dramaturgia em pequenos formatos cênicos nasceu em 2015, de uma necessidade: diante dos meios de produção existentes no panorama teatral de São Paulo, o que poderia ser útil? O que poderia ser relevante em uma cidade cujo teatro é já mais que razoavelmente subvencionado? Os editais de montagem não têm necessariamente compromisso com o autor. A autoria dramática original é um acidente, pode estar como não estar, dependendo do projeto. A impressão das brochuras com as peças, distribuídas à plateia, é uma tentativa de tornar mais íntima e quem sabe um pouco mais duradoura a experiência fugidia do espectador frente ao fenômeno teatral em uma época na qual o texto de teatro ainda é pouco publicado e é dos nichos menos representativos no mercado editorial. A ideia de pequenos formatos não é novidade. Nas artes visuais há Mostras e salões de pequenos formatos. No cinema, os chamados filmes de baixo orçamento. E nestas duas áreas a expectativa é a de que o “pequeno” não seja indicador de obras artísticas de má qualidade. Ao contrário, são condições a partir das quais a própria linguagem se articula. No caso do teatro é ideia que pressupõe dramaturgias sintéticas no plano formal. Em que o plano de pensamento seja mais importante e não dependa de muitos recursos materiais para a encenação. Então o pequeno formato já não será uma contingência e sim um campo de provocações, de fomento criativo.

E assim tem sido. Nos dois primeiros editais tivemos cerca de duzentos inscritos (por edição). No terceiro o número subiu. Destes, selecionamos três textos por ano, que foram montados e ganharam a cena durante as Mostras. Os textos escolhidos perfazem um amplo painel da sociabilidade e das subjetividades emergentes no Brasil. A repercussão pública do projeto tem sido uma alegria.

As Mostras têm acontecido com boas plateias, o público está vindo. E o reconhecimento institucional também. Nas duas primeiras edições ao menos um dos três espetáculos nascidos do edital esteve entre os mais premiados do ano e o próprio Centro Cultural São Paulo foi indicado ao Premio Shell de teatro, na categoria Inovação, “pelo estímulo à experimentação de novas formas cênicas, dramatúrgicas e de produção”.

No Edital do CCSP, pelas contingências (que tentamos transformar em adubo) escolhemos, entre estas tantas possibilidades, jogar luz sobre o texto. Que não é necessariamente “a peça”. Temos recebido e premiado inúmeras escritas experimentais e textos tradicionais também. A resposta ao chamado, com quase trezentos textos inscritos na última edição, nos diz que aquela intuição inicial estava em bom caminho. E vamos. Bem vindos/bem vindas a mais uma Mostra. Que seja mais uma vez o espaço de observação e fruição da vida através do teatro e destas histórias imaginadas mas já tão nossas irmãs, criadas por Ave, Jhonny e Marcos.

KIL ABREU

Curador de Teatro do CCSP

Nossa participação como produtoras deste projeto tão relevante para a cena jovem do teatro de São Paulo, que é a Mostra de dramaturgia em pequenos formatos cênicos do CCSP, nos honra e envaidece.

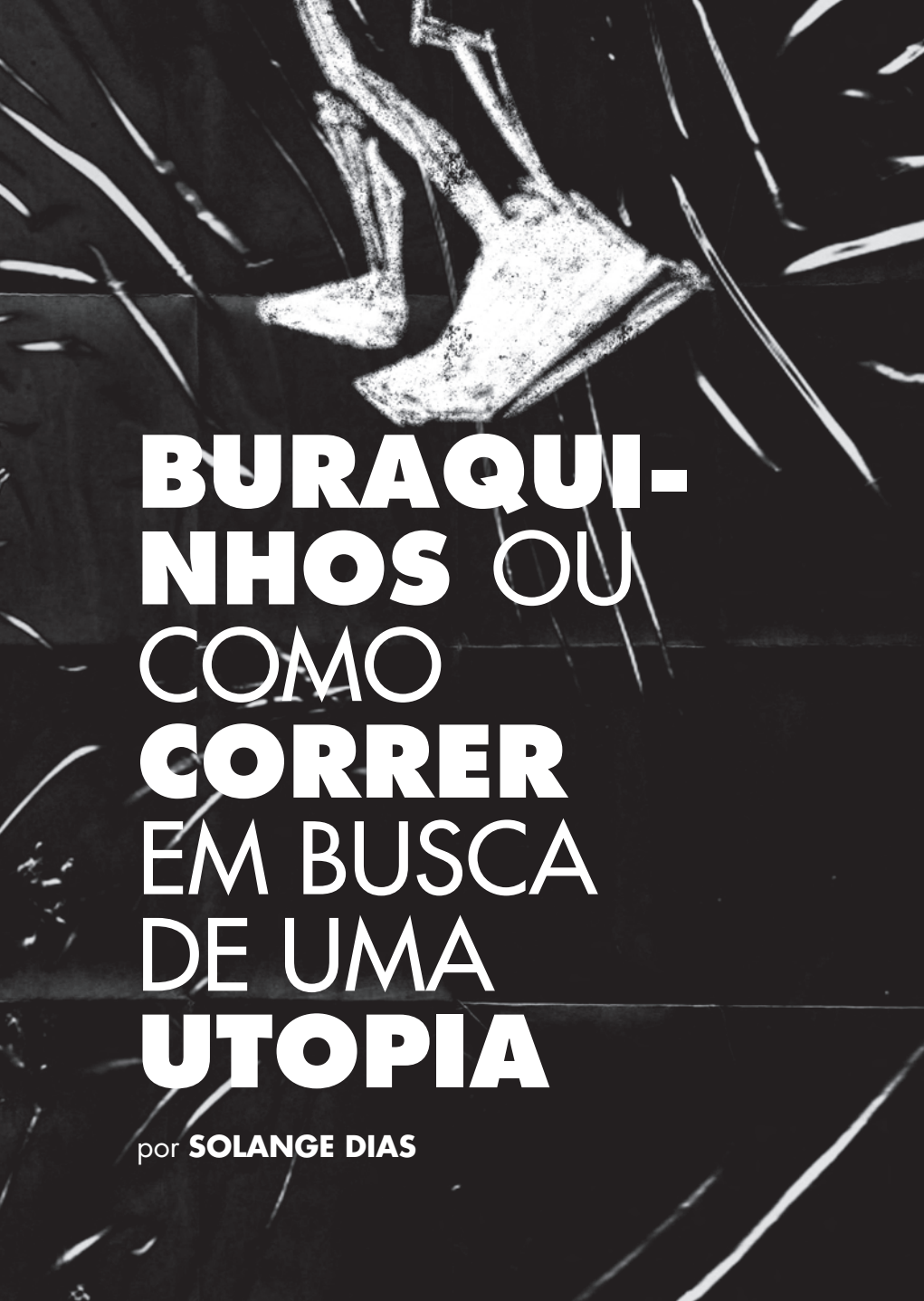
Tem sido um trabalho prazeroso, neste momento tão delicado de nossa cultura, de nossa história. As dramaturgias nos inspiram e estimulam... Realmente um aprendizado de força, alegrias e resistência.

Agradecemos a confiança em nós depositada, seguimos em parceria, vislumbrando novos horizontes para a cultura brasileira.

BIA FONSECA e IZA MARIE MICELI

Nós 2 Produtoras Associadas





**BURAQUI-
NHOS OU
COMO
CORRER
EM BUSCA
DE UMA
UTOPIA**

por **SOLANGE DIAS**

*“Corro porque ele está atrás de mim
e está atirando em minha direção.
Corro porque eu sou preto.
Corro porque as balas perdidas
correm mais rápido que eu.
Corro porque o dedo no gatilho se
mexe mais do que os meus pés.
Corro porque acabei de levar um tiro.
Corro porque acabei de levar outro tiro.
Corro porque é mais um tiro.
Corro e mais tiro.
Mais tiro.
Mais tiro.
Mais tiro.
Corro porque até aqui eu já levei
a minha idade de tiros.”*

JHONNY SALABERG

Em tempos de retrocesso, em que a cultura tem sido tão sucateada, presenciamos nesta IV edição da **Mostra de Dramaturgia em Pequenos Formatos Cênicos** do Centro Cultural São Paulo um feito heroico, conduzido magistralmente pelo seu curador, Kil Abreu: a proposta de publicação e produção de textos inéditos. É também mais uma evidência de que, nos últimos anos, a dramaturgia voltou a ser foco de discussão, não somente do ponto de vista temático e formal, como também de seus processos, dos mecanismos de viabilização da produção e de aprofundamento da pesquisa de um projeto artístico.

Dentro deste movimento, foi no Núcleo de Dramaturgia da Escola Livre de Teatro de Santo André, orientado por mim, mas conduzido pelos estudos e reflexões compartilhados entre cada participante, que tive a alegria de presenciar o processo de criação da belíssima obra *Buraquinhos ou o vento é inimigo do picumã* de Jhonny Salaberg em 2016.

No texto, um menino corre para não ser baleado pela polícia quando trazia pão para mãe que está em casa. Corre entre ruas apertadas pelas casas sobrepostas da periferia. Corre se equilibrando nos fios de luz com seus “gatos” mal ajambrados. Corre pelos esgotos e vielas e, durante sua corrida, vai percorrendo as durezas de um mundo grande chamado Brasil, chamado América Latina. E por mais que corra, seu corpo vai sendo invadido por inúmeras balas e, mesmo assim, ele continua correndo em sua enorme resistência em não se deixar morrer.

Quantos tiros são necessários para abater os voos e sonhos de meninas e meninos pretos e pobres do mundo? Um, cinco, dez, cento e onze tiros?

Logo nas primeiras leituras realizadas no Núcleo, eram notáveis a contundência e importância de cada imagem que Jhonny concebeu em seu texto. Ele incorporou em sua escrita, elementos narrativos que, organizados por meio da combinação precisa de palavras, foram capazes de trazer à tona um tema terrível, mas tratado com uma leveza poética que nos enleva e ao mesmo tempo nos provoca incômodos que conduzem às reflexões e questionamentos deste mundo que nos cerca.

Uma das bases para se trabalhar com essa forma de lidar com o tema, Jhonny trouxe do conceito de *leveza* proposto pelo escritor Ítalo Calvino, que foi estudado para o desenvolvimento de criações dramatúrgicas.

Neste conceito, Calvino sugere que a busca da leveza surge como possibilidade de resistência, como reação ao peso do viver, e é em *Buraquinhos ou o vento é inimigo do picumã* que esta leveza se cria no próprio ato da escrita, no ato de narrar com sensibilidade a percepção de fatos dolorosos. O que poderia ser uma espécie de dramaturgia bruta que transpira uma violência insustentável, com suas tramas cruas e duras, torna-se um elogio à vida, à utopia.

Diante do peso do viver, a leveza do narrar.

Desde o surgimento do teatro, a narrativa sempre esteve presente nas mais variadas manifestações e gêneros dramáticos, mas tem sido nas encenações contemporâneas que dramaturgas e dramaturgos têm incorporado ao drama, narrativas inspiradas em roteiros de cinema, contos e romances, como proposição estética e de discurso que estão além do meramente narrar.

São dramaturgias que se propõem a transpassar cada espectador, provocando diversas camadas de leitura do objeto cênico para a busca de um teatro do possível, como esta de Jhonny, que com sua corrida na procura de uma utopia vital para todos nós, consegue lindamente trazer à superfície, como pérola fina, o que há de poético e sublime deste submerso que temos vivido ultimamente.

SOLANGE DIAS

Mestre em Artes Pela UNICAMP,

Fundadora e integrante do grupo do

Teatro da Conspiração de Santo André.

Diretora, arte-educadora e dramaturga andreense,

mas que muito deve ao bairro Parque São Rafael,

Zona Leste de São Paulo,

para sua formação humana e artística.



**ESCREVER
TEATRO
NEGRO
É
ESCREVER
JUSTIÇA**

por **JHONNY SALABERG**

A arte de escrever uma peça de teatro, carregando todos os direitos e deveres de uma manifestação artística é uma metáfora que somente a vida não da conta. Aqui nesse mesmo espaço, somos indivíduos perdidos na contemporaneidade, estamos sempre a mercê de direcionamentos mal acostu- mados e muito diferentes entre si. Escrever uma peça de teatro é difícil, mas escrever uma peça de teatro negro é três vezes mais. Penso que diante disso, e de toda a massificação criminosa que pesa sobre esse assunto, é comum produzir o tão falado panfleto artístico como pauta de discussão e revolução. Alguns panfletos são coloridos, outros chamam a atenção pela criatividade de se colocar as palavras no seu devido lugar, outros são de uma cor só e sem culpa. Não há certo e nem errado, há escolhas.

Escrever dramaturgia contemporânea requer uma série de atenções e desafios diários que só a palavra mais justa consegue dizer sobre. E a justiça nada mais é que proporcionalidade, então quando se usa um recurso pra dizer algo que normalmente não é dito, usa-se uma escolha de proporcionalidade. A justiça tanto funciona na literalidade quanto na metáfora, mas sempre será uma escolha. Mas quando se fala de dramaturgia negra essa escolha de justiças tende a pesar mais para um lado do que para o outro. Vivemos em um tempo em que as peças de teatro negro estão afiadíssimas na realidade, levando em consideração cada palavra com todo o cuidado, já que o cotidiano ordinário e pouco falado vira assunto do prólogo ao epílogo. É uma escolha de justiça, nada mais. E como toda escolha precisa ser respeitada e valorizada artisticamente, socialmente e historicamente. Para mim que sei só deste tempo que estou agora, tenho a sensação de que é o tempo em que se produz muitas coisas, estamos na era vomitar todo o ar preso na garganta. Mas e se, diante de todo o caos, escrevêssemos com leveza? E se em vez de entregarmos um panfleto, comermos uma sopa de letrinhas? Escrever com leveza, neste caso, é a luz no

fim do túnel ou o paredão no fim da rua. Alguns gostam e outros não. A noção de leveza é algo relativamente intuitivo e recorrente, usado para dizer coisas não tão leves de outra maneira. É uma vírgula que dói mais que um soco! Mas como pode nesse mundo tão cabreiro, o açúcar que falta no pote sobrar em nossas palavras? Como pode a existência ainda que desgraçada ser doce?

A leveza é o dispositivo que desperta empatia no leitor e consequentemente no espectador. Parafrazeando Ítalo Calvino: “A metáfora não impõe o objeto sólido, e nem a palavra pedra chega a tornar pesado o verso”.

Deste modo, o que seria dessa história sem a leveza? Sem os sonhos pendurados nos postes? Nas nuvens? Na ponta dos olhos? O vento é inimigo do picumã quando o alvo cria asas e foge. O vento é inimigo do picumã quando ratoeiras são colocadas nos portões das casas, nas escolas, nas vielas, nos supermercados, nos bancos, nos trens e nas padarias. Que vento é esse que sopra somente para um lado? Eu, morador de Guaianases - extremo leste de São Paulo – estou acima de tudo VIVO para contar essa história que passa por mim e por muitos outros corpos-picumãs. Buraquinhos que se abrem sem pudor, é preciso expor de onde vêm as flechas. Voa Picumã!

JHONNY SALABERG

Formado na Escola Livre de Teatro de Santo André.

Ator, dramaturgo e bailarino.

*Fundador e integrante da Carça de Poéticas Negras
e do coletivo O Bonde.*



**DIAS
BONS,
DIAS
RUINS,
MAS
TODOS
OS
DIAS,
VIVOS**



por **NARUNA COSTA**

Um convite enviado Inbox pelas redes sociais, e um abismo se abre no coração. Aquela velha vontade de dizer “Não, obrigada, não posso. Muito trabalho”. Ou qualquer outra desculpa que me fizesse seguir a vida, fingindo que 16 minutos passarão e nenhum jovem negro será assassinado nesta nossa cidade. Nossa? Nossa! Não dá! Não se trata de dirigir uma boa peça que entrará em cartaz no CCSP, terreiro tão disputado na cidade-cinza. Trata-se de uma mulher negra dirigir uma boa peça, com atores negros, que entrará em cartaz no CCSP.

Corpos negros são corpos políticos e só isso justificaria meu “sim” àqueles jovens, que usaram como cartada final, um vídeo-convite que foi impossível recusar.

Mas não se trata só disso.

Se trata de ser instrumento de luta contra o genocídio institucionalizado; se trata de denunciar com o próprio ofício a tragédia cotidiana promovida pelo racismo estrutural; se trata de fazer política em tempos de intervenção militar; e se trata, acima de tudo, de se curar um pouco da ferida aberta, que sempre dói ao ser cuidada, mas que um dia há de fechar, deixando apenas a cicatriz para que a memória não se apague da história, e a mesma não se repita. Mas isto é sonho.

Saindo do sonho... Vamos ao teatro!

Buraquinhos é uma grande obra literária. Fiquei impressionada com a qualidade do texto de Jhonny Salaberg. Muita sensibilidade o levou a escrever este trabalho cheio de potência, poesia e refinamento. Mas coloca-lo em cena não é tarefa fácil. Uma poesia narrada, fantástica, cheia de elementos que só o imaginário, ou o cinema, poderiam dar conta. O que foi maravilhoso! Quebrar todas as expectativas primeiras, abandonar as ideias óbvias e leituras iniciais e mergulhar inteiramente no texto, em cada frase, palavra, descobrir sua poética para que dela surgisse, de fato, o que era necessário ir para a cena. Confiar que o teatro pudesse indicar o seu próprio caminho sem imposições vazias, ou formulas prontas. Observar para se surpreender. Para isso: Disponibilidade! Clayton Nascimento, Ailton Barros e Jhonny Salaberg são artistas emocionantes. A confiança e a entrega pro trabalho fez com que mergulhássemos profundamente e logo descobríssemos as regras para que o jogo começasse. Objetivo: Estarmos VIVOS em cena (e fora dela).

E é para lá que estamos indo. Com o amparo de musicxs, cenário e luz nos encaminhamos para um jogo aberto com a plateia, que vai tratar de contar a aventura-saga de um menino da quebrada de Guaianazes e, através dela, oferecer a oportunidade de reflexão do papel de cada um de nós nesta “estória real”.

Ofereço este trabalho ao
Grupo Clariô de Teatro,
minhas asas,
meu vôo,
meu pouso.

NARUNA COSTA

Formada na Escola de Arte Dramática - ECA/USP.

Atriz, diretora e cantadeira (Clarianas).

Fundadora e integrante do Grupo Clariô de Teatro





**MASSA
CARDÍACA
TRAVESTIDO
DE
SONHOS
E COM
ARRITMIA**

por **AILTON BARROS**



é sobre ser atento e forte
é sobre ser um ajo caído
é sobre ser mais um, apenas um
é sobre ser coletivo Okan
é sobre ser Clayton Nascimento sendo assistido nos
palcos e nas ruas brancas
é sobre ser Ailton Barros bixa preta macumbeiro
periférico e artista
é sobre ser Jhonny Salaberg no corredor do
supermercado
é sobre ser pele perigosa
é sobre ser Os crespos
é sobre ser agulha linha penas e esperança
é sobre ser sangue fora do corpo
é sobre ser coletivo O Bonde
é sobre ser asfalto quente bebendo vermelho
é sobre ser pele e poro e buraco e esgoto a céu aberto
é sobre ser Coletivo Negro
é sobre ser tema do Rap mais violento
é sobre ser margem
é sobre ser Haiti Cuba Etiópia Gana Nigéria Angola
Moçambique e Guaianases
é sobre ser Capulanas
é sobre ser sangue cabelo força curvas ginga e axé
é sobre ser o que se é
é sobre ser Carça de Poéticas Negras
é sobre ser
é sobre
é!

AILTON BARROS

formado na Escola Livre de Teatro de Santo André.

Ator, bailarino, cenógrafo e figurinista.

Fundador e integrante da Cia Coité e do coletivo O Bonde.

Ator nos grupos Contadores de Mentiras e Carça de Poéticas Negras

DA SÉRIE:
COMBATE
DE
NEGRO
E
DE CÃES

por **CLAYTON NASCIMENTO**



Esse é uma publicação escrita por mim na semana do Carnaval de 2018. Texto retirado do Facebook. Isso não é teatro!

“Meia noite e meia. Avenida Paulista. Logo ali. Hoje ou amanhã. Já não importa. Aproveitando a última semana antes do início das aulas na Universidade de São Paulo e dos processos artísticos, tenho ido ao cinema, ao teatro, a exposições, carnavalizar, encontrar os amigos, namorar, enfim, engrandecer a alma. Esses dias ainda no Carnaval, comentei com um amigo branco lá da Escola de Arte Dramática sobre os roubos de celulares: ‘Amigo, a sociedade é tão preconceituosa. Eu, um homem negro de 30 anos, sinto que sou raramente assaltado. Na maioria das vezes, nunca acham que eu tenho poder de consumo, logo, sempre acham que eu que vou assaltar’ – ‘Nossa Clayton, que absurdo!’ Ouvi. Pois bem senhoras e senhores: leiam essa história. Hoje, após a última sessão de cinema no Itaú Cultural, acompanhado de uma Professora da Universidade, a qual sempre me acolheu muito e alguém que eu gostaria de ser amigo. Depois de uma caminhada, um bom papo e muito aprendizado, me despedi, deixei num táxi, e rumei à Avenida Paulista para pegar o meu ônibus para casa. Noite gostosa, pipoca e filme bom. Claro, que como um Homem Negro levei anos para entrar na Universidade Pública, e eu me sentia muito realizado por ter ido à uma sessão de filme com uma mestra que respeito muito, e que fiz questão de pagar pelo ingresso de nós dois. Na minha alegria interna, conectei com Marisa Monte e Bem que Se Quis no celular, e avistei o meu ônibus chegando lá atrás, já em minha direção. Era só acelerar um pouco mais o passo, e esperar então. Assim que cheguei ao ponto, me deparei com 2 jovens garotas, 5 garais, e 2 seguranças parados na frente de um Banco Itaú. Repentinamente, antes da chegada do ônibus que estava há poucos metros, surge um homem branco, acompanhado de uma mulher, o semblante dele era de não

alterado quimicamente, mas sim de muita ira. Com uma chave de braço no meu pescoço ele gritava: 'Esse aqui é um ladrãozinho que roubou o meu mercado, que bate em mulher, e agora ele vai ter o que merece'. Começamos uma luta. Eu só consegui dizer: 'Você está me confundido. (...) eu não fiz nada, cara'. Outra chave de braço. Me desvencilhei. Então ele novamente me alcançou, me colocou no mesmo golpe, mas agora mais forte. Todos olhavam a cena. A mulher que o acompanhava, se aproximou e disse: 'Vai me roubar de novo? Vai? Vai bater em mulher? Vai me roubar de novo?' Ele: 'Não é você o preto zica, malandro? Aquele que bate em mulher? Toma aqui o que você merece, ladrão'. Eu, o cara que execra quando os conhecidos dizem que roubaram chocolate no mercado. Eu, artista que pratico teatro desde os 8 anos. Eu, criado amorosamente pelas mãos de pais muito simples da periferia do Piauí e que me ensinaram que a saída é estudar. Eu, que tenho que me arrumar 3 vezes mais para ser bem recebido. Eu, que preciso falar bonito, ser politizado e ter eloquência para não ouvir mais um 'não'. Eu, um criador de uma peça de teatro que fala justamente sobre o Racismo Institucionalizado nessa nossa terra onde o sabiá não canta desde 1500. Eu, que consigo a vaga de trabalho ou de estudos sempre muitos anos depois. Eu era o ladrão!

Chave de braço mais forte.

(...)

(...)

Socos dele, socos meus.

Chave de braço.

(...)

Aquele tempo foi eterno. E eu não estava entendendo nada realmente. Cada vez que eu me mexia, os braços dele pareciam uma anaconda que aproveitava cada centímetro livre de ar para apertar mais. Eu comecei a sentir os olhos incharem. A boca secar e a perna enfraquecer. Eu olhava para as pessoas e com o braço esticado eu balbuciava: “Pessoas, por favor, me ajudem. Por favor!” Caí no chão de chuva da Avenida Paulista, a “Avenida mais importante do Brasil”. Que belo epíteto. Caí. Num giro no meio da luta e antes da queda, olhei no fundo dos olhos de cada um ali presente pedindo uma mísera gota de compaixão. Meus incríveis 1,68m e 58kgs de corpo negro ali, retirados dos palcos, sedento pela criação do teatro, para ganhar aquele personagem na vida real. O ônibus que se aproximava, chegou. Motorista e 40 novos espectadores. Consegui ainda pensar: ‘Que irônico, Clay! Você vai morrer aqui nesse lugar horroroso, com 50 espectadores completamente apáticos ao show de horror. Você não esperava por isso, meu amigo, ainda bem que você viu a mãe ontem e deu um beijo nela. Seja forte aqui, resiste até quando der’. Veio então, uma última chave de braço suficientemente forte para enrolar minha língua. A última imagem que tenho é a deles vindo para cima do meu corpo, e apalmando meus bolsos.

Apaguei.

(...)

(...)

Ali eu fiquei.

Não tenho ideia de quanto tempo depois, eu ali, ainda no chão, acordei com as roupas rasgadas. Me levantei sozinho. Recuperei com muito prazer cada molécula de

oxigênio presente ali na Avenida mais importante do Brasil. Eu estava vivo. Obrigado, eu gosto muito de viver. Eu tenho muito para criar ainda. Quero ver meu sobrinho crescer, eu acho a gente muito parecido. Percebi que eu já não tinha mais nada. Celular, carteira, chave de casa, nada. Eu era o ladrão, e eu havia sido assaltado. Metassalto. Me sentei no banco completamente desnordeado. Quando a sociedade medíocre ali presente percebeu o que acontecera, conseguiram dizer: 'Meu Deus, eles falaram que você batia em mulher e era o assaltante da loja, e nós acreditamos. Acho que se acontecesse de novo, eu não faria nada, outra vez, te deixaríamos apanhar. A gente viu eles te roubando, mas a gente achou que eles vieram pegar o que era deles de volta. Estou chocada. Toma aqui 4 reais'.

Passou um novo ônibus. O motorista viu meu estado, e não parou. Eu: 'Vocês por favor, poderiam dar sinal para o próximo ônibus? Eu já nem sei mais que horas são, só gostaria de ir embora, me ajudem?'

No próximo ônibus elas deram o sinal, eu entrei, e foi isso.

Amigos eu estou bem, estou em casa, estou seguro. Tenho amigos, faço análise, me sinto amado. Gostaria de dizer para vocês que existe uma pesquisa que diz que na maioria das vezes em que um jovem negro estava prestes a morrer em casos de racismo, suas últimas palavras foram: 'Eu não sei do que você está dizendo. O senhor está me confundindo.' Me peguei fazendo o mesmo hoje, eu senti na pele. Mas, aqui vai o resumo da ópera: Isso não é uma ópera. É uma tragédia. Daquelas bem xifrim que você já vê há 518 anos. Se fosse ópera, nem no Teatro vocês me deixariam entrar, por exemplo. Nesse Mundo de Discurso de ódio que a gente inventou e alimenta muito bem todos os dias, toda aquela sociedade presente, entre ricos e pobres, quiseram me punir quando, racistamente, acreditaram que eu era o ladrão. Resolvendo com as próprias mãos. Nem os seguranças me propuseram segurança. Com medo de perder

seus próprios Iphones, foi eu quem quase perdeu a minha vida, hoje gente. O nosso plano de sociedade deu errado, turma. Está acontecendo um genocídio negro na nossa terra, e vocês são omissos a isso. Nós falhamos miseravelmente.”

“Com a mão firme na sacola que carrega pães, terra, rim, céu e pulmão, eu vou escorregando da rede esperançosa da costureira e caio nas nuvens, onde os sonhos ficam presos até que alguém os capture. Há muitos sonhos perdidos e outros entediados a procura de melhores ideias. Eu avisto meu sonho preso num punhado de nuvem, chego perto e tento pegá-lo. O sonho desaparece e reaparece atrás de mim feito mágica. Eu tento tocá-lo novamente e mais uma vez ele não me abraça, foge de mim!”

Texto “Buraquinhos ou O vento é inimigo do picumã” Jhonny Salaberg

Eu continuarei ocupando os espaços públicos.

Cabeça Erguida.

Minha arma é a Arte.

Eu sou firme como uma Bandeira Preta enfiada em Pau Forte.

Eu sou a arte que tem me feito continuar para lembrar da felicidade e do privilégio que é poder acordar e respirar nessa nossa terra, fazendo o que faço, sendo quem sou.

Eu sou Jhonny

Eu sou Ailton

Eu sou Naruna

Eu sou um dos buraquinhos

Eu sou Resistência.

Eu sou Clayton Nascimento.

CLAYTON NASCIMENTO

*Formado na Escola Célia Helena e
pela Escola de Arte Dramática - ECA/USP.*

*Fundador e integrante da Cia do Sal,
onde desenvolve o espetáculo autoral “Macacos”.*

SOBRE O GRUPO



Fundada em 2016, Carcaça de Poéticas Negras é formada por artistas negrxs periféricxs, oriundxs de duas escolas de teatro do estado de São Paulo: Escola Livre de Teatro de Santo André e Escola de Arte Dramática ECA/USP. Tem como pesquisa de linguagem o corpo negro urbano e o etnocentrismo na contemporaneidade, como dispositivo de transformação e representatividade artística; a carcaça de símbolos da cultura negra que revela as camadas de uma história apagada e sem alforria.

Em 2017 o grupo foi contemplado pela 14ª edição do Programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI) pelo projeto Preto Urbano, com pesquisa realizada nos distritos Cidade Ademar e Jabaquara - periferia da zona sul de São Paulo - que resultou na construção do espetáculo "MATO CHEIO - FUGA DEGENERADA".

BURA- QUI NHOS

TEXTO DE JHONNY SALABERG

OU O VENTO
É INIMIGO
DO PICUMÃ



BURAQUINHOS
OU
O VENTO É INIMIGO DO PICUMÃ

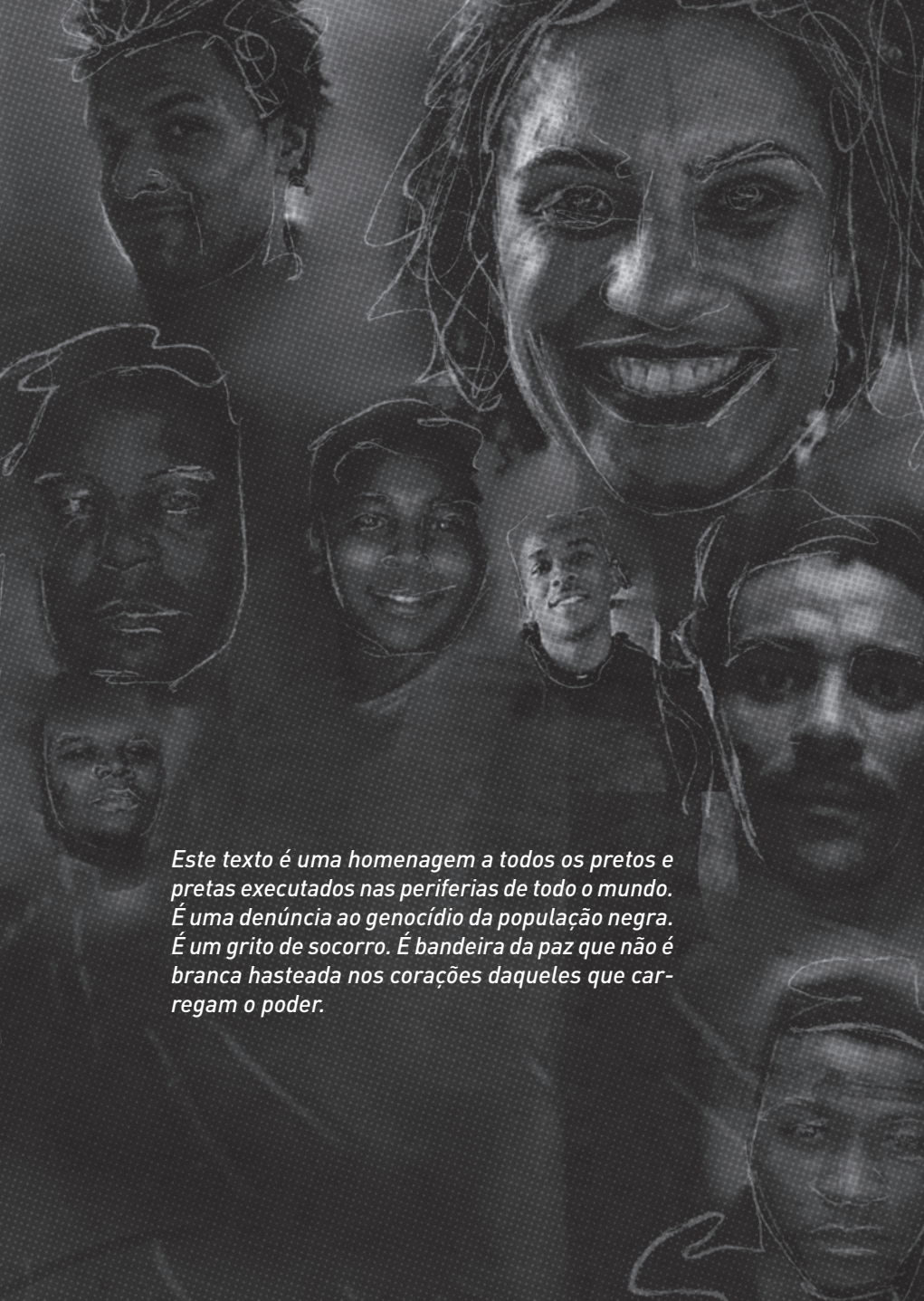
Texto de Jhonny Salaberg

Guaianases / São Paulo

2016







Este texto é uma homenagem a todos os pretos e pretas executados nas periferias de todo o mundo. É uma denúncia ao genocídio da população negra. É um grito de socorro. É bandeira da paz que não é branca hasteada nos corações daqueles que carregam o poder.



*"Que Deus abençoe os brancos para que os negros possam
dormir tranquilos".*

Carolina Maria de Jesus (1960)

1. O PRIMEIRO PÃO DO ANO

Em algum extremo da cidade, eu me levanto meio cangalha em direção ao banheiro. É 1º de janeiro e ainda é possível ouvir o barulho dos fogos de artifício, sirene de viatura e a música “O que pensa que eu sou” da banda Djavú, que tocou 17 vezes na noite anterior. Eu contei. O que não contei foi a quantidade de copos de refrigerante que bebi. Já que ainda não posso beber cerveja, eu acabo caindo na frenética do Dolly. O cheiro da fumaça da churrasqueira permanece em minha roupa. Eu não me dou muito bem com festas. Todas as vezes que o carvão, a caixa de som e os engradados invadem a minha casa, eu me sento no quintal ao lado de minha avó que não suporta música alta. Fico observado minha tia dançar forró com uma cerveja na mão. Meu tio pilotar a churrasqueira com linguíça, asa de frango e carne de segunda. Crianças correndo e estourando bombinha no chão. Outras andando e olhando para os pés, vendo a luz vermelha piscar embaixo da sola dos sapatos novos. O vinagrete na vasilha de vidro azul cheio de moscas e o cachorro roendo o osso deitado no fundo do quintal. No banheiro, eu recapitulo todas as imagens em minha cabeça como num filme de trás para frente. Eu observo o cesto de lixo que está transbordando e imagino que o quintal deve estar muito pior.

Na cozinha, minha mãe está em frente ao fogão passando o café. A pia está cheia de louça. Na mesa, ao lado do vaso de flores artificiais, tem dois reais em moedas. Eu sei que a tarefa de ir à padaria é minha, todo o santo dia. As moedas de dez e cinquenta centavos estão encapadas com durex encardido. O sol que entra pela janela da cozinha ilumina o cabelo de minha mãe que, nesse momento, parece estar vermelho. A barra de sua blusa está úmida devido ao contato com a beira da pia. Seus dedos estão enrugados, mas firmes.

MÃE Vai ficar aí parado, é? Vai logo na padaria, menino!

EU Mas é preciso mesmo comprar pão hoje, mãe? Re-
quenta qualquer sobra de ontem e pronto. Ainda tem
Dolly ou já acabou?

MÃE Se você não for comprar esse pão agora eu juro que...

EU Tá bom! Tô indo...

Eu pego as moedas em cima da mesa e saio rumo à padaria. No meio do caminho, eu me lembro que é feriado e sou obrigado a andar cinco quadras para chegar na única padaria aberta. As ruas estão completamente vazias. O sol está forte e elimina todas as possíveis sombras que se pode ter. Uma viatura se aproxima de mim e passa bem rente ao meu corpo. Se passasse um pouco mais perto, seria possível me engolir com as suas rodas cheias de sangue. Lá de dentro, dois policiais me olham como se eu fosse o Osama Bin Laden nas ruas da periferia, pronto para jogar uma bomba dentro do carro. Eu entro na padaria e torço para que a viatura vá embora e não mais me encontre.

Me deparo com uma fila que eu não esperava. Há apenas um funcionário na padaria. Encosto no vidro do balcão gelado coberto com várias bolhas de água. O contato da minha pele quente com o vidro gelado traz uma sensação interessante. Há uma televisão suspensa na parede, parece ser dessas modernas que não tem botão, nem controle e, se duvidar, nem tomada. O jornal encaixotado anuncia a morte de cinco jovens negros na virada do ano. Chega minha vez na fila! Eu pego a sacola de pão e saio da padaria. As pessoas da fila parecem não escutar a televisão ou não se importar com a notícia. Afinal, em terra de fogos de artifício, quem ouve tiro é rei.

Na volta para casa, me deparo com a viatura vindo em minha direção. Um dos policiais está com os olhos fixos na sacola de pão. Eu diminuo os passos e observo as rodas da viatura capturarem toda a poeira do chão por conta do excesso da graxa. As folhas das árvores dançam vagarosamente com o vento.

POLICIAL O que você tem aí, menino?

EU Alguns pães que a minha mãe mandou comprar.

POLICIAL Mentira! Abre essa sacola aí!

EU Eu preciso voltar para casa, senhor, minha mãe está me esperando. Juro que é só pão.

POLICIAL Você tá surdo? Abre essa sacola, agora!

EU Senhor, eu preciso ir.

POLICIAL Aé? Vamos ver se você não vai abrir essa sacola agora!

O policial que está no banco do passageiro sai da viatura com a mão direita na arma pendurada em seu cinto. Eu começo a correr para o sentido contrário. Ele corre atrás de mim com toda a fúria que se pode ter. Os pães pulam dentro da sacola e eu os agarro em minha barriga. As folhas das árvores dançam agora com as tiras de rabiola que estão presas nos fios de eletricidade. Perto delas estão alguns pares de tênis amarrados pelo cadarço. Em rua de periferia, sempre tem muitos postes e muitos fios. As teias eletrônicas dão luz aos "gatos" que iluminam uma vila inteira. Eu avisto um poste com alguns buracos e começo a subir até chegar nos fios de eletricidade. Ele me olha lá de baixo com arma

apontada em minha direção. Eu corro nos fios tentando me equilibrar para não cair. Seguro a sacola cheias de pães com força e olho para os postes, existem muitos deles, vou correndo nos fios alcançando todos os postes que vejo. Eu olho para baixo e o vejo correndo com uma mão no cinto e a outra segurando a arma. Aqui começa a jornada para salvar esse pequeno corpo negro ambicioso, que corre com uma sacola de pães nas mãos. Por essas ruas, a saga é diária e é preciso ser ligeiro. Os pássaros voam ao meu lado tentando bicar os pães dentro da sacola. Por aqui, criam-se asas em dias de emergência. Os meninos pretos dessa terra nascem com ligamentos nas costas, ao lado das escápulas, são pequenas penas que se desenvolvem a medida que o perigo aumenta. As asas ajudam os meninos pretos a fugir do alçoz branco e peitudo. Não se tem manual de instrução, o jogo pode começar em qualquer lugar e a qualquer momento. É preciso estar atento, pois as balas perdidas voam para todos os lados. Eu sigo correndo nos fios tentando me equilibrar entre a sorte e o azar.

2. SEBO NAS ASAS

Os pães dançam dentro da sacola como pulgas saltitantes no pelo do cachorro da vizinha. Consigo senti-los com as minhas mãos e os agarro para que não caiam no chão. Eu continuo fugindo da bala midiaticamente perdida, da bala que persegue o corpo magro, suado, pequeno e preto. A bala que tem por objetivo me perfurar, rasgando o tecido áspero e quente que se encontra perdido no imenso e assustador vazio. Eu corro para que não haja outro buraco destapado com sete palmas de choro de minha mãe ajoelhada na terra molhada. Eu corro para que as velas de casa sirvam para iluminar a cozinha em dia de falta de luz e não para me iluminar.

Eu corro assim, meio sem saber se vou chegar em casa, se vou comer meu pão, se vou à escola esse ano. Eu puxo todo ar que um menino pode ter nos pulmões para aguentar essa cidade feita de bonecos de chumbo, que insistem em nos arquivar nas velhas gavetas enferrujadas. Minha pisada é ligeira e sagaz feito rato que corre em esgoto aberto.

Meus pés se equilibram nos fios cheios de rabiola ligados aos postes do bairro. Eu corro pulando de fio em fio. A minha sorte é que os fios formam uma grande teia a cada poste que alcanço. A afiação elétrica da periferia são grandes bolos emaranhados que suportam a descarga das casas, mais conhecidos como “gatos”. Por aqui, cada poste possui tetas metálicas que amamentam os chuveiros, as geladeiras e as grandes e plasmáticas televisões. Eu vou pulando de fio em fio, fugindo para o lado utópico do meu mundo. A cada pisada, o peso do meu corpo faz o fio balançar feito trampolim para baixo e para cima. Com esse impulso, vou cada vez mais longe. Às vezes, olho para baixo. Quero ter certeza que não estou num sonho. Quero me certificar que os pães ainda estão dentro da sacola.

Em casa, minha mãe varre o quintal juntando a poeira dos cantos das paredes, formando grandes punhados de terra. Ela sabe que a casa é velha e é preciso varrer no mínimo duas vezes por dia. Minha mãe é dessas certezas absolutas de um velho ancião fumando seu cachimbo. Ela sabe de tudo. Sabe que vai chover mesmo quando o céu explode o azul. Sabe que o cachorro da vizinha não vai vingar por muito tempo. Sabe que semana que vem o leite vai aumentar ainda mais. Ela só não sabe que, num instante, meu corpo vai ter tantos buracos quanto o muro que separa minha casa e o esgoto.

Eu continuo correndo nos fios de alta tensão onde só os pombos habitam. Há uma grande quantidade deles, é possível encontrá-los por todo lado. Alguns pelo menos dançam para compensar a falta de vento nas asas, outros se aquietam no meio do fio esperando a sorte de serem levados para as montanhas mais altas que um prédio de cinquenta andares. Eles depenam para alcançar. As montanhas da Bolívia são altas e assustadoras, quase que não consigo chegar. Correndo nos fios, observo uma fiação perfeita para poder pular. Pulo e vou tão alto que quase chego perto de Deus. As montanhas de La Paz são belas e parecem os bolinhos de chuva que minha mãe faz quando não temos o que comer. São marrons com as pontas brancas feito açúcar. Eu corro subindo as montanhas de La Paz como quem busca a medalha de ouro na Corrida de São Silvestre. Daqui de cima, é possível ver as casinhas amontoadas brigando por espaço. As casinhas vão diminuindo à medida que alcanço o topo da montanha. Pela primeira vez me sinto tão grande quanto os postes em que pulei. Consigo ver todo o horizonte bem rente à linha do meu nariz. As nuvens parecem estar mais perto e sinto que, se a montanha fosse um pouquinho maior, seria possível pegar as estrelas à noite. Olho para a sacola e percebo que perdi um pão, provavelmente deve ter sido no salto dos fios até aqui. Encontro uma mulher

vestida com uma saia rodada azul, até os tornozelos, uma bata vermelha com detalhes verdes, um tecido amarrado nos ombros e um chapéu com as abas viradas para cima. Ela tem cabelos pretos e olhos puxados. É uma *cholita*. Ela me olha surpresa e acena a cabeça em cumprimento. Observa os pães pulando dentro da sacola e sorri. Eu corro rasgando o céu com as minhas mãos, sentindo o vento passar entre meus dedos. Pego um pedaço de céu e coloco na sacola para poder compensar a falta do pão perdido. Eu sigo sem olhar para trás, mas sei que a *cholita* me observa com o sorriso no rosto, feito a criança que está nos seus ombros e que, só agora, tira a cabeça do tecido para poder me ver. “*Buena suerte ave pequeña, buena suerte*” – ela disse.

3. É PRECISO ESTANCAR O REAL E CAPTURAR A UTOPIA

Eu pulo da montanha com a coragem de uma formiga ao escalar uma árvore carregando um pedaço de folha. Eu pulo com a coragem de quem tem as asas remendadas. Minhas patas estão cansadas e minhas barbatanas sangram. Sou um pardal perdido em vento forte, pronto para mergulhar na primeira lagoa que vir e sair rastejando até onde se possa encontrar terra seca. Eu permaneço no silêncio de quem chora em cima de uma foto, desaguando os órgãos para poder hidratar a dor. Ele aponta a arma em minha direção e deixa jorrar a raiva metalizada do cano quente que perfura o meu corpo. Essa ferida aberta que agora pulsa em minha costela é o gatilho sem sentido de quem gosta de abatedouros. O tiro que perfura meu tecido é a mão que invade a galinha e arranca tudo o que sente com os dedos. Espaço se abre entre meus órgãos e uma forte corrente de ar passa por eles. Meu corpo desce desordenado girando feito manga mole do topo mais alto da montanha. Eu levei cinco tiros e com eles vem a certeza de que outras balas perdidas tentam me encontrar.

5

Caio sobre os fios e reconheço o lugar, estou na rua de baixo da rua de minha casa. Por aqui, as janelas emolduram mães, avós, tias, meninas e bebês lavando a louça pesada da festa de ano novo. Eu desço dos fios escorregando pelo poste, deixando uma grande listra vermelha. Corro na calçada sentindo os pés e meus rins balançarem no mesmo ritmo. É possível ouvir o barulho da bota pisando no asfalto e as fivelas do colete se chocando enquanto ele corre atrás de mim. Eu continuo correndo com o ar solto na barriga e preso na garganta. Arranco um dos meus rins e guardo na sacola para que não caia no chão. Avisto um bueiro aberto a vinte metros e não penso duas vezes em me esconder. Sou um tatu que avista com sagacidade a oca recém construída. Eu pulo dentro do bueiro e caio num encanamento escuro e apertado. Começo a descer, o encanamento que parece ser infinito. O cheiro é forte e avassalador. Também pudera, com todas as carnes nos becos e vielas, elas têm que escorrer para algum lugar. Por aqui não existe urubu, não se tem meio de sobrevivência, o sol faz o favor de dissecar todos os tecidos estendidos no chão, antes que eles cheguem.

O ritmo da descida diminui à medida que se chega ao fim do encanamento com saída para um quarto escuro e abafado. Observo a grade de ferro que direciona o pouco da luz que ilumina um caixão deteriorado e sujo. Percebo que estou dentro de um túmulo e empurro a grade para poder sair. Os túmulos de Santa Rosa, na cidade de Lima, no Peru, são pequenas caixas de fósforo que lutam por espaço com seres vivos e seres mortos. Há grandes muros com quadrados de azulejos coloridos, cada quadrado contém os restos de alguém, talvez sejam as carnes estendidas no chão da viela onde eu moro. Por aqui as casas são túmulos e os túmulos são casas, não há diferença. Nesse lugar, a vida após a morte faz tanto sentido quanto um vaso de flores amarelas que eu esbarro sem querer quando tento pular o túmulo de

uma senhora. Por essas terras, há casas para descanso e casas à procura de descanso. Pedras que se misturam com pedaços de ferro e azulejo, que se transformam em casas, que cobrem pessoas, que seguram bebês, que mamam em seios de gesso. Os pequenos peruanos sabem que não podem habitar por muito tempo o lombo da mãe. Logo terão que descer e enfrentar outros seres perdidos. As casas são portais mágicos onde se pode sentir o gostinho da morte. Os seres vivos andam, dormem, comem, defecam, choram, gargalham, conversam - e tudo a que têm direito - com os seres mortos. Eles dividem o espaço que, por lei, não pertence a nenhum deles.

Eu corro por entre os corredores estreitos e curtos cheios de olhares curiosos. É difícil diferenciar as janelas e as lápides. Os grandes muros vão se apertando à medida que eu corro entre eles. As fotos dos seres mortos me olham com piedade e simpatia. Juntos, tentam me esconder o máximo possível para que ele não me encontre. As lápides soltam rangidos e mudam de cor enquanto conversam.

LAPIDE 1 *¿Ahora, que hacemos nosotros?* (E agora, o que faremos?)

LAPIDE 3 *¿Cómo así, que hacemos nosotros? Nada hay que podemos hacer.* (Como assim, o que faremos? Não há nada que possamos fazer).

LAPIDE 2 *Lo está en peligro, tenemos que ayudar.* (Ele está em perigo, temos que ajudar).

LAPIDE 3 *Mucho hemos hecho nosotros mientras cuerpo en vida, si los vivos nada hacen para ayudar, no seremos nosotros que iremos hacer.* (Muito fizemos enquanto corpo em vida, se os vivos não fazem nada, não somos nós que iremos fazer).

LAPIDE 4 *Los seres vivos están muertos mi señora, somos más vivos que ellos.* (Os seres vivos estão mortos, minha senhora, somos mais vivos que eles).

LAPIDE 3 *¡Mira quién viene a hablar! Pepe Borracho, que si emborrachaba en el bar de la esquina.* (Olha quem fala! Zé Pinguço, que enchia a cara no bar da esquina).

LAPIDE 5 *Personas, nosotros tenemos que ayudar.* (Pessoal, temos que ajudar).

LAPIDE 3 *Se quieren ayudar, ayuden. Yo no voy mover incluso un grano de ceniza para acoger a la gente intrusa.* (Se querem ajudar ajudem. Eu não vou mover um único grão de cinza para acolher gente intrusa).

LAPIDE 1 *Esta murió ahogada en la angustia, estaba atascada en deudas, debía al alma. ¡Pobretea!* (Essa morreu afogada na angustia, estava atolada em dívidas, devia a alma. Pobrezinha!).

LAPIDE 3 *¿Que dijiste tú?* (O que você disse?).

LAPIDE 2 *Mientras viva era yo, vi a morir mi hijo en mis brazos. Ni por eso deje se convertir en piedra mi corazón.* (Quando era viva, vi meu filho morrer em meus braços. Nem por isso deixei o meu coração virar pedra).

LAPIDE 4 *¿Será alguien tiene alguna garrafa salva en el lado del lado, o nadie ha recordado de pedir a su familia?* (Será que alguém tem uma garrafa guardada aí do lado ou ninguém lembrou de pedir à família?).

LAPIDE 1 *¡Arre, Pepe Borracho! Escuché que el dono del bar viene para recoger su cenizas e dar de comida a su perro. Ello está furibundo por el señor ha viajado debiendo más de media vida.*

(Ô, Zé Pinguço, ouvi dizer que o dono do bar está vindo para pegar as suas cinzas e dar pro cachorro comer. Ele está furioso porque o senhor viajou devendo mais de meia vida).

LAPIDE 5 *¿Podemos volver a o asunto? Ello tiene miedo.* (Podemos voltar ao assunto? Ele está com medo).

LAPIDE 2 *Yo también tendría miedo se estuviera corriendo con un riñón que balancea.* (Eu também teria medo se estivesse correndo com um rim que balança).

LAPIDE 3 *Eso es su problema. Nada tenemos con eso. ¿Lo que piensan que somos nosotros, sus abogados? Yo soy una señora de setenta e tres años de edad. Setenta años con vida e tres años sin vida. He enfriado hace poco. ¿Quieren ya que yo vuelva a la trabajar?* (Isso é problema dele. Não temos nada com isso. O que pensam que somos, seus advogados? Eu sou uma senhora de setenta e três anos de idade. Setenta anos com vida e três anos sem vida. Esfriei faz pouco tempo. Querem que eu já volte a trabalhar?).

LAPIDE 5 *¿Ello necesita alguna ayuda!* (Ele precisa de ajuda!).

LAPIDE 1 *¡Ándale, ándale! Abran espacio para que pueda entrar.* (Vamos, vamos! Abram espaço para ele entrar).

LAPIDE 4 *Yo ayudo si alguien me trae una bebida después.* (Eu ajudo se alguém me trazer uma bebida depois).

LAPIDE 3 *Si no para de me fastidiar a mí, juro que encontraré una manera de bailar con el viento, llegar a su lápida sepulcral e atascar su corriente de aire.* (Se você não parar de me encher o saco, juro que encontrarei uma maneira de dançar com o vento, chegar à sua lápide e tapar a entrada de ar).

LAPIDE 5 *¡Gente, por favor, escucha me, necesitamos abrir espacio para que ello pueda entrar. Abajo a mi lápida sepulcral hay un camino que puede llevar a ello para dentro de mi vieja casa.* (Gente, por favor, me escutem, precisamos abrir espaço para que ele possa entrar. Embaixo da minha lápide há um caminho que pode leva-lo para dentro da minha velha casa).

LAPIDE 1 *¡Si, si! Debemos abrir espacio. ¡Siento me tan útil!* (Sim, sim! Devemos abrir espaço. Sinto-me tão útil).

LAPIDE 3: *¿Ustedes están volviendo locos? Después, no digan que no los dice yo.* (Vocês estão ficando loucos, depois não digam que eu não avisei).

LAPIDE 4 *¿Porque no queda a su queja e ayuda a nosotros?* (Por que não para de reclamar e nos ajuda?).

LAPIDE 3 *¿E porque pide a nosotros que juguemos en sus cenizas un barril de cachaza?* (E por que pede que joguemos cachaça nas suas cinzas?).

LAPIDE 2 *¡Expedición, gente, por favor, expedición!* (Encaminhamento, gente, por favor, encaminhamento!).

LAPIDE 5 *¡Vámonos, Pepe, va un poquito más a derecha. Tu señorita, que perdiste a tu hijo, abra espacio a la izquierda e los otros van para cima.* (Vamos, Zé, vá um pouco mais à direita. A senhorita, que perdeu o filho, abra espaço à esquerda e os outros vão para cima).

LAPIDE 1 *¡Vámonos, vámonos!* (Vamos, vamos!).

LAPIDE 3 *¡Ay, no me empuje!* (Aí, não me empurre!).

LAPIDE 5 *Un poquito más. Vamos a conseguir.* (Um pouquinho mais, vamos conseguir).

LAPIDE 3 *Voy a ser obligada a ceder, se no yo me convertiré a mí misma en escombros. ¡Infierno! ¡Infierno!* (Vou ser obrigada a ceder, senão viro entulho. Inferno! Inferno!).

LAPIDE 2 *¡Santa Madre de Dios, este lugar es apretado! Si no pasa logo este chico, podemos nos convertir en una misma lapida sepulcral.* (Nossa Senhora, que lugar apertado! Se ese garoto não passa logo, é capaz de a gente virar uma só lápide).

LAPIDE 1 *¡Pasa chico, pasa!* (Passa garoto, passa!).

LAPIDE 5 *¡Dígale a ello que siento nostalgia!* (Diga a ele que sinto saudade!)

LAPIDE 4 *No si olvide del pan...* (Não se esqueça do pão).

As lápides abrem caminho e entro no espaço escuro e pequeno onde só consigo ver uma mesa com uma vela em cima. Aos poucos a vela vai iluminando um armário vazio, uma cama desarrumada e um filtro de barro. Na cama há um senhor cabisbaixo sussurrando algo. Ele segura um retrato com as duas mãos, olha para mim e se levanta. Cabelos brancos, roupas surradas. Em seu olhar, o brilho mais aguado que eu já vi na vida. Ele sorri para mim e balança a cabeça em aprovação, apertando a foto contra o seu peito. Depois me mostra o retrato velho e sujo de uma moça linda sorrindo atrás de um ramo de flores. Eu olho a foto por um tempo e percebo que a moça é uma das senhoras das lápides, que ofereceu sua antiga casa como refúgio. O velho beija o retrato, coloca em cima da mesa, pega uma xícara

com um pouco de café requentado e pousa em minha frente. Eu bebo o café e sinto o cheiro do pó marrom que minha mãe está fazendo em casa. Eu abro minha sacola e percebo que perdi mais um pão. Fecho os olhos para sentir o silêncio que se instaura no quarto, o silêncio que reina por toda cidade. Por aqui, moradia é sinônimo de bem-estar. Nada importa viver ao lado daqueles que já viajaram, a troca de experiência é o alimento para que a bombeamento de uma cidade-corpo se estabeleça. O velho segue sussurrando e olhando para foto enquanto eu bebo o café. O caldo preto e sem açúcar desce pela minha garganta, passando entre os vãos abertos em meu corpo, até sair por um buraco abaixo do meu umbigo. Tomo outro gole de café e o líquido continua saindo pelo buraco. Pego um pedaço do punhado de céu que está dentro da sacola e tampo o buraco, impedindo que o café escorra e manche todo o chão. O pedaço de céu me faz sonhar de olhos abertos feito um pássaro que toma liberdade. Vejo uma porta bem pequena entreaberta ao lado da cama. O senhor me olha com um sorriso tímido no canto da boca e abre a pequena porta que emana um raio muito forte de luz. Eu vou até a porta, me abaixo e tento colocar a cabeça para fora. As nuvens me puxam e me tomam por completo. Marco minhas digitais sujas e pretas nas leves e brancas nuvens. O velho me observa. Agachado dentro do quarto, ele acena e fecha a porta. Nesse momento, eu sou a pena preta da galinha que foi usurpada aos poucos. Eu sou aquilo que não se vê e o que se perde. Eu sou a bola de futebol que vai parar em cima do telhado. Quem sabe amanhã eu possa acordar e voar tranquilo sem saber para onde ir. O vento passa pelos meus buracos e o sangue vai secando aos poucos, feito a barra da blusa da minha mãe. Sei que o café em casa está pronto e, na sacola, eu tenho três pães, um pouco de terra, um punhado de céu e um rim.

4. PONTO POR PONTO

Eu corro. Corro mais. Corro mais ainda. Corro mais rápido. Corro passando por cima das minhas pernas. Corro tentando encontrar um refúgio. Corro porque é a única opção que eu tenho nesse primeiro dia do ano que eu não sei se é o último. Corro porque o café está me esperando. Corro porque em casa tem álcool e algodão e sei que minha mãe vai sarar esses buracos. Corro porque as minhas asas já não funcionam mais. Corro porque a boca do mundo tenta me engolir à medida que eu digo: NÃO! Corro porque tenho que costurar meu rim ainda hoje. Corro porque ele está atrás de mim e está atirando na minha direção. Corro porque eu sou preto. Corro porque as balas perdidas correm mais rápido que eu. Corro porque o dedo no gatilho se mexe mais do que os meus pés. Corro porque acabei de levar um tiro. Corro porque acabei de levar outro tiro. Corro porque é mais um tiro. Corro e mais tiro. Mais tiro. Mais tiro. Mais tiro! Corro porque, até aqui, eu já levei a minha idade de tiros.

12

Em casa o Roberto Carlos se calou e o silêncio tomou conta. Nesse momento, minha mãe está sentada na mesa pintando as unhas com esmalte vermelho, acetona e algodão. Ela diz que as unhas são como os cabelos, é preciso cuidar sempre. Ela pousa o vidro de esmalte na mesa e vai até o portão para ver se eu estou chegando. Ela olha a rua completamente vazia, levanta e sobancelha esquerda, leva as mãos ao peito e suspira lentamente com um olhar preocupado. Entra em casa e percebe que o café já está morno, a garrafa térmica não é das melhores. Ela volta para a mesa, pega o esmalte, tira o pincel, remove o excesso de tinta na borda do vidro e passa nas unhas. A tinta escorre nos meus braços tampando os buracos mais fundos, eles são os mais prejudicados. Dos doze tiros, seis entraram feito flecha. Ela passa o esmalte nas unhas pincelando os meus buracos devagar para que a tinta não escorra. A camada é fina e vai se desmanchar em pouco tempo. Minha mãe sabe que dessa vez as unhas não irão ficar tão bonitas quanto das outras vezes. A essa altura é possível sentir o cheiro do esmalte, da acetona, do pó das botas dele e do sangue. Os buracos dos meus braços agora estão levemente encapados com a esperança vermelha de minha mãe. O vidro de esmalte já está quase no fim e o meu corpo também.

Eu corro ao lado de um córrego sujo, ao fundo tem um muro pichado tapando o horizonte e o pôr do sol. Não se tem saída para o outro lado. Os poucos raios de sol atrás do muro iluminam as pegadas pretas nas nuvens em que eu corri. Ele continua correndo atrás de mim e sinto que o tempo está se esgotando. Eu jogo minha sacola do outro lado do muro e mergulho no córrego feito um peixe de patas ligeiras fugindo das redes cheias de queijo. Nada dá para ver dentro do córrego, tudo está embaçado e as minhas barbatanas têm dificuldade para desviar das garrafas pet, sacolas, sofás, geladeiras e corpos em decomposição. Eu nado sentindo as quinas das coisas baterem em meus pés e o barulho dos tiros na água suja.

Nado até a superfície do córrego e encontro outro corpo parado me olhando de cima para baixo. É uma menina. O tom de pele é igual ao meu. Ela usa um vestido rosa muito sujo, está descalça e com os cabelos amarrados em duas partes. Parece que tem a mesma idade que eu, bebe o mesmo café, tem a mesma mãe, segura a mesma sacola e parece estar cansada tão quanto eu. Ela me ajuda a sair do córrego e me olha por um tempo, um olhar curioso de quem nunca viu um menino molhado cheio de buracos pelo corpo. Ela me entrega a sacola, olha nos meus olhos e sorri. Ao redor tem uma grande quantidade de casas construídas com barro, madeira e folhas de bananeira. Corredores rasgam a pequena cidade de Sité Soleil que se expande nas águas sujas e o afeto descartável daqueles que saem e não voltam. As crianças da cidade correm descalças pelo barro batido feito de sangue e miséria. Parece até o meu bairro em época de chuva. Mas aqui não precisa de água para poder resistir, aliás, é a falta dela que faz que as mulheres e crianças saiam todos os dias com galões na cabeça à procura de gotas para beber, fazer comida, lavar as roupas e hidratar os peixes ligeiros que vivem nos córregos da cidade. Por aqui, o lixo é comum feito os fios emaranhados nos postes do meu bairro.

Ela segue sorrindo para mim e eu fico sem jeito e sem ter o que falar. Uma mulher com um vestido marrom e um lenço na cabeça aparece na porta de uma das casas, olha para mim com curiosidade e diz:

MULHER *Pitit fi vini andedan!* (Filha vem para dentro!).

MENINA *Gade ki moun mwenn te jwenn, manman. Li sanble ke li te pèdi.* (Olha quem eu encontrei mãe. Ele parece estar perdido).

MULHER *Kouman pou sa? Ki moun ki ti gason sa a?* (Como assim? Quem é esse menino?).

MENINA *Mwen pa konnen, li te kite rivyè a. Mwen pa konnen ki kote li te soti nan oswa kote li paral.* (Eu não sei, saíu de dentro do rio. Não sei de onde veio nem para onde vai)

MULHER *Vini non pitit fi. Ou bezwen ale jwenn dlo pou mwen.* (Venha cá, filha. Você precisa buscar um pouco de água para mim).

A menina pega em minha mão e me leva para dentro de sua casa. A mulher me olha com curiosidade e simpatia, me oferece um banco de madeira para sentar, pega um galão azul e entrega a menina que sai e fecha a porta. A casa só tem um cômodo, que abriga toda a família, duas redes, uma cama, um armário com restos de comida, um colchão amarrado e uma trouxa de roupas. Na parede tem um quadro escrito “Mwen renmen ou Ayiti” (Eu te amo, Haiti). A mulher observa os meus furos e suspira com pesar.

MULHER *Ki moun ki te fè sa a ou ti gason?* (Quem fez isso com você, menino?).

EU Desculpa, mas eu não entendo a sua língua.

MULHER E por que não disse antes? Desculpe, me chamo Yaritza.

EU Eu me chamo... mas como consegue entender o que falo?

MULHER Meu marido mora no Brasil, ele me manda algumas cartas em crioulo e em português. Não sei ainda muito bem todas as palavras, mas aos poucos eu vou aprendendo.

EU Onde ele mora?

MULHER Acho que se chama... Guaianazes.

EU É o bairro onde eu moro. Sai de lá essa manhã e não sei se volto.

MULHER Porque, está perdido? Por aqui não tem esse luxo de ir e voltar, ou a gente fica e aguenta o tranco ou vai e não volta. Eu logo mais estou indo para o Brasil, meu marido diz que as coisas por lá também estão ruins, mas pior que aqui no Haiti não deve ser.

EU Estou fugindo de um policial que quer me matar. Já me acertou na barriga, nos braços e nas costas. Os meus buracos estão muito grandes e corro o risco de perder mais órgãos...

Eu sinto alguma coisa escorrer em meu corpo, é um dos meus pulmões. Ele sai pelo buraco da minha costela, escorrega pela minha barriga e pousa em minha coxa, eu o pego e coloco dentro da sacola. A mulher me olha assustada e deixa uma lágrima escorrer em sua pele preta marcada pelo sol. A menina abre a porta da casa, pousa o galão de água e me olha também assustada. A mulher se direciona até uma gaveta, pega uma linha e uma agulha e se senta na cama. Ela prepara a costura. O fio passando no buraco da agulha me faz arrepiar. Ela me deita na cama e começa a costurar alguns dos meus buracos. A agulha passa em minha pele fazendo outros buraquinhos para que mais órgãos não escorram. Nesse momento começa a chover em Sité Soleil e em pouco tempo a água invade o pequeno cômodo. A mulher e a menina sobem em cima da cama para escapar da água infecta. A mulher se equilibra com a agulha na mão costurando a minha pele, tentando prender os buracos abertos. A água começa a subir, o cheiro entra

correndo pelo nariz. Ela dá o último ponto e me coloca na rede. Minha visão vai ficando embaçada e adormeço em meio a água batendo na parte de baixo da rede. Com uma vassoura na mão e a coragem no peito, a menina joga a água para fora da casa à medida que a chuva vai baixando. Os pés dos móveis estão molhados e sujos de lama. A casa se torna a proteção mal-acabada de uma terra-lama sem nome e endereço.

MENINA *Manman, ki kote braslè ou a?* (Mãe, cadê o seu relógio de pulso?)

MULHER *O Bondye mwen!* (Ai meu deus!)

O relógio apita dentro da minha barriga. É hora de acordar e continuar correndo.

**5.
O
VENTO
SABE
ESPANTAR
O QUE
NÃO LHE
AGRADA**

O tempo que corre junto comigo me abraça pelas costas e, pelo meu cangote, acompanha a visão de quem não o vê por perto, não sente seu cheiro, não dança, não sorri, não chora, não economiza, não se estende, não se desespera, não organiza, não perde, não ganha, não come, não vomita o espaço que ele tem. Nesse momento, ele é a ampuheta e a espingarda do caçador. Ele gruda em minha pele feito carrapato e faz questão de me avisar que está se esgotando junto comigo, vibrando e apitando ao lado do meu fígado, que dorme sem saber o que está acontecendo. Eu corro à medida que o apito do relógio vai ficando cada vez mais forte. Com a mão firme na sacola que carrega pães, terra, rim, céu e pulmão, eu vou escorregando da rede esperançosa da costureira e caio nas nuvens, onde os sonhos ficam presos até que alguém os capture. Há muitos sonhos perdidos e outros entediados a procura de melhores ideias. Eu avisto meu sonho preso num punhado de nuvem, chego perto e tento pegá-lo. O sonho desaparece e reaparece atrás de mim feito mágica. Eu tento tocá-lo novamente e mais uma vez ele não me abraça, foge de mim como zebras fogem do leopardo, desaparece e aparece alguns metros à frente. Eu tento pegá-lo mais algumas vezes sem sucesso. Desisto e fico admirando de longe sua estadia no campo de concentração branco e aparentemente macio.

Andando nas nuvens, percebo que a cidade daqui de cima é brinquedo para aqueles que tem permissão para brincar. Quase que consigo tocar os prédios, as torres, as poucas árvores, os soldados vestidos de cinza carregando blocos e cimentos para lá e para cá, os carrinhos, as motocas, os rios pretos e os bonequinhos perdidos. As nuvens não são as mesmas dos sonhos guardados em minha cama, estes que, a essa altura já, devem estar murchos e sem vida. As nuvens não são tão macias, os sonhos vazios as deixam mais firmes e carregadas. Elas margeiam a cidade com linhas

verticais. Os bonequinhos perdidos lá embaixo deixam os sonhos abandonados no bolso do casaco, dentro do sapato, entre os travesseiros, no meio da carteira de trabalho, no banco preferencial, pendurado na janela do ônibus, no ovo mexido da marmitta e nos olhos cansados dentro de carros que andam sobre os trilhos. Como balões desordenados, eles sobem para as nuvens e esperam o dia da chuva de meteoros “acanelados” que assinarão contratos de morte aos bonecos perdidos.

Daqui de cima é possível sentir o cheiro da poeira que o trem levanta quando passa pelos trilhos rasgando a cidade de Nairobi em duas partes. Os trens que passam pelos trilhos carregam as cores dos pichos que vão se desbotando com o tempo, as cores dão lugar à outras cores. Eu ando nas nuvens tentando encontrar uma brecha de algum sonho perdido para poder descer. Encontro um balão amarelo preso num pedaço de nuvem, arranco com força e desço pelo buraco que se abre. Vou descendo devagar segurando o balão com a mão direita e a sacola com a mão esquerda. Observo os pássaros magros e depenados que voam ao meu lado. Eles me rodeiam com as asas abertas e o bico ereto. Rasgam as nuvens num piscar de olhos e descem de vez em quando para descansar e procurar as penas perdidas. O balão que me sustenta vai descendo devagar na direção de um trem que percorre os trilhos. Eu pousei meus dois pés cansados na lataria do trem, seguro uma barra de ferro e me sento em cima do tampo de um dos vagões. É possível ver os telhados das casas encapados com lona desgastada e folhas de bananeira. Eu solto o balão que voa pelo céu e que só agora me apresenta sua legenda: “*Kenya ni katika moyo wangu*” (Quênia está no meu coração). O trem segue colorindo as casas cinzas e encapadas que margeiam os trilhos enferrujados e cheios de terra. As cores vão se espalhando pela cidade à medida que o trem corre tentando

alcançar o horizonte. Elas se desgrudam do trem e se espalham nas casas como uma grande manta de retalhos. As ferragens descascadas do trem vão aparecendo e o horizonte vai ficando cada vez mais longe. Eu me seguro na barra de ferro sentindo o vento passar pelos meus buracos, que só agora percebo: estão novamente destampados. A camada de esmalte vermelho se desfaz, voa e colore o poste de luz de uma estação ferroviária antiga e abandonada. Por aqui, tudo parece estar esquecido. Não fossem as cores do trem, a cidade se afundaria na terra.

Eu tento me equilibrar em cima de um dos vagões firmando os meus pés numa chapa de ferro antiderrapante. O vento que bate na sacola é muito forte e quase que a perco. Eu abro os braços com cuidado ainda tentando me equilibrar. O vento passa na velocidade da luz pelos meus buracos, entrando sem cor nenhuma e saindo pelas minhas costas com o absoluto vermelho do meu sangue, que vai-se embora junto com o meu sonho, que ficou lá atrás. Nesse momento eu sou uma máquina retinta humana pronta para pintar de vermelho todos os horizontes que já se passaram. Os poucos pássaros magros que voam por perto dançam em meio ao vento misturado com sangue. Eles se tingem de vermelho e ganham o céu. Tentam capturar os sonhos que sobem para as nuvens. Continuo com os braços abertos, o vento passa cada vez mais forte. Ouço o barulho de pegadas pisando com força nas ferragens do trem e não tenho dúvida de quem seja. Ele atira em minha direção. O primeiro tiro acerta a lataria do trem, o segundo tiro acerta a sacola, de onde despenca mais um pão, o terceiro tiro me acerta no ombro, o quarto, na minha mão esquerda e o quinto passa por cima de mim, rente a minha cabeça. Corro em cima do trem com toda a força que me resta, pulando os vãos entre um vagão e outro. Ele continua atirando e pisando firme na lataria do trem. O relógio apita mais uma vez e minha barriga vibra acordando os

outros órgãos. Ele me acerta no tornozelo, o sangue começa a jorrar, tropeço em um vão aberto em cima do trem e caio em um dos vagões. Meu corpo bate no chão do vagão feito saco de cimento em rua de barro. Permaneço no chão até conseguir levantar e olhar todo o vagão vazio e pichado. Os bancos são verdes e as janelas quebradas, restam poucos vidros inteiros. Olho para trás e visualizo toda a extensão desse trem que parece ser cada vez menor. O relógio apita novamente e mais uma vez minha barriga vibra. Olho para a sacola e percebo que, a essa altura, já não me resta mais nenhum pão. O relógio continua apitando e sei que o tempo está se esgotando. O pão que minha mãe espera é a dúvida do retorno de alguém que só foi à padaria. Eu olho para o meu corpo e conto os meus buracos.

15

Eu ando mancando pelo vagão observando a paisagem pelas janelas. As casas bem perto da linha do trem são as primeiras a receber a revoada de tinta que sai dos vagões. O rangido das ferragens se mistura com o assovio do vento forte e o estalo dos galhos das árvores que encostam no trem.

Continuo atravessando os vagões vazios e estreitos. Paro e observo a imagem mais assustadora que vi desde que saí de casa: num dos vagões há vários meninos pretos. Muitos estão em pé, outros sentados e deitados. Eles seguram bolsas, sacolas, mantas, redes, mochilas e cestas. Eles me olham assustados e ofegantes, todos eles têm buracos pelo corpo. Eu paro e os observo bem detalhadamente, alguns têm buracos um pouco maiores do que os meus, outros estão com buracos concentrados em uma parte do corpo. Alguns adormecem nos bancos sentindo o vento bater no rosto, outros permanecem de pé olhando para as janelas. O vento que rasga o horizonte espanta o picumã nos cantos das janelas, nos vãos dos bancos, nos galhos das árvores e nas barras de ferro. O vento é inimigo do picumã quando o alvo cria pernas e foge. O vento é inimigo do picumã quando os carros com rodas cheias de sangue capturam sonhos nas ruas. O vento é inimigo do picumã quando ratoeiras são colocadas nas portas das escolas, nos portões das casas, nas vielas escuras, no supermercado, nos bancos, no trem e nas padarias.

Nesse momento, meu inimigo é o vento que entra rasgando vagão adentro, atirando para tudo quanto é lado, sem se preocupar com a quantidade de buracos que vão se abrir. Vento esse que avança com um só objetivo: exercitar o dedo indicador direito apertando o gatilho em direção a sonhos que nem sequer se desenvolveram, sonhos recém-nascidos que, depois de baleados, sobem para as nuvens à procura de novos corpos. O vento que agora atira em minha direção é o chicote remendado que dança nas minhas costas.

6. O ENCONTRO DAS ORIGENS

Dentro do vagão, os meninos correm em direção contrária, enquanto os tiros fazem a festa perfurando os tecidos, vidros e sonhos. Eu me abaixo e tento me esconder em um dos bancos descascados. Os meninos pretos continuam correndo, tentando desviar das balas e pular do trem em movimento pelas janelas. Ele segue atirando como quem joga pedra no rio, mas aqui, a realidade sólida abre espaço para que a bala não mergulhe e fique escondida, ela desacelera na lataria, nas barras de ferro e nos corpos dos meninos pretos provocando mais um dos tantos buracos. Os meninos vão caindo no chão feito pássaro baleado em fazenda, um por um. Embaixo do banco, eu permaneço de bruços sentindo o relógio apitar e pular dentro da minha barriga. O tempo está se esgotando e tudo diz que dessa vez não vai ter prorrogação. Ele continua atirando e a revoada de asas sangrentas dos meninos pretos diminui.

O **PRIMEIRO TIRO** ACERTOU A ESPERANÇA DE UM HAITIANO.

O **SEGUNDO TIRO** PERFUROU A FORÇA DE UM CUBANO.

O **TERCEIRO TIRO** ENTROU NA COSTELA DE UM ETÍOPE.

O **QUARTO TIRO** DECEPOU A ORELHA DE UM LIBERIANO.

O **QUINTO TIRO** ENCONTROU O OMBRO DE UM MOÇAMBICANO.

O **SEXTO TIRO** ACERTOU A CORAGEM DE UM JAMAICANO.

O **SÉTIMO TIRO** PERFUROU O RIM DE UM NIGERIANO.
O **OITAVO TIRO** RASGOU A SAUDADE DE UM GANÊS.
O **NONO TIRO** DESTRUIU A CHANCE DE UM ANGOLANO.
O **DÉCIMO TIRO** ME ACERTA NO PEITO E ABRE MAIS UM
DOS TANTOS BURACOS EM MEU CORPO.

16

O trem diminui a velocidade e as portas vão se abrindo. Os meninos permanecem no vagão tentando recolher o pouco de força que lhes resta. Eu me levanto com todo o esforço, saio do vagão e continuo correndo. Eu preciso chegar em casa, eu preciso acordar amanhã cedo, eu preciso correr mais rápido que o relógio. Passarinho que sonha e leva tiro, sabe o coração que tem. Eu saio do vagão e piso no asfalto da minha rua ainda vazia, todas as janelas estão fechadas e o sol rasga o céu numa temperatura que dói nos órgãos. Eu corro na direção da minha casa sem olhar para trás, mas sei que ele ainda me persegue.

Minha mãe está em pé em frente à pia escolhendo feijão. Ela coloca um punhado de grãos de um lado e vai passando pouco a pouco para o outro lado. Tira os grãos amassados e queimados. Pequenas pedras se misturam no meio deles, é preciso tirar. Em cima do fogão há uma panela de pressão, um bule e um fósforo. A água que ferve na panela de pressão borbulha jatos de vento jorrando fumaça pela cozinha inteira. A máquina de lavar trabalha sem descanso no quintal. Soa o tec trec em potência não tão máxima assim para lavar o pouco de dignidade que nos resta. Minha mãe suspira escolhendo o feijão. Olha para janela de dez em dez segundos. Ela olha o céu, coloca a mão no peito e respira fundo. Termina de escolher o feijão, coloca na panela, fecha e deixa a incerteza cozinhar em fogo alto. As nuvens do céu vão desaparecendo e junto com elas os sonhos perdidos. Por aqui, não se tem certeza de nada. Cada dia é um dia e cada tiro é um tiro. O feijão borbulha, borbulha, borbulha... a panela apita e o relógio dentro de mim também. O som dos apitos ecoa por todo o bairro, que abre as janelas para ver o que se passa. A panela apita. O relógio apita. O feijão borbulha. O meu corpo vibra. O fogo alto do fogão dança embaixo da panela e o sol em minha cabeça. O pino que grita voa da tampa e o relógio para de apitar. Os ponteiros se mexem bem devagar em sentido horário. É preciso ter cuidado para que o feijão não passe do ponto. As janelas do bairro agora estão cheias de olhares curiosos vendo o rastro vermelho fixar no asfalto. Alguns cochicham, outros permanecem calados. O rastro de sangue que se estende por toda a rua é o xeque-mate de uma partida de xadrez sem acordos. Minhas asas estão caídas e não alçam voo, os bueiros estão destampados, os fios de eletricidade parecem estar mais altos, o córrego está longe e o refúgio também. O feijão está pronto. O relógio marca meio-dia. O sol corre para o meio do céu e me observa atentamente. Eu preciso chegar em casa e deixar a sacola de órgãos em cima da mesa que, nesse momento, contém um sonho perdido, um pouco de terra, um rim, um punhado de céu e um pulmão.

7. DISRITMIA

Ele corre atrás de mim como um leopardo corre atrás de sua presa. Um leopardo albino correndo atrás de um búfalo, uma pantera negra, um veado. Estamos a vinte metros de distância, mas é espaço suficiente para me acertar. Atirar várias vezes em minha direção e me matar. Por nossas cabeças, o sol reina queimando. O sangue escorre no asfalto criando raízes nos beirais das calçadas. Meu chinelo arrebenta e sinto o peito do pé esquerdo queimar. Ele me acerta com um tiro nas costas abrindo mais um buraco junto ao buraco no meu peito



Meu coração escorre pelo buraco e pousa em minhas mãos. Ele pulsa nos meus dedos, entrelaçado entre as veias finas e desbotadas. Eu tento recolocar em meu peito, mas a largura do buraco não deixa ele criar raízes dentro de mim. Eu o pego com as duas mãos e continuo correndo. Os olhares curiosos colocam as cabeças para fora das janelas. A imagem de um menino negro correndo com o coração nas mãos é de se guardar na memória e nunca mais esquecer. O coração continua pulsando em minhas mãos e eu tento correr cada

vez mais depressa. O sangue vai tomando conta da rua inteira. Tudo que tem dentro da sacola vai caindo pelo buraco que se abre no fundo. Eu puxo todo o ar do meu corpo e sopro o coração que sai voando, tentando se equilibrar. Ele me alcança e atira várias vezes. Atira! Atira! Atira sem dó nem piedade. Me vira de barriga para cima e mais tiros. Mais, mais, mais, mais, mais tiros! Mais tiros! Mais, mais, mais, mais tiros! Mais tiros! Mais tiros! A cada tiro meu tronco salta do asfalto como se pedisse socorro a Deus. Se isso fosse uma cena de novela e tivesse uma câmera em um helicóptero, seria possível ver de cima minha aura ensanguentada. Mas Deus não quis assim. Deus não assiste TV.



O coração segue voando e bombeando em direção à minha casa. A coragem de rodar o mundo inteiro agora volta ao seu ninho para dizer adeus. Coração que pulsa voa uma última vez antes de morrer. Ele entra pela janela e pousa em cima da mesa. Minha mãe está de costas mexendo o feijão em fogo baixo. O coração continua pulsando em cima da mesa. Minha mãe para, solta a colher de pau e permanece quieta.

O feijão borbulha na panela e o coração pulsa ao lado das flores artificiais.

EU Mãe, antes de você começar a chorar, se desesperar e vir me socorrer, pare e ouça o que tenho para dizer: Meu corpo está lá fora no chão perfurado com todos os buracos do mundo. Infelizmente não deu para trazer o pão. Essa nossa cor preta provoca os 50 tons de bege fortemente armados com seus dentes de sabre afiados, prontos para atacar. Mãe, prepare o velório como pode. Não precisa tirar o dinheiro da aposentadoria para comprar o caixão, peça à prefeitura. Caso não consiga, me enrole na cortina roxa que está na sala e pronto. Na gaveta do quarto tem duas velas pela metade. Tem também uma camiseta que a senhora me deu neste natal. Me vista e me perfume com sua colônia de rosas que eu roubava um pouquinho todos os dias para ir para escola. Não chore mãe, termine de lavar a louça com calma e depois vá me ver lá fora. Certamente estarei empacotado em um saco plástico preto. É bom assim, estou muito feio com todos os meus buracos. Haja lágrima para tapar cada um deles.

Ela se vira em direção ao coração. Suas mãos estão suspensas no ar, próximas aos seios e ao fogão. Os olhos estão marejados e cheio de dor. Parece não acreditar no que está vendo. O coração aos poucos para de pulsar e recolhe as asas. A máquina de lavar ainda soa o tec trec no quintal.

0. A UTOPIA

Em algum extremo da cidade, eu me levanto meio capenga em direção ao banheiro. É 1º de janeiro e ainda é possível ouvir o barulho dos fogos de artifício, sirene de viatura e a música “O que pensa que eu sou” da banda Djavú, que tocou 17 vezes na noite anterior. Eu contei. O que não contei foi a quantidade de copos de refrigerante que bebi. Já que ainda não posso beber cerveja, eu acabo caindo na frenética do Dolly. O cheiro da fumaça da churrasqueira permanece em minha roupa. Eu não me dou muito bem com festas. Todas as vezes que o carvão, a caixa de som e os engradados invadem a minha casa, eu me sento no quintal ao lado de minha avó que não suporta música alta. Fico observado minha tia dançar forró com uma cerveja na mão. Meu tio pilotar a churrasqueira com linguiça, asa de frango e carne de segunda. Crianças correndo e estourando bombinha no chão. Outras andando e olhando para os pés, vendo a luz vermelha piscar embaixo da sola dos sapatos novos. O vinagrete na vasilha de vidro azul cheio de moscas e o cachorro roendo o osso deitado no fundo do quintal. No banheiro, eu recapitulo todas as imagens em minha cabeça como num filme de trás para frente. Eu observo o cesto de lixo que está transbordando e imagino que o quintal deve estar muito pior.

Na cozinha, minha mãe está em frente ao fogão passando o café. A pia está cheia de louça. Na mesa, ao lado do vaso de flores artificiais, tem dois reais em moedas. Eu sei que a tarefa de ir à padaria é minha, todo o santo dia. As moedas de dez e cinquenta centavos estão encapadas com durex encardido. O sol que entra pela janela da cozinha ilumina o cabelo de minha mãe que, nesse momento, parece estar vermelho.

MÃE Vai ficar aí parado, é? Vai logo na padaria, menino!

EU Mas é preciso mesmo comprar pão hoje, mãe? Requeita qualquer sobra de ontem e pronto. Aliás, ainda tem Dolly ou já acabou?

MÃE Se você não for comprar esse pão agora eu juro que...

EU Tá bom! Tô indo.

Eu pego as moedas em cima da mesa e saio rumo a padaria. No meio do caminho, eu me lembro que é feriado e sou obrigado a andar cinco quadras para chegar na única padaria aberta. As ruas estão completamente vazias. O sol está forte e elimina todas as possíveis sombras que se pode ter. Coloco as moedas no bolso, elas se mexem provocando um barulho de sino a cada passo. Eu entro na padaria e me deparo com uma fila que eu não esperava. Há apenas um funcionário na padaria. Encosto no vidro do balcão gelado coberto com várias bolhas de água. O contato da minha pele quente com o vidro gelado trás uma sensação interessante. Há uma televisão suspensa na parede, parece ser dessas modernas que não tem botão, nem controle e, se duvidar, nem tomada. Chega a minha vez na fila, pego a sacola de pão e saio da padaria. Sigo até minha casa tentando achar as poucas sombras para me esconder do sol. As ruas ainda estão vazias e o picumã das brasas de churrasco ganha o céu com toda a liberdade do mundo.

Chego em casa e coloco os pães em cima da mesa. O café já está pronto e o cheiro invade a casa inteira. O vento dança com o aroma forte e o som de Roberto Carlos que sai das caixas de som na sala. Pego uma xícara, encho de café e sento para me alimentar do miolo seco e macio. Minha mãe lava o pouco de louça que está na pia, faz movimentos circulares em sentido horário para lavar a panela de pressão. A mão que segura a panela está molhada e a que segura a esponja está cheia de sabão. A barra de sua blusa está úmida devido ao contato com a beira da pia. Os dedos estão enrugados, mas firmes.

Olho para a geladeira e avisto um bilhete, é um lembrete que coloquei semana passada para não esquecer. Tenho que ajudar meu tio na construção de sua casa, na rua de cima. Eu pego a minha mochila, tomo o último gole de café e corro para porta. Minha mãe seca as mãos no pano de parato que está em seus ombros, abre um largo sorriso e me abraça.

EU Tchau, mãe!

**ficha
técnica
+
agrade-
cimentos**



texto :: **JHONNY SALABERG**
direção :: **NARUNA COSTA**
elenco :: **AILTON BARROS, CLAYTON NASCIMENTO e JHONNY SALABERG**
músicos em cena :: **ERICA NAVARRO e GIOVANI DI GANZÁ**
preparação corporal :: **TARINA QUELHO**
direção musical :: **GIOVANI DI GANZÁ**
cenografia e figurino :: **ELISEU WEIDE**
assistente de cenografia e figurino :: **CAROLINA EMIDIO**
criação de luz :: **DANIELLE MEIRELES**
operação de luz :: **DANIELLE MEIRELES e THAYS DO VALLE**
fotos :: **JOÃO LUIZ SILVA e SOSSÔ PARMA**
artista gráfico e ilustrações :: **MURILO THAVEIRA <casadalapa**
assessoria de imprensa :: **NOSSA SENHORA DA PAUTA FREDERICO PAULA**
assistente de produção :: **LUCAS CANDIDO**
produção :: **NÓS 2 PRODUTORAS ASSOCIADAS BIA FONSECA e IZA MARIE MICELI**
realização :: **CARÇAÇA DE POÉTICAS NEGRAS, CENTRO CULTURAL SÃO PAULO e NÓS 2 PRODUTORAS ASSOCIADAS**

agradecimentos ::

ANA APARECIDA, BETH NÉSPOLI, CLEONICE SANTINA DE LIMA, ELIETY TEIXEIRA, FUNARTE SP, GRUPO CLARIÔ DE TEATRO, ISAMARA CASTILHO, JOSÉ FERNANDO PEIXOTO DE AZEVEDO, LUCIENNE GUEDES FAHRER, MARIA DO CARMO VIEIRA SANTOS DO NASCIMENTO, MARTA JOSE BARROS, MARIETA DAMASCENO EDUARDO, MANXS PRETXS DA TURMA 69 DA EAD E DA FORMAÇÃO 19 DA ELT, NÚCLEO DE DRAMATURGIA ELT 2016, OFICINA CULTURAL OSWALD DE ANDRADE, PATRICK CARVALHO, PRISCILA GUEDES, RONNY LEAL, ROSANGELA SALABERG, SOLANGE DIAS, VALDIR RIVABEN, VICENTE QUELHO e AS NOSSAS DIVINDADES QUE TANTO NOS AJUDAM NESTE PROCESSO :: IANSÁ, OXÓSSI E YEMANJÁ.

Prefeitura de São Paulo Bruno Covas
Secretaria de Cultura André Sturm

Centro Cultural São Paulo | Direção Geral e Núcleo de Curadoria Cadão Volpato
Supervisão de Ação Cultural Adriane Bertini e equipe **Supervisão de Acervo** Eduardo Navarro Niero Filho e equipe **Supervisão de Bibliotecas** Maria Aparecida Reis Ribeiro da Silva e equipe **Supervisão de Informação** Álvaro Olyntho e equipe **Supervisão de Produção** Luciana Mantovani e equipe **Núcleo de Gestão** Everton Alves de Souza e equipe **Núcleo de Projetos** Kelly Santiago e Walter Tadeu Hardt de Siqueira

CCSP | Curadoria de Teatro Kil Abreu e Urion Braga Vieira (estagiário)
Comissão de Seleção do edital para a IVª Mostra de dramaturgia: Beth Néspoli, José Fernando Peixoto de Azevedo, Lucienne Guedes Fahrer
Revisão Ana Aparecida
Impressão Laboratório Gráfico do CCSP

realização



 Centro Cultural São Paulo



apoio



R. Vergueiro, 1000 / CEP 01504-000
Paraíso / São Paulo SP / Metrô Vergueiro
11 3397 4002
ccsp@prefeitura.sp.gov.br



Dea Loher

Inocência

Tradução de Rodolfo García Vázquez

Personagens:

Elísio } imigrantes ilegais negros
Fadoul }

Absoluta, uma jovem cega

Senhora Habersatt, uma solitária

Franz, um preparador de mortos

Rosa, sua mulher

Senhora Zucker, mãe da Rosa

Ella, uma filósofa que envelhece

Helmut, seu marido, um joalheiro (papel mudo)

O presidente

Pais de uma jovem assassinada (Cena 2)

Dois suicidas (6)

Coro dos sobreviventes da matança de um assassino enloquecido (7)

Um jovem médico (11)

Coro dos motoristas de carros (14)

Se os personagens de Elísio e Fadoul forem atribuídos a atores negros, que o seja pela excelência técnica de ambos, e não para forçar uma autenticidade que seria inadequada. Também não se deve pintar “cara negra”; é preferível destacar o artificial dos meios teatrais usando máscaras ou outros elementos similares.

Música:

Facultativa, para ou final da Cena 1: SandE Dillom, *Float*.

Facultativa, para ou final da Cena 8: id., *Send me a dollar*.

Obrigatória, para a Cena 19: id., *I'm just blue*.

1. Diante do horizonte do mar I
2. Os casos da senhora Habersatt I
3. Franz acha trabalho; a senhora Zucker, um lar ; Rosa, a
esperança
4. Ella I
5. Achado
6. Pular ou não pular
7. Os casos da senhora Habersatt II
8. Deus se envia a si mesmo em uma bolsa
9. Franz mostra seu trabalho; a senhora Zucker, um coração
tranquilo; Rosa, seu corpo
10. Absoluta
11. Pulo
12. Ella II
13. a senhora Habersatt procura não ter liberdade
condicional
14. e todos
15. Luz

- 16. Reconhecimento
- 17. Ella III
- 18. A desconfiabilidade do mundo
- 19. Diante do horizonte do mar II

Ante o horizonte do mar I

ELÍSIO Diante do horizonte do mar, dois amigos vão passear. Dois amigos, Fadoul e Elísio. *Pausa.* Na beira da água vão e vêm, vão e vêm, e tentam lançar um olhar sobre seu futuro.

Pausa.

FADOUL Mas o futuro olha fixo para trás, e porisso não tem mais nada a dizer sobre o depois, nada mais adiante sobre o que conversar.

ELÍSIO Disse o Fadoul, e se calou. Elísio, ao contrário, é por natureza um otimista. Nascido muito longe daqui. Lá onde o sol fica mais alto. Muito cedo já tinha sentido na boca as mais doces tetas da ovelha mãe com as mais repletas ubres. *Pausa.* Mas por amizade ao Fadoul, para não parecer desagradável a ele em sua autopiedade, ele também se calou.

Silêncio. Elísio acerta Fadoul..

FADOUL Vou te dizer o que eu estou vendo. Estou vendo o céu, e podia ser o céu sobre o deserto; mas o céu sobre o deserto é alto e claro e amplo e deixa espaço para o teu pensamento chegar até as estrelas. *Pausa.* Estou vendo o mar de água, e já não consigo achar dentro dele meu mar de areia,

porque o mar de areia se move lenta e constantemente, de modo que você pode se manter no passo e não perde o teu caminho. *Pausa.*

Este céu é baixo; pesadas nuvens pairam sobre a minha cabeça, muito perto da minha cabeça, como se quisessem arrancá-la com a próxima ventania; o mar, agitado, ondas, incalculáveis, nascidas da profundidade, se agitam sobre mim; depois dançam para trás, com os braços estendidos, e me atraem para onde, para onde... não sei para onde.

Silêncio.

FADOUL as pessoas, aqui nesta região, são completamente loucas. Ficam nuas e vão tomar banho de mar, com este frio.

ELÍSIO Onde.

FADOUL Lá... aquela mulher, ali...

Uma mulher de cabelo vermelho se despe com lentidão, a certa distância dos dois. Dobra uma a uma, cuidadosamente, as peças de sua roupa, e as ordena em uma pilha, como se quisesse colocá-las em um armário. Seus movimentos são fluidos e concentrados. Deixa atrás de si a pilha de roupas e vai para a água. não ve ninguém.

FADOUL Este mar não é o futuro que você tinha me prometido.

Pausa.

ELÍSIO Porque você é cego. ou porque perdeu a coragem.
Olhar para este mar é liberdade, Fadoul.

FADOUL À merda com a liberdade, eu quero areia.

Silêncio.

ELÍSIO Tem algo que Elísio não queria de jeito nenhum, não queria ver seu amigo Fadoul infeliz de jeito nenhum. Então imaginou uma nova história cor de rosa para o futuro de ambos, como... olha lá... Fadoul...

FADOUL Que.

ELÍSIO Lá... lá tem alguma coisa...

FADOUL Que.

ELÍSIO não sei... a proa de um bote, um remo... o ar carregado... está se mexendo...

FADOUL Onde.

ELÍSIO uma bóia, talvez, ao vento... um barril de petróleo... não está ouvindo nada...

FADOUL tem sujeira nos meus ouvidos.

ELÍSIO Ela está lá, nadando. Tem alguém nadando ali, e está acenando. Oi...

FADOUL Fica quieto. O que é que você está gritando...

ELÍSIO Lá longe tem alguém nadando. a mulher, a mulher com o cabelo vermelho.

FADOUL Conhece ela.

ELÍSIO Não.

FADOUL O que é que você está fazendo gritando então. Talvez seja da polícia.

ELÍSIO Oi... Está acenando para mim. *Começa a tirar a roupa.* Já vou...

FADOUL Como que faz sinais? Como você reconhece, Elísio, a esta distância, que esse corpo feminino está fazendo sinais para você e não é de uma policial?

ELÍSIO Corre, Fadoul, rápido, rápido...

FADOUL Está te chamando, como? O que, mas eu estou ouvindo, é, está me chamando, velho amigo?

ELÍSIO *quase nú* Está gritando pedindo ajuda, Fadoul, está se afogando, rápido...

FADOUL Fadoul percebe rapidamente o perigo da situação. Seu amigo, como acontece frequentemente, como quase sempre, tem razão. uma mulher está se afogando, enquanto ele fica dando voltas e falando. O que pode ser mais belo do que salvar um ser humano de morrer afogado. Milhares e milhares de vezes, em sua infância e depois na juventude, ambas passadas no deserto, ele tinha imaginado como seria salvar um ser humano de morrer afogado; para isso era necessário ter bastante imaginação, mas por outro lado também não era tão difícil; em sua fantasia, Fadoul pintava de azul o infinito mar de areia do deserto que o rodeava, fazia cair a chuva, e em seus sonhos as palmeiras se transformavam em algas submarinas verdes, mas enquanto ainda estava pensava nisso se deparou com a inóspita realidade onde agora tinha metido os dedos dos pés, uma mulher em perigo iminente, e se deu conta de que não sabia nadar.

ELÍSIO Vou sozinho.

FADOUL Está bem, vou tentar.

ELÍSIO Aonde. Você ainda está vendo ela.

FADOUL uma mão, lá, uma mão.

ELÍSIO Lá na frente. Eu jé vou.

FADOUL e depois.

ELÍSIO Salvá-la.

FADOUL A gente leva pro hospital.

ELÍSIO Isso.

FADOUL Mas vão pedir nossos documentos.

ELÍSIO Agora isso tanto faz.

FADOUL Não é tanto faz.

ELÍSIO Levamos a mulher até lá, até a porta do hospital, e ela entra.

FADOUL não entra. ela tá inconsciente.

ELÍSIO A gente deixa ela na entrada e toca a campainha.
Pausa. Mas ela não pode dizer o que aconteceu.

FADOUL Eles vão querer os documentos. Vão prender a gente. Sem documentos. e daí. *Pausa.* Talvez ela também seja uma ilegal. Então a gente ia virar três.

ELÍSIO A gente inventa qualquer mentira e vai embora.

FADOUL Ser rápido e esperto.

ELÍSIO Isso mesmo.

FADOUL Isso mesmo.

Silêncio.

FADOUL Onde está.

ELÍSIO Já não tô vendo mais ela. Já não tô vendo mais ela.
Já não tô vendo mais.

FADOUL as ondas. é isso... lá... lá... lá...

ELÍSIO Que... Onde... Ei...

FADOUL Só espuma. Só espuma.

ELÍSIO Onde... Onde... Onde é que ela está...

FADOUL Nada.

Silêncio.

FADOUL Nada.

Silêncio.

ELÍSIO Você, você filho de uma messalina você pulga da areia você cretino de sandália...

Agarra Fadoul pelo pescoço. Começam a brigar. Fadoul ganha. Pausa.

FADOUL Pode se vestir de novo. *Pausa.* PÕE A ROUPA DE NOVO.

A superfície do mar está vazia. as ondas golpeiam contra a praia e de novo a deixam. A praia está desnuda exceto pela pilha de roupas.

os casos da senhora Habersatt I

SENHORA HABERSATT Rompe todo o asfalto da rua, a luz do seu sensor de luz, ali.

Pausa.

Posso entrar um minuto. Dá licença.

Pausa.

O tic tac do seu relógio soa alto demais.

MULHER a mulher simplesmente entrou em nosso hall. e depois na sala. Como é que eu poderia dizer: deslizou pelas paredes. E o meu marido, que tinha ficado sem palavras, ia atrás dela com os braços estendidos, como se quisesse agarrar uma galinha, ou espantá-la. Mas não ousaria tocá-la.

SENHORA HABERSATT Mas vocês têm muitos livros.

Silêncio.

Um sentimento como na igreja.

Meditativo.

Pausa.

Meu Deus, vocês vão pensar, Meu Deus,

De novo uma dessas idiotas que vendem assinaturas de revistas:

engano.

Eu mesma nunca compraria na porta da minha casa

uma assinatura de uma revista;

a única coisa que fazem é enganar a gente.

Uma pessoa pede três, e lhe enviam seis,
 e a assinatura é renovada por mais um ano
 automaticamente,
 e não se pode fazer nada.

Com certeza vocês são sócios do Clube do Livro.
 É uma coisa higiênica;
 os livros das bibliotecas públicas têm
 páginas tão sebatas e crostras na capa.

Pausa.

Meu filho escrevia poemas,
 vocês deveriam saber.

Pausa.

Você rosa minha você
 Sempre vou te amar
 Você rosa minha você
 Logo hei de te cortar.

Silêncio.

Lindo, não.

HOMEM Na verdade ela pega uma fotografia da estante, com suas mãos de intrusa pega da estante uma fotografia numa moldura em prata, a última fotografia da nossa filha. A minha mulher se assusta, teme que pudesse acontecer alguma coisa ruim à fotografia, e isso seria como se a nossa filha tivesse que morrer de novo. Queria manter as mãos abaixo do marco, mas não consigo fazê-lo, estão assim diante do meu estômago e formam um pequeno ninho idiota.

MULHER O meu marido é um porteiro que se mexe com lerdice, que em vão se esforça para agarrar a bola do adversário. Sabe que nunca vai estar suficientemente treinado, que é lerdo nas reações, fraco de ânimo. Sabe que é um estúpido e que vai cair no lixo. não conhece nenhuma ambição, não tem nenhum valor, convida o desprezo para entrar em seu corpo. E lhe diz: sente-se, sinta-se em casa, seja apenas uma parte de mim. Até o desprezo vai ficando chateado pouco a pouco no interior do seu corpo, foge e procura novas vítimas. Sai e volta a deixá-lo sozinho. uma coberta quente, uma pele estremeada. Assim o possui

SENHORA HABERSATT Ah, desculpe.
Ainda não me apresentei.

MULHER ela se senta. Deixa cair a sua carteira ao lado do buraco, como se nunca fosse tirá-la dali.

SENHORA HABERSATT O meu nome é Habersatt. e sou a mãe de Udo.

Silêncio.

HOMEM Após um breve silêncio de infinito, a minha mulher cai em uma prolongada catalepsia, e eu não sei como vou arrancar de nossa casa essa *que está aí*. Apenas fecho os olhos.

Silêncio.

SENHORA HABERSATT Têm uma bela cruz pendurada na parede.

Silêncio.

SENHORA HABERSATT Perdão.

Perdoe-nos por existir.

E por termos chegado perto da senhora.

E por ter jogado a sua vida em um purgatório.

Porisso estou aqui.

Peço seu perdão.

Pausa.

Perdão por ter nascido.

Perdão por ter parido este filho.

Perdão pelo que ele, a sua filha...

Não precisa ter medo, não vou dizer.

Pausa.

Talvez a senhora saiba mais do que eu.

Pausa.

Eu sei, eu sei

que o verdadeiro perdão só pode vir de Deus.

Mas eu, eu lhe prometo,

Se começarem,

aliviaria muito o nosso sofrimento.

Silêncio.

MULHER Nós...

Vocês...

HOMEM Me controlo.

MULHER é monstruoso, é muito...
mas mais monstruoso ainda...

HOMEM à *mulher* Controle-se... Controle-se...
Me controlo. Me controlo. Controle-se agora.

SENHORA HABERSATT Sim, exijo muito,
quanto,
talvez demais.
Tudo o que eu quero...

Pausa.

Uma vez fui secretária
em uma gráfica.
O cheiro do papel húmido, recém impresso...
A gráfica imprimia de tudo,
Prospectos, folders, jornais políticos
e aqueles pequenos, pequenos cadernos pornô
também,
só não imprimia livros.
O cheiro do papel húmido, recém...

Pausa.

Tudo o que eu quero
é uma chance
uma oportunidade.

Pausa.

Seu perdão ao meu filho
Não vai lhe adiantar muito.
Será condenado
E deverá apresentar-se diante de Deus, seu juiz.

Pausa.

Mas eu,
Eu estou sozinha.

Silêncio.

Sempre lhe disse
que essas manchas não se tiravam a sessenta graus.
Era canhoto
e com a direita mexia em tudo.

Eu o obriguei a usar a direita,

Os senhores entendem.

Não fiz por mal.

Mas as facadas foram acertadas com a esquerda,

eu sei, com a esquerda,

e com tal fúria,

com uma fúria tal...

Pausa.

Que perda de tempo a minha,

estar aqui.

A senhora não me entende nem um pouco.

MULHER ao *homem* não posso continuar suportando...

Arqueja.

HOMEM Boa e querida senhora Habersatt... a minha esposa
tem que voltar a vomitar em seguida, vomita toda noite desde

que soubemos como a nossa filha foi... em vez de ficar dormindo, vomita algumas vezes. Boa e querida senhora Habersatt, a senhora não precisa se sentir culpada, e não precisa se desculpar, desculpa, desculpar-se. não tem que ficar se olhando fixamente na cruz, uma vez fomos cristãos, mas a nossa fé não nos ajudou, acabou conosco; a cruz é uma reminiscência de escárnio de dias pacíficos. Por favor, vá já ver o seu padre confessor; nós não educamos a nossa filha para ser dona do seu nariz, entendemos errado a nossa missão de educadores; educamos a nossa filha para vítima, pronta para ajudar, amistosa e cheia de confiança, disposta a escutar, a compadecer-se, e não repita que não é culpa da senhora, Também não é culpa nossa, somos membros de uma sociedade que cre que os conflitos podem ser solucionados através do diálogo, nos ensinaram isso com esforço como uma espécie de penitência de pós guerra, e agora, por favor, saia e perdoe por favor por favor que eu grite... *Pausa.*

Iso é o que eu gostaria de ter dito, mas na realidade não fiz, só na minha cabeça. na realidade lhe ofereci uma xícara de chá, me sentei no braço da poltrona, segurei sua mão úmida, a envolvi com a minha compaixão, enquanto a minha mulher, que tinha deslizado para baixo da mesa, gemia sobre o seu vômito, e quando escureceu acendi a lâmpada e perguntei: Querida senhora Habersatt, poderia talvez acompanhá-la até a sua casa? Ou a senhora preferiria passar a noite em nosso quarto de hóspedes, para não ficar tão sozinha?

**Franz acha trabalho; a senhora Zucker, um lar ;
Rosa, a esperança**

Na casa de Rosa e Franz. Só um cômodo, só com o imprescindível. uma mesa que é também cama, ou uma cama que é também mesa. um televisor com a imagem do PRESIDENTE, alternadamente multiplicada ou distorcida.

Rosa e a sua mãe, a senhora Zucker, que tem uma atadura no pé e anda com muletas. Rosa tem o cabelo vermelho e se parece com a mulher afogada da Cena 1.

Silêncio.

SENHORA ZUCKER *fuma* Se trabalhasse num posto de gasolina...

Silêncio.

SENHORA ZUCKER Se trabalhasse num posto de gasolina...

ROSA Ah, mamãe.

Silêncio.

SENHORA ZUCKER Se trabalhasse num posto de gasolina, só precisava de um cigarro para fazer tudo voar pelos ares. *Pausa.* Eu penso nisso algumas vezes. *Pausa.* Mas se pelo menos tivesse gás em casa. Assim que posso fazer.

ROSA Ah, mamãe.

Silêncio.

SENHORA ZUCKER e como é que vão as coisas.

ROSA Ah, meu Deus.

Pausa.

SENHORA ZUCKER Como sempre, todos os dias no escritório.

ROSA Das nove às cinco.

SENHORA ZUCKER Chefe de vendas ainda.

ROSA Ah, mamãe.

SENHORA ZUCKER Faz pouco tempo que liguei prá lá, no teu negócio de entrega a domicílio. Por causa de uma oferta especial: um aparelho para medir a pressão arterial, por 5 Euros 95, muito barato. *Pausa.* Mas não foi você que atendeu ao telefone.

ROSA Mas, mamãe, tem muita gente como eu por lá.

SENHORA ZUCKER e você se conforma com isso.

Silêncio.

SENHORA ZUCKER É que você não aproveita o teu potencial...

Silêncio.

SENHORA ZUCKER Se eu tivesse a tua idade de novo, não ficaria com diabetes. Mas já amputaram o meu dedo, e o resto é só questão de tempo...

ROSA Mas mamãe...

SENHORA ZUCKER Se eu trabalhasse num posto de gasolina...

Entra Franz. Olha em torno, como se quisesse dizer algo. em vez disso, fica olhando fixo ao PRESIDENTE.

SENHORA ZUCKER Bom, meu querido Franz, ainda desempregado.

FRANZ *a Rosa* Tesouro das minhas noites.

ROSA Tesouro das minhas noites.

Silêncio.

FRANZ Oi também para a senhora, sogra.

Franz se senta diante do televisor, usa o controle remoto como um arma diante da tela, o PRESIDENTE continua tenazmente despedaçado.

Pausa.

SENHORA ZUCKER e quantas horas tivemos que esperar hoje.

Pausa.

FRANZ são suas todas essas malas, aí na porta.

SENHORA ZUCKER Olha, Rosa, fui ontem ao hospital. Consulta de retorno. Você devia ter visto o meu dedo, ou melhor dizendo o meu não dedo, a ferida é gangrenosa e está carcomendo até aqui em cima. o médico me diz, senhora Zucker, diz, seu diabetes está em fase terminal. não tem nada que a cure. Temos que amputar o seu pé até o tornozelo. Já não posso me aplicar insulina, os meus olhos estão muito mal; e além disso, deveria contar com assistência médica. Mas só me dão atendimento ambulatorial, paciente de seguro social. vocês estão me entendendo. *Toma ar. Pausa.*

E eu tô precisando conversar. uma conversa. eu também sou um ser humano.

ROSA Você vai para o asilo?

SENHORA ZUCKER Sabe, eu tinha os meus sonhos. *Pausa.* Durante quarenta anos sonhei os meus sonhos no escritório dos correios, durante quarenta anos. e o do bacharelato. *Pausa.* e com quatro filhos, e onde é que eles estão agora. Só me sobrou você. *Pausa.* Nenhum pai em lugar nenhum. *Pausa.* Eu era comunista e queria fazer tudo sozinha.

ROSA Isso foi um erro, mamãe.

SENHORA ZUCKER Você que pensa, Rosa. você deve servir a gente, servir. *Pausa.* Teu marido tinha as melhores perspectivas, mas não conseguiu chegar nem mesmo ao exame pré clínico.

FRANZ vocês não podem imaginar a surpresa que eu tenho.

SENHORA ZUCKER melhor ele ir receber o seguro desemprego.

Pausa.

FRANZ Desde hoje já não preciso mais.

ROSA você tá de novo...

SENHORA ZUCKER Então te cumprimento de coração.

FRANZ *alegria contida* Isso, isso mesmo, isso, desde hoje já não mais.

SENHORA ZUCKER Eu gostaria de ter estudado, gostaria. O que, eu não sei. Talvez Direito, eu acho que estas são mãos de advogado. São mãos de advogado, exatamente como o Franz que anda por aí com as suas mãos que com certeza são de médico. Comecei um semestre de Direito e abandonei. Os livros eram muito grossos. As frases eram muito longas.

ROSA Mamãe, você nunca estudou Direito, nem um pouquinho...

SENHORA ZUCKER Mas podia ter sido assim. Podia ter estudado muito bem. *Pausa.* Ou eu acho que foi... arqueologia. Isso, foi assim mesmo. *Olha as mãos. Pausa.* Desenterrei, os poemas do coração humano, a sua tristeza e as suas rimas. *Silêncio.* Possibilidades infinitas, tem possibilidades infinitas diante de vocês.

FRANZ Já não vou estudar mais. As minhas mãos queriam outra coisa. Os meus pensamentos queriam outra coisa. Achei um trabalho.

Pausa.

ROSA Oh, Franz, queridíssimo Franz, até que enfim vamos poder... então posso pensar nisso... então podemos...

SENHORA ZUCKER Ela gagueja como se já estivesse grávida e bêbada de hormônios. Mas um menino, talvez o bom Franz não possa manter, agora que eu vou viver com vocês.

Silêncio.

ROSA Mas a senhora disse que ia para o asilo.

SENHORA ZUCKER Isso foi você quem disse. eu não tenho condições de pagar um asilo, vou viver com vocês. Transfiro a responsabilidade sobre mim para vocês. não com prazer.
Silêncio. Sim, essa é a minha surpresa.

ROSA Mamãe, a gente só tem um quarto e uma mesa onde a gente dorme, ou uma cama onde a gente come.

SENHORA ZUCKER um colchão suave, e um biombo entre vocês e mim, é suficiente. que falta de criatividade, minha filha.

ROSA estou o dia inteiro no trabalho...

SENHORA ZUCKER Se o Franz ganhar um bom dinheiro, você pode pedir demissão.

FRANZ *abre e fecha os punhos.*

SENHORA ZUCKER Durante quarenta anos sonhei os meus sonhos no escritório dos correios, durante quarenta anos. Tô

precisando conversar. uma conversa. eu também sou uma pessoa.

ROSA Tá certo, mamãe. Você também é uma pessoa.

SENHORA ZUCKER Se eu trabalhasse num posto de gasolina...

Franz abre e fecha os punhos. a senhora Zucker vai recolher suas malas, Rosa a ajuda.

SENHORA ZUCKER Eu não queria ter um neto agora, Rosa, meu amor. Vocês podiam fazer isso quando já não sobrasse mais nada de mim que desse prá amputar. Aí vocês vão ter espaço suficiente... Podem até queimar o meu velho coração e criem um novo. Mas um menino aprendendo a andar, e a minha perna que só chega até aqui, não contem comigo prá isso...

Franz abre e fecha os punhos.

FRANZ Posso ajudar a senhora com o fogo.

SENHORA ZUCKER Franz, você fala tão pouco, e até esse pouco eu não consigo entender.

FRANZ A partir de amanhã vou trabalhar em Berger. Berger e filhos.

ROSA O que é isso. uma loja. uma fábrica. uma transportadora.

FRANZ Funerária. Recolho os mortos, lavo, visto, amortalho, e ponho todos no caixão. *Pausa.* Sinto a sua pele. a vida que vai se esfriando muito devagar, deixando um núcleo incandescente.

ROSA *séria* é um trabalho bonito, Franz. *Pausa.* é um trabalho bonito, com uma alma. é uma grande responsabilidade, grande. Eu gosto disso, eu gosto muito disso.

FRANZ *em voz baixa* Rosa, te amo.

ROSA *em voz baixa* eu também te amo.

FRANZ *em voz baixa* agora vamos poder ter um filho.

ROSA *em voz baixa* agora vamos poder ter um filho.

A senhora Zucker desempacota as suas malas e prepara a sua cama.

FRANZ Posso ajudar a senhora, mamãe.

SENHORA ZUCKER Lavador de cadáveres.

FRANZ é uma prestação de serviços.

SENHORA ZUCKER Então vou estar em boas mãos quando chegar a hora. e quanto você ganha lá.

FRANZ O suficiente, mamãe.

SENHORA ZUCKER O que é isso de me chamar de mamãe. Você não. *Pausa.* eu tinha uma idéia da Humanidade e um sonho de felicidade. *Pausa.* *Desliga o PRESIDENTE.* eu queria libertar o homem das suas associações de ping pong. *Pausa.* agora sonho de um cigarro ao outro. Mas vocês, o que vão deixar para o mundo. A não ser o nhem nhem nhem.

A senhora Zucker se deita para dormir. Silêncio.

FRANZ eu não ia ser um bom médico. Não tenho compaixão.

ROSA Eu sei. Você pode ver através de mim, como se atrás de mim tivesse outra pessoa. Mas nosso filho vai te olhar como um espelho. Talvez então você encontre paz.

Franz e Rosa se deitam para dormir. Escuridão. Aparece, silenciosamente e devagar, a mulher afogada do cabelo vermelho. Está nua, uma morta andarilha, se deita entre Rosa e Franz.

4

Ella

Helmut, o marido dela, tem uma lupa de joalheiro no olho e está ocupado confeccionando algo muito pequeno entre suas mãos. Na televisão transmitem um discurso do PRESIDENTE. Ella o observa; tirou o som do televisor.

Ella

Quantos artigos escrevi para o presidente, quantos ensaios,
até cartas de leitores ao seu jornal

e para o seu canal de televisão.

Como resposta aos seus discursos.

Mas não enviei nenhum deles.

Não enviei nem um único texto.

Mostrar os limites do populismo,

do embrutecimento,

da demagogia.

Pausa.

Ilustração.

Ri.

Não quero me sujar com política,

em última instância;
estes assuntos cotidianos passam,
uma nota no pé de página da história, um disquete frágil no
arquivo;
os assuntos cotidianos se diluem
na história das grandes transformações
que ainda virão.

Pausa.

Mas quem ainda acredita nisso.

Pausa.

Queimei todos os livros que escrevi,
O grande projeto de transformação do mundo,
A utópica teoria da sociedade
e como poderia se transformar realidade.
Queimei tudo
antes de que os outros o façam,
porque já não podem fazer nada com as idéias.

Pausa.

Você pensa que uma pessoa não deve ser elegante demais para
a merda,

Se quiser causar boa impressão,
não é verdade, Helmut.

Mas eu já não acredito mais no Nós, no Nosso,
No Grande Todo e
De que o Nós possa mudar alguma coisa.

Ri.

A única coisa em que eu ainda acredito é na contingência,
nos acasos, nos erros, nos imponderáveis,
que se impõem sobre mim.

E isso que chamam a criação de um sentido,
Isso eu deixo com prazer para os políticos,
A criação de um sentido eu deixo com o coração leve
Para os cientistas.

E fico observando o que sai dali.

Ovelhas clonadas com reumatismo.

Genocídios no interior da África.

Vai até ele, o olha por cima do ombro.

E às vezes um adorno especialmente belo.

Pausa.

Televisão. Batalha nas ruas.

Olhe esses meninos.

Não entenderam

que a política não se faz na rua.

Ajudam o presidente,

com as suas manifestações.

Se as manifestações servissem para alguma coisa,

As pessoas ficariam o tempo todo na rua;

em todos os lugares, dia e noite, sem pausa em

manifestações a favor ou contra qualquer coisa.

Olhe bem,

por todos os lados gases lacrimogêneos,

por todos os lados mangueiras,

E em todos os lugares essas crianças.

Olhe essas crianças.

*Silêncio. Helmut, submerso em seu trabalho. Ella lhe dá um
leve toque na nuca.*

Assim, como eles, eu fui também no passado...

Me reconheço,

Ainda que de forma distorcida.
Em você, pelo contrário,
nada mudou.
Faz décadas que não tem nenhuma mudança,
nem a menor possível.
Mas é exatamente isso o que eu amo em você.
O consistente. O confiável.
A total ausência de perguntas.
Dúvidas sobre você mesmo, asco diante do mundo, espírito de
descobridor,
visíveis espaços em branco no teu mapa.
Lhe dá um leve toque na nuca.
Romântica
O coração da minha teoria foi uma vez...
O coração da minha teoria é agora...
A desconfiabilidade do mundo.
O único livro que eu não queimaria.
Pausa.
O único livro em que eu poderia acreditar.
No televisor, de novo, o PRESIDENTE.
A economia e as ciências naturais,
essas são as religiões do nosso tempo.
Dizem economia e o meu auge,
dizem economia e o meu lucro.
O capital,
outra palavra fora de moda.
O ano passado, no Natal,
recebi do meu Banco
uma carta com uma receita para bolos de Natal.

Oh, que legal, o capital pensa em mim,
 O capital quer ter certeza
 de que os meus bolos de Natal vão ficar bons.
 Pode ser que alguma vez deva convidar o capital
 para vir a minha casa,
 o que você acha, Helmut,
 para que a gente possa ficar mais íntimos,

Pausa.

Como fazem para atrair aos pequenos clientes em
 Manila, por favor.
 Como fazer sapatos com borracha de pneus.
 Como construir cabanas de chapa de ferro ondulada a prova de
 tempestades.

Silêncio. o PRESIDENTE segue tranquilo sem som.

A desconfiabilidade.

A resistência.

Pausa.

Alguns colegas têm agora um talk show deles.
 À noite. Pelas noites, alguns espectadores querem saber
 como é que um filósofo se parece humano.

Pausa.

Tiro o som.

Olho essas bocas,
 como podem formar palavras seguras. Espantoso.

Pausa.

Faz tempo que as ciências humanas abandonaram
 A resistência.

Lhe dá um golpe na nuca.

Mas isso não preocupa a gente,
não é verdade, Helmut.

Temos outras preocupações.

Se a pedra é impecável
será um adorno admirável.

Pausa.

Tudo pode ser respondido pelas ciências naturais,

As ciências humanas já não respondem nada.

As ciências humanas nem mesmo fazem mais perguntas,
as ciências humanas simplesmente se escondem.

as ciências humanas não tem efeitos

nem sucesso,

e isso as corrói.

Tem óvulos sem ovo,

tem uma vida com gens clonados,

pode se pensar sem cérebro,

as ciências naturais respondem a tudo,

ou melhor, não respondem,

mas encontram para cada resposta as demonstrações
adequadas.

Não vou mais me manter distante das ciências naturais,

Vou aderir

às ciências naturais,

aos cientistas, os cientistas,

vou foder com um cientista

e vou ficar mais inteligente.

Fiel ao descobrimento:

não se consegue pela herança genética, mas pelo trato.

Ri.

A área das ciências naturais
que se considera a si mesma a mais importante
é chamada agora de Engenharia Genética.

Ríe.

Porque tudo está nela,
e dela vai sair
um novo homem.

Não é verdade, Helmut.

Lhe dá um toque na nuca.

Um novo homem
que há de resolver os velhos problemas.

Discurso do PRESIDENTE.

Silêncio.

I am watching you, Big Brother.

I am watching you.

Você se lembra...

Meu coração.

Silêncio.

Achado

Fadoul em um ponto de ônibus, remexe o cesto de lixo, depois se senta, espera; seu pé tropeça numa bolsa plástica que está debaixo do banco. Intencionalmente a golpeia um par de vezes para comprovar a consistência do conteúdo. Se inclina para baixo, e depois de certo titubear traz para si a bolsa; dentro dela existem outras bolsas. Fadoul olha em volta. Volta a deslizar a bolsa para debaixo do banco. Mas está curioso demais ou está entediado demais e volta a puxar a bolsa. Começa a remexer nas aberturas, quer dar uma olhada em seguida, quando chega a menina e também se senta na parada. Fadoul, com dissimulação, puxa a bolsa para o seu lado. Silêncio.

MOÇA O senhor encontrou uma sombrinha.

FADOUL uma sombrinha.

MOÇA É, uma sombrinha. Contra a chuva ou contra o sol. um para-pluie, um guarda-chuva, uma sombrinha. O senhor não sabe o que é uma sombrinha.

FADOUL Aqui não tem nenhuma sombrinha, madame.

Pausa.

MOÇA O senhor encontrou um livro.

FADOUL um livro.

MOÇA É, um livro. Um troço para ler. Eu deixei aqui. Junto com a sombrinha. Faz meia hora. Tomei o ônibus para o porto e deixei a sombrinha e o livro. *Pausa.* é o livro “Sobre a desconfiabilidade do mundo”.

FADOUL Já não está mais aqui. nem o livro, nem a sombrinha. Alguém pegou os dois e levou para algum lugar.

MOÇA O senhor está mentindo. O senhor achou alguma coisa e está mentindo.

FADOUL Mas madame, a senhora está vendo, é uma velha bolsa cheia de lixo que está debaixo do banco, e não é minha.

MOÇA Não, não estou vendo. não consigo ver.

FADOUL A senhora não consegue ver?

MOÇA O senhor é surdo. *Pausa.* Não fique me enrolando. O senhor escondeu o livro na bolsa.

FADOUL Eu não estou escondendo nenhum livro. Também não costumo roubar o que, como eu imagino, esteja escrito em braille.

MOÇA O senhor escondeu a sombrinha na bolsa.

FADOUL Pfff, num dia no que não se vê nenhum sinal de chuva em lugar nenhum. Vou roubar uma sombrinha num dia em que não se ve o sol em lugar nenhum.

MOÇA É, tem gente que pensa no dia de amanhã e é prevenido.

FADOUL A senhora é, de fato, verdadeiramente cega, *hmm. ri*. Sabe, madame, sou negro, e sou estrangeiro, trabalho no porto sem nenhum documento, e se eu roubasse uma sombrinha ou um livro ou qualquer outra coisa sem permissão, então seria um imbecil de primeira, e se eu roubasse sem permissão uma sombrinha ou um livro de uma cega, então seria um porco negro estúpido, e que deveria ser jogado no porto. agora sim eu disse tudo.

Silêncio.

FADOUL eu poderia emprestar a minha jaqueta para a senhora. Contra a chuva que vai cair amanhã.

Silêncio.

FADOUL Por favor, então olhe dentro da bolsa. *a empurra para ela*. Por favor, pode mexer o quanto quiser nesse troço, mas não limpe os seus dedos em mim, madame.

MOÇA Todo dia alguém tenta me enganar, com o troco ou qualquer outra coisa, alguém que não conheço, e quando fico parada diante dele e exijo uma resposta, então fica assustado com seu descuido. Mas no Natal é um bom cidadão e faz doações para emergências de salvamento marítimo.

Pausa.

FADOUL Como assim salvamento de emergências marítimas.

MOÇA Tem alguém em perigo nesta costa o tempo todo. O tempo todo alguém precisa de ajuda nesta costa.

Pausa.

FADOUL Ajuda. *Pausa.* Lá de onde eu venho, cortam a mão de um ladrão com um facão, e se volta a roubar com a outra, cortam também a segunda. e se comete perjúrio, cortam a língua, e se comete adultério, jogam pedras. e se mata, o executam. um ladrão estaria perdido faz tempo, com as pernas debaixo do braço, e porisso a senhora não tem experiência com a gente, madame.

MOÇA não seja malvado. Acredito no senhor. *Pausa.* Tem algum outro castigo, na sua terra.

FADOUL Tem ainda muitas punições, e até mesmo punições que nem mesmo os sábios conhecem. os juízes não são pobres em criatividade.

MOÇA e tem também um castigo em que alguém é cegado. e se tem esse castigo, e alguém é cegado, por que ou o que infringiu?

Silêncio.

MOÇA Que tipo de crime pode ser cometido só com os olhos.

Silêncio.

FADOUL Alguém pode ver o que não está destinado a ser visto, e não guardar silêncio sobre isso.

MOÇA Então não seria ele quem comete o delito, mas aqueles que fazem o que não está destinado a ser visto.

FADOUL o olhar do juízes sobre isso pode ser outro. os juízes vêem com os olhos da justiça, e a justiça entre nós é assim. E inclusive quando a justiça se sustenta sobre um só pé e ve com um só olho, não se desequilibra e nem cai, nunca.

MOÇA Entre nós a justiça tem os olhos vendados de antemão, essa é uma longa história que vem da antiga Roma.

Fadoul ri.

MOÇA O senhor tem muito tato.

Pausa.

FADOUL Porque eu não pergunto.

A moça assente.

FADOUL estive a ponto de perguntar. estive a ponto de perguntar quem vendou os olhos da senhora, mas agora já não vou mais fazer isso, madame.

MOÇA Por que sempre me chama de madame.

FADOUL não sei, não é assim que se diz. Tento ser educado. Como se faz diante de uma estranha quando se quer que a estranheza diminua.

MOÇA A minha voz é tão profunda, tão profunda como a de uma madame.

FADOUL Profunda, mais profunda. a sua voz é profunda como a de uma mulher perfeita. Absoluta.

MOÇA *Ri.* Absoluta.

FADOUL Isso, exatamente. *ri.*

MOÇA *Ri* Não, você acaba de adivinhar o meu nome . Me chamo Absoluta. a perfeita.

FADOUL Absoluta, prazer, absolutamente, me chamo Fadoul.

Apertam as mãos.

MOÇA Se agora vier o ônibus que vai para o porto, simplesmente eu deixo passar. *Pausa.* A menos que você também queira ir para o porto.

FADOUL É, mas eu... eu vou esperar pelo meu amigo. Meu amigo foi comprar jornal. Sabe, ontem aconteceu uma desgraça, e hoje vamos ver se saiu nos jornais.

MOÇA Para saber como a culpa pode ser repartida.

FADOUL Para saber como se pode dividir o conhecimento da culpa. Se vamos ter que temer as noites insônes; o meu amigo tem medo das noites insônes da sua consciência.

MOÇA Que tipo de desgraça foi.

FADOUL O tempo todo tem alguém em perigo nesta praia. O tempo alguém precisa de ajuda nesta praia. *ri.* Vamos ver aqui, talvez a gente ache uma bebidinha esquecida, Absoluta, nesta bolsa velha, para humedecer o nosso encontro. *Revira dentro da bolsa.*

FADOUL *Só lixo. Tira mais bolsas cada vez mais. Nada além de lixo nas bolsas. Tira uma bolsa de dentro da outra, se detem, com tédio, vai para o cesto de papéis. Vou comprar uma garrafinha para nós no barzinho. Quer tirar tudo, lança um olhar ao interior. Se surpreende, olha com mais atenção, rebusca dentro da bolsa.*

MOÇA O que é que você... o que é que você achou, Fadoul.

Fadoul recolhe rapidamente as bolsas e tira-as do cesto de papéis. Se senta no extremo oposto do banco, com as bolsas apertadas contra si, fora do alcance da moça.

FADOUL Lixo, porcaria, lixo, porcaria.

Vem o ônibus. Absoluta fica tranquilamente sentada e o deixa seguir viagem. Fadoul reprime o impulso de entrar no ônibus e desaparecer.

MOÇA *Ri* Se o senhor fosse um ladrão, esta teria sido a sua chance, agora o senhor teria desaparecido, com uma despedida apressada e pouco chamativa.

FADOUL *distraído* É, com certeza.

MOÇA eu acho que confio no senhor. Confio em você e acredito em você.

Silêncio. Fadoul tenta dar uma olhada disfarçada na bolsa.

MOÇA eu também trabalho no porto. Mas com licença, e eu gosto muito da minha licença, a gente pode ficar honestamente tranquilo.

FADOUL O que é...

MOÇA Danço. Danço em um bar, no porto. Tenho um pequeno cenário redondo com uma vara dourada e brilhante no centro, e quando começa a música, ela me pertence, e danço para os homens que querem me olhar.

Silêncio.

MOÇA a vara é o meu auxílio, é a minha orientação, o meu apoio, o meu indicador de caminhos. é o meu bastão de cega. e claro, também é todo o resto sobre tudo isso que está imaginando agora.

Silêncio.

MOÇA Ficou decepcionado.

FADOUL Nua. Fica nua quando dança.

MOÇA Tiro a roupa até que só fico com uma tanga que me cobre o púbis. e nos seios, pequenas estrelas douradas, que cobrem exatamente...

FADOUL Está bem, está bem.

MOÇA Ficou escandalizado.

FADOUL Pfff, nem um pouquinho, na minha cidade a gente tem isso... em cada esquina, é praticamente...

MOÇA Normal.

FADOUL É, é tão popular que não tem palavra para chamar isso... ai, Meu Deus!, você é uma artista de strip-tease de verdade, ungida com todos os óleos, meu Deus, meu Deus...

MOÇA Você não quer me ver

FADOUL eu... nunca. o castigo prá isso é ser cegado, tô te dizendo. Cegado com um ferro candente.

MOÇA *toma a sua mão* Vem me assistir, por favor. Eu queria que você olhasse todo o meu corpo.

FADOUL Tá, mas não junto com outros homens, não mesmo, não sou um...

MOÇA Então você quer me olhar quando a gente ficar sozinho; se eu dançar só para você, então você ia olhar prá mim.

FADOUL É, seria possível, talvez, é, eu acho que ia conseguir me convencer disso.

MOÇA Fadoul, vou dançar só para você, vou ficar nua só para você, mas primeiro você vai ter que me olhar igual a todos os outros homens. e vai ter que ver como todos os outros homens admiram todo o meu corpo: na rua, quando passo por eles, o fazem em segredo e timidamente, porque acham que eu poderia sentir seus olhares; e o segredo é como um desprezo para mim; mas quando danço para eles no bar, então me olham despidoradamente, e eu sei que me olham e me desejam, e por isso eu respeito todos eles.

FADOUL e eu tenho que ser como os outros. Tenho que te olhar como os outros. Isso eu não consigo entender.

MOÇA Mas você é sim como os outros. e por isso talvez eu pudesse te amar. ou você acha que você não é como os outros. Se você acha que você não é como os outros, eu não ia poder te amar.

FADOUL Eu sou um pouco como os outros. Mas também sou um pouco diferente. Não, para ser honesto, sou completamente diferente. Não, para ser honesto, sou como os outros. Está bem, então sou como os outros.

MOÇA Se você é como os outros, te digo que danço no Planeta Azul, para que você possa ir me ver, todas as noites, à

meia noite. e agora me diz onde você vive, para eu poder te visitar e te buscar se você não aparecer no Planeta Azul.

FADOUL A gente, a gente vive nesse arranha-céu , meu amigo Elísio e eu. No arranha-céu de escritórios, em frente ao posto de gasolina, enquanto estiver abandonado e até ser derrubado.

MOÇA No arranha-céu dos suicidas.

FADOUL No arranha-céu de amianto.

MOÇA Se o ônibus vier agora, eu vou pegar.

FADOUL Tenho que esperar pelo meu amigo.

MOÇA Eu sei. *Pausa.* e até que enfim você vai poder olhar dentro da bolsa.

Vem o ônibus. Absoluta sobe. Fadoul olha na bolsa. Silêncio. Entra Elísio com jornal, sombrinha e livro.

ELÍSIO Olha só o que eu achei. em braille.

Pular ou não Pular

Dormir Para sempre Para sempre dormir

Meio sinistro

É isso Está clareando que é isso

Além disso, você não sabe nada

Mas poderia

Mas você não sabe

Ninguém sabe Mas poderia

Pausa.

Alguém deve imaginar Sonho eterno ou o quê

Mas é chato

Não ninguém está lá para isso

Como que não. Finalmente descanso Você sempre quer

Já Mas Mas não permanente Mas não para a eternida isso

ninguém nem pode imaginar

Você não

Alguém deve agora

Pausa.

Eternamente não é tempo nenhum A primeira vez que você

entra se você está na eternidade não percebe isso Então você

já não sabe mais o que é o tempo Então você já não pensa

mais em dias e horas Então se vem alguém e te pergunta que

horas são você só olha e diz é...

Já está clareando Já está clareando

Já não tem que ter medo do amanhã por exemplo porque já
 não tem mais amanhã A semana que vem não tem

No ano que vem não tem tudo é agora tudo é nesse momento

Se não está no momento não existe

Já está clareando Já está clareando

Silêncio.

Mas a memória

Hmm

A memória ainda existe

Pausa.

Pensa agora

Ontem existe ainda a semana passada existe ainda ou o ano
 passado também

Pensa

Ve não está tudo aqui agora

O resto existe só na tua cabeça O resto de antes

Dá na mesma onde e quando é Se me faz sentir dor Prá mim,
 dá na mesma se é no joelho ou na orelha Se me faz sentir dor

Pausa.

Quero que desapareça Tudo o de antes que me faça sentir dor
 tem que desaparecer

Silêncio.

Pára agora Pára agora nos enfiamos em uma rua sem saída

Acho que é assim Na eternidade não tem ninguém ontem

Quando não tem amanhã não tem ontem Mas é lógico é tudo

uno e o mesmo Sempre agora Digo eu

Parece meio estranho de certo modo é como quando você vai

dormir Quando isto é acho eu quando isto é um dia único que

não cessa ou que se repete constantemente e você não sabe onde está o final e onde está o começo Isso não me cheira bem
Pausa.

Quando penso como estou alegre frequentemente na realidade a maioria das vezes quando se aproxima um dia tal e que de repente só teria um dia e não encontraria seu final em lugar nenhum você sabe isso não cheira nada bem

Isso é o que tento te explicar E como esse momento em que você se sente bem você acha algo agradável em torno de você tem algodão de açúcar não tem energias negativas não tem doenças é como estar drogado bastante parecido assim

Já está clareando Já está clareando

Ergo E agora esse momento não cessa mais isso é aí está ou maldito truque disso se trata Um inconcebível orgasmo permanente na eternidade

Isso ia me matar

Então você não quer desabar Então você já não quer mais desabar

E o que acontece com o inferno e a condenação eterna e o mal karma e a reencarnação e toda essa merda

Tanto faz

Pergunte ao seu padre ao seu mufti ao seu discípulo de Buda

E algum deles já esteve lá Algum deles o viu com seus próprios olhos

Você não sabe nada Quando você estiver realmente morto Todos se deram por vencidos Mamãe e papai choram junto a tua cama o médico chefe balança a cabeça, tonto, e você flutua completamente por cima de todo o assunto completamente fora de você mesmo completamente lançado

por um túnel para o outro lado para a luz agora você está
suspenso lá em cima de você mesmo em cima e olha a careca
do doutor

Conheço

E o que você diz

Esses não estavam verdadeiramente mortos digo eu O que é
que tem que ver isto com a ciência Isto é sério Isto está
misturado desde a última página

Já está clareando Já está clareando

Silêncio.

E o que aconteceu com a tua vida anterior

Tem que ser

Você pode se lembrar disso Você pode se lembrar disso

Se a memória existe você pode se lembrar disso

Pensa nisso

O que foi uma vez você sabe e Também não esquece

Não Você deve ter também na eternidade uma idéia de quem
você é e de que você você é você e não outro

Está clareando Está clareando

Silêncio.

O Que você acha

Então o que é depois não o sabemos com segurança

Ninguém sabe

É um risco

Eu também o vejo assim

Ninguém sabe

Qual é tua opinião Tem alguém a favor ou alguém contra

Mais Risco é mais risco

Ninguém sabe bem

Nós mesmos o achamos fora de caso em todo caso
Já está clareando Já está clareando

os casos da senhora Habersatt II

Um as pessoas descem pela rua
em minha direção
Gritam aiaí fora fora
Ou não gritam
nada
Não estou entendendo não estou entendendo
O menino pega a minha mão e
Só fico um minuto com o cachorro
Qualquer coisa se aproxima
E que
Ali disparos onde disparos onde
De onde posso saber aonde
Uma mulher se lança ao chão
de sua sacola de plástico caem laranjas e
ovos se quebram
O leve cheiro das cascas
O cachorro os lambe
Por onde você quer correr o que quer fazer
O que está ao meu lado se quebra se quebra e corre sangue
pela parede
Me lanço e o menino debaixo de mim já estava roxo
Direto na merda do cachorro direto
A merda do cachorro e aquele cheiro

no braço não dói dói
só depois
E sete foram os mortos
DESCULPE
NÃO ME APRESENTEI AINDA
MEU SOBRENOME é HABERSATT
Não eu não vi o menino
só vi as suas pernas ou seja as botas que
estavam muito limpas mas
Minha cara no asfalto a m-merda escura de cachorro
A clara de ovo p-por todos os lados o sangue do meu braço
que
era negro vermelho amarelo isso já era estranho
E EU SOU A MÃE DO
O que não vou esquecer nunca é o
Barulho da arma automática isso não vou poder nunca
Digo muda muda muda para o outro canal mas vamos vamos
SOU a MÃE DO
E o o-o o olho daquele estava do meu lado
completamente sozinho e me olhava
me olhava f-fixo porque pestanejar já não podia
A MÃE DO UDO
Silêncio.
Não quero falar com ela ninguém pode
Me obrigar ninguém pode
Sete mortos vinte e um feridos comigo
não aconteceu nada mas
UDO O ASSASSINO ENLOQUECIDO
O choque vem depois e fica para sempre

E agora querem nos dar assistência psicológica mas não quero

Esses caras com sua assistência psicológica

O que podem me ajudar

Constantemente se lembrando disso constantemente se

lembrando disso constantemente constantemente

AH SE CHAMAVA ACHIM AH É

Aaah pfff é claro

Lógico que é difícil para a mãe

do assassino

mãe sempre é difícil

CLARO

EU SOU A MÃE DO ACHIM

E SUPLICO PERDÃO

SE FOR POSSÍVEL

Que ela se recrimine e

que fez mal toda essa merda

PERDÃO

Uma simples secretaria de gráfica

provavelmente pouco tempo para ele e

acho que isso é uma questão social

SEMPRE LHE DISSE ACHIM DIGO

ESSAS MANCHAS NÃO DESAPARECERÃO A SESSENTA

GRAUS

E de repente de repente não sei não sei

Ele não tinha mais munição para ele ou que

Enfia a arma na boca e aperta o gatilho

Eu vi eu vi eu vi ele se matar

NÃO FIZ POR MAL

Teria podido também s-sobreviver teoricamente com grave

incapacidade

E com RAZÃO REGAVA TUDO

A Fe-ferida no meu braço já está quase sarada

NÃO FIZ POR MAL

E apertou eu vi eu vi

Simplesmente voou para trás como a tampa de uma panela de
pressão

Assim voou e deixou tudo um caos

O CHEIRO DA HÚMIDA E FRESCA

Nem uma palavra é verdade nem uma palavra é verdade da

culpa a culpa da mãe se isso fosse tão simples

mas ela também perdeu o seu filho

definitiva e finalmente

MEU FILHO ESCREVIA POEMAS

VOCÊS DEVERIAM SABER DISSO

Andei por aí e recolhi

Não todos não todos

Mas dez dos s-sobreviventes deram algo

E alguns dos familiares

Comigo não aconteceu nada em última instância tem que ter
compreensão ou isso

só o cachorro está transtornado

Oitocentos euros recolheram dizem eu não dou nada

Sim, um belo gesto

pensamos em uma semana

Espanha

ou algo assim

NÃO É QUASE NADA

NÃO FICOU NENHUM NENHUM CONTATO
INFELIZMENTE

Silêncio.

NÃO ABRI O ENVELOPE NO BANCO
NÃO O TOQUE ou O QUE É QUE VOCÊ PENSA

Silêncio.

SEI O QUE É MEU E O QUE NÃO É MEU.

Pausa.

TUDO VAI VOLTAR AO ESTADO
MAIS PARA A FRENTE.

E então aconteceu algo estranho ou seja
A mãe do assassino enloquecido se apresentou para mim
quando perdi o meu pequeno meu Alexandrinho
ela veio depois do enterro
quero dizer a mãe de verdade
E se apresentou a outra essa senhora Habersatt
não é mãe mesmo
é isso que eu acho
de ninguém

NÃO É QUASE NADA
NÃO FICOU NENHUM CONTATO
INFELIZMENTE

Ah é nós a acusamos
como se não tivéssemos o bastante
toma os casos do jornal
E sai por aí fazendo o papel de mãe do criminoso
já passou por tudo
louca o violador ladrão assassino
E o assassino enloquecido foi o final

para ela

SEI O QUE É MEU E O QUE NÃO É MEU

E agora ela precisa de assistência psicológica na minha
opinião

E agora está em liberdade condicional

lá fora

TUDO VAI VOLTAR AO ESTADO

MAIS PARA A FRENTE.

Franz mostra o seu trabalho; a senhora Zucker, um coração tranquilo; Rosa, o seu corpo

Casa de Franz e Rosa. A senhora Zucker, no íterim, amputaram o seu pé esquerdo. Na televisão se vê o PRESIDENTE, mudo, com a imagem distorcida.

SENHORA ZUCKER Se trabalhasse num posto de gasolina...

Silêncio.

SENHORA ZUCKER Se trabalhasse num posto de gasolina...

ROSA Ah, mamãe.

SENHORA ZUCKER Se trabalhasse num posto de gasolina, então só precisava de um cigarro para que tudo voasse pelos ares. *Pausa.* Eu penso nisso algumas vezes. *Pausa.* Mas você nem sequer tem gás em casa. Então, que posso fazer.

ROSA Esta é a tua casa também.

SENHORA ZUCKER é que.

ROSA A senhora quer fazer a gente voar pelos ares.

Pausa.

SENHORA ZUCKER O que você tem contra a idéia.

ROSA Mamãe!

SENHORA ZUCKER Isso, por exemplo, não determina. sou uma mãe, sim, você não você não é mãe coisa nenhuma. e pelo que eu tô vendo, também não vai ser.

ROSA Mas foi você mesma que disse... e como a gente ia poder, com você junto no mesmo quarto...

SENHORA ZUCKER eu não ia deixar me abater por causa disso. teu pai e eu, a gente te concebeu durante um ataque aéreo, no refúgio. Teu pai tinha sido licenciado como ferido de guerra; a gente estava envolto no cheiro das pessoas à nossa volta, que continham o alento, não a causa das bombas, a causa da concepção que tinha lugar no meio deles . a gente fez no meio de toda essa gente estranha, e eu tinha já mais de quarenta, mas tentamos de tudo...

ROSA Mamãe, você era uma menina pequena quando terminou a guerra.

SENHORA ZUCKER Pode ser, pode ser. Mas poderia ter sido assim... Não,eu acho que aconteceu então, na manifestação pela reestatização. eu, como comunista, era incondicionalmente a favor da reestatização, e tinha me acorrentado à cruz da janela no escritório dos correios. Teu

pai também tinha se acorrentado à cruz da janela, pendurados pelos braços como Cristo na cruz, mas as partes inferiores de nossos corpos podiam se mover livremente..

ROSA essa é, eu acho, a sétima versão nos últimos três dias.

SENHORA ZUCKER Mas pode ter sido assim. Pode ter sido assim sim. pelo menos um dos meus quatro filhos eu tinha que ter concebido de uma forma inesquecível. *Observa ao PRESIDENTE.* não em uma noite insípida com os olhos fechados. e a manhã seguinte a única lembrança é de uma doença que interrompeu o sonho.

Silêncio.

ROSA Ele nem ao menos conhece o meu rosto. e eu já não conheço sua mão no meu rosto. e nem ao menos sei sobre a sua mão, como seria, se pousasse sobre meu corpo, em alguma parte.

SENHORA ZUCKER *Observa ao PRESIDENTE.* Me parece que dá prá perceber se uma pessoa foi concebida por descuido, em uma noite insípida, em uma cama insípida, ou se tem uma justificativa apaixonada para vagar por este mundo.

ROSA ele não me reconhece.

SENHORA ZUCKER Olha para mim. *Pausa.* Rosa, você não consegue se impor. nisso você não puxou por mim . eu, até

em um pé só, sou uma mulher inteira. Você, ao contrário, não tem erotismo nenhum, nem mesmo com os dois pés.

Rosa chora.

SENHORA ZUCKER Menina, menina, menina. *Pausa.* Eu sei que complico a vida de vocês. eu lamento. devo me fingir de morta.

ROSA *se controla* Franz tem que consertar a televisão.

SENHORA ZUCKER Pelo contrário. Vocês deviam acabar com ela. *Pausa.* não preciso de diversão nenhuma, eu não; eu faço tudo por mim mesma.

Rosa chora de novo.

SENHORA ZUCKER quando eu quero alguma coisa, eu consigo, Rosa. Isso é o que você deve dizer a você mesma toda noite.

ROSA Queria tanto que a vida continuasse. eu queria tanto.

SENHORA ZUCKER a gente podia jogar o berço na lixeira antes do caminhão passar. O que tem que ser jogado fora, tem que ser jogado fora. é o que eu sempre digo também para a minha perna.

Entra Franz com um caixão, que coloca em uma estante junto a vários outros.

SENHORA ZUCKER Pelo visto tem muito cadáveres sem dono por aí, eh.

FRANZ Alguns não são recolhidos. Tem alguns que ninguém quer saber de ter . Como se ninguém os tivesse conhecido nunca. Mas eu conheci esses todos, desnudei e lavei, pentei os seus cabelos , fixei as próteses dentárias e pus a última camisa. Conheci todos eles como ninguém mais conheceu.

ROSA Franz, você não pode trazer para casa todos os caixões abandonados.

FRANZ Mas claro. Posso.

ROSA Mas o que é que vamos fazer com eles.

FRANZ Lembrar.

ROSA e você acha que no cemitério ninguém se lembra.

FRANZ Não, diante de um túmulo sem nome ninguém pára.

SENHORA ZUCKER *Golpeia o televisor* um explosivo de gasolina, um cigarro. uma explosão como deve ser afinal.

FRANZ Cada vez tem mais mortos. Cada vez mais mortos abandonados.

SENHORA ZUCKER *A Rosa* Pensa na cruz da janela. *Coloca um lenço sobre a cara.*

FRANZ *Observa o PRESIDENTE.* Hoje, outra vez dois suicidas. Dois suicidas. Pularam do arranha-céu dos suicidas.

ROSA *Apaga o PRESIDENTE.* Mas Franz, pensa em outra coisa.

FRANZ a vida, uma única espera pela morte. e eu, faço da espera da morte um trabalho. *Pausa.* um belo trabalho.

ROSA *Tira o vestido* Ele tem mãos limpas e pensamentos sujos.

Aparecem os dois suicidas, desnudos. Franz fala, deitem-se sobre a mesa, e os lava, o rosto, cada parte do corpo, com dedicação.

FRANZ Quanto melhor vai o trabalho, mais mortos. Enquanto lá na praia mais para cima, tantas mais pessoas morrem por vontade própria. é esquisito. *Pausa.* Na miséria todos ficamos em silêncio.

ROSA *tira o vestido para trás, sobre os ombros, obstinada.* se você não me olhar, não vou me mexer mais.

FRANZ e eu, eu me desgasto, me acabo pelos mortos. Totalmente pelos mortos.

Rosa deixa cair seu vestido, fica completamente nua, se deita entre os dois mortos.

ROSA Achei que você ia olhar para mim.

FRANZ Primeiro achei que devia ser rápido. Criar através de cada morto uma nova vida.

ROSA não quero que você fique de frente para mim, cuidado, isso não consigo esperar. Só quero que você olhe para mim.

FRANZ Mas ponho minhas mãos sobre sua pele, e a continência penetra pelas minhas mãos e corrói o meu corpo.

ROSA e talvez você me dissesse, hoje você está com o cabelo tão bonito...

Franz terminou de lavar os mortos sem ter tocado Rosa. Penteia ambos, à direita e esquerda dela.

FRANZ com os doentes era assim: me faltava a compaixão. a compaixão não vinha. e porisso não podia lamentar seus corpos. não podia ferí-los . não podia curá-los . *Pausa.* agora já não precisam mais de compaixão. Lavei o último resto de

vida. Deles e por fim fecho os orifícios dos corpos deles e os deixo ir. *Pausa*. Entende isso, Rosa.

Acabou de penteá-los . Fecha os orifícios de seus corpos. Se deita para dormir com os dois mortos. Silêncio.

ROSA: na realidade você se esforçou passando a tua blusa, você fez com tanto carinho e amor. que talvez até ponha uma flor no vaso para mim, com as artificiais. uma só, só uma. e eu não quero nem saber se ela vem do velório. e se você quisesse me tocar, poderíamos buscar um lugar no cemitério, onde estivéssemos sós , e tudo poderia ficar em segredo, e ninguém ia ter que ficar sabendo... e depois, um dia, do lado do meu prato de café da manhã teria só um Mon Chérie, ou um docinho de côco, e eu ia ficar olhando por um tempo, antes de colocar o doce no bolso da minha jaqueta e fechar de vez em quando o punho sobre ele, até sentir como o Mon Chérie se derrete... *Silêncio.*

Se eu tivesse dinheiro, se eu tivesse muito dinheiro de verdade, então uma vez por mês ia dormir em um hotel, desses hotéis onde a gente entra no quarto e na televisão está escrito “Bem vinda, Rosa”, a cama está preparada, e na almofada encontro uma...

12

ella II

Helmut, o marido dela, tem no olho uma lupa de joalheiro e está ocupado trabalhando em algo muito pequeno que tem entre suas mãos. Na televisão transmitem um discurso do presidente. ela está olhando e o volume foi tiraedo.

Ella eu escrevi ao presidente
 não sei quantos artigos , ensaios, até
 cartas de leitores ao seu jornal
 E para seu canal de televisão.
 Como resposta a seus discursos.
 E não enviei nem um único.
 Não enviei um único texto.
 A minha teoria, a teoria das parciais subjacentes,
 afirma que a estrutura dos sistemas sociais,
 suas transformações, seu desenvolvimento,
 E o que isso significa para o individuo,
 não pode ser concebido de outro modo
 a não ser mediante a decomposição em microfragmentos
 E a sua cartografia.
 O subjacente
 é o óbvio.
 A cápsula de Petri conduz à revolução
 E não o contrário.
 O reconhecível é a
 próxima pequena unidade.

A partir daí contínuo, muito
devagar reúno os menores elementos
E deles teço uma grande rede que abarca tudo.
Uma rede de Sísifo.
A rede nunca estará pronta,
constantemente surgem novos imprevistos,
constantemente se transformam os nós que dão estrutura e
sustêm,
algo que foi reconhecido e definido pode ser que amanhã
já se tenha desfeito por completo,
E em seu lugar se abre um rasgão,
mas isso é o genial do assunto.

Pausa.

Não quero nenhuma vista de cima,
não quero uma visão panorâmica,
não quero uma declaração de interrelações sem vazios,
odeio os sistemas,
me dedicarei totalmente ao fragmento, ao que tem vazios,
ao imperfeito, à ruptura, ao resto, ao incompreendido,
O sedimento, o que se decompõe,
a mínima quase nada individual.

Esse é o desafio.

Essa é a vida.

Ese é o desafio da vida.

A desconfiabilidade do mundo.

Silêncio. Helmut trabalha.

Temo que isto leve a malentendidos.

Talvez até seja contraditório.

E continua sempre ameaçando com surgir

em alguma parte

um sistema.

É, me contradigo.

Silêncio.

Isso é precisamente o genial do assunto.

Silêncio.

Em qualquer caso nunca serei como você.

Quer lhe dar um tapa na nuca, mas se contem.

Você, joalheiro de adornos.

Silêncio.

Janela cadeira parede mão

é tudo o que eu posso dizer.

Amor morte sentido

já não posso dizer essas palavras.

Posso pronunciá-las.

Mas o que significa “sentido”.

O que significa “cadeira”.

Pausa.

O presidente está em clara vantagem.

Diz cadeira,

tem uma greve.

Diz janela,

um sindicalista se suicida.

Diz parede,

E 150 000 trabalhadores não são despedidos.

Sempre acontece alguma coisa

imediatamente depois das palavras do presidente

acontece uma reação imediata.

Ainda que não se possa entender para nada.

O presidente diz algo
E ninguém o entende;
O presidente diz algo,
E ninguém sabe
o que quer dizer com suas palavras.
O que as suas palavras
querem dizer com ele.
Mas algo acontece.
Em seguida.
Um fenômeno.
Além disso, o presidente
Ele mesmo não entende
o que diz.
Um fenômeno.
O presidente não entende a si mesmo,
como podemos entendê-lo.
Sinto muito,
mas eu o invejo.
A imaturidade auto eleita
nesta terra.
Um analfabeto como presidente,
um jogador de futebol, ator, cantor da moda,
assim pode continuar eternamente.
Polemizar contra isso é barato,
rir disso é perigoso.
Os estúpidos se tomam por estúpidos,
E os espertos se tomam por estúpidos,
E no meio cresce a mania de grandeza.
Pausa.

O país se afunda,
ah é,
O mundo diante dos cachorros,
ah é,
mas apesar disso eu
ah é,
agora volto a ser
totalmente otimista.
Isso digo prá mim mesmo todo dia.
Talvez sirva para alguma coisa alguma vez.
Não é certo, Helmut.
Talvez algum dia venha a ruptura,
se continuarmos assim bastante tempo.
Dá-lhe um tapa na nuca.
O meu marido é joalheiro.
Joalheiro da sorte.
Uma bela PALAVRA.
Um belo trabalho.
Joalheiro de adornos.
Uma ocupação sem nenhum sentido,
E talvez o único essencial:
embelezar o mundo.
Pausa.
Ornamentação.
Não temos que entender o mundo,
não o decompomos,
nem sequer temos que mudar a sua forma,
só lhe acrescentamos algo,
um pequeno complemento,

que o faz todo mais agradável.

É o conselho do ornamentador.

Faça dele algo agradável.

Viver MAIS BELAMENTE.

Silêncio.

Honestamente, desprezo meu marido.

Não sei o que ele pensa.

Se pensa algo,

ou se suas mãos só precedem seu instinto,

quando dão forma assim a seu material,

o utilizam, o suavizam

para que tenha boa presença

E a sua vista que controla,

oh,

algo tão bonito, faz tempo que não vemos.

Assim, qualquer um pode imaginar

por que me casei com o meu esposo,

mesmo que não converse com ele,

não converso,

não falo,

não posso falar.

Lhe dá um tapa na nuca.

Porque suas mãos precederam ao seu instinto,

Percorreram o meu corpo ao longo e acima e abaixo e

continuaram,

porque me procuravam,

a minha carne,

porque me utilizaram, me fizeram tão calma,

que me tornei sedutora,
E ao me ver as pessoas pensavam,
oh,
apaixonada,
ou até mesmo,
oh,
amada,
amada amada amada,
ou até mesmo,
oh,
amante amada amada muito amada,
oh oh oh.

Pausa.

Assim era uma vez.

Isso faz muito tempo.

Lhe dá um tapa na nuca.

E não dá para fazer voltar.

Lhe dá um tapa na nuca.

Um sentimento que se perdeu uma vez
nunca e sob nenhuma circunstância em nenhum lugar
pode voltar a se achar,
onde além disso,
aonde.

Silêncio.

Posso dizer cadeira

posso dizer mão

sapato pé

taça

livro

sombrinha

Silêncio.

Deus se envia a si mesmo em uma bolsa

FADOUL Ainda nem uma palavra para o Elísio. Meu esconderijo para o dinheiro fica atrás de uma destas telhas de amianto, e a minha boca está tapada. *Pausa.* No começo pensei que era dinheiro falso. Como é que 200 089 euros e 77 centavos chegam até debaixo de um banco em um ponto de ônibus, assim tão fácil. Du-zen-tos-mil euros. em notas usadas. Mais oitenta e nove euros e setenta e sete centavos em moedas. Então pego uma das notas de 50 euros —quatro mil notas de 50 euros— e compro cigarros em um supermercado, onde tem esses aparelhos de checagem de notas. Digo para a caixa, olha, sou negro como o laqueado de um piano, olha esta nota, uma nota de 50 euros, eu no seu lugar punha logo a nota debaixo da lâmpada, é provável que seja falsa. Ela se recusa a fazer isso, diz que não é racista, me olha e diz que confia em mim. Como pode pensar assim. Isto não é uma questão de confiança, eu digo a ela, é uma questão de experiência pessoal. ou não. Ela diz que não entende por que quero provocá-la, ela não tem nenhum problema com estrangeiros. Muito bem, digo, legal, digo, então cumpra agora com o seu dever, por favor, e ponha esta nota na luz para comprovar sua autenticidade; no final das contas existem esses regulamentos, ou não, que deve ser comprovada a autenticidade de toda nota de 50 euros, ou não, ou por acaso tem uma exceção para negros, sou tratado com preferência porque sou negro ou que. Ela diz que se diz autenticidade, autenticidade, não

autentidade, e que faz muito tempo que ela podia ter testado a nota sozinha se eu não tivesse falado com ela de um jeito tão estúpido desde o começo, porque ela não permite que falem com ela de forma estúpida, e nem por um negro também. Completamente confuso com essa dialética, digo que por que ela foi especialmente simpática comigo, ainda que eu tivesse ficado nervoso; quando alguém desconfia de mim, intencionalmente não sou simpático com essa pessoa, e ela diz, isso é o que o senhor quer, me deixar irritada, porque fui provocada, eu digo, como que provocada, simplesmente queria saber se ela sabe se esta nota é autêntica ou não, e também queria saber para que todos nós possamos voltar a dormir tranquilos , e ela diz, como se estivesse me desafiando, pois vá o senhor a um banco, então vai saber, e digo, eu estou vindo de um banco, eu estou vindo de um banco mas não confio neles , e ela me olha e diz, filho da puta, e passa a nota pela lâmpada e diz, é autêntica, e eu digo, obrigado bonitinha, é o que nós tínhamos imaginado.

Silêncio.

Sou um homem simples. não entendo nada de... da política. ou das ciências. Mas tive coragem de fugir. Deixei para trás o conhecido.

Pausa.

E tudo o que aqui eu, o que sou, quem sou e como sou, toda a minha vida, depende só de duas letras. A minha vida, o meu destino, dependem dessas duas letras: A - me - ricano ---- A-f - ricano.

Aí está a minha vida em duas letras.

Pausa.

Eu vou dizer para vocês no que eu acredito.

Pausa longa.

Deus está nesta bolsa.

Pausa.

E não tem nenhuma demonstração de Deus fora de nós mesmos.

Por que: se a gente tivesse salvado a mulher do mar, então ela teria ficado convencida de que não era a vontade de Deus deixá-la morrer, de que era a mão de Deus que a ajudou através de nós. *Pausa.* Assim é: quando acontece alguma coisa milagrosa com a gente, algo bom e imprevisto, que não podemos explicar, então acreditamos em uma força que a gente chama de Deus. Se uma desgraça acontece com a gente, então achamos que Deus está morto.

Mas eu digo que somos nós. Nós. Deus está em nós. A sua força está em nós. o que fica de nós não são nossos cabelos , nosso cheiro e a nossa beleza, mas as nossas ações, boas ou ruins: daquilo que fizemos ou não fizemos, falamos, pensamos, disso vocês vão se lembrar.

Você vai se lembrar deste momento em que te olho nos olhos e te digo: Deus está em você.

E Deus está em você, agora eu sei. eu sei porque Deus me enviou esta bolsa. e ele se enviou a si mesmo nesta bolsa. uma bolsa suja com notas usadas de cinquenta euros. Duzentos mil euros. Mais oitenta e nove euros com setenta e sete centavos em moedas. *Pausa.* Deus não pode querer que eu leve o dinheiro até a polícia. Porque a polícia não é Deus, a polícia não pode distinguir a verdade da mentira, a não ser que tenha testemunhas, e um a-f-ericano não é nenhuma testemunha da

verdade, em nenhum lugar do mundo. Assim que pegassem o meu dinheiro, e como recompensa a Lufthansa me levaria a casa. isso Deus não pode querer, e eu também não quero.

Abri meus ouvidos. Escuto. o Deus na bolsa diz: ;Faça um pouquinho de esforço! ;Toma este dinheiro!

e o Deus em mim responde: Vou fazer algo grande! Vou fazer algo que as pessoas não vão esquecer! Através desta bolsa!

10

Absoluta

O quarto de Fadoul e Elísio. Elísio está sozinho; dormindo. Entra Absoluta, calada, com cuidado.

ABSOLUTA Fadoul ... Fadoul...

Encontra Elísio dormindo e toca o seu rosto, acha que reconhece Fadoul, toca o seu corpo por cima e por baixo da manta, por cima e por baixo da roupa. Elísio reage no meio do sono, instintivamente, alegre, terno, até que...

ABSOLUTA O meu livro. Você está com o meu livro. Roubado. Fadoul, você mentiu prá mim e me roubou... *Se mete debaixo da manta, com o livro na mão.*

ELÍSIO *Abre os olhos* Que tipo de sonho...

ABSOLUTA *Escuta* Fala outra vez...

ELÍSIO Que tipo de sonho...

ABSOLUTA Oh, oh, oh... *Pausa*.eu acho que confundi com alguém. Oh, oh, oh, que chato. Por que você não disse nada.

ELÍSIO estava sonhando.

ABSOLUTA Onde conseguiu o livro.

ELÍSIO Achei. em uma banca de jornais. junto com uma sombrinha.

Pausa.

ABSOLUTA Onde está Fadoul.

ELÍSIO E por acaso eu sou a babá dele.

ABSOLUTA ele não veio me ver no Planeta azul. Eu fiquei esperando.

ELÍSIO e daí. Ele deve ter tido seus motivos.

ABSOLUTA Que motivos.

Silêncio.

ABSOLUTA Tenho uma cruz no meu calendário. Faz três dias, quando a gente se encontrou no ponto de ônibus. Esperei três noites. uma noite mais, e vou ficar velha demais.

Silêncio.

ABSOLUTA Deixei você nervoso.

ELÍSIO não sei nada sobre a senhora, e não sei nada sobre ele desde que vocês se encontraram no ponto de ônibus. De dia ele vai trabalhar, e de noite dorme de pé ou anda de um lado para o outro. e se eu digo alguma coisa para ele, fica me olhando atravessado... Então é, é, a senhora me deixou nervoso. Me acorda de um sono que eu demorei muito tempo para conseguir dormir.

Silêncio.

ELÍSIO Se a senhora vem aqui, tenho que atender a senhora, e isso me deixa mais nervoso do que ficar tentando dormir.

ABSOLUTA Então pode dizer ao Fadoul que eu estive aqui, e se quer me ter, deve vir me ver no Planeta Azul. E se não quiser saber de mim de jeito nenhum, pode dizer... melhor nada. *Silêncio.* Não, melhor não dizer nada. *Silêncio.*

ELÍSIO Só estava dormindo gostoso.

ABSOLUTA Que estou tranquila. Nunca tinha falado assim antes. Antes de anteontem dancei , anteontem dancei , ontem dancei , todas as noites esperando e fiquei esperando que o Fadoul viesse e me procurasse. Nunca tinha esperado três noites seguidas antes. a maioria das vezes só tive que esperar uma noite, ou duas quando muito, mas três, nunca.

ELÍSIO A senhora não deve voltar mais aqui. sem olhos é um lugar mortal. com olhos é perigoso, mas sem olhos é mortal. *Pausa.* a semana passada morreram quatro pessoas aqui. Quatro pessoas. Um morreu de tanto apanhar, outro se jogou para o céu chapado. e dois pularam do telhado. *Silêncio.* Morrem como as moscas. Como as moscas. Como as moscas. Como as moscas. e qual é a diferença.

ABSOLUTA a mosca tem sempre três mil vistas de uma coisa, e isso em cada olho, antes de reunir todas numa só. Seis mil vistas particulares de tudo o que existe dão como resultado a sua imagem do mundo.

ELÍSIO Porisso a mosca morre com mais inteligência do que nós. ou pelo menos tem uma vista panorâmica mais bonita.

ABSOLUTA A mosca ve mais do que eu, com certeza.

Riem. Pausa.

ELÍSIO Que faria a senhora, cega como é, se diante dos seus olhos cegos acontecesse uma desgraça a alguém. E a ajuda da

senhora, cega como é, chegasse tarde demais. O que a senhora faria.

ABSOLUTA Gostaria de ser uma mosca.

ELÍSIO Para sair do polvo.

ABSOLUTA Para que alguém me matasse. *Pausa. Absoluta ri com dureza, consternada.* isso é o que o senhor quer ouvir. não sei o que aconteceu . Só sei que o senhor encontrou a sua desgraça. e agora está querendo que todo mundo confirme essa desgraça para o senhor.

ELÍSIO A senhora é mais cruel do que parece. *Pausa.* uma mulher se afogou, e eu sou o culpado. é muito simples.

ABSOLUTA Engano seu. *Ri.* Culpa. Quando muito, o senhor tem remorsos na consciência.

ELÍSIO e já não é bastante. Para mim me basta para não conseguir dormir.

Absoluta abre o livro, encontra uma página marcada. do livro tira um recorte de jornal amassado, Elísio o recolhe.

ABSOLUTA *Lê* “Nos esforçamos para encontrar uma explicação ex post para os acontecimentos à nossa volta, para a nossa vida, para os fatos mundiais, na esperança de que assim poderíamos, aplicando, para o porvir, as mesmas regras

que surgem assim com caráter de leis, influir no futuro. Mas esta vinculação causal só existe realmente a posteriori, e ninguém, nem nós, nem nenhum Deus, e nem sequer a natureza mesma, tem a posse do saber sobre o futuro de cada um de nós. ou até poderíamos brincar de jogar os dados.”
Pausa. Este livro se intitula “A desconfiabilidade do mundo”.

No ínterim, entrada de Fadoul.

ABSOLUTA não sei, não sei se posso confiar neste livro como em uma pessoa, se tem razão como uma imagem, ou se não é confiável, como uma máquina ou a natureza também não são confiáveis .

ELÍSIO *Põe o artigo na mão dela* No jornal tinha coisas curiosas. No jornal dizia que ela tinha se matado. Intencionalmente.

FADOUL Perceberam que só as mulheres escolhem água. um homem nunca escolhe a água. um homem procura um teto e um cinto. um homem pega um revólver.

ELÍSIO Já ouviram falar que alguém tivesse tirado a roupa e colocado as suas coisas cuidadosamente na beira da praia, antes de entrar na água para se matar.

Silêncio.

ABSOLUTA Talvez quisesse que parecesse um descuido. Talvez a sua vergonha fosse tão grande que não quisesse ser um incômodo para mais ninguém. Talvez ela tivesse uma revolta.

FADOUL O que é que pode significar isso, uma revolta de vergonha.

ELÍSIO uma revolta de vergonha é quando você quer uma mulher e ela não te quer.

ABSOLUTA ou ao contrário.

ELÍSIO você não entende e fica violento, e o que acabar depois é o que um dia foi uma auto estima, e no lugar da dignidade tem agora uma ferida. Mas não se ve no corpo. não faça perguntas estúpidas. *Pausa.* A gente estava ali, a mulher foi para a água sem violência. Mas quem sabe a violência venha de dentro, é. *Pausa.* Pensei muito sobre isso e perdi o meu sono por causa disso, mas quanto mais tempo eu fico aqui, nesta metade da Terra, menos eu consigo entender. Quantas pessoas se suicidam. Por que. Por que alguém procura a morte por fraqueza. Porque desde pequeno enfiam na tua cabeça, não está nas tuas mãos, o mundo não é confiável. Como neste livro. Este livro é uma grande merda, Absoluta.

FADOUL Exatamente. Eu sei porque me encontrei com Deus.

Os dois ficam olhando para ela.

FADOUL É. Deus está numa bolsa. No início eu não queria dizer, porque... estava inseguro. ele quer que eu faça algo muito grande, possivelmente deva chegar a ser como ele, e... bom, pode até ser que eu precise da ajuda de vocês.

Os dois ficam olhando para ele.

FADOUL Neste momento a bolsa está escondida. Mas posso pegá-la a qualquer momento, se for preciso.

Os dois ficam olhando para ele.

FADOUL Bom, está bem, esqueçam de tudo de novo. não é tão importante assim.

Elísio vai até Absoluta, toma os dedos da jovem e se golpeia com eles na testa.

ELÍSIO Eu te disse, completamente estranho. *Pausa.* Absoluta, me dá a tua sombrinha.

ABSOLUTA Aquela que você achou e não me devolveu? Te dou de presente. Deus queria que chovesse muito e com frequência.

Elísio pega a sombrinha de baixo da cama e sai. Silêncio.

ABSOLUTA eu vou te conhecer de novo. O que é que aconteceu, Fadoul. *Pausa*. Fiquei esperando por você, três noites consecutivas, e você... você chega falando de Deus.

FADOUL É. *Pausa*. De dinheiro. dinheiro. dinheiro. não Deus.

ABSOLUTA Faz um minuto que você disse que Deus estava em uma bolsa.

FADOUL Não, dinheiro, dinheiro é o que tem na bolsa. Absoluta, você confundiu tudo. *Pausa*. eu não consegui ir te ver, porque encontrei Deus numa bolsa, e fiquei completamente perplexo.

ABSOLUTA Então era Deus mesmo.

FADOUL É, Deus, é lógico que era Deus, quem ia ser.

ABSOLUTA Faz um minuto que você disse que tinha dinheiro numa bolsa.

FADOUL não, Deus, Deus está numa bolsa, você está me entendendo, porisso tudo é tão complicado.

ABSOLUTA Me mostra a bolsa.

FADOUL Que bolsa.

ABSOLUTA a bolsa com Deus dentro.

FADOUL não existe.

ABSOLUTA Faz um minuto que você disse que Deus estava em uma bolsa.

FADOUL É... isso...

ABSOLUTA Então me mostra a bolsa.

FADOUL Que bolsa.

ABSOLUTA a bolsa com Deus dentro.

FADOUL escondi.

ABSOLUTA Onde.

FADOUL não vou dizer.

Pausa.

ABSOLUTA Então me mostra o dinheiro.

FADOUL Que dinheiro.

ABSOLUTA O dinheiro na bolsa.

FADOUL Que bolsa. *Pausa.* Você quer me enrolar.

ABSOLUTA De que maneira.

FADOUL com as bolsas e o dinheiro e toda essa história.

ABSOLUTA Fadoul, por acaso essa bolsa com o dinheiro existe.

FADOUL se Deus quiser... Deus é grande, você sabe.

ABSOLUTA Deus é grande.

FADOUL Exatamente. eu experimentei isso na minha própria carne. é tudo o que eu posso dizer a respeito.

Silêncio.

ABSOLUTA e porisso você não foi ao Planeta Azul.

FADOUL Exatamente.

ABSOLUTA não foi por mim que você deixou de ir ao Planeta Azul.

FADOUL Não.

ABSOLUTA E se eu ficar esperando mais uma noite, nessa noite posso esperar que você apareça no Planeta Azul.

FADOUL Acho que sim.

ABSOLUTA Ficar esperando uma noite e perder a esperança, isso faz a gente envelhecer.

Pausa.

FADOUL Vamos fazer como se a gente pudesse ficar de acordo, isso. vamos tentar. esse é o pacto, o pacto, para a gente não cair um em cima do outro feito uns animais, para saciar a nossa fome e a nossa ânsia de amor.

ABSOLUTA Ia ser bonito ser um animal assim. o amor não conhece gente. nem ao menos me conhece, que sou gente só de vez em quando, o amor nem ao menos me conhece.

FADOUL vamos tentar com o prazer.

ABSOLUTA o prazer eu dou a mim mesma. Meus dedos são ágeis e fortes. Meus dedos são os que me conhecem melhor.

FADOUL Então já não sei com que vamos tentar.

ABSOLUTA Mas você tem falado. com fome. com ânsia. com o amor dos animais.

Silêncio. Fadoul está incrédulo demais para beijar a Absoluta.

FADOUL Absoluta.

ABSOLUTA Que é.

FADOUL Absolutamente nada. Só estou dizendo o teu nome. Para me acostumar com alguma coisa. Pela primeira vez na minha vida quero me acostumar com alguma coisa. *Silêncio.* e então isso vai ficar a própria perfeição.

ABSOLUTA Fadoul.

FADOUL Que.

ABSOLUTA Nada. Só estou dizendo o teu nome.

FADOUL *se alegra* não me leve a mal, teus pais com esse troço do teu nome... que tipo de gente eles são, alcoólatras.

Silêncio.

ABSOLUTA Meus pais são cegos, os dois. Quiseram me criar segundo a sua imagem, e depois de me conceber mandaram investigar meus gens, para ter certeza de que eu viria cega para este mundo, como eles ; queriam que fôssemos iguais, eles , os pais, e eu, a sua filha; porque eles pensam que vivem em um mundo perfeito, e porisso eu devia pertencer ao mundo deles e ser também perfeita.

FADOUL e o que você acha .

ABSOLUTA Acho que eles têm razão, o mundo deles é perfeito, e eu sou uma filha desejada perfeita. Fiz os dois felizes.

FADOUL Então você não ia gostar de poder ver.

ABSOLUTA É o que eu desejo mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Silêncio.

FADOUL eu vou enxergar por você.

ABSOLUTA Teu azul vai ser diferente do meu, teu céu vai ser outro e não o meu. eu não sei como são o deserto e a pedra e a cidade fora dos meus olhos, que são noite e negros quando eu sonho, e noite e coloridos quando eu quero.

FADOUL Te dou a minha pele que é negra, e meu cabelo que é negro, minhas mãos que são negras, meus pensamentos que são negros, meu sêmen que é negro, e meus olhos que são negros, e então seremos iguais, mas mesmo assim diferentes, e a diferença a gente pode chamar de amor.

ABSOLUTA Concordo.

11

Pulo

Eu não o conhecia de antes. Vi-o na festa, pela primeira vez. a noite em que aconteceu. não era meu tipo mesmo. Seria exagerado dizer que era exibido, mas aberto sim era, de algum modo, aberto demais. *Pausa*. Me perguntou se eu acreditava em Deus, não bebemos tanto, disse, alguém tem que me demonstrar Deus, ele olhou aí, e se a vida tinha um sentido para mim. *Silêncio*. teria vinte anos ou pouco mais, acho, começava a estudar polonês e administração de empresas. Lindo e loiro e. com esse aspecto de melhor amigo. *Silêncio*. Claro que tentei responder isso, honestamente, tinha bebido um pouco, estava meio passado, depois a gente tinha fumado maconha, eu contei que fiz meu ano de estágio nas Filipinas, que ali tive que amputar os dedos gangrenados dos pés de um homem, um mendigo que se arrastou até a entidade beneficente, teve sorte, nada, a sala de espera cheia todos os dias, mulheres com abortos com sangue escorrendo , meninos com facadas na barriga, velhos com feridas fedorentas, putas com os olhos vidrados, bêbadas e golpeadas, bebês com mordidas de ratos na cara, cegos com a roupa empapada de urina, mães que levavam em sua barriga um feto morto que não saía dali, com cheiro na barriga e bêbadas, essas podem ser picadas sem anestesia, não sentem nada. Bom, dá na mesma, isso eu contei, e que eu gostava do trabalho, e que agora estou em um hospital alemão. Naturalmente, isso é muito mais tranquilo. *Pausa*.

Se a vida fazia algum sentido para mim. Ele não me largava. eu fiquei numa bebedeira. nunca fiquei pensando muito sobre isso. Disse não, não faz, a vida não faz nenhum sentido para mim,não faz nem para mim nem para os outros. Também não. ele diz, por que tudo isso, então. eu fico dizendo, okay, alguma vez descobri um talento meu, um interesse meu, eu gosto de cortar as pessoas e ver como é que elas são por dentro, eu gosto de costurar as pessoas , fico observando esse organismo de merda, quase perfeito, como quase sempre funciona de uma forma merdamente perfeita, e quando não é assim, imito sua perfeição de merda e trato de emendar o falo. Emendo os falos . não porque ache que isso faça algum sentido, mas porque sei fazer isso bem.

Então fico pensando, com certeza este aqui não é um dos que cedem facilmente; este aqui procura e encontra, e gruda no que encontrou e isso faz sentido para ele. É alguém assim. Até cheguei a invejar o cara. Eu invejei o cara de verdade.

Depois não falamos muito mais. Fomos para minha casa. quero tomar um banho e volto para a cozinha porque acabei esquecendo de lhe oferecer algo para beber, é, esqueci de oferecer alguma coisa para beber, então entro na cozinha, sem roupa, e ele passa correndo por mim,não diz nada, não me olha, passa correndo por mim,continua correndo para o outro quarto, eu atrás dele, foi tão rápido, não posso segui-lo, só vejo a janela aberta, a janela aberta...não, não pude olhar para baixo, não pude, tive que contar os passos, o sol, a luz, a vista, porque vivo no décimo terceiro andar...

**a senhora Habersatt procura não ter liberdade
condicional**

Diante do horizonte do mar. Elisio passeia com a sombrinha de Absoluta e um ramo de flores, de um lado para o outro, gira a sombrinha e a põe na água, coloca dentro as flores, as deixa levar. a senhora Habersatt o olha.

SENHORA HABERSATT O juiz de instrução diz: agora a senhora vai receber liberdade condicional. Eu lhe perguntei o que significa isso. Diz, deixe os estranhos em paz, e deixe em paz a dor alheia. Busque um hobbie agradável. Viva sua própria vida. *Pausa.* O que é, então, a minha própria vida. Ela não pertence aos estranhos. Ele não teve resposta para isso. *Silêncio.*

Poderia ser tão simples. Eu o vejo perto do passeio do porto. Só está a uma distância aproximadamente assim de mim. Dois braços. *Pausa.* Por exemplo, eu poderia dizer, *O senhor com certeza não é daqui — Pausa.* não, com uma frase tão estúpida eu ia acabar com tudo; está bem, e ele diz, *A senhora tem razão, venho de longe —* e eu digo, de longe, *eu gosto disso, tem uma sonoridade —...*

A gente ia se olhar. e *então, como por puro acaso, digo, com certeza o senhor deixou para trás uma grande família —...*

Ele olha o mar, diz, *não, não tenho família, toda minha família morreu —...*

Eu olho para o mar também, digo —

Poderia lhe dizer tudo, a uma pessoa que até pouco tempo atrás era um estranho. Sonho com isso.

Pausa.

Tão simples, tão simples poderia ser a vida.

Pausa.

Não vou querer a liberdade condicional.

Silêncio.

SENHORA HABERSATT O senhor com certeza não é daqui.

ELÍSIO *olha triste, sem resposta.*

SENHORA HABERSATT De onde é que o senhor vem então.

ELÍSIO *olha para o outro lado, depois um vago gesto em direção ao horizonte. Silêncio.*

SENHORA HABERSATT Ah. *Pausa.* Alguma coisa totalmente diferente.

Silêncio.

SENHORA HABERSATT o mais longe que eu já fui — *indica* — foi para Helgoland. *Pausa.* Ali tem uma casa só. em volta, uma roca. uma roca muito pequena. em volta, água. *Pausa.* na verdade, não se pode fazer mais nada por lá.

Silêncio.

SENHORA HABERSATT Dar a volta na casa.

ELÍSIO Helgoland. Legoland. mundo de joguinhos. *Ainda triste*. Por acaso será que muita gente se suicida em Helgolegoland.

SENHORA HABERSATT Não. não acredito. *Pausa*. Pulam daqui, do arranha-céu dos suicidas. ou abrem o gás. ou se jogam na água. *Pausa*. às vezes não tem nada mais que fazer.

ELÍSIO Pois é.

SENHORA HABERSATT *ri*.

ELÍSIO Pois é pois é.

SENHORA HABERSATT *ri*.

ELÍSIO Sempre tem outra coisa para fazer.

SENHORA HABERSATT *ri* Então o senhor é na verdade um homem feliz. um homem feliz que veio de longe.

ELÍSIO O que é que sabe a senhora sobre isso. O que a senhora sabe sobre isso. O que a senhora sabe do meu país. Habitantes de Legoland. com seus sonhos de pecinhas de casas de Helgoland e mar. O que é que a senhora sabe sobre isso. O que é que a senhora sabe da morte...

SENHORA HABERSATT *ri, nervosa.*

Silêncio.

ELÍSIO Por que a senhora está rindo. Por que a senhora está rindo. Por que a senhora está rindo de mim. Fugi do meu país, do meu país, é, todos nós viemos de lá, onde tem calor e as pessoas morrem como moscas sem ter que se suicidar. No nordseste as pessoas dão risada de vocês, no meu país a gente ri de vocês, de vocês, e eu, eu não entendo nada disto aqui...

A senhora Habersatt não pode se mover de onde está. Cala-se, desconcertada.

SENHORA HABERSATT não sei muito da morte.

Silêncio. ela treme.

SENHORA HABERSATT Faz muito tempo que sou uma cova, uma cova vazia em cima de duas pernas. uma vez eu fiquei grávida, era um menino. Já tinha um nome para ele. Devia... Devia...se chamar... *move os lábios. Pausa.* Mas está morto, morreu dentro de meu corpo. Pouco antes de nascer. Tive que trazê-lo morto ao mundo, meu corpo foi o seu caixão. Isso faz muito tempo.

Silêncio.

ELÍSIO Faz dez dias uma mulher se jogou na água e se afogou, lá... *indica*. eu vi a mulher, queria salvá-la, mas meu amigo teve medo. nós dois tivemos medo. a covardia não nos deixou atuar. *Pausa*. Tenho uma foto dela, do jornal, e ela sai da água toda noite. eu tenho os pés fracos, seu corpo e seu cabelo são azuis

Silêncio.

SENHORA HABERSATT Fico sempre me dizendo, quem sabe para que teria sido bom Talvez tivesse feito coisas terríveis, talvez tivesse virado um ladrão, ou até um assassino... e eu, eu ia ser a mãe de um criminoso, toda minha vida. Toda minha vida eu ia ter que ir de um lado para o outro pedindo perdão, por ele. *Pausa*. e mesmo assim, mesmo assim me odiariam . não é certo isso. o mundo me odiaria.

ELÍSIO Fadoul, meu amigo, se apaixonou por uma moça com olhos profundamente negros. os olhos são negros porque seus pais de olhos negros achavam que eram Deus.

Silêncio.

SENHORA HABERSATT Todo mundo gosta de ser inocente.

ELÍSIO e depois Fadoul achou duzentos mil euros, em uma bolsa, e vai mandar operar os olhos negros da moça; isso vai ser feito amanhã no hospital, e agora ele também acredita que é todo poderoso. De repente tem cada vez mais deuses em

volta de mim. Até meu amigo é um Deus. Só eu, eu, sou totalmente normal. e não posso fazer nada contra isso. *Começa a chorar.*

SENHORA HABERSATT *vai timidamente até ele.* Desculpe, eu não tinha me apresentado. O meu nome é Habersatt.

Pausa. Klara Habersatt. *Silêncio.* e nunca tive ninguém que me chamasse de mãe. nem ninguém que soubesse o meu nome e pudesse transformá-lo diminutivo carinhoso. *Pausa.* e isso é tudo o que eu sei da morte.

ELÍSIO Umm...

Umm...

Ummahat...

O mar devolve a sombrinha e as flores a a areia.

14
e todos

Faz quase uma hora que estou aqui. eu, faz uma hora e meia. agora trouxeram enfim os investigadores e fecharam o cerco em torno da região. Escolhe exatamente a ponte da estrada. Exatamente a ponte da estrada, exatamente no meio do trânsito na hora de pico. no meio do trânsito na hora de pico. ou pensa, ou pensa. é um cara. é uma mulher. chego muito tarde, dá na mesma, já posso virar em seguida e ir para casa, meu chefe vai pensar que estou inventando. uma mulher gostosa, uma mulher supergostosa, como teria subido lá em cima. é um cara. não vai deixar o investigador chegar mais perto do que cinco ou seis metros. Vai ter que parar. é um cara. Olha para cá, homem, ao menos, de três direções ao longo de quilômetros, se só tem uma pessoa em cada carro, isto dá, tô te dizendo, umas dezenove mil pessoas que por causa dessa louca doente vão ter que se foder hoje. Já não. chega. Pode esquecer. Pode esquecer de tudo. e ainda fico pensando, hoje você vai pela estrada, a saída aparece na minha frente, e bom, é tarde agora esta merda. se ela pelo menos acabasse pulando no fim das contas. é um cara. Pula de uma vez. ele não quer. Aposto que não quer. Okay, aposto dez contra um. se quer pular, pula. ninguém vai achar esquisito. Filho da mãe anti-social. Essa aí não podia ir até o bosque e procurar uma árvore solitária com galhos fortes, tanto faz se ela ia gostar ou não, quer ser vista. quer ser tirada da ponte com as luvas de veludo dos investigadores. ela provavelmente quer algo muito diferente. Está tão seca e tão podre que tem que usar as

desculpas mais esfarrapadas para passarem a mão nela. é um cara, não entra na cabeça deles, é um cara. Tem que se exhibir com seu instinto de morte. Suicida exibicionista. Se excita com isso, aí em cima. Pula. É só empurrar o cara que ele cai dessa ponte de merda. Ele quer ser arrancado de lá voando de helicóptero. Chantageia a gente com a sua morte, esse monte de merda. Podia se jogar debaixo de um trem ficava mais suportável para a sociedade, o trem ia se atrasar uma hora até que raspassem toda a merda dos trilhos, e ia continuar. Esta aqui é a alternativa mais infâme. esse aí não quer morrer. eu percebi. esse não quer morrer, para nada. se continuar esperando aí eu mesmo vou lá e racho a cabeça dele com as minhas próprias mãos. Vai ter o que quer. Isto pode durar horas ainda. Horas.

Então pula logo, vai, todos no três, um, dois, pu-la, pu-la, pu-la...

15

Luz

O camarim de Absoluta no Planeta Azul. Absoluta diante do espelho, Elísio do outro lado do espelho.

ABSOLUTA Fadoul diz então, vou te dar o dinheiro para a operação. o dinheiro da bolsa. a bolsa de Deus. ele enviou o dinheiro para fazer você enxergar. eu estou dizendo, talvez Deus não tenha enviado a bolsa com uma intenção, mas a tenha perdido sem intenção e quer tê-la de volta. Procura por ela. Talvez a bolsa fosse destinada a alguma outra pessoa muito diferente, como você pode saber. Talvez essa outra pessoa fique muito infeliz sem esta bolsa. Fadoul diz, se fosse assim, Deus teria se comunicado conosco. Isto é um signo, um signo de um ponto de ônibus divino. Não pensei muito tempo. Eu não acredito na existência de Deus, nem em signos, nem no destino. eu acredito na ciência. e na força da vontade humana. Nada mais existe. Foram seres humanos que me privaram dos olhos, e outros seres humanos podem me devolver . isso é no que eu acredito. E o céu, o céu estrelado sobre mim, esse que nunca vi, nada tem a ver com isto. *Pausa.* Assim que peguei o dinheiro, obrigada Fadoul, não tenho escrúpulos . e depois convidei o Elísio e o Fadoul para ir ao Planeta Azul, para dançar para eles .
Uma última vez.

Strip tease de Absoluta.

ELÍCIO queria que as imagens acabassem. Que as formas, as figuras, os animais e os homens e as cores acabassem. queria que os espelhos deixassem de existir. Que os arroios, os lagos, o mar, o gelo, os icebergs e os charcos de chuva deixassem de existir. Porque eu estava em uma cela; na interminável noite de meu continente, na escuridão de uma cela, pretume impenetrável como pretume. *Pausa.* se lá fora clareia, a tua cabeça deve se levantar, se esticar para cima, onde uma lâmina de metal fina, mas inalcançavelmente alta, corta brancos pontos do sol. *Pausa.* Flechas de luz em teus olhos, que fazem mais intensa a dor da escuridão. Pouco a pouco pude sentir as paredes que sustentavam a escuridão. o solo me dava descanso, quando me esticava sobre ele e fechava os olhos, querendo arrancá-lo a noite uma fração de segundo da noite, sem poder. e uma parede me dava um empurrão, quando me encostava contra ela em um movimento leve, muito leve, talvez imitando as asas de um pássaro em vôo. o calor se filtrava zombando ligeiramente na negrura. *Pausa.* e comecei a raspar um dos ladrilhos . Tentei abrir mais buracos, com as minhas mãos, com uma mão, com os dedos, com um dedo, com as unhas, com uma unha de um dedo, com uma unha uma unha uma unha arranhando raspando arranhando a parede de ladrilhos metálica pela humidade, até que consegui me enfiar na luz, até que arranhei raspei da parede um raio de sol, e cresce para converter-se em um dedo resplandecente, o dedo de luz cresce agora desde a parede da

minha cela, e brilha, quando fecho os olhos, tremula sua imagem tremula atrás das minhas pálpebras...

Longo silêncio.

Queria que as imagens acabassem. Que as formas, figuras, os animais e os homens e as cores acabassem. Queria que os espelhos deixassem de existir. *ad inf.*

Reconhecimento

Na casa de Franz e Rosa. No ínterim, amputaram a perna esquerda da senhora Zucker. Está sentada na cadeira de rodas e dorme a siesta. a senhora Habersatt e Elísio; este último tem a sombrinha, que esquecerá em um canto.

Já falaram com quatro amortalhadores no IML e expuseram o seu caso, mas sem retorno. agora querem tentar uma quinta e última vez, e assim Elísio e a senhora Habersatt se encontram no quarto pequenininho uma tarde, e Elísio, com cara séria, tira do bolso interior do paletó do seu único terno a foto da mulher afogada, que conseguiu de algum modo entretanto, e que conserva entre duas folhas de cartolina recortadas para isso, e diz: *Conhece esta mulher?* Franz, serviçal, estuda a foto exaustivamente, sacode a cabeça em sinal de negativa, devolve a foto a Elísio, pede para ver de novo, a segura muito perto da sua cara, depois à distância do seu braço estendido, e por fim concorda. com um dedo de imaculada limpeza, assinala cuidadosamente a foto, sem tocá-la, e diz: *o dia em que comecei na Berger, ela estava na câmara refrigerada. Vinha de anatomia patológica, um cadáver aquático. deve ter se afogado perto do porto, onde a orla é plana e coberta de pedras.* Elísio se cala por um minuto e diz: *eu vi a mulher, eu vi a mulher quando ia para a água.* os dois homens se olham. a senhora Habersatt deve explicar agora por que ela também veio, mas a sua boca está seca. Elísio diz: *Esta mulher queria*

que a adotassem como mãe, mas essa é outra história. a senhora Habersatt não deseja que por sua causa surja nenhum transe penoso: ele pensa que se descobre quem era a mulher, e conhece a causa de sua morte, se foi voluntária, então poderá conciliar o sono na noite, mesmo que sua culpa continue existindo. ele não a salvou. Franz entende isto, ajudaria com prazer, conhece as histórias de todos os seus mortos, contaria também a história desta mulher, para aliviar outra vida, mas: Me lembro dela pelo seu cabelo vermelho, mas eu não preparei a mulher. Só vi o corpo ali, nua, na maca, pronta para ser ungida e embelezada, mesmo que não precisasse, pois certamente vinha da água e a sua carne era pesada, apesar de tudo continuava sendo uma mulher bonita, com a pele delicada e azul e pálpebras fechadas, e seus seios e seus pés caíam para fora. ninguém se apresentou, nem parentes nem amigos. e eu, eu não a toquei nem uma só vez. agora que sei alguma coisa sobre ela, que tem duas pessoas que a procuram, sinto pena. não podem ver a tristeza na cara de Elísio, porque Elísio está tenazmente envolvido neste caso, ele diz: O senhor sabe pelo menos o seu nome. e de novo Franz deve sacudir a cabeça. a senhora Habersatt não resiste mais ao peso dos fatos e desaba na cama, um ligeiro suspiro brota de sua garganta. Franz diz: ela é uma inominável e foi enterrada em uma cova para pobres, paga pela cidade. agora vocês sabem tudo o que eu sei. Elísio, mudo, olha a foto e pensa na escuridão que rompe e a noite que vem, e que as perguntas não são menos que ontem. a senhora Habersatt se lembra de sua siesta e se sobressalta: Desde quando temos visita. Deixei cair saliva da boca. não posso fazer nada, é a

diabetes. a senhora Habersatt vai até ela e toma a sua mão, tranquilizadora, a senhora Zucker está confusa: *Estou ficando louca, quem são estas pessoas. Mas não tive um ataque de apoplexia, não posso me lembrar deles .* Franz diz: *meu chefe os enviou, querem informações sobre uma morta.* Senhora Zucker: *Ah, é, meu genro traz todos para casa, indica os caixões, por favor, sirvam-se.* e para que os hóspedes não fiquem com uma má impressão, acrescenta: *Sabem, eu sempre fui uma comunista, mas agora tenho diabetes e uma perna só, e esse cara que está aí se nega a engravidar a minha filha, vocês não teriam por acaso um lugarzinho livre em sua comunidade.* a senhora Habersatt se decide a um corte radical: *não tenho filhos, e ele também não me quer, posso levar a senhora para passear um pouco.* Empurra a cadeira de rodas da senhora Zucker para fora ao ar livre. a senhora Zucker grita: *Por favor, controle também meu nível de açúcar do sangue, a qualquer momento posso cair em coma.* Rosa entra no quarto, sua cara um tímido sinal de interrogação. Elísio acredita que aconteceu um equívoco, está confuso, quem fez essa brincadeira, faz um movimento como de fuga, não pode dizer nada, só pode olhar fixamente a Rosa uma e outra vez, e sabe que isso vai além de qualquer cortesia. Franz, para acabar com o silêncio esquisito e dar uma resposta às perguntas não formuladas de Rosa, diz: *Este senhor aqui está procurando uma mulher.* Dá um sinal a Elísio para mostrar a foto; Rosa a toma e a olha. Rosa: *Mas essa sou eu!* a boca de Elísio faz um ruído estranho, um *tss* ou *kchch*, enquanto seus ombros se levantam e a sua cabeça quer concordar. Mas Franz permanece calmo: *Não, essa se suicidou, estava no primeiro*

dia na câmara refrigerada, quando comecei na Berger, você não pode conhecê-la. e mesmo assim, Rosa parece uma morta, e uma morta poderia parecer-se com a Rosa; Rosa toca a sua garganta, Rosa tenta falar ainda, Rosa pode falar, Rosa diz: *Se suicidou.* diz como se fosse necessário que alguém demonstrasse, como se não estivesse certa, mas Franz sabe muito bem: *Isso, se jogou na água, perto do porto.* O Franz não gosta de falar destas coisas em casa, queria que os mortos lhe pertencessem, e Elísio não diz mais nada. Elísio só consegue ter o coração palpitando. e Rosa deve afirmar de novo: *Mas se parece comigo!* Olha Franz, que não lhe devolve o olhar, a Elísio, a quem não conhece e nunca antes tinha visto, e do que não sabe como conseguiu sua foto: *Mas essa sou eu!* Ele dá a foto e ela, uma pergunta, uma reprovação, uma acusação, uma atribuição de culpa, uma sentença; a sentença pela qual Elísio esperou todo o tempo, que talvez até tivesse esperado, e Elísio pega a foto e diz: *É, essa é a senhora.*

ella III

Helmut, o marido dela, tem uma lupa de ourives no olho e está ocupado confeccionando algo muito pequeno entre suas mãos. Na televisão transmitem um discurso do Presidente. ela o olha; tiram o som do televisor.

Ella Ele produz peças de adorno,
dia a dia, libra a libra.

Anéis .

Desde faz anos só produz

anéis .

Quem quer todos esses anéis ,

círculos desesperançados sem final nem começo

E principalmente sem saída.

Não sei.

Nada mais.

Anéis.

De níquel barato, cobre plástico platina

prata ouro, com ou sem pedra, decoradas em torno várias

vezes

torcidas em volta de si mesmas ou muito simples contornos de

metal

sem nada

etcétera,

alguma vez enlaçam um ao outro

como uma cadeia,

como se esperasse
 algum truque de mágica que um dia
 aos dois prisioneiros um dia
 liberem um do outro um dia,
 mas querido, um dia
 vamos ter que fazer isso nós mesmos,
 porque nós, descrentes como somos, nenhum salmo de
 salvação vai nos ajudar
 nenhum salmo de salvação.

*Quer dar lhe um golpe na nuca, mas se detêm; ao invés disso,
 um gesto terno.*

Você não quer me machucar.

Mas está me machucando.

O simples fato de que você existe,
 você joalheiro de adornos,
 quase me mata.

Silêncio.

O meu livro sobre

“A desconfiabilidade do mundo”, cito:

“Nos esforçamos para encontrar uma explicação ex post para os acontecimentos à nossa volta, para a nossa vida, para os fatos mundiais, na esperança de que assim poderíamos, aplicando, para o porvir, as mesmas regras que surgem assim com caráter de leis, influir no futuro. Mas esta vinculação causal só existe realmente a posteriori, e ninguém, nem nós, nem nenhum Deus, e nem sequer a natureza mesma, tem a posse do saber sobre o futuro de cada um de nós. ou até poderíamos brincar de jogar os dados.” *Pausa.* Este livro se intitula “A desconfiabilidade do mundo”.

Pausa.

Ele não entende nada,

O Presidente.

Não há nenhum destino,

exceto o que nós mesmos determinamos.

Mas como não podemos saber

Em direção a que o determinamos,

estamos cegos

em relação a nós mesmos,

não é assim, Helmut.

Gesto terno.

A posteriori, afinal,

explicamos tudo com gosto

apelando a nosso livre arbítrio,

para não nos sentirmos como animais,

não é assim, Helmut.

Lhé dá um tapa na nuca.

Você, o artesão,

com tua contemplação prática diária

de causa e efeito.

Se o metal está quente demais

se escapa das tuas mãos.

Já te disse hoje

como te odeio.

Quer lhe dar um golpe na nuca, mas se detem; ao invés disso,

um gesto terno.

Feliz.

Nunca estou Feliz.

Isso seria contradizer minha ética de trabalho.

Estar satisfeita seria inclusive contradizer a minha existência,
 ou tirar todo o fundamento,
 E como só sou sendo trabalho...
 que é o que eu falo e falo,
 o que penso,
 trabalho logo eu sou eu.

Silêncio.

Ainda não dou nada por perdido.
 Começarei de novo desde o princípio,
 uma vez mais,
 começar uma vez mais pelo princípio,
 poderia ser com o

C.

Mover uma vez mais o Cu,
 tão sexy como seja possível,
 se entende.

C

como

A

como ânimo.

Silêncio.

O ânimo

então não sei

não me ocorre nada sobre o ânimo
 a minha idade

O Ânimo parece antigo sim.

Pausa.

Ah pobreza ah sim

ah todo ah ânimo

ah todo meu

ah Helmut

ah ânimo

ânimo

oh dor

oh dor me falta o ânimo

está bem está bem

Pausa.

Bom

a duras penas

Silêncio.

Ah marido

ah amado

ficar ao teu lado

evidencia meu fado

Enfado.

Abaldo

Desolado

Tudo isso

Silêncio.

Dá a Helmut tantos golpes na nuca, que ele cai para a frente sobre a mesa, ensanguentado, morto.

a desconfiabilidade do mundo

Absoluta, Fadoul, Elísio, a senhora Habersatt e a senhora Zucker. Algum tempo depois da operação de Absoluta. no meio deles , dinheiro.

FADOUL E.

SENHORA HABERSATT E.

ELÍSIO E.

SENHORA ZUCKER Deixem ela em paz.

ABSOLUTA Nada. Absolutamente Nada.

SENHORA ZUCKER Mas vocês podem deixar ela em paz de uma vez.

ABSOLUTA Estou vendo...

FADOUL Isso...

SENHORA HABERSATT Isso...

ELÍSIO Isso...

ABSOLUTA estou vendo ruídos. Estou ouvindo o que deveria ver. é tão doloroso.

FADOUL isso exige tempo. isso pode demorar. Tem que fazer os teus exercícios.

Silêncio.

FADOUL Até ficou alguma coisa.

ELÍSIO do dinheiro de Deus.

SENHORA ZUCKER Alguém sem operação ainda.

FADOUL Alguém sem desejo realizado ainda.

ELÍSIO É, como vamos conseguir documentos. Vamos ficar mortos vivos.

FADOUL Para de uma vez. Para de uma vez com isso. Anda, vai para casa.

ELÍSIO Para casa aonde. o arranha-céu . e depois. Pular do telhado?

SENHORA HABERSATT uma barata gigante se agacha sobre seu fígado e chora o mundo.

ELÍSIO Por que estou triste. Por que. *Se move diante da cara de Absoluta, que não ve nada.* E.

FADOUL E.

SENHORA HABERSATT E.

ABSOLUTA E então o que.

SENHORA ZUCKER Ainda nada.

ELÍSIO agora vocês já sabem. uma tortura sem sentido. uma esperança que se esforçou totalmente em vão.

FADOUL isso pode demorar. Primeiro os olhos tem que se acostumar.

SENHORA HABERSATT o cérebro deve se acostumar.

SENHORA ZUCKER Toda pessoa deve se acostumar. eu também paro às vezes, em duas pernas, de repente ando, e então acordo...

ABSOLUTA *a Fadoul* Me sinto mal. Tenho tontura. na minha cabeça cresce um formigueiro. Caminho como se estivesse em cima de um barco, vejo círculos borrados e manchas claras, e as vezes algo que poderia ser uma cor, mas não tem nenhum contorno. e não posso reconhecer nem você nem o Elísio.

FADOUL eu posso te dizer também por que. Posso te dizer exatamente por que.

SENHORA ZUCKER Antes eu fui bendita com os mais puros olhos de ave de rapina, agudos como uma faca, claros como um arroio do monte e radiantes como um cristal ao sol. Mas a força de visão dos meus olhos se dilue como um torrão de açúcar no chá. É, é, o açúcar. *Pausa.* se eu fosse um águia...

ABSOLUTA o cérebro já não consegue se habituar.

ELÍSIO Dá um tempo.

SENHORA HABERSATT Paciência e exercícios. A senhora deve fazer os seus exercícios. Nisso o Fadoul tem razão.

Pausa.

FADOUL Que fazemos com o dinheiro.

Silêncio.

ELÍSIO é teu dinheiro, Fadoul. Nenhum de nós quer.

SENHORA HABERSATT eu em seu lugar, poupava.

FADOUL Para quem. Para quando.

SENHORA ZUCKER O que vai poupar, gaste tudo enquanto ainda tiver duas pernas e relaxe.

Silêncio.

FADOUL *A Absoluta* não consegue ver porque você não tem fé. você é uma incrédula, e Deus é uma porcaria para você. Você acredita nos médicos e na ciência, mas não na força de Deus, e porisso ele não pode fazer nada por você, e é só por tua culpa.

ELÍSIO O que está esperando então, um milagre.

FADOUL não, nenhum milagre, nenhum maldito condenado milagre, mesmo que Deus pudesse fazê-lo, porque ele pode fazer tudo, mas vocês tratam Deus com chacota, porisso ele não envia boa sorte sobre as cabeças de vocês; por que ele enviou a bolsa para mim, por que eu? Entre todos os ilegais e leprosos e indignos sem teto, justamente eu, já pensaram alguma vez nisso?

ELÍSIO Talvez porque você você seja um santo, Fadoul? Talvez porque nunca fez algo injusto? Talvez porque foi uma ação útil olhar uma mulher sem encostar teus dedos divinos? Talvez a bolsa de merda seja uma recompensa de merda?

FADOUL *mostra que pode se dominar* Reze e coopere, é só, reze e coopere, nenhum milagre, nenhum milagre, só espero que ela reze e coopere um pouquinho...

SENHORA ZUCKER Querido senhor Fadoul, é exatamente isso o que eu digo sempre para a minha dor fantasma: por favor, querida dor fantasma, coopere com o resto do meu corpo e desapareça já.

FADOUL Já entendi, já entendi. *Recolhe o dinheiro na bolsa.* O que mais é que vocês querem que eu faça por vocês. Vou dar presentes para vocês, dou dinheiro para vocês, abro o mundo para vocês. trago a luz. Só precisam me dizer o que vocês querem de verdade, podem acreditar em mim e ter paciência,... *Pausa.* Absoluta, faz um esforço, um esforço pequeno, por amor a mim, por favor.

ABSOLUTA Ruídos, Fadoul. Círculos multicoloridos e claros. Nada mais.

FADOUL Não quer, ou não pode! Você tem que ver! Você tem que ver!

ABSOLUTA não, Fadoul, me deixa... não estou te vendo, não estou te vendo.

FADOUL Bonita festa aqui. vocês são todos uns renegados, uns covardes, a esperança tem que abandonar vocês para sempre... Mas eu, eu estou alegre. estou alguma coisa meio assim como alegre. É isso mesmo o dinheiro me deixa alegre. o dinheiro até me faz feliz. Também sem vocês. *Toma o dinheiro e se vai.*

Silêncio.

ABSOLUTA se cada um de vocês pudesse pedir um desejo, agora, o que pediriam?

SENHORA ZUCKER Se eu pudesse trabalhar num posto de gasolina...

SENHORA HABERSATT Eu queria...Eu queria...

Silêncio.

SENHORA HABERSATT Eu queria ser bibliotecária de uma biblioteca ambulante. Só ia possuir livros recém impresos com páginas novas, que ia ficar cheirando na hora de dormir. Ia ajudar qualquer um que me fizesse sinais e que eu gostasse. Eles iam ter que ler em voz alta para mim, e quando estivesse cansada da voz deles, eu ia abandonar na beira da estrada. Nunca mais eu ia ser uma abandonada, nunca mais. Ia pensar em mim, ia esquecer da juventude. Ia ser um... ave de passagem.

SENHORA ZUCKER Se eu pudesse trabalhar num posto de gasolina... não é para rir de mim. eu gosto do cheiro de gasolina. Eu ia me sentar do lado da minha bomba solitária em algum lugar do vasto país e sonhar com os carros que passam... Em alguns eu coloco um panfletinho vulgar atrás ou no limpa parabrisas. Despacho o combustível e o perigo de

fogo... e de vez em quando ia descer pela estrada cem metros ou até o campo próximo, ou ia até uma colina, sempre bastante longe, para fumar um cigarro. com toda calma.

Silêncio.

Mas em alguma hora, quando tivesse chegado meu tempo, eu ia rodar a minha cadeira até perto da bomb, encima de uma grande poça de gasolina; ia fumar um cigarro e desmaiar em coma, e depois ia ter uma gigantesca explosão de açúcar...

Silêncio.

ELÍSIO Absoluta?

ABSOLUTA eu... eu volto ao Planeta Azul. Ao seu mundo perfeito, sua luz vermelha dourada e o vale dos homens que vêm do trabalho e se molham e penteiam rapidamente o cabelo e lavam as axilas com sabonete ordinário. Vou voltar a dançar. O que mais eu podia fazer.

Silêncio.

ELÍSIO eu...

Eu gostaria de ser salvavidas.

Ante o horizonte do mar II

Diante do horizonte do mar, Rosa passeia sob uma sombrinha. Na beira da água caminha de um lado para o outro, uma só vez. Coloca a sombrinha na areia, sem fechá-la, o vento a impulsiona para a água, as ondas a levam. Rosa se desnuda lentamente, com muito cuidado põe cada peça de roupa em cima da outra, ordenando-as em uma pilha, como se quisesse guardá-las em um armário. Seus movimentos são fluentes e concentrados. Deixa atrás de si a pilha de roupa. Vai ao futuro.